

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL

“O CANECO É NOSSO”:
FUTEBOL, POLÍTICA E IMPRENSA ENTRE 1969 E 1970

CURITIBA
2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

ERNESTO SOBOCINSKI MARCZAL

“O CANECO É NOSSO”:
FUTEBOL, POLÍTICA E IMPRENSA ENTRE 1969 E 1970

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro

CURITIBA
2011

Catálogo na Publicação
Aline Brugnari Juvenêncio – CRB 9ª/1504
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Marczal, Ernesto Sobocinski

“O caneco é nosso”: futebol, política e imprensa entre
1969 e 1970 / Ernesto Sobocinski Marczal. – Curitiba, 2011.
347 f.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências
Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná.

1. Copa do mundo – Futebol. 2. Imprensa. 3. Ditadura e
ditadores. 4. Brasil – História – 1964-1985. I. Título.

CDD 981.063



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES.
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.
E-mail: cpghis@ufpr.br Website: www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de Ernesto Sobocinski Marczal, intitulada: **O caneco é nosso: Futebol, Política e Imprensa, entre 1969 e 1970**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, doze de agosto de dois mil e onze.

Prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro
Presidente da Banca Examinadora

Prof. Dr. Bernardo Borges Buargue de Hollanda (FGV)
1º Examinador

Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior (UEPG)
2º Examinador

AGRADECIMENTOS

O encerramento fictício de uma longa jornada de investigação histórica parece-me muito semelhante ao apito final de uma partida desportiva decisiva. Tal qual um atleta que tem o privilégio de disputar um jogo memorável, finalizo esta jornada esgotado, mas plenamente satisfeito por ter enfrentado um desafio digno, independentemente de seu resultado final. Assim como em um embate célebre, gostaria que as dúvidas e questões aqui propostas ecoassem em vozes diversas, fosse no espaço acadêmico ou em uma popularesca e acalorada mesa de bar. Porém, como qualquer aficionado sabe (ou deveria saber) nenhum embate futebolístico se desenvolve a partir de um personagem só. Como qualquer contenda que se desenrola nos gramados, glórias e fracassos são em sua mais simples apreciação frutos de um esforço coletivo. Desta feita, humildemente reconheço que este trabalho não deriva de uma iniciativa solitária, mas da diligência plural de múltiplos autores, aos quais direciono os mais sinceros agradecimentos.

Aos meus pais, Rogério e Jurema, meu irmão Eduardo e demais familiares cujo suporte, amor e carinho fundamentaram os alicerces da minha constituição enquanto indivíduo e se tornaram elementos indissociáveis de minha identidade.

Aos amigos diversos e sinceros, companheiros de estudos, parceiros de “peladas”, colegas profissionais ou simplesmente bons ouvintes e conselheiros. Sejam estes conhecidos de longa data ou aqueles com que me deparei no caminho, citados nominalmente ou compreendidos em minha lembrança afetiva, seu apoio não foi nada menos do que essencial à produção desta dissertação.

Ao prof. Dr. Luiz Carlos Ribeiro pela troca de ideias e a busca estimulante pelo conhecimento para além da atuação acadêmica. Sou grato por sua confiança, estímulo, orientação, grande paciência e, sobretudo, pela amizade.

Ao Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, grupo que acolheu esta pesquisa e teve papel fundamental no desenvolvimento de suas questões centrais. Seus integrantes são também coautores deste trabalho. Agradeço particularmente ao prof. Dr. André Capraro, aos doutorandos Edson Hirata (vulgo “China”) e Zé Mosko, além da mestrandia Natasha Santos, com quem tive o privilégio de partilhar dúvidas e trabalhar em variados projetos.

Aos colegas e professores da pós-graduação, em especial as amigas Dayane Rúbila Lobo Hessmann, Heloíse Peratello e Silva, Lorena Pantaleão da

Silva, Celina Fiamoncini e Larissa Selhorst Seixas. Companheiras de formação e grandes colaboradoras no desenvolvimento deste trabalho. Deixo uma menção especial a Maria Cristina, secretária do programa, sempre muito atenciosa, disposta e preocupada.

A prof^a. Dr^a. Marionilde Brehol de Magalhães pela leitura atenciosa do trabalho e apontamentos precisos durante o exercício de qualificação.

Ao prof. Dr. Miguel Arcanjo Freitas Jr, também membro do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, pelos questionamentos instigantes e sugestões valiosas ao longo do processo de pesquisa.

Ao prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda pela disposição ímpar em compor a banca examinadora durante a defesa e compartilhar suas impressões críticas sobre o trabalho.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, pelo financiamento parcial dessa pesquisa.

Aos funcionários e estagiários do setor de periódicos da Biblioteca Pública do Paraná que desenvolvem um trabalho exemplar na conservação, catalogação e manutenção das fontes históricas consultadas e, também, pela presteza em auxiliar na coleta e fichamento desses documentos.

A professora Lia Salvador pela generosa contribuição na revisão do trabalho, suporte e atenção durante sua produção.

Ao prof. Dr. Erivan Karvat motivador inicial da pesquisa ainda durante o período de graduação.

Finalmente, dedico gratidão especial à Priscila Groppa, simultaneamente minha cúmplice, anjo da guarda e porto seguro. Além de compartilhar seu afeto, demonstrar seu permanente apoio e compreensão, foram suas broncas, preocupação e suor finais que possibilitaram a conclusão deste estudo.

A todos, muito obrigado!

A arte de jogar futebol é uma contribuição brasileira e é um dos poucos valores que considero genuinamente universais.

Eric Hobsbawm

RESUMO

A Copa do México de 1970 representa um dos momentos icônicos na memória do esporte nacional, tanto pela conquista do título quanto pelo contexto político vivenciado no Brasil. Ao final dos anos 1960 e início de 1970 o país experimentava um dos momentos de maior obscuridade política de sua trajetória recente. Sob o signo dos governos dos generais Arthur da Costa e Silva e Emílio Garrastazu Médici, observava-se o cerceamento de liberdades e direitos individuais que marcaram o recrudescimento do regime militar deflagrado com o golpe de 1964. Sob este viés, frequentemente a campanha que levou ao tricampeonato é visualizada como exemplo de alienação política popular instrumentalizada pela ditadura. Compreendendo o futebol como fenômeno social e culturalmente significativo no imaginário nacional, este trabalho busca analisar algumas das representações articuladas durante o processo de preparação e disputa do mundial do México, a fim de averiguar as intersecções construídas entre futebol e política no espaço social brasileiro no período. Pressupondo os veículos de comunicação como mediadores fundamentais entre os eventos políticos, esportivos e o espaço público, optou-se por desenvolver a análise sob o filtro de quatro veículos impressos de periodicidade semanal e significativa circulação no território nacional: as revistas de diversidades *O Cruzeiro* e *Manchete*, a esportiva *Placar* e o alternativo *O Pasquim*. Dialogando com os conceitos de memória e tradição, a pesquisa observa a imprensa com um dos lugares de elaborações discursivas sobre o futebol e divulgação de significados socioculturais atribuídos à modalidade no país. A partir das leituras produzidas pelas publicações selecionadas e contrapondo a interpretação de uma simples apropriação e instrumentalização do futebol pelo regime militar, o presente trabalho propõe a análise de possíveis tensões, disputas e convergências na inter-relação entre os campos político, esportivo e jornalístico no Brasil entre os anos de 1969 e 1970.

Palavras-chave: Ditadura Militar, Imprensa, Copa do Mundo, Futebol.

ABSTRACT

The Mexico World Cup of 1970 represents one of the iconic moments in memory of the Brazilian national sport, not only for winning the title but also for the political context experienced in Brazil. By the late 1960s and early 1970s Brazil experienced one of the greatest moments of political obscurity of its recent history. Under the sign of the management of Generals' Arthur da Costa e Silva and Emilio Garrastazu Medici, one could observe the restriction of individual freedoms and rights that marked the resurgence of the military regime triggered by the 1964 coup. Under this perspective often the campaign that led to the third championship is seen as an example of popular political alienation manipulated by dictatorship. Understanding football as phenomenon social and culturally significant in the national imagination, this paper seeks to analyze some of the representations articulated during the preparation process and the global competition in Mexico in order to investigate the intersections between football and built within Brazilian social policy in the period. Assuming the media as mediators between the key political events, sports and public space, we chose to develop the analysis under the filter of four weekly printed publication and significant circulation on national territory: the information and entertainment magazines *O Cruzeiro* and *Manchete*, the sports specialized *Placar* and the alternative *O Pasquim*. In dialogue with the concepts of memory and tradition, the survey notes the press with one of the places of discursive elaborations about football and dissemination of socio-cultural meanings attributed to sport in the country. From the readings produced by the selected publications and contrasting the interpretation of a simple appropriation and instrumentalization of football by the military regime, this paper proposes the analysis of possible tensions, conflicts and convergences in the interrelationship between politics, sports and journalism in Brazil between 1969 and 1970.

Keywords: Brazilian Military Dictatorship, Press, World Cup, Football.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – “Parabéns, Presidente”	69
FIGURA 2 – O progresso do Brasil.....	77
FIGURA 3 – Conversa com o leitor.....	83
FIGURA 4 – <i>Placar</i> n. 1	88
FIGURA 5 – Pôsteres internos de <i>Placar</i> n. 1 e n. 16	92
FIGURA 6 – Torcedores lamentando a eliminação em 1966.....	108
FIGURA 7 – Ferimento no olho de Tostão.....	134
FIGURA 8 – “Pra Frente com as Feras”	138
FIGURA 9 – “Ponha 22 feras na minha caranga!”	139
FIGURA 10 – Simú	140
FIGURA 11 – Simú e o gol mil.....	141
FIGURA 12 – Homenagem ao 1º gol do Simú!.....	142
FIGURA 13 – Simú final de ano.....	143
FIGURA 14 – Jeremias, o Bom	144
FIGURA 15 – A festa do rei	145
FIGURA 16 – Médici e Havelange	165
FIGURA 17 – Tirinha de Henfil sobre João Saldanha	175
FIGURA 18 – Zeferino contra o futebol arte.	176
FIGURA 19 – Zeferino e as Forças Ocultas.	183
FIGURA 20 – Zeferino	184
FIGURA 21 – Fradinho e a cegueira de Pelé	186
FIGURA 22 – João Saldanha e o Ministro Jarbas Passarinho	189
FIGURA 23 – Antônio do Passo e Zagalo acertam a contratação	190
FIGURA 24 – Boris	200
FIGURA 25 – Zeferino no México.....	203
FIGURA 26 – Henfil pede Tostão	205
FIGURA 27 – O povo quer.....	205
FIGURA 28 – Enfim, nós... ..	206
FIGURA 29 – Zeferino	207
FIGURA 30 – Zagalo	208
FIGURA 31 – Futebol nas capas d’ <i>O Pasquim</i>	213
FIGURA 32 – Eu dou para comentarista?	214
FIGURA 33 – Zagalo no paredão	217
FIGURA 34 – Os astros comandam os astros.....	217
FIGURA 35 – O Brasil na hora da verdade.....	219
FIGURA 36 – Brasil 4 x 1 Tchecos	221
FIGURA 37 – A emoção da estreia	223
FIGURA 38 – Brasil x Inglaterra	227
FIGURA 39 – As formigas contra os ingleses.....	229
FIGURA 40 – Manchete n. 948.....	229
FIGURA 41 – A explosão da vitória	230
FIGURA 42 – A vez de Tostão	234
FIGURA 43 – Capa e contracapa da edição extra de <i>Placar</i>	237
FIGURA 44 – A vitória	238
FIGURA 45 – A derrota.....	239
FIGURA 46 – Brasil 70 3 x 1 Uruguai 50	242
FIGURA 47 – Vinte anos depois, a vingança da torcida brasileira	243

FIGURA 48 – Capas de <i>Placar</i> e <i>O Cruzeiro</i> sobre o tricampeonato	247
FIGURA 49 – Ziraldo e o tri	252
FIGURA 50 – Ziraldo e o tri (Jeremias, o bom).....	253
FIGURA 51 – Que venha outro caneco	254
FIGURA 52 – Tricampeão!	256
FIGURA 53 – Heróis.....	257
FIGURA 54 – Os reservas, heróis também	257
FIGURA 55 – Pelé no sumário de <i>O Cruzeiro</i>	258
FIGURA 56 – A conquista definitiva	259
FIGURA 57 – Zagalo e Parreira.....	262
FIGURA 58 – A taça de mão em mão	265
FIGURA 59 – A taça é nossa (1)	267
FIGURA 60 – A taça é nossa (2)	268
FIGURA 61 – A taça é nossa (3)	268
FIGURA 62 – Excede.	277
FIGURA 63 – Médici em <i>Placar</i>	281
FIGURA 64 – Brasília, a capital dos tricampeões.....	282
FIGURA 65 – Médici e a delegação brasileira	283
FIGURA 66 – Antônio do Passo, Médici, Jerônimo Bastos e Cláudio Coutinho	283
FIGURA 67 – O dia em que o Brasil conquistou o mundo.....	287
FIGURA 68 – Henfil	292
FIGURA 69 – Avante seleção	299
FIGURA 70 – Médici e seu neto acompanham Grêmio x Corinthians	304
FIGURA 71 – O Brasil para Médici ver	306
FIGURA 72 – Pelé cercado no senado.....	308
FIGURA 73 – O encontro de Pelé e Médici	309
FIGURA 74 – Médici no Morumbi	311
FIGURA 75 – Médici hasteia a bandeira nacional	311
FIGURA 76 – Homenagem Petrobrás	316
FIGURA 77 – Superintendência da Borracha	317
FIGURA 78 – O Presidente e o Rei	318
FIGURA 79 – A taça sem protocolo.....	322
FIGURA 80 – Médici posa ao lado da delegação	323
FIGURA 81 – Médici ergue a taça no parlatório	325

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
1. Aquecimento: configurações históricas do futebol no Brasil	27
1.1. Os primórdios do futebol na “pátria de chuteiras”: da herança fidalga à popularização.	27
1.2. Questões políticas e identitárias: Copa (s) do Mundo e identidade nacional	30
1.3. Cultura, tradição e nacionalidade: construções discursivas e identitárias sobre o futebol nacional	34
1.4. Mundiais em cena: do fracasso em 1950 ao bicampeonato em 1962.....	38
2. Preleção: imprensa e política: repressão e opinião	46
2.1. Um panorama geral.....	49
2.2. <i>O Cruzeiro e Manchete</i> : informação, entretenimento e fotojornalismo.....	58
2.2.1. <i>O Cruzeiro</i>	60
2.2.2. <i>Manchete</i>	71
2.3. Placar	85
2.4. O Pasquim.....	93
3. 1º tempo: transformações políticas e esportivas rumo ao tri	103
3.1. Trágico 1966	103
3.2. Crise de paradigmas: futebol-força x futebol-arte.....	113
3.3. Eliminatórias e preparação	122
3.3.1. A formação das Feras	122
3.3.2. O final de 1969: dúvidas e planos para o mundial	130
3.3.3. Pra Frente com as Feras	136
3.3.4. Brasil 1970: preparação física e militarização da delegação nacional...	146
4. 2º tempo: das “feras” do Saldanha às “formigas” do Zagalo	156
4. 1. A crise da “fera”: esporte e política na demissão de João Saldanha.....	156
4. 2. A “formiga” Zagalo.....	189
4. 3. México: a campanha do tri	210
5. Prorrogação: manifestações e representações políticas sobre a conquista nacional	245
5.1. Paixão e tradição: a exaltação imediata do tricampeonato	246
5.2. Intersecções entre futebol política e imprensa: representações sobre a vitória brasileira na Copa de 1970.....	269
5.3. Médici: na esfera do (torcedor) comum	302
CONSIDERAÇÕES FINAIS	328
REFERÊNCIAS	336

INTRODUÇÃO

Este estudo tem como objetivo central analisar as correlações entre os campos político e esportivo (futebolístico) entre os anos de 1969 e 1970, sob o signo da ditadura militar, a partir das perspectivas apresentadas por alguns veículos de imprensa em circulação no período. Tal perspectiva de estudo converge para a compreensão da modalidade esportiva enquanto objeto de relevância social singular.

Enraizado nas relações político-sociais contemporâneas à sua trajetória recente, o futebol constitui-se como fenômeno historicamente sedimentado nas transformações sociais, políticas e econômicas que permearam o último século.

O futebol é uma instituição social profundamente ligada à história do capitalismo contemporâneo. E, como uma instituição capitalista, é uma criação imaginária visível. Logo não há como pensá-la fora desse contexto. Ele surge como um esporte moderno no processo da expansão capitalista no final do século XIX e se afirma, no final do século XX como esporte definitivamente de massas e mundializado.¹

Mesmo inserido em um conjunto maior de relações, ao alcançar diferentes contextos, espaços e temporalidades, sua prática e simbologia social adquiriram distintas conotações. No Brasil não foi diferente. Desde sua implantação, o antigo “esporte bretão” pareceu ter incorporado novos gestos, feições e características associadas a uma modalidade de jogo tipicamente brasileira². Esta construção, contudo, não foi criada repentinamente, tampouco se manteve inalterada no decorrer dos anos. A percepção do futebol no Brasil, sua imagem, espaço de atuação e relevância sociais sofreram mutações e ressignificações em acordo com sua realidade e temporalidade específicas. Neste sentido procuramos observar o futebol em relação a uma conjuntura singular específica: a ditadura militar.

A associação do futebol ao Brasil e, conseqüentemente, ao brasileiro não se restringe a um fator local, mas também a interpretações difundidas internacionalmente. Contudo, a construção do futebol enquanto elemento tradicional,

¹ RIBEIRO, L. Apresentação. In: _____. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007. p. 11.

² Para uma melhor análise do tema é interessante observar a discussão proposta na obra: HELAL, R.; SOARES, A.; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

capaz de expressar um determinado conjunto cultural brasileiro, foi incorporada e reproduzida internamente³. Tal construção intensifica-se quando sua relação com a população é mediada pelo selecionado nacional, o qual deveria reunir o que há de melhor no jogo brasileiro (tanto no que tange aos clubes quanto aos jogadores). Cabe ressaltar, no entanto, que essa relação de proximidade cultural com o esporte está longe de ser uma exclusividade brasileira. Tal aproximação pode ser percebida em uma escala global sob diferentes formas e intensidades, transpassando os limites do desporto para integrar diferentes grupos sociais, étnicos e culturais. Em nossa conjuntura peculiar, as competições de Copa do Mundo figuraram, em diferentes períodos sob variadas significações, como espaço exemplar de manifestação de uma pretensa brasilidade correlata ao futebol, tornando-se não só o embate esportivo de maior apreço popular, mas o momento de exaltação de uma suposta nacionalidade.

Considero que uma Copa do Mundo representa para os brasileiros o verdadeiro momento ritual de celebrar a nacionalidade. O sete de setembro (a data considerada 'oficial' para essa celebração de valores nacionais) e seus desfiles de carros de combate representam muito mais a memória da recente ditadura militar do que um genuíno sentimento popular de pertencimento a uma nação.⁴

Pensando especificamente no instante particular que representa a Copa do Mundo, tanto dentro do esporte quanto na articulação enquanto uma manifestação cultural de significância peculiar aos brasileiros, o presente trabalho atenta para o estudo das particularidades em torno de um episódio singular do futebol no Brasil: a Copa do México de 1970. Este recorte, contudo, não se limita somente à observação da conquista do título mundial e suas significações dentro do meio esportivo. Mas, principalmente, procura ampliar as possibilidades analíticas das múltiplas relações

³ Cabe lembrar que a utilização do termo "conjunto cultural brasileiro" refere-se a capacidade atribuída ao futebol de manifestar através do estilo de jogo, na sua prática e apelo cotidianos, determinadas características e valores que seriam tipicamente brasileiros, inscrevendo-se como elemento significativo dentro de um corpo cultural tido como nacional. Esta manifestação de uma brasilidade por meio do futebol é um construto histórico e narrativo articulado por intelectuais e cronistas esportivos, sobretudo, entre as décadas de 1930 e 1960, a exemplo do sociólogo Gilberto Freyre e do jornalista Mario Filho, cuja obra "O Negro no Futebol Brasileiro" é um dos principais expoentes deste discurso. Para o aprofundamento deste debate é interessante consultar os trabalhos de Antônio Jorge Soares (2001; 2006) e a tese de André Mendes Capraro (2007).

⁴ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 23-24.

(culturais, políticas e identitárias) articuladas entre futebol e o cenário político específico que se desenrolava no Brasil da época.

A passagem da década de 1960 para 1970 foi marcada pelo recrudescimento do regime de exceção, comandado pelos militares desde 1964. A suposta “revolução”, que havia inicialmente aglutinado o apoio de parcela significativa da sociedade, acentuava seus rumos autoritários. Ratificava-se a manutenção da ordem pela força, a coerção de adversários políticos e a perseguição aos “subversivos” opositores infiltrados no seio da sociedade.

Entre os anos de 1968, sobretudo com o advento do Ato Institucional nº 5, e 1974, o país experimentou o ápice do aparato repressivo que marcou o regime. Sob os governos dos generais Costa e Silva e Médici, a violência institucionalizada alcançou novas proporções, ao passo que a propaganda oficial, em conjunto com o recente sucesso econômico, pretendia construir um imaginário nacional-patriótico adequado às pretensões político-ideológicas “revolucionárias”⁵. No bojo desses acontecimentos, a conquista da Copa do México marcou uma das vitórias mais memoráveis do desporto nacional: o tricampeonato mundial de futebol. Enquanto população e a mídia comemoravam o título, glorificando os jogadores como verdadeiros “heróis” nacionais, o regime procurava canalizar os sentimentos e o apelo proporcionado pelo futebol para o fortalecimento de seu projeto de nação e sua identificação junto à população.

Compreendendo o futebol enquanto fenômeno de massas, visualiza-se, nos aparelhos de mídia, o espaço por excelência de atribuição e articulação de representações desse esporte junto à população em geral. Por representações, alude-se aos construtos simbólicos articulados sobre a realidade, ou fragmentos e objetos provenientes desta, por meio de formas e construções discursivas, tanto textuais, imagéticas, quanto materiais que procuram a definição e atribuição de sentido (ou sentidos) sobre determinada conjuntura social e cultural a qual se pretende legitimar⁶. Além da organização e construção simbólica, as representações também delimitam formas de compreensão do mundo proferido por seus enunciadores, normalmente destinado a indivíduos, grupos ou comunidades

⁵ FICO, C. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 1997.

⁶ CHARTIER, Roger. O mundo como representação. In: _____. **A beira da falésia**: a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

específicas, mas sujeitas a inúmeras interpretações e novas concepções de sentido. No estudo em questão, estes enunciadores constituem os veículos de comunicação, enquanto esta “realidade” refere-se ao universo do futebol em suas relações específicas com o momento e contextos particulares privilegiados por este trabalho, ou seja, a ditadura militar brasileira ao final dos anos 1960 e início de 1970.

Neste cenário, meios de comunicação de maior abrangência como o rádio e televisão contavam com amplo destaque; o primeiro já consolidado e o segundo em crescente ascensão. Contudo, os veículos impressos também mediavam a relação entre o esporte e a população. Além de constituírem fontes de informação, em acordo com o conteúdo priorizado por cada publicação, também serviam de ponte entre o plano político e o público leitor. Sob este aspecto, os veículos de mídia forneciam um dos espaços possíveis à veiculação de imagens políticas e ideológicas junto às massas.

Porém, é imprescindível ressaltar que este aparelho midiático não é um corpo homogêneo. Ao contrário, sua composição é fragmentada e possui inúmeras particularidades e diferenças, as quais se estendem da área de atuação específica (rádio, televisão, publicações impressas), às questões como, tiragem, conteúdo, formato, público alvo, linha política e editorial. Tampouco se deve esquecer que os sujeitos em contato com os aparelhos de mídia não absorvem e interpretam os discursos de forma unívoca, e, por vezes atribuem-lhes novas significações.

Frente à inabilidade em trabalhar com uma gama tão ampla de fontes, o presente projeto voltou-se para a análise da imprensa escrita, mais especificamente para a investigação de algumas publicações de grande circulação nacional na época: as revistas de informação e diversidades *O Cruzeiro* e *Manchete*; a esportiva *Placar* e o alternativo *O Pasquim*. A partir da documentação selecionada e do evento singular contemplado, questiona-se: quais são as representações enunciadas por estes veículos sobre o futebol e o selecionado nacional? Elas se assemelham entre si? Suas proposições estão em consonância com a construção político-cultural de uma identidade nacional? De que modo o discurso, as imagens e as representações proferidas por estes veículos de imprensa convergem ou divergem do conjunto político-ideológico vigente? Como se desenvolve o processo de apropriação e inter-relação simbólica entre os campos jornalístico, político e esportivo?

Sendo assim, o presente estudo volta-se para as possibilidades de análise em torno das associações futebol / cultura, futebol / política e futebol / identidade nacional durante o regime militar ao final dos anos 1960 e início de 1970 no Brasil.

Sob essa perspectiva, pretende compreender de que modo se desenvolveu a relação entre o futebol, em sua estreita ligação com a população, e o cenário político do regime militar. E também como as representações divulgadas pela imprensa investigada contribuíram (ou não) para a construção de uma identificação da população com a autoridade política do país. Em suma, a pesquisa procurará responder quais foram as imagens e representações projetadas sobre o futebol e a seleção brasileira nos periódicos *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Placar* e *O Pasquim* ao final da década de 1960 e início de 1970.

Para desenvolver os questionamentos propostos neste estudo, a articulação entre os campos esportivo, político e cultural é fundamental. Mais do que a constatação individual de cada vertente, focalizamos a inter-relação entre os diferentes campos no momento e configuração particulares.

Entretanto, tal perspectiva de estudo só encontrou margem com a abertura e expansão do campo de pesquisa histórica. A relativamente recente história cultural e a reformulada história política, componentes essenciais no desenvolvimento deste trabalho, são resultantes do processo de revisão e renovação constantes do discurso histórico. Cada qual, à sua maneira, delimitou novos espaços, elaborou novas linguagens e apontou novos questionamentos no desenvolvimento de sua crítica historiográfica.

A compreensão dos vários aspectos que levaram à revisão do campo político se relaciona à percepção deste enquanto espaço integrado e encarregado de “gerir”, por assim dizer, a sociedade. A própria política, as ideias e os conceitos estruturados ao seu redor não são imutáveis. Pelo contrário, o retorno à história política e sua subsequente renovação partem de sua configuração enquanto produto historicamente constituído, cujas transformações (significações e ressignificações) resultam das mudanças provenientes da longa trajetória que possui, sobretudo da observação de sua experiência recente.

As fronteiras que delimitam o campo político não são eternas: seu traçado conheceu muitas variações ao longo da história. Em nosso século, a evolução se fez no sentido de extensão. [...] À medida que poderes públicos eram levados a legislar, regulamentar, subvencionar, controlar a produção, a construção de moradias, a assistência social, a saúde pública, a difusão da cultura, esses setores passaram, um após os outros, para os domínios da história política. Com isso desabou a principal objeção a esse tipo de história: como sustentar ainda que o político não se refere às verdadeiras realidades quando ele tem por objeto geri-las? A prova disso está na atração cada vez maior que a política e as relações com o poder exercem sobre agrupamentos cuja finalidade primeira não era, contudo, política: associações de todos os tipos, organizações socioprofissionais, sindicatos e igrejas, que não podem ignorar a política.⁷

A partir dessa nova leitura, que chega, por alguns momentos, a passar a falsa ideia de que “tudo é política”⁸, abrem-se diferentes possibilidades de interpretação e compreensão do político, relacionando-o aos múltiplos aspectos da vida e organização humanas. Nesse sentido, a história política desdobra-se sob um viés plural, articulada aos mais variados campos, como a economia, a sociedade, a religião, a cultura e também ao esporte.

Em contrapartida, também a política pode ser analisada sob o viés cultural (ou seja, partindo do inverso), em sua formação e constituição de caráter simbólico. Deste modo, as construções e ideologias estabelecidas quanto ao político estruturam-se na perspectiva de que a realidade é constituída histórica, social e culturalmente, remetendo a um dos pilares filosóficos da “nova história”⁹.

A análise sob a perspectiva da história cultural parece ligada a uma noção muito ampla e um tanto indefinida do conceito de cultura, ao ponto desta englobar diversas facetas da vida e organização humanas quase em sua totalidade. A questão cultural acaba por fundamentar e permear todo um processo de leitura e interpretação das sociedades humanas (mas, ainda assim, incapaz de abordá-las por completo), uma vez que tem como uma de suas principais funções a significação, coletiva ou individual, dos conjuntos simbólicos que fornecem os meios

⁷ RÉMOND, R. Uma história presente. In: _____. (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1996. p. 23-24.

⁸ _____. O retorno do político. In: CHAVEAU, A (Org.). **Questões para história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 25.

⁹ BURKE, P. Abertura: A nova história seu passado e seu futuro. In: _____ (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992. p. 11.

de compreensão e, retomando Roger Chartier¹⁰ (2003), representação da realidade. Seguindo o ponto de vista citado, a história cultural pode ser entendida enquanto uma análise de ordem eminentemente simbólica, cuja estruturação dos vários significados remete ao estabelecimento de sentido e identificação coletiva ou individual com a realidade, histórica e socialmente constituída, em que se encontra.

A idéia da representação enquanto estruturação e propagação de signos que fornecem uma leitura singular da realidade a partir de um determinado conjunto sócio-cultural, também tem papel de destaque no desenvolvimento do trabalho, uma vez que este se volta justamente para a investigação das representações difundidas pelos veículos de imprensa sobre o futebol em consonância com o cenário político e social da época¹¹. Mais especificamente, cada um desses veículos constrói uma visão particular a partir de um conjunto cultural próprio, atribuindo aos signos esportivos, os quais são socialmente compartilhados, diferentes significados. Tais significados variam de acordo com a posição social, política e econômica de cada publicação, a qual, ao difundir seu discurso específico, o faz sob condições, objetivos e público, particulares.

Ainda sob a ótica das representações enquanto construções simbólicas e discursivas dinâmicas, é interessante tecer algumas considerações quanto à noção de apropriação simbólica. Em acordo com proposições defendidas por Pierre Bourdieu¹²(1989) e Roger Chartier¹³ (2003), a idéia de apropriação constitui formas de reestruturação de concepções, práticas, ideias, representações já constituídas e tece sobre elas novas leituras, interpretações e, sobretudo, sentidos. Deste modo, a apropriação não se resume a uma simples utilização, ou reprodução de um termo ou conceito, mas uma reconfiguração deste em relação a seu próprio sentido original.

[...] a apropriação tal como a entendemos visa a uma história social dos usos e interpretações referidos a suas determinações fundamentais e inscritos nas práticas específicas que os produzem. Dar, assim, atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, conduzem as operações de construção do sentido (na relação de leitura e nos outros casos também), é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que nem

¹⁰ CHARTIER, R. *A beira da falésia, a história entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

¹¹ *Ibid.*

¹² BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

¹³ CHARTIER, R. *Op.cit.*

as inteligências nem as idéias são descarnadas e, contra os pensamentos do universal, que as categorias dadas como invariantes, sejam filosóficas ou fenomenológicas, estão por se construir na descontinuidade das trajetórias históricas.¹⁴

Sendo assim, ao se tratar do conceito de apropriação, vislumbra-se como os conjuntos simbólicos constituídos sobre o futebol perpassam diferentes interpretações e significações. Durante o processo de análise das fontes privilegiadas neste trabalho, serão observados temas comuns, como o futebol, a seleção brasileira, a Copa do Mundo e o contexto político social vigente. Porém, as representações proferidas por cada publicação, ou mesmo em artigos de uma mesma edição, passam por diferentes formas de apropriação sobre o arcabouço simbólico visitado e o evento ou fenômeno contemplado em seus discursos.

Portanto, a linha que distingue a abordagem política da cultural é tênue, mas pode ser claramente definida de acordo com o discurso particular empregado. A perspectiva plural, na qual ambas vertentes ganham relevância, permite que pontos aparentemente diversos possam se inter-relacionar dentro de um contexto histórico singular. É neste sentido que o trabalho pretende articular o esporte, de modo mais específico o futebol, à esfera do político durante o regime militar no Brasil, uma vez que, em diferentes momentos e lugares, este serviu à integração e apropriação de manifestações e expressões culturais por parte de ideologias e interesses políticos.

Para a melhor problematização destas questões, a pesquisa se volta às proposições defendidas por Pierre Ansart¹⁵ (1978) quanto ao constante desenvolvimento e construção de ideologias políticas, sua relação com a estruturação de elementos de ordem simbólica, a elaboração e legitimação da organização político-social. Para Ansart, as ideologias se constituem enquanto elementos eminentemente simbólicos, através dos quais os poderes são permanentemente legitimados ou contestados, reforçados ou enfraquecidos¹⁶. Por meio da propagação e interpretação de suas mensagens, da interiorização de suas ideias, constitui-se, em setores sociais significativos, uma formulação imaginária que

¹⁴ CHARTIER, R. A beira da falésia, a história entre certezas e inquietudes. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

¹⁵ ANSART, P. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

¹⁶ *Ibid.* p. 11.

articula determinadas representações da sociedade que pretende produzir¹⁷. Por meio dessas construções, busca-se garantir a intuição e conservação do poder político, bem como a manutenção da ordem, e evitar a exposição de conflitos dentro das organizações sócio-políticas estabelecidas.

Ao notar, tanto no futebol quanto na política, espaço profícuo de exaltação de emoções, percebe-se, nestes, as conseqüentes manifestações de aspectos inconscientes e irracionais que permeiam a constituição e a formação de significados particulares e coletivos no interior da sociedade brasileira. Deste modo, compreendem-se as representações articuladas sobre o futebol em torno do mundial de 1970, como espaços de inter-relação simbólicas e afetivas entre dois campos distintos: o esporte (futebol) e a política.

O conceito de campo aqui empregado refere-se à percepção do futebol enquanto um espaço relativamente autônomo, isto é, dotado de uma lógica particular e regido por suas próprias regras e conjunto de valores internos. Sob esse aspecto, o campo se constitui, cultural e historicamente, de forma independente das relações sociais mais amplas, ainda que de forma parcial.

Os campos apresentam-se à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou de postos) cujas propriedades dependem da sua posição nestes espaços e que podem ser analisados independentemente das características dos seus ocupantes (em parte determinadas por elas). Há *leis gerais dos campos*: campos tão diferentes como o campo da política, da filosofia, o campo da religião tem leis de funcionamento invariantes [...]. Sempre que se estuda um novo campo [...] descobrimos propriedades específicas, próprias de um campo particular, ao mesmo tempo que fazemos progredir o conhecimento dos mecanismos universais dos campos que se especificaram em função de variáveis secundárias.¹⁸

Do mesmo modo, a imprensa e a política, também podem ser enquadrados em suas áreas de atuação e leis de funcionamento específicas, de posse de seus próprios conjuntos de agentes e arcabouço simbólico. No entanto, neste viés de análise, percebe-se certa intersecção entre os diferentes campos em um contexto e fenômeno peculiar, no qual, dentro do tecido social, estes se mantêm em contínua inter-relação e produzem representações e apropriações mútuas¹⁹.

¹⁷ ANSART, P. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 17; 21-23

¹⁸ BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 119.

¹⁹ *Ibid.* p. 89.

Nesta perspectiva, a abordagem sobre o futebol não se limita ao campo esportivo, mas se estende, principalmente, ao seu entendimento enquanto fenômeno cultural, portanto, simbólico; de particular apelo às massas. No caso brasileiro, ocorre todo um processo de apropriação e resignificação, atribuindo-se ao jogo uma série de características, com a incorporação de uma bagagem cultural supostamente brasileira. Gradativamente, o futebol passa a integrar o cotidiano da população e a interagir com ela. Assertivas como “paixão nacional” e “país do futebol”, comumente defendidas, são exemplos da inserção do futebol como uma “tradição” cultural brasileira, até mesmo como se Brasil fosse um “sinônimo” de futebol e vice-versa.

Sob o olhar de grande parte dos órgãos de imprensa e mesmo de parcela da literatura especializada, para além de uma prática esportiva, o futebol é visualizado como espaço de manifestação cultural, no qual estariam representados e delimitados valores identitários brasileiros. Embora seja difícil contestar a amplitude alcançada pelo jogo no país, é inegável que a percepção do futebol enquanto elemento tradicional à cultura brasileira é uma construção discursiva, incorporada e reproduzida socialmente. Neste aspecto, atenta-se para as considerações de Hobsbawm e Renger sobre o conceito de tradição inventada.

Por ‘tradição inventada’ entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica automaticamente uma continuidade em reação ao passado. Alias sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado.²⁰

A percepção do futebol, de sua representação enquanto um elemento tradicional integrante a uma perspectiva de cultura brasileira relaciona-se ao gradativo processo de atribuição de novos sentidos ao qual foi submetido o conjunto simbólico estabelecido em seu entorno. Deste modo, o futebol passou a ser visto como integrante à própria cultura brasileira, um dos elementos constituintes, principalmente na representatividade da seleção brasileira, de uma suposta “identidade nacional”. O jogo de feições, regras e expressões estrangeiras sofreu progressiva transformação e adquiriu uma nova roupagem, ganhando, assim, o

²⁰ HOBBSAWM, E.; RENGER, T. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

apoio e simpatia populares até tornar-se um elemento integrante às práticas culturais já tidas como tipicamente brasileiras.

Essa construção se desenvolveu em grande parte sob perspectiva racial sociológica promovida por Gilberto Freyre e outros intelectuais nas décadas de 1930 e 1940, sendo amplamente divulgada por cronistas e jornalistas esportivos, destacadamente por meio do discurso produzido por Mario Filho, autor do paradigmático “O negro no futebol Brasileiro”²¹. Embora esta associação do futebol a certo conjunto cultural e identitário nacional seja uma experiência datada e encontre a sua apreciação crítica no meio acadêmico, a disseminação dessa perspectiva no meio social não pode ser ignorada. Ao longo do desenvolvimento do esporte no Brasil, novos “narradores” mantiveram presente a visão romantizada e integradora do futebol como elemento agregador de valores culturais brasileiros e símbolo de uma efetiva integração racial.²²

O estudo antropológico de Édison Gastaldo, no Livro “Pátria Chuteiras e Propaganda”, ao observar o papel do futebol na cultura brasileira contemporânea afirma.

O futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras. Parafraçando a relação estabelecida por Geertz sobre o *ethos* balinês, evidenciando as rinhas de galo, pode-se dizer que o “ser brasileiro” pode ser revelado dentro de um estádio de futebol. Afinal, o epíteto “país do futebol” tem as suas razões de ser.²³

De acordo com o autor, a dimensão adquirida pelo jogo bretão no país é tamanha que “o futebol no Brasil é hoje (e tem sido nos últimos cinquenta anos) uma

²¹ Sobre esta obra é importante destacar duas referências: a primeira edição lançada em 1947 e a segunda de 1964, levemente reformulada e ampliada após a derrota no mundial do Brasil em 1950 e as conquistas de 1958 e 1962. Neste trabalho em questão tivemos acesso à segunda edição. FILHO RODRIGUES, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

²² Para uma melhor abordagem da temática consultar CAPRARO (2007) e HELAL, SOARES e LOVISOLO (2001).

²³ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo**. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 23-24.

atividade de enorme importância social, cujas consequências transcendem as linhas do campo de jogo e se tornam mesmo questões de Estado”²⁴.

Seguindo esse pensamento, a concepção de uma forma de jogar tipicamente brasileira pode ser compreendida enquanto uma tradição inventada, devidamente sedimentada por conquistas, êxitos e até mesmo frustrações anteriores. Ao retomar o passado histórico, estrutura-se uma relação entre a construção da tradição e a memória, através da qual se busca a legitimidade necessária para sua instituição. Para Pollack, as funções primordiais da memória são “manter a coesão interna e defender as fronteiras daquilo que um grupo tem em comum”²⁵. Segundo o autor, o processo de construção da memória efetua-se a partir de um trabalho de enquadramento, no qual são devidamente selecionados personagens, eventos, lugares, imagens a serem lembrados ou omitidos.

O trabalho de enquadramento da memória se alimenta do material fornecido pela história. Esse material pode sem dúvida ser interpretado e combinado a um sem-número de referências associadas; guiado pela preocupação não apenas de manter as fronteiras sociais, mas também de modificá-las, esse trabalho reinterpreta incessantemente o passado em função dos combates do presente e do futuro. Mas, assim como a exigência de justificação discutida acima limita a falsificação pura e simples do passado na sua reconstrução política, o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos.²⁶

A coerência do discurso construído é fundamental, tanto para combater memórias concorrentes quanto para garantir a profícua propagação da memória desejada no meio social. De certa forma, o processo de construção de tradições passa por este trabalho de enquadramento, buscando, no passado histórico, os elementos de sua afirmação e legitimação no presente.

Tomando um exemplo relacionado ao mundial de 1970, a própria terminologia adotada pelos veículos de imprensa para descrever o título conquistado no México, encontra-se imbricado de significados que remetem tanto à memória recente do esporte quanto à tradição atribuída ao futebol brasileiro. Ao empregar o termo “tricampeonato” para descrever a campanha no mundial do México, são

²⁴ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 24.

²⁵ POLLACK, M. Memória, esquecimentos, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p.10.

²⁶ *Ibid.* p.11.

automaticamente rememoradas as glórias anteriores, de 1958 e 1962, que reafirmam a tradição do Brasil no certame esportivo.

O texto de abertura de *Manchete: edição sonora* elucida tal percepção. A publicação compunha uma das inúmeras publicações especiais lançadas no rastro do terceiro título mundial. A narrativa, a seguir, reitera o discurso da tradição nacional no futebol.

Eles tornaram o Brasil ainda maior perante todas as nações, completando a conquista gloriosa dos campeões de 1958 e 1962 e trazendo para o nosso país um título inédito na história do futebol: o de tricampeão mundial. A maravilhosa campanha não refletiu apenas a técnica e a fibra dos que lutaram dentro do campo. Representou, também, o sentido de organização de um povo e a sua vitalidade. Quando Carlos Alberto levantou no Estádio Asteca a Taça Jules Rimet, telespectadores em todo o mundo sabiam que ele o fazia em nome de noventa milhões de brasileiros. A taça incorporou-se definitivamente à galeria dos maiores troféus nacionais. Ela simboliza as memoráveis vitórias alcançadas na Suécia, no Chile e no México, nas quais o povo brasileiro festejou a própria epopéia da grandeza e do progresso do País.²⁷

De acordo com a narrativa proposta logo no início da revista, as conquistas esportivas não servem somente para a afirmação do país no cenário esportivo. O tricampeonato simbolizou, principalmente, as virtudes de organização coletiva do povo brasileiro. As competições de Copa do Mundo, particularmente os momentos de triunfo da seleção, são enquadradas como espaços de celebração da nação, evidenciando a capacidade de realização do Brasil enquanto país coeso e desenvolvido. Sob variadas formas, a interpretação da tradição esportiva enquanto representação das potencialidades nacionais é articulada por diferentes órgãos de comunicação no período.

Deste modo, um dos principais articuladores da tradição nacional atribuída ao futebol são os veículos de imprensa, pois lidam diretamente com as estruturas simbólicas difundidas no espaço social. De acordo com a leitura proposta por Soares e Salvador, nas sociedades letradas contemporâneas a mídia investe sobre a memória construída a respeito do passado para atribuir significado aos eventos e discursos que veicula no presente²⁸.

²⁷ A epopéia do tri. **Manchete**: edição sonora, Rio de Janeiro, jul. 1970. p. 3.

²⁸ SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009. p.2.

No mundial da Inglaterra, em 1966, por exemplo, diversos analistas esportivos vociferaram contra equipe nacional após o fracasso na competição. Vindo de dois títulos consecutivos, o otimismo diante da possibilidade de conquista de um inédito tricampeonato, era grande. Entretanto, o futebol apresentado pelo time brasileiro ficou muito abaixo das expectativas, culminando com a desclassificação ainda na fase preliminar²⁹. Nelson Rodrigues, um dos grandes narradores do discurso tradicionalista na imprensa, foi um dos cronistas que se dispuseram a avaliar os fatores que levaram à inesperada queda em Londres. Na revista *Manchete*, datada de 30 de julho, assinava o artigo “A explosão do caos” no qual argumentava o seguinte.

A Comissão Técnica é ré única e nada misteriosa. O jogador brasileiro não tem culpa de nada, é inocente da cabeça aos sapatos. Continua sendo o maior craque do Mundo. A Comissão Técnica é que preparou, cavou e cultivou o abismo em que estão metidos não só o futebol do Brasil como 80 milhões de brasileiros. O único aspecto mais ou menos simpático da Comissão Técnica é o ridículo que esta inserido em todo o seu comportamento de ópera bufa. Fora disso, a coisa assume uma hediondez inédita na história de nosso esporte. Esses homens tiveram tudo – dinheiro, prestígio, apoio oficial e popular, pão-de-ló, pires de leite, mil e um favores – e não fizeram nada senão massacrar o time nacional com suas patas. Com cerca de quatro meses de treinos e de jogos, a Comissão não conseguiu formar um time.³⁰

Na passagem é possível notar um duplo esforço do autor. Por um lado, procura abalizar os principais motivos da derrota, direcionados, sobretudo à incompetência da comissão técnica, incapaz de organizar a equipe para disputar o mundial. De outro, ao inocentar os jogadores, os quais continuaram como “os melhores do mundo”, tenta salvaguardar a tradição do futebol nacional. Embora sutil, o jogo de enquadramento da memória permanece atuante como forma de resguardar os valores culturais projetados e desejados sobre o principal esporte do país.

A articulação do futebol a uma forma de manifestação tipicamente brasileira suporta grande significado cultural. Tal relação é reforçada pelas narrativas produzidas pela imprensa, conferindo a este esporte um espaço singular no meio social. Sob diferentes construções discursivas, inclusive de natureza acadêmica,

²⁹ Conforme será apresentado no 3º capítulo.

³⁰ RODRIGUES, N. A explosão do caos. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 14, n. 740, p. 26-29, jul. 1966. p. 27.

para além de uma prática esportiva, o futebol é também visualizado como aglutinador de representações sobre o ser brasileiro³¹, conferindo-lhe também caráter identitário. De acordo com estas formulações, quando visualizado a partir da seleção, o futebol adquire significado de uma construção cultural nacional socialmente compartilhada.

Tanto o aspecto da tradição quanto os valores identitários (culturais) apregoados ao futebol estão presentes nas narrativas sobre a conquista da IX Copa do Mundo, no México, em junho de 1970. Agora, sob um momento de triunfo, as referências à memória servem para a confirmação da superioridade do futebol brasileiro diante de seus adversários. O título obtido no campo esportivo é vivenciado como uma vitória da própria nação.

Contudo, também são produzidas narrativas que contestam o papel destacado do futebol na sociedade, principalmente, diante do conturbado cenário político e social vivenciado no período. Assim como a tradição brasileira no futebol é invocada como elemento de construção da identidade e valorização do sentimento nacionalista, também é empregada como sinônimo de alienação popular diante dos problemas políticos e desigualdades sociais. Sob este viés, o futebol ficaria à mercê de um processo de apropriação por parte do Estado, o qual tem a possibilidade de utilizar as representações articuladas sobre o esporte em favor dos seus objetivos políticos, além de viabilizar a aproximação entre população e governo através da mobilização política da exaltação passional do ideal de nação.

Tendo em mente as novas perspectivas e abordagens decorrentes da abertura da visão e do campo historiográfico, principalmente na figura da história cultural e da renovação da história política, nota-se as múltiplas possibilidades de relação entre objetos aparentemente distanciados, esporte, cultura e política. Tal constatação permitiu a correlação de ambos em torno de um ponto comum, o futebol (observado particularmente como um fenômeno de massas). Também possibilitou a análise das diferentes maneiras pelas quais, em múltiplos cenários, o futebol recebeu novas acepções de sentido e foi incorporado a uma determinada tradição cultural, tornando-se foco de disputas, apropriações e interesses políticos.

³¹ Exemplo paradigmático desta correlação é o estudo antropológico proposto por Roberto Da Matta, ainda nos primeiros momentos da apreciação acadêmica da temática. DA MATTA, R. *et al.* **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.

O presente trabalho é organizado em cinco capítulos. No primeiro, retomase, brevemente, o processo de implantação e difusão do esporte no país. Particularmente, houve a preocupação com o desenvolvimento do futebol para além da prática esportiva, enquanto elemento que adquiriu conotação cultural singular tornando-se objeto de disputas sociais e políticas.

Deste modo, observa-se, também, os discursos articulados sobre o esporte, sobretudo a partir da leitura socioantropológica de Gilberto Freyre e do discurso construído por narradores como o cronista esportivo Mário Filho. As representações produzidas por esses personagens integram tanto a memória articulada sobre o esporte nacional, por contribuírem na construção de sua tradição, quanto interagem com as análises e interpretações articuladas sobre o futebol a partir dos veículos de imprensa.

Também se observou a trajetória do esporte nacional nas primeiras competições mundiais até a conquista do bicampeonato em 1962, atentando para inter-relação entre o cenário esportivo e político nacionais. Gradativamente, à medida que se populariza, o futebol incorpora contornos culturais peculiares e se torna elemento de afirmação identitária nacional, sobretudo sob a representatividade da seleção durante os embates internacionais da Copa do Mundo. Deste modo, o desempenho da equipe nacional passa a figurar como objeto de apropriação política por parte dos governos vigentes, como forma de aproximação junto à população e divulgação de seus projetos.

No segundo capítulo, atenta-se para as configurações da imprensa durante o final dos anos 1960 e início de 1970. Discute-se o cenário peculiar da ditadura militar, enfocando, principalmente, sua relação com os veículos de mídia imprensa. Neste sentido, visualiza-se o recrudescimento do aparato repressivo do governo, sobretudo a partir do progressivo incremento da violência simbólica por intermédio dos aparelhos e mecanismos de censura aos órgãos de divulgação. Em contrapartida, também se analisou a postura adotada pelos veículos de comunicação que adotavam diferentes posturas políticas e ideológicas, tanto de oposição quanto de complacência, com o contexto político social vigente sob os governos militares.

Posteriormente, observaram-se as respectivas configurações e particularidades de cada uma das publicações investigadas: as revistas de

diversidades e entretenimento *O Cruzeiro* e *Manchete*; a especializada em esportes *Placar*, e o semanário alternativo *O Pasquim*. Deste modo, buscou-se apreender as configurações do campo da imprensa durante o período privilegiado pela pesquisa.

No terceiro e quarto capítulos descreveu-se a trajetória esportiva da seleção entre os mundiais de 1966, na Inglaterra, e 1970, no México. Atentou-se para as questões levantadas sobre as características culturais delimitadas sobre o futebol nacional após o “fracasso” na campanha pelo tricampeonato em terras britânicas. Debateu-se sobre como as características culturais delimitadas ao futebol, bem como a própria tradição nacional no esporte, são colocadas à prova diante das transformações inerentes ao campo esportivo. Neste aporte específico, observou-se, através das páginas dos veículos de imprensa privilegiados, a reformulação da Seleção em 1969, dando ênfase para a contratação do cronista João Saldanha para o comando técnico e a subsequente disputa da fase de eliminatórias.

Na sequência, debateu-se o processo de reestruturação da seleção e atentou-se para as possíveis inter-relações entre o cenário político e esportivo durante o processo de preparação e disputa da Copa de 1970. O definhamento da passagem de Saldanha e a controversa substituição do técnico por Mario Jorge Lobo Zagalo são especialmente enfocados neste tópico. As abordagens direcionadas pelas diferentes revistas sobre a seleção nacional e as posturas adotadas diante das recorrentes polêmicas, também recebem destaque. Sobretudo, como indício do diálogo entre os distintos campos, assinalando a importância social atribuída ao futebol no espaço público às voltas da competição mundial.

No último capítulo, dirigiu-se o olhar em direção aos diferentes discursos veiculados nas publicações investigadas após consolidada a vitória “brasileira” no México. Analisaram-se as representações políticas e sociais articuladas nos semanários, bem como de que forma estes se posicionavam em relação ao cenário político vigente. Observou-se como as narrativas produzidas retomam e reinterpretam valores culturais nacionais articulados sobre a tradição e a memória construídas sobre o futebol brasileiro, tanto como forma de questionamento quanto legitimação da realidade sócio-política nacional

Por último, observou-se o discurso representado nas revistas, discutiu-se como foi retratada e apropriada a conquista do tricampeonato em sua ligação aos planos governamentais do momento. Assim como a forma que essa vitória foi incorporada e relacionada por intermédio do aparato ideológico do regime, inclusive

no que tange à própria figura do presidente-general Médici, que, naquele momento, foi retratado como um torcedor quase ao nível do comum, passional pelo futebol como os demais brasileiros.

1. Aquecimento: configurações históricas do futebol no Brasil

Ao longo do século XX, o futebol se disseminou como uma das práticas esportivas de maior abrangência mundial. Mesmo caracterizado como esporte moderno de trajetória relativamente curta, sua contínua expansão em diferentes regiões permitiu uma grande interação com as tensões e transformações do universo social. Sob esta perspectiva, situa-se como um produto historicamente fundamentado em estreita relação com as sociedades nas quais sua prática encontrou profícua aceitação³². Cabe ressaltar, entretanto, que o futebol não se desenvolveu de forma homogênea. Embora tenha se expandido rapidamente e adquirido crescente relevância, defrontou-se com particularidades nos variados locais e sociedades nas quais se estabeleceu.³³

Deste modo, evocamos o futebol enquanto esporte moderno cuja simbologia e relevância encontram-se diretamente ligadas ao seu processo de estabelecimento em cada região. Sob estas considerações, ao observar o significado singular do futebol no Brasil, é interessante resgatar suas origens no país, mais especificamente, atentar para as tensões que intermediaram sua trajetória no interior do espaço nacional diante do conflituoso processo de adesão popular e da progressiva apropriação social como elemento tradutor de um cenário cultural tido como brasileiro³⁴.

1.1. Os primórdios do futebol na “pátria de chuteiras”: da herança fidalga à popularização.

O esporte que hoje apresenta tamanho apelo, nem sempre dispôs de grande prestígio e popularidade. Ao final do século XIX e início do XX, enquanto em seu

³² RIBEIRO, L. A crise da autonomia no futebol globalizado: a experiência européia (1985-2007). In: _____. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007. p. 49.

³³ FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 24.

³⁴ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 33.

país de origem “o esporte bretão” já havia tomado o rumo da massificação³⁵, no Brasil a modalidade ainda engatinhava, com sua prática reduzida a poucos grupos³⁶. Em paralelo a esta leitura, variadas pesquisas atestariam uma trajetória inicialmente restritiva e socialmente excludente ao processo de implantação e difusão do futebol no país.

Elemento da cultura popular européia, na virada do século XIX para o XX, o *football* logo seria introduzido no país na leva de outras modalidades que começavam a se espalhar pelo Brasil sob a égide do amadorismo e *fair-play*. Prática comum entre os imigrantes europeus, mas amplamente divulgada nos meios elitistas das metrópoles como um sofisticado modismo, o futebol logo ganharia a simpatia desta nova elite, de formação europeizada, ávida por movimento e símbolos de *status* social.³⁷

Sob tal perspectiva, o futebol estava longe de se destoar pelo forte apelo popular e grande adesão das massas, verificado em seu sentido contemporâneo. Assim como as demais práticas desportivas, figurava como elemento de afirmação e distinção social. Revestia-se de um tom de modernidade, característico dos centros urbanos em expansão e, sobretudo, era um indício de civilidade³⁸ dentro de uma sociedade organizada³⁹.

Embora a prática desportiva tenha se desenvolvido primeiramente entre os segmentos mais abastados, não tardou para que o futebol extrapolasse limitações socioeconômicas, distendendo-se entre as demais camadas e perpassando pela apropriação popular. Apesar de não disporem de uma gama variada de recursos ou o pleno conhecimento das regras, seus praticantes periféricos conseguiram fazer do jogo um momento de lazer e divertimento acessível, exercitaram laços de sociabilidade, e, gradativamente, angariaram novos simpatizantes⁴⁰.

³⁵ HOBBSAWM, E. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. p. 256.

³⁶ PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 380 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998. p. 12-13.

³⁷ CAPRARO, A. M. **Identidades Imaginadas**: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007. p. 75.

³⁸ *Ibid.* p.70

³⁹ SILVA, R. C. de O. **Uma caixinha de surpresas**: apropriação do futebol pelas classes populares (1900-1930). Londrina: UEL, 1998; CAPRARO, A. M. *Op. cit.*

⁴⁰ FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 64.

Integrando esta difusão “marginalizada” do futebol, isto é paralelamente aos clubes e agremiações tradicionais restritivas, fábricas e indústrias também se transformaram em espaços de disseminação e consolidação do jogo entre trabalhadores e operários⁴¹.

Com o crescente número de clubes e agremiações, logo foram estruturadas as primeiras federações e campeonatos, com o intuito de estabelecer parâmetros organizativos, a exemplo da Liga Metropolitana de Futebol, formada no Rio de Janeiro em 1905⁴². A princípio, tais Ligas se caracterizaram pela imposição de barreiras aos seus filiados, tanto de ordem econômica quanto social, a fim de limitar a participação de jogadores e do público. Iniciativas neste sentido poderiam ser observadas em campeonatos por todo o país, reiterando os esforços de parte dos clubes de elite em afastar-se dos demais segmentos sociais também na prática desportiva, refutando a convivência com seus componentes indesejáveis⁴³.

Entretanto, a afirmação dessa postura não significa que o exercício do futebol estivesse enclausurado nos espaços reservados dos clubes mais abastados. De certa forma, a elevação de “barreiras” no interior das entidades desportivas sinalizava que outros grupos sociais já demonstravam interesse no jogo. Exemplo notório, nesse sentido, são as criações de ligas paralelas, que envolviam equipes, não enquadradas, nos perfis das principais entidades⁴⁴.

Progressivamente, as partidas de futebol atraíam o interesse da população e fomentavam a movimentação dos interlocutores da imprensa. O público já não era composto somente por jovens de famílias tradicionais, mas também por populares. Além de aumentarem o interesse sobre o esporte, as competições também incitavam a competitividade entre clubes e praticantes. Gradualmente, foram

⁴¹ ANTUNES, F. M. R. F. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, São Paulo, n. 22, p. 102-109, jun. 1994; AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.142.

⁴² PEREIRA, L. A. de M. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 380 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998. p. 60.

⁴³ *Ibid.* p. 63.

⁴⁴ Um dos grandes exemplos neste sentido foi a chamada Liga Nacional de Football Portoalegrense, pejorativamente conhecida como “Liga dos Canelas Pretas”. Organizada durante a década de 1910, surgiu como opção para agremiações compostas por jogadores negros, impedidas de participar das demais ligas regionais, social e racialmente restritivas. JESUS, G. M. de. O futebol do canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n.11, p. 144-161, jul. 1999.

cobrados ingressos para os jogos e as equipes procuraram incentivar financeiramente seus jogadores. A busca por uma melhor qualificação dos quadros também contribuiu para que fronteiras sociais, estabelecidas no interior das agremiações, fossem lentamente borradas pela “integração” de atletas originários de diferentes grupos sociais.

A partir das décadas de 1920 e 30, principalmente, o futebol brasileiro adquiriu nova feição, nova cultura, e confrontou valores e tradições elitistas, de forte cunho discriminatório, para tornar-se, lentamente, um fenômeno aglutinador das massas, formado tanto por grupos aristocráticos quanto pela população em geral. Se o esporte havia se desenvolvido inicialmente como instrumento de distanciamento e afirmação política de um determinado grupo social, logo passou a campo de tensão e disputa entre diferentes camadas socioeconômicas.

1.2. Questões políticas e identitárias: Copa (s) do Mundo e identidade nacional

Após os primeiros momentos que circundaram a conturbada implantação no Brasil, o futebol consolidou-se como uma das principais e mais difundidas atividades esportivas do país. A mobilização proporcionada pelo esporte já não poderia ser mais ignorada, pois despertava, não só o interesse de setores diversos da sociedade, como também interagia com novos agentes e espectadores. Ao final da década de 1920, diversas transformações sociais, políticas e econômicas tomavam o país e abalaram as estruturas dominantes. O desenvolvimento dos centros urbanos, a proeminência de novos grupos políticos e sociais desencadeava enfrentamentos às oligarquias detentoras da hegemonia política.

O confronto desenrolado, a princípio, nas urnas e nos bastidores políticos terminou com a tomada do poder por Getúlio em 1930. Os anos subseqüentes seriam marcados pela forte interferência do poder público nos diversos setores da sociedade, e o futebol não ficaria imune às pretensões da nova ordem política. As décadas de 1930 e 1940 evidenciaram o papel de destaque que o esporte alcançou no cenário político nacional.

Percebe-se nesse período, a preocupação efetiva do Estado brasileiro em produzir a normatização dos esportes, pretendendo atingir a totalidade das organizações esportivas do país. Também, pela primeira vez o poder

público no Brasil aproximou-se efetivamente do futebol, procurando retirar desse esporte inúmeros benefícios.⁴⁵

Poucos meses antes da eclosão do movimento revolucionário, ocorreu a 1ª Copa do Mundo, organizada pela FIFA⁴⁶, sediada pelo Uruguai. Resultado das desavenças entre as federações regionais (sobretudo Rio e São Paulo) e da falta de organização desportiva, a primeira participação brasileira em mundiais foi breve. A Seleção realizou apenas dois jogos na competição. Com uma derrota e uma vitória, a equipe foi eliminada ainda na primeira fase do torneio.⁴⁷

Acompanhando o conturbado período de transição política, o futebol nacional observava o definhamento definitivo do amadorismo. Nos primeiros anos da década de 1930, grande número de jogadores deixaram o país atraídos por propostas do profissionalismo estrangeiro. Sinalizando uma forma de resolver o impasse, em 1931, Vargas incluiu o atleta de futebol na lista de profissões a serem analisadas e regulamentadas pela legislação trabalhista. Porém, apenas em 1933, após várias desavenças entre ligas do Rio e de São Paulo com a CBD⁴⁸, a nova categoria de trabalho foi finalmente institucionalizada⁴⁹. Ainda assim a tensão entre as federações continuou pelos próximos anos, e cessou somente com aceitação definitiva do profissionalismo pela CBD em 1937⁵⁰.

Um ano depois de instituída a nova categoria profissional, foi realizada a segunda competição mundial, em 1934 na Itália. O futebol já atraía a atenção de multidões e era acompanhado de perto por comentaristas esportivos, com partidas

⁴⁵ NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. p.123.

⁴⁶ Fundada em 1904, a *Fédération Internationale de Football Association* é a principal instituição responsável pela organização e regulamentação do futebol em nível mundial.

⁴⁷ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.141; FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 75; GONÇALVES JR., R. D. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo**: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 98.

⁴⁸ Confederação Brasileira de Desportos, criada em 1916.

⁴⁹ AGOSTINO, G. *Op. cit.* p.142.

⁵⁰ COSTA, M. da S. D. Futebol e política na era Vargas (1930-1945). In. SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Org). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006

transmitidas avidamente pelos aparelhos radiofônicos⁵¹. Apesar de contar com maior equilíbrio e organização em relação ao mundial anterior, a Seleção Brasileira não permaneceu muito tempo no torneio. Foi eliminada logo na primeira partida pela Espanha pelo placar de três a um⁵².

O advento do Estado Novo, em 1937, estreitou os laços do governo com o esporte. Sob o novo regime político e com forte apoio popular, principalmente nos grandes centros urbanos, acentuou-se o poder central sob a égide da unidade nacional em detrimento dos interesses regionais. O futebol não ficou imune aos anseios organicistas do Estado.

O que ninguém podia prever, de fato, é que a nova ordem que se instituiu seria fundamental também para os rumos do futebol no país, uma vez que o Estado organizado por Getúlio Vargas estabeleceria uma série de imposições disciplinadoras do universo esportivo, ao mesmo tempo que o encararia como um dos elementos capazes de moldar a identidade nacional.⁵³

O esporte assumiu o papel de propagador dos anseios nacionais quanto ao desenvolvimento organizado e disciplinado da nação. As projeções estatais sobre o setor esportivo direcionavam-se para duas direções principais: em um rumo, assumia o discurso higienista de domesticação e disciplinarização da população por meio do controle e manutenção saudável dos movimentos corporais; por outro, fortaleceria a imagem do Estado, vinculando-a aos sucessos esportivos. No primeiro caminho não só o esporte assumiu valor especial, mas a atividade física como um todo ganhou papel de destaque. A constituição de 1937, por exemplo, instituiu a Educação Física como disciplina obrigatória nas escolas primárias, secundárias e normais.⁵⁴

Em seguida, a Copa de 1938, na França, forneceu a oportunidade primordial para aproximação entre o futebol e os valores nacionais preconizados pelo governo. A mobilização e atenção desprendidas pela população sobre o selecionado, não só

⁵¹ GIACOMELLO, S. L. **Sintonizando emoções – o futebol e o rádio**: uma viagem nas ondas da mídia radiofônica. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

⁵² AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.143; FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 78.

⁵³ AGOSTINO, G. *Op. cit.* p. 140.

⁵⁴ COUTO, E. de F. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 56

afirmaram sua popularidade, como serviriam para que o povo se identificasse com o ideal de pertencimento e unidade nacionais sob a representação do futebol e da seleção.

Apesar de não ser possível detectar um projeto claro das várias esferas do poder público no sentido de utilizar o futebol enquanto um legitimador da ordem política vigente, torna-se perceptível que o futebol desse período era considerado como colaborador, no sentido de reforçar a idéia da construção de uma identidade nacional. Verifica-se que setores da sociedade buscavam no futebol um fator de coesão nacional.⁵⁵

Chegado o momento, o Brasil teve um desempenho formidável. Pela primeira vez avançou da fase de classificação e chegou às semifinais, quando foi derrotado pelos anfitriões italianos. Na sequência, garantiu o terceiro lugar, e selou a melhor participação em mundiais até então.⁵⁶

A Copa da França de 1938 estreitou definitivamente o vínculo afetivo entre o futebol e a sociedade brasileira. Para além da carga emocional despertada pelo esporte, o futebol se consolidava enquanto prática esportiva de maior apelo junto à população. A mobilização ao redor da seleção colocou em pauta questões quanto à própria nacionalidade. O embate entre seleções, proposto pela taça do mundo, assumiu para uma parcela significativa da sociedade brasileira, ares de um verdadeiro confronto entre nações. Portanto, sair vitorioso da competição mostrou tanto a força do futebol quanto da nação.⁵⁷

Este fenômeno não passou despercebido ao meio político. Nos anos seguintes, recebeu crescente atenção do poder público, sobretudo com a implementação de estratégias normativas que possibilitaram relativo controle sobre a organização esportiva. A capacidade do futebol em aglutinar multidões também foi explorada pelo governo estadonovista, fosse por meio da identificação do selecionado com a concepção de nação pretendida, fosse através de táticas menos evidentes, mas igualmente funcionais, como o financiamento para construção de

⁵⁵ NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. p. 130.

⁵⁶ *Ibid.* p.113.

⁵⁷ NEGREIROS, P. J. L. de C. *Op. cit.* p. 139.

estádios ou sua utilização como palco privilegiado para massivas celebrações cívicas⁵⁸.

Como desdobramento principal da interação entre o cenário político e o esportivo, foi criado, através do Decreto Lei nº 1399, o Conselho Nacional de Desportos (CND), em 1941. A instituição vinculada ao Ministério da Educação e da Cultura submetia oficialmente a coordenação de qualquer atividade esportiva à tutela estatal. Tanto a CBD quanto as federações regionais estavam subordinadas ao novo órgão, o qual exercia o poder de fiscalização, normatização e organização sobre todas as modalidades esportivas no país.⁵⁹

Após o mundial de 1938, iniciaram-se os esforços para alavancar o Brasil como país sede da próxima competição. Contudo, o advento da Segunda Guerra interrompeu os eventos internacionais por um longo período. O “esporte das multidões” não escapou dos efeitos do confronto. Como desdobramento imediato, a interrupção das Copas do Mundo fez com que as principais disputas futebolísticas ficassem relegadas a um caráter local. Os torneios sul-americanos passaram a configurar como os principais eventos esportivos internacionais do período e reforçaram rivalidades regionais com adversários tradicionais, destacadamente argentinos e uruguaios⁶⁰.

1.3. Cultura, tradição e nacionalidade: construções discursivas e identitárias sobre o futebol nacional

Durante as décadas de 1930 e 1940, momento político do Estado Novo, o discurso jornalístico teve ação fundamental entre a associação do futebol e um determinado conjunto cultural tipicamente brasileiro. A imprensa reproduziu narrações de superação social e de comunhão racial promovidos pelo espetáculo esportivo. A construção discursiva contribuiu definitivamente para a nacionalização do antigo “esporte bretão”, e definiu-o como um dos símbolos mais representativos

⁵⁸ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p. 144; COSTA, M. da S. D. Futebol e política na era Vargas (1930-1945). In. SILVA, F. C. T. da; SANTOS, R. P. dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006; FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 80.

⁵⁹ COSTA, M. da S. D. *Op. cit.* p. 127; FRANCO JR., H. *Op. cit.* p. 81-82.

⁶⁰ FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 83.

da identidade nacional. E, mesmo que despropositadamente, a concepção de uma “brasilidade” do futebol, alardeada por intelectuais e pela imprensa, contribuiu para a disseminação dos ideais políticos de nação propagandeados pelos teóricos do Estado Novo⁶¹.

No final dos anos 1930, literatos, acadêmicos e cronistas esportivos como Mario filho, Gilberto Freyre, Thomas Mazzoni e José Lins do Rego tiveram papel essencial na formulação cultural do futebol brasileiro. Sem dúvida, uma das influências fundamentais para essa construção são os ideais e produções de Gilberto Freyre, principalmente em sua obra de maior destaque: *Casa Grande & Senzala*, lançada 1933. Contrariando os estudos eugênicos e higienistas que alardeavam a preponderância racial, Freyre exaltava como a mistura proporcionada pela variada colonização portuguesa, africana e indígena havia legado heranças bastante positivas ao povo brasileiro. Sob a luz dessa interpretação, a capoeira, festas religiosas, ritos e danças folclóricas passaram por novas significações para serem incorporadas como elementos fundamentais da cultura nacional. O ideal da democracia racial implícito na análise sócio-antropológica freyriana logo seria internalizado por cronistas e escritores, inclusive ao tratar sobre o futebol no país. Ao abordarem a forma de jogar dos brasileiros, destacaram qualidades técnicas permeadas por características como a ginga, habilidade e malícia próprias do processo de mestiçagem. Sob a tinta da imprensa, o futebol reproduzia valores culturais e configurava um dos espaços de exaltação da identidade nacional⁶².

O próprio Gilberto Freyre colocava-se como um dos admiradores do esporte, e apreciava tanto as características de jogo, comumente atribuídas aos brasileiros, quanto à promoção da diversidade e harmonia raciais.

Na visão freyriana, os traços da miscigenação incorporaram as entranhas de nossa sociedade, cujos desdobramentos estavam plenamente representados no futebol. Tal percepção ganhou coro de diversos escritores e cronistas. Dentre esses, o mais destacado foi, sem dúvida, Mario Filho. O autor figurou como um dos grandes responsáveis pela transposição de parte dos ideais raciais atribuídos a Gilberto Freyre ao universo do futebol. Além da defesa do futebol em suas crônicas e

⁶¹ COUTO, E. de F. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 76.

⁶² SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías**: fútbol, identidad y violencia en América Latina, Buenos Aires, v.1, p.145-162, 2003. p. 150; COUTO, E. de F. *Op. cit.* p. 77.

reportagens – particularmente a partir do *Jornal dos Sports* – o jornalista carioca também articulou suas idéias em obras bastante significativas.

Sua maior produção foi “O Negro no Futebol Brasileiro”, prefaciada pelo próprio Gilberto Freyre, editada pela primeira vez em 1947. Nesse livro, o autor procurou desenvolver uma abordagem geral sobre o desenvolvimento do futebol no país e buscou compreender os fatores que transformaram o Brasil em um dos grandes expoentes do esporte, detentor de um estilo próprio de jogo. Mario Filho relacionava as origens e a expansão do futebol à superação das tensões sociais e raciais que permeavam o país. Inspirado por um determinado “freyrismo popular”⁶³, O Negro no Futebol Brasileiro tornou-se espécie de paradigma do ideal de democracia racial promovido pelo futebol⁶⁴.

O trabalho em questão não foi somente um relato comprobatório do processo de popularização do futebol no país, ou de seu papel de destaque como agregador racial e social. A obra constitui-se em uma narrativa influenciada pelos valores nacionalistas e raciais próprios do cenário político intelectual brasileiro dos anos 1930 e 1940. Mario Filho não só contribuiu para a solidificação do futebol como um dos elementos de afirmação da nacionalidade, como, também legou ao esporte um valor cultural brasileiro, entremeado pela miscigenação e integração racial.

Em 1964, o livro ganhou uma segunda edição “inalterada e ampliada”⁶⁵, já contemplando os episódios recentes do futebol no Brasil – as Copa de 1950 e principalmente o bicampeonato mundial, em 1958 e 1962. Assim como sua edição anterior, a nova publicação mantém o foco na superação dos embates raciais, devidamente corroborada pelas conquistas recentes⁶⁶.

⁶³ Soares define o “freyrismo popular como a crença em que no Brasil não existe racismo ou preconceito racial. Sabemos que Gilberto Freyre não compartilhava a idéia de que não existe racismo ou preconceito racial no Brasil”. SOARES, A. J. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías: fútbol, identidad y violencia en América Latina**, Buenos Aires, v.1, p.145-162, 2003. p.147.

⁶⁴ NEGREIROS, P. J. L. de C. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, p. 121-151, 2003. p. 126; SOARES, A. J. *Op. cit.* p. 145.

⁶⁵ SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

⁶⁶ RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

A obra de Mario Filho ganhou destaque no meio acadêmico especializado, e atraiu a atenção de diversos cientistas sociais interessados na investigação do futebol. Em um primeiro momento, o trabalho foi encarado como fonte histórica quase irrefutável, reveladora do papel primordial do futebol na pacificação dos conflitos que cercaram os primórdios do esporte no país. O caráter nacionalista e a inclusão do futebol como fenômeno cultural de grande relevância foi apropriado por diversos pesquisadores, muitos deles, inclusive, reconheceram a capacidade do futebol de “democratizar” o universo social local.

Em contraponto a essa leitura, estudos mais recentes tem relativizado a importância do livro como fonte, e pleitearam uma análise mais crítica por compará-lo a outros registros do período. Antônio Jorge Soares, no artigo “História e invenção de tradições no futebol brasileiro”, investiga justamente como a obra teria sido incorporada, por parte dos pesquisadores, como referência única e completa do período, sem levar em conta o discurso intrínseco à sua produção.⁶⁷

A discussão proposta por Soares se torna relevante à medida que propõe uma nova leitura, tanto sobre o livro de Mário Filho, quanto à própria produção científica a respeito do futebol nacional. Essa análise coloca em xeque uma espécie de visão mítica do futebol brasileiro, construída pelo discurso de autores, jornalistas e cronistas, incorporada em nosso universo social e, parcialmente, legitimada por alguns estudos acadêmicos.

As questões levantadas geraram amplo debate no meio especializado, seja para reafirmar a posição crítica sobre a trajetória histórica e social do futebol nacional, seja como forma de defesa sobre os trabalhos produzidos a partir da reflexão sobre eventuais lacunas na tese apontada por Soares⁶⁸. Ao debater as lacunas nas hipóteses desenvolvidas pelo autor, reconhece-se a importância do diálogo quanto às articulações narrativas em torno do futebol nacional. Esses

⁶⁷ SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 14.

⁶⁸ Dentre os artigos que promovem esta discussão destaca-se o de Ronaldo Helal e César Gordon Jr., intitulado “Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol”. Nesta obra as principais críticas incidem sobre quatro pontos centrais: 1) a posição contrária ao emprego da obra de Mário Filho como fonte; 2) a desconsideração da linguagem simbólica do racismo na trajetória histórica do futebol no Brasil; 3) a recusa do afrouxamento dos conflitos sociais e raciais no campo futebolístico; 4) a recusa em reconhecer o papel heurístico da identidade nacional para a compreensão histórica do esporte no país. HELAL, R.; GORDON JR., C. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. *Op. cit.*. p.52.

estudos também reafirmam a necessidade da apreciação e análise críticas dos relatos de Mário Filho, mas sem desconsiderar suas contribuições para a compreensão tanto do desenvolvimento do futebol quanto das diferentes significações socioculturais projetadas em seu em torno.

A pertinência desta reflexão desperta questionamentos não só com relação a trabalhos atuais sobre o processo de popularização do futebol, mas também convida à reavaliação sobre o tratamento direcionado ao tema ao longo de sua trajetória, seja através de estudos acadêmicos ou pela visão cotidiana transmitida pelos variados veículos de comunicação. Ao analisar os diferentes momentos que serviram de pano de fundo ao desenvolvimento histórico do esporte, observa-se que os significados a ele atribuídos ultrapassam as linhas divisórias dos gramados e as paredes dos estádios.

Sob a interpretação de diversos enunciadores, o futebol adquire novos sentidos no meio social e cultural, incorpora visões políticas e identitárias. A estruturação desses discursos está enraizada em seu contexto histórico de produção (o Brasil dos anos 1930 e 1940, no exemplo de Mário Filho) e não pode ser desconsiderado durante o procedimento de análise. Igualmente, essas referências não podem ser desprezadas como instrumentos de investigação e compreensão do futebol no país, pois representam formas de entendimento e significação do esporte, internalizadas e reproduzidas socialmente.

Desse modo, ao investigar o processo histórico de constituição e difusão do futebol no Brasil, deve-se levar em conta as tensões políticas, sociais e esportivas que fazem parte do período visitado. Paralelamente, é necessário ponderar sobre as maneiras como o esporte é retratado e transmitido à população pelos narradores do momento – intelectuais, jornalistas, políticos etc.

1.4. Mundiais em cena: do fracasso em 1950 ao bicampeonato em 1962

A Segunda Guerra Mundial interrompeu as competições internacionais por um longo período. Terminado o embate os desdobramentos para o cenário político nacional eram visíveis. A participação na guerra ao lado de países democráticos e do comunismo soviético contribuiu para o questionamento interno da política autoritária de Getúlio Vargas. Deste modo diversos setores sociais passaram a se

manifestar em favor das eleições. Como resultado, após 15 anos, um novo personagem assumia a presidência. O escolhido foi o general Emílio Gaspar Dutra e seria sob seu governo que ocorreria o Mundial de 1950, embora o desejo em sediar o torneio tenha se articulado ainda durante o Estado Novo⁶⁹.

A realização da Copa do Mundo em terras nacionais simbolizava não só a chegada de um grande evento esportivo, mas a oportunidade de demonstrar a capacidade de realização e organização do país. O grande símbolo da competência e grandeza da nação, ao menos no plano material, seria a construção do maior estádio esportivo do planeta⁷⁰. O Maracanã se tornaria não só o símbolo do torneio como um monumento da grandeza e capacidade de realização da nação⁷¹.

Com a proximidade dos pleitos estaduais e presidenciais, em outubro, a Copa também alcançou dimensões de palanque eleitoral. O favoritismo da seleção somada à confiança na vitória eminente atraiu as atenções de políticos e partidos, os quais não desperdiçariam oportunidades de figurarem junto massas.⁷²

Um mês após sua inauguração, o Maracanã foi palco da partida que decidiu o primeiro campeão mundial do pós-guerra. O dia 16 de julho de 1950 marcou, categoricamente, a memória de brasileiros e uruguaios. Além da vantagem de jogar em casa, a seleção brasileira necessitava apenas do empate para garantir o título. A equipe nacional vinha de uma série de resultados contundentes, enquanto os representantes da celeste haviam passado por dificuldades em campanha irregular. Sob esse quadro, o *team* brasileiro despontava como amplo favorito. No estádio, o número de espectadores era incerto, as estimativas variavam entre 170 e 200 mil pessoas, de qualquer modo o maior público já registrado em mundiais. Iniciada a partida, o que se viu foi um primeiro tempo nervoso e sem gols. No segundo tempo,

⁶⁹ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 147; FRANCO JR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 86-87; GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. p. 90.

⁷⁰ *Id.*

⁷¹ AGOSTINO, G. *Op. cit.* p. 148; FRANCO JR, H. *Op. cit.* p. 87-88; GUTERMAN, M. *Op. cit.* p. 95.

⁷² AGOSTINO, G. *Op. cit.* p. 148; FRANCO JR, H. *Op. cit.* p. 207; GUTERMAN, M. *Op. cit.* p. 95.

emoções mais intensas tomaram o estádio, e, após o apito final, o placar registrou três gols e a definição do campeão: Uruguai⁷³.

Na revista *O Cruzeiro* n.29, o jornalista David Nasser fez uma leitura interessante sobre o sentimento despertado pelo mundial, no artigo intitulado “Derrota da máscara”. Ainda que sem eximir os jogadores, Nasser estabelece uma emocionada reflexão sobre o resultado, dividindo o fardo da derrota com todos os brasileiros, e apontando, já naquele momento, um cenário maior do que o simples jogo, cuja natureza do resultado é imprevisível.

É muito cômodo, nestes instantes amargos da perda definitiva, afastarmos toda a culpa do fracasso para um grupo, apenas, de 11 jogadores e 1 técnico. Quem lhes afivelou a máscara? Vocês torcedores. Nós jornalistas. Eles, o rádio. Todos, sem exceção, das gerais as arquibancadas, das cadeiras às tribunas. Criamos a lenda de sua invencibilidade e fizemos com que eles esquecessem do lógico no futebol. Foram os jogadores que mandaram bordar faixas de campeões antes do jôgo? Foi o técnico que publicou fotografias do quadro brasileiro com a legenda de campeões do mundo? Foram eles, os atletas e o dirigente, que gritaram por todos os microfones que não havia castigo, que não sairia do Brasil a Taça Jules Rimet, que os uruguaios eram homens velhos e cansados? Fomos nós, os assistentes e observadores, os profetas da vitória que não veio. Não parece, francamente, honesto e leal recusarmos a parte da culpa e exigirmos que onze rapazes mais o técnico respondam sozinhos pela nossa derrota.⁷⁴

As esperanças, ou melhor, certezas da vitória em 1950, contrastaram, no seu final, com a imagem de uma derrota geral, sem caracterizar uma exclusividade dos jogadores ou mesmo do futebol.

Quatro anos mais tarde, a Copa da Suíça surgia como oportunidade para os brasileiros demonstrarem a força de vontade que supostamente lhes havia faltado no Maracanã⁷⁵.

Nas quartas de final, a seleção enfrentou a Hungria, equipe sensação do período, atual campeã olímpica e uma das grandes postulantes ao título. Frente a um adversário altamente capacitado e apontado como franco favorito, os brasileiros evidenciaram toda sua apreensão e nervosismo. Com a seleção atrás no placar desde o início, o jogo descambou para a violência. Ao término do embate no

⁷³ GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. p.95-96.

⁷⁴ NASSER, D. Derrota da mascara. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 22, n. 29, jul. 1950. p. 16.

⁷⁵ GUTERMAN, M. *Op. cit.* p.106.

Wankdorf Stadium, o saldo era de 4 x 2 para a Hungria, com expulsões para os dois lados. Os desentendimentos verificados durante o jogo tomaram forma de uma confusão generalizada envolvendo jogadores, dirigentes, figuras políticas, jornalistas e policiais, tanto em campo quanto nos vestiários. O episódio ficou conhecido como a “Batalha de Berna”, a maior briga já registrada em uma competição de Copa do Mundo⁷⁶.

Em 1956 iniciava-se novo momento no cenário político brasileiro, coincidindo com a abertura de um período glorioso no futebol nacional, especialmente em mundiais. Sob a tutela de Juscelino Kubitschek, o país buscava a superação de seu subdesenvolvimento, sobretudo com o avanço de uma economia industrializada. A alcunha de um nacionalismo modernizador promovido por JK corroborava a promessa de cinquenta anos de desenvolvimento em apenas cinco de governo.

O futebol não se manteve indiferente às transformações que permeavam o país. O planejamento estratégico do qual o próprio país era modelo, encontrou espaço no meio esportivo, inclusive na seleção. A copa de 1958 foi, sem dúvida, um marco na história esportiva do Brasil. Não só pela conquista de seu primeiro título, pelo surgimento ou consagração de alguns de seus grandes ídolos (Didi, Garrincha, Pelé), mas pela introdução de um planejamento detalhado, envolvendo não só jogadores e comissão técnica, mas toda delegação. O primeiro mundial no qual o Brasil se sagrara campeão também demarcara um dos primeiros momentos de efetiva modernização e profissionalização esportiva a partir de suas cadeias organizacionais⁷⁷.

Tal processo se desenvolveu principalmente a partir do planejamento organizado pelo chefe da delegação nacional: Paulo Machado de Carvalho, empresário de destaque no ramo de comunicações e antigo dirigente do São Paulo (clube onde já havia colocado em prática as estratégias de organização e planejamento esportivo). Empregando preceitos organizacionais pautados pelo rigor científico, Machado de Carvalho construiu um planejamento detalhado, com vistas

⁷⁶ HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das copas do mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 111; AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 150; FRANCO JR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 93.

⁷⁷ FREITAS JR., M. A. de. Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, L. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007. p. 214.

em superar as dificuldades e a desconfiança ao redor do selecionado nacional⁷⁸. Também é importante destacar que a integração de Carvalho como responsável pela delegação nacional relaciona-se diretamente à chegada de outro empresário de sucesso ao comando da CBD, Jean-Marie Goedefroid de Havelange, em 1956.

De acordo com o proposto, foi estruturado um corpo técnico de especialistas que suportassem as diversas necessidades dos jogadores passíveis de serem convocados. Pela primeira vez a Comissão Técnica nacional contou com uma base de apoio tão diversificada. Incluía dentista, médico, fisioterapeuta e até mesmo um psicólogo. Além do amparo desses novos personagens, também foram instituídas novas preocupações com a postura tática da equipe, tanto dentro quanto fora de campo. Desta forma, procurou-se estabelecer um equilíbrio no padrão de jogo; indicar alguém para acompanhar e analisar os próximos adversários; instituir um conjunto de regras e normas disciplinares aos jogadores; programar antecipadamente as viagens e acomodações adequadas às necessidades da delegação; providenciar a compra de uniformes, chuteiras e material esportivo⁷⁹. A modernização surgia no futebol como um dos caminhos para superar as frustrações anteriores.

Contudo, como ressalta Freitas, “toda a tentativa de modernização é marcada pela existência de processos de tensão”⁸⁰. A introdução de um novo método de trabalho na administração da seleção enfrentou resistências diante da transformação dos modelos tradicionais, fortemente marcados pelo amadorismo e pelo imprevisto. Parte da imprensa, inserida nas rugas entre cariocas e paulistas, acostumada a tendências anteriores de preparação esportiva, questionava as preocupações excessivas com os detalhes organizacionais e o inchaço de profissionais na delegação⁸¹.

Apesar de todo o planejamento prévio, o sorteio posicionara o Brasil em grupo com adversários bastante difíceis: disputaria com a Áustria, Inglaterra e URSS

⁷⁸ FREITAS JR., M. A. de. Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, L. (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007. p. 214.

⁷⁹ FRANCO JR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 134.

⁸⁰ FREITAS JR., M. A. de. *Op. cit.* p. 215.

⁸¹ *Id.*

a classificação. Nas duas primeiras partidas, Garrincha e Pelé ainda não integraram a equipe. Nesses jogos, o Brasil acumulou, respectivamente, uma vitória e um empate contra austríacos e ingleses. Pressionado pela necessidade do resultado, o técnico Vicente Feola foi a campo com as jovens revelações entre os titulares. Após as modificações, o Brasil conseguiu sucessivas vitórias e chegou a uma nova decisão do campeonato.⁸²

No dia 29 de junho, a partida final foi contra os anfitriões, os suecos. Apesar do nervosismo e do gol sofrido logo aos 4 minutos, o jogo decorreu de forma tranquila e os brasileiros se sagraram campeões com a vitória por 5 x 2. O título encerrava as frustrações anteriores e abria um novo ciclo esportivo⁸³.

O inesquecível fracasso em 1950, grande marco esportivo deste mal, foi “superado” pela primeira vez. Se antes da Copa, o brasileiro padecia de sua inferioridade, após seu desfecho, Nelson Rodrigues definiu o novo sentimento nacional: “depois de 1958, o brasileiro deixou de ser um vira-lata entre os homens e o Brasil um vira-lata entre as nações”⁸⁴.

Na volta ao país, os jogadores foram recepcionados como heróis. Desfilaram em carro aberto ao som de marchinhas que exaltavam tanto a conquista quanto a nacionalidade. Na celebração oficial, houve festejos junto ao presidente e comemoração no Palácio do Catete. De certo modo, a vitória esportiva corroborava o discurso estatal de otimismo e desenvolvimento. O futebol passava a incorporar definitivamente o arcabouço cultural brasileiro⁸⁵.

Quatro anos mais tarde, o Brasil consolidou a fase de grandes sucessos esportivos. Antes do mundial realizado no Chile, jogadores como Garrincha e Pelé se estabeleceram como grandes craques do futebol nacional. Sem precisar passar pelas eliminatórias, a equipe brasileira enfrentou 32 partidas, com o saldo de 28 vitórias, 2 empates e apenas 2 derrotas. Só em 1962, às vésperas da competição,

⁸² AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 152.

⁸³ GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009. p. 127-130.

⁸⁴ RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Cia. das Letras, 1994. p. 118.

⁸⁵ AGOSTINO, G. *Op. cit.* p. 152; FRANCO JR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 135.

havia vencido 11 jogos em 11 disputados. De acordo com esse quadro, os brasileiros se credenciavam como amplos favoritos a um novo título mundial.⁸⁶

Entretanto, se o cenário futebolístico era amplamente favorável, o mesmo não era verificável em sua contraparte política e social. Desde a fugaz passagem de Jânio Quadros pela presidência, o país vivia momentos de tensão e instabilidade. Com os temores conservadores sobre o vice eleito, João Goulart, instalou-se o regime parlamentarista, com vistas a limitar os poderes políticos do novo chefe do executivo. O contexto apontava para o acirramento das rivalidades políticas entre a esquerda e a direita. Simultaneamente, crescia a movimentação de grupos de trabalhadores urbanos e segmentos rurais, ao passo que a economia padecia de um momento de crise resultante de sucessivas altas inflacionárias, colocando por terra as pretensões políticas populistas.

Com a proximidade da competição foi retomado o planejamento vitorioso da Suécia. Novamente liderada por Machado de Carvalho, a delegação permanecia quase inalterada. Entre as poucas modificações destaca-se a substituição no comando técnico da equipe. Aimoré Moreira assumiu no lugar de Vicente Feola que deixou a função em decorrência de uma infecção intestinal⁸⁷. Mantendo o planejamento vitorioso e os mesmos princípios gerenciais de 1958, o novo técnico conservou a equipe praticamente inalterada.⁸⁸

O time teve um ótimo desempenho ao longo da competição. Liderada por Garrincha, considerado como o grande jogador do torneio, a seleção chegou a mais uma decisão. Os brasileiros venceram os tchecos pelo placar de 3 x 1, sagrando-se bicampeões mundiais⁸⁹.

No retorno ao país, a delegação foi recebida por Goulart, dia 18 de junho, no Palácio da Alvorada. Como em 1958, era o momento de figurar junto à seleção e aproveitar o forte clamor popular. Em 1963 Jango, finalmente, conseguiu a plenitude de seus poderes políticos. Seu governo, contudo, foi breve, marcado por diversos

⁸⁶ FRANCO JR, H. **A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 135; GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 138.

⁸⁷ GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país**. São Paulo: Contexto, 2009. p. 138-139.

⁸⁸ HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das copas do mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001. p. 136; FRANCO JR, H. *Op. cit.* p. 298.

⁸⁹ GUTERMAN, M. *Op. cit.* p. 141-142

enfrentamentos e oposições, até a derrubada definitiva em março de 1964. A Copa da Inglaterra, em 1966, já transcorreu com o Brasil sob o signo da ditadura militar.

2. Preleção: imprensa e política: repressão e opinião

O futebol no Brasil constitui um fenômeno midiático. Para além de qualquer atividade desportiva praticada no país, o futebol se mostra capaz de atrair enorme atenção e ocupa espaço sem igual nos veículos de comunicação. Ao longo de sua trajetória, a imprensa tem acompanhado de perto seu desenvolvimento em território nacional e serve, muitas vezes, de intermediária entre o campo esportivo e a esfera pública. Tal relação se intensifica quando as atenções concentram-se sobre um representante específico: a seleção brasileira.

Ao focalizar suas lentes sobre o selecionado, os veículos de imprensa interagem não só com o campo esportivo, mas também com valores culturais que congregam o futebol como um dos elementos constituintes da identidade nacional. Os relatos produzidos não discorrem somente sobre a notícia em si, formando uma descrição indiferente e objetiva, mas incorporam leituras, memórias e representações historicamente constituídas sobre o papel do futebol em nossa sociedade. Deste modo, a imprensa serve tanto como testemunha do desenvolvimento deste esporte no país quanto produtora e difusora de seus significados no meio social.

Ao tomar os veículos de comunicação como fontes de análise privilegiadas cabem algumas considerações: a cobertura da imprensa não constitui um simples relato, neutro e imparcial diante dos fatos apurados; o discurso jornalístico configura uma construção narrativa multifacetada e complexa, modelada tanto pelas impressões e valores de seus autores quanto pelo espaço e condições de sua produção. Neste sentido, encontram-se agrupadas relações entre o contexto político social no qual se insere e as especificidades – inclusive de ordem técnica – de seu local de fabricação e divulgação⁹⁰. Como destaca Tânia Regina de Luca.

[...] os discursos adquirem significado de muitas formas, inclusive pelos procedimentos tipográficos e de ilustração que os cercam. A ênfase em certos temas, a linguagem e a natureza do conteúdo tampouco se dissociam do público que o jornal ou revista pretende atingir⁹¹.

⁹⁰ LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.132.

⁹¹ *Ibid.* p. 140.

O trabalho desenvolvido em cada publicação não resulta de uma diligência singular. Sua construção surge de um esforço plural compartilhado por diversos grupos e indivíduos, tanto no interior quanto no exterior das redações. Jornais e revistas são frutos de um empreendimento coletivo, nos quais são confrontadas e compartilhadas idéias, valores, crenças, manifestações de afeto ou repúdio, as quais expressam por meio da linguagem escrita e, por que não, imagética.⁹²

Sob este aspecto, os veículos de divulgação resguardam grande parcela de responsabilidade na escolha e veiculação das matérias. A delimitação dos assuntos privilegiados ressoa os interesses e objetivos de cada publicação e cabe a esta selecionar as notícias a serem divulgadas ao público, organizando-as, de acordo com seus critérios internos, em sua estrutura narrativa. De acordo com Luca, tal constatação requer alguns cuidados.

O pesquisador dos jornais e revistas trabalha com o que se tornou notícia, o que por si só já abarca um espectro de questões, pois será preciso dar conta das motivações que levaram a decisão de dar publicidade a alguma coisa. Entretanto, ter sido publicado implica atentar para o destaque conferido ao acontecimento, assim como para o local em que se deu a publicação: é muito diverso o peso do que figura na capa de uma revista semanal ou na principal manchete de um grande matutino e o que fica relegado às páginas internas.⁹³

A escolha em retratar o futebol remete a sua importância no interior da sociedade brasileira, o que, sem dúvida deriva de sua profícua afirmação no território nacional. Sucessos e fracassos de momento anteriores constituem locais de memória nos quais a imprensa escrita busca legitimar suas narrativas. Como nos lembra Soares e Salvador: “a mídia em sociedades letradas como a nossa, tornou-se guardiã da memória. Ela aciona o passado para dar significado aos eventos que veicula no presente”⁹⁴.

⁹² LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p.140.

⁹³ *Id.*

⁹⁴ SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 2.

Para Pollack⁹⁵ (1989), uma das funções primordiais da memória é fornecer as referências necessárias para reafirmação dos sentimentos de pertencimento e manutenção da coesão interna de determinado grupo, demarcando seus aspectos comuns e diferenças em relação aos demais. Esta postura contribui à organização da sociedade ao definir os lugares sociais, complementaridades e oposições entre seus grupos e instituições constituintes. Pollack define o processo de eleição das lembranças, esquecimentos e silêncios constitutivos da memória como um processo de enquadramento, no qual as referências e leituras do passado são trabalhadas para a sustentação das identidades e o controle sobre os conflitos sociais. A imprensa, ao retratar os eventos do presente, utiliza-se desta memória construída e seletiva para justificar o seu discurso, tornando-se, simultaneamente, um dos mecanismos de sua propagação.

Ao observar a Copa do Mundo de 1970 através das páginas de alguns veículos de imprensa, deve-se atentar tanto para o contexto de construção quanto aos mecanismos de memória que integram suas narrativas específicas. Estas são influenciadas não só pelos eventos presentes do universo social (no caso a Ditadura Militar ao final dos anos 1960), inerentes de seu próprio local de produção (configuração interna de cada publicação) como pela memória relacionada à trajetória histórica do futebol no país.

Deste modo os periódicos, resguardados de suas especificidades, compõem fonte de profícua documentação quanto ao cenário investigado e investem-se do papel de agentes ativos do processo histórico⁹⁶. Sob esta perspectiva volta-se à atenção para investigação do futebol a partir de determinada documentação periódica, tendo em vista sua dupla função. De um lado, como um dos principais canais de veiculação das notícias políticas e esportivas junto à população, de outro, como sujeito atuante no espaço político e social, divulgador de ideias e formador de opiniões.

Contudo, ao final dos anos 1960, no Brasil, observava-se grande variedade de publicações. Atentando para a impossibilidade de trabalhar com um número excessivo de edições, inclusive pelo grande fluxo de informações, optou-se por

⁹⁵ POLLACK, M. Memória, esquecimentos, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

⁹⁶ LUCA, T. R. de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006. p. 118.

focalizar alguns veículos de periodicidade semanal. Entre os selecionados, foram escolhidas duas revistas de circulação abrangente oriundas da grande imprensa: *O Cruzeiro* e *Manchete*.

Além dessas publicações, também foi selecionado um periódico lançado em março de 1970, com o foco voltado totalmente ao cenário esportivo, principalmente o futebol: a revista *Placar*. Por último, para buscar uma visão diferenciada que fornecesse um contraponto aos demais periódicos, foi adicionado *O Pasquim*.

Antes de tratar de cada publicação, é necessário retomar brevemente as estruturas dos veículos de comunicação no final dos anos 1960 e início dos 1970. Nesse período estavam em voga as tensões vivenciadas por esses aparelhos diante da realidade política e social vigente.

2.1. Um panorama geral

Os anos que se seguiriam ao golpe de março de 1964 constituíram um marco na história política e social nacional. Além dos mandos e desmandos institucionais, a repressão aos adversários políticos do governo também caracterizou os governos militares entre 1964 e 1985. As práticas de coação não estiveram presentes somente nas ruas, por intermédio da força policial contra opositores subversivos, mas também se fizeram notar entre as variadas instâncias de ação social, especialmente nos meios onde as vozes dissonantes poderiam ecoar no interior do regime: os órgãos de imprensa. Enquanto sob a égide dos militares fosse possível verificar o crescimento dos veículos de comunicação em decorrência dos inegáveis avanços tecnológicos promovidos pelo projeto econômico estatal, foram, também, erigidas barreiras contra uma das características primordiais da comunicação em um regime pretensamente democrático: a liberdade de imprensa⁹⁷.

Contudo, a imposição de restrições à atividade jornalística não foi uma ação constante tampouco plenamente efetiva. Assim como os governos militares não mantiveram sua coesão, tanto no plano institucional quanto de seus componentes internos, o mesmo pode ser observado na postura adotada pelos veículos de imprensa, igualmente multifacetados e complexos. Ao longo do regime destacam-se

⁹⁷ ABREU, A. A. de. **A modernização da imprensa** (1970-2000). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

tanto manifestações de apoio quanto de repúdio à situação política por parte da imprensa – já naquele momento, bastante diversificada.

O próprio movimento golpista que deflagrou a ditadura encontrou respaldo nas posições políticas liberais de significativa parcela dos veículos de jornalismo. Alguns representantes da chamada grande imprensa⁹⁸ manifestavam seu apoio à iniciativa de restabelecimento da ordem, ferida pelos supostos desmandos do então presidente João Goulart, legitimando a intervenção dos militares. *O Estado de São Paulo*, no editorial “Notas e informações”, de 5 de março de 1964, vociferava contra o atual presidente da república e conclamava as forças armadas a intervir.

O próprio clima de tensão gerado pelos provocadores comuno-nacionalistas torna, entretanto, difícil conter os ânimos mais exaltados, sendo numerosos os proprietários que à força, querem responder com força uma vez que nada esperam de um governo que prega o ódio entre classes e difunde o comunismo nas escolas e nos quartéis. [...]

Assim perguntamos, até onde irão as coisas? E até quando permanecerá de braços cruzados o Exército? Não podemos admitir que os seus chefes não tenham consciência dos perigos que nos ameaçam e do sangue que acabará fatalmente correndo em torrentes, se as Forças Armadas continuaram o que aí está com um regime legal. Do Congresso Nacional não é de esperar a solução que no caso seria o *impeachment*. E a conclusão a tirar de tudo isso é que ambas as instituições – Forças Armadas e o Parlamento – se resignaram a colocar acima dos direitos do povo brasileiro o seu temor em assumir a responsabilidade que o momento histórico lhes dita⁹⁹.

A edição extra da revista *O Cruzeiro*, de abril de 1964, também evidenciava a queda de Jango diante do movimento revolucionário. Logo no início, uma das primeiras reportagens do exemplar tratou sobre o discurso de João Goulart aos sargentos, o que foi, sob o olhar da revista, “o início do fim” de sua trajetória na presidência.

Perante mil sargentos das Forças Armadas e Auxiliares, o Sr. João Goulart, em violento discurso, pronunciado na noite de segunda-feira, tornou irreversível sua posição de esquerda e desencadeou, graças a essa definição, feita em termos candentes, a movimentação das forças que o derrubaram. Consideraram os chefes da revolta que transigir com a posição do Sr. João Goulart, seria decretar a morte da democracia. O discurso de Jango, a 3º de março, foi o começo do fim.[...]

O discurso do Sr. João Goulart foi considerado pelos observadores como o mais violento de sua carreira, acusando seus adversários de serem subsidiados pelo estrangeiro e prometendo as devidas ‘represálias do povo’.
[...]

⁹⁸ BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

⁹⁹ Notas e informações. **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 5 mar. 1964. p. 3.

Os chefes militares avaliaram a repercussão de uma reunião como essa, em que a hierarquia cedeu lugar a uma indisciplinada confraternização, e decidiram deflagrar a revolta. O discurso de Jango fora o último pronunciado como presidente.¹⁰⁰

Somente o desdobrar da administração militar, mediante o recrudescimento do aparato repressivo e o cerceamento dos instrumentos de afirmação constitucional, desencadeou a reação de parcela significativa da imprensa. Sob a toada autoritária, os mesmos canais de comunicação que haviam se solidarizado com a perspectiva de reorganização política em 1964 passaram a alvos de rígida vigilância imposta pelo regime. Mais do que meros transmissores de informação, os aparelhos de comunicação configuravam importantes canais de articulação de ideias, opiniões, pensamentos políticos e comportamentos sociais, tanto em manifestações de apóio como de oposição ao regime.

Na sequência do golpe foram organizados mecanismos de controle sobre a circulação de informações. Nesse momento, já se manifestava o cuidado com o armazenamento de dados e a preocupação com as possibilidades de divulgação ao público propiciada pela imprensa. Deste modo, ainda em 1964, é criado o Serviço Nacional de Informações (SNI), com a função de coordenar a rede de captação e difusão de informações^{101 102}. Ainda assim, os primeiros anos de governo militar, sob a tutela de Castelo Branco, apontaram para mecanismos de coação mais brandos.¹⁰³

Para grande parte dos estudiosos do momento, o grande marco da iniciativa censória militar se dá partir do lançamento do Ato Institucional nº 5 (AI-5) em 13 de dezembro de 1968. Porém, alguns autores já localizam a radicalização dos aparatos de controle da informação em outubro, dois meses antes do lançamento do Ato, com

¹⁰⁰ CARNEIRO, G. Fala aos sargentos: o início do fim. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 36, n. extra, p. 6-9, abril de 1964. p 7-8.

¹⁰¹ MAGALHAES, M. D. B. de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Rev. bras. Hist.**, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997. p. 205.

¹⁰² Além deste também foram estruturados os centros de informação do Exército (CIE), da Aeronáutica e da Marinha (CENIMAR). BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 187.

¹⁰³ *Ibid.* p. 190-192.

a instalação de censores na redação do jornal carioca *Tribuna da Imprensa*¹⁰⁴. Ainda assim, como destaca Carlos Fico.

[...] é certo que, a partir de dezembro de 1968, com a edição do AI-5, houve uma intensificação da censura da imprensa, pois o *decretum terribile* permitia praticamente tudo. Desde então, a censura da imprensa sistematizou-se, tornou-se rotineira e passou a obedecer a instruções especificamente emanadas dos altos escalões do poder.¹⁰⁵

De acordo com Maria Aparecida de Aquino, a edição do AI-5 pontuou uma “guinada de posição” para o regime instaurado em 1964¹⁰⁶. Para a autora, o endurecimento das relações políticas proporcionadas pelo ato denunciou as mudanças no interior do comando militar quanto à condução do país. O radical recrudescimento do regime evidencia o desequilíbrio das forças em disputas no interior do espaço militar, representadas respectivamente pela ala da “Sorbonne” e da “Linha Dura”¹⁰⁷, em atrito desde o governo Castelo Branco. A partir do final de 1968 ficava evidente o predomínio da vertente mais radical representada pela “linha dura” no comando político da nação¹⁰⁸.

Não tardaria para que os efeitos do autoritarismo do estado militar recaíssem sobre os veículos de comunicação. Logo após o lançamento do Ato Institucional nº 5 foram apreendidas edições dos jornais *O Estado de São Paulo* e *Tribuna da Tarde*, enquanto o *Jornal do Brasil* foi colocado imediatamente sob o signo da censura prévia.¹⁰⁹

¹⁰⁴ AQUINO, M. A. de. **Censura, imprensa e Estado autoritário** (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 05-207.

¹⁰⁵ FICO, C. “Prezada Censura”: cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002. p. 253.

¹⁰⁶ AQUINO, M. A. de. *Op. cit.* p. 206.

¹⁰⁷ A “Sorbone” enquadrava os militares, em sua maioria, vinculados a Escola Superior de Guerra. Fortemente atuantes durante o golpe em 1964, defendiam uma rápida transição democrática. Contudo, após tensões e divergências internas entre os militares, concluíram que o processo de distensão política deveria ocorrer de forma mais lenta e gradual. Já os militares identificados com a “linha-dura”, caracterizavam-se pela radicalização política com centralização no domínio político social pelo Estado. Inicialmente caracterizados como um “grupo de pressão” no início do regime, ele se institucionaliza a partir do Governo Costa e Silva, em 1967 tomando sob a forma de “comunidade de informação e segurança”.

¹⁰⁸ AQUINO, M. A. de. *Op. cit.* p. 212.

¹⁰⁹ *Ibid.* p. 55; BARBOSA, M. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 191.

Em um primeiro momento, entre 1968 a 1975, a censura assumiu um caráter mais amplo, atuando sobre grande parte dos periódicos, indiscriminadamente. Entre 1968 e 1972 desenrola-se um período inicial no qual o Estado militar busca a estruturação dos aparatos censórios, tanto no viés de sua aplicação profissional quanto de seus procedimentos legais. Durante esta etapa, suas formas de exercício resumiram-se, com algumas exceções¹¹⁰, à intervenção indireta a partir de telefonemas e bilhetes encaminhados às redações¹¹¹. No âmbito de sua execução prática, a incumbência recaiu, a princípio, sobre o exército, sendo posteriormente transmitida a responsabilidade para o Ministério da Justiça e, por último, à Polícia Federal¹¹².

Sob o viés legal, a tentativa de regulamentação da censura prévia se desenvolve com a implementação de adendos ao artigo 153, § 8, da constituição de 1967¹¹³. O texto original assegurava o seguinte.

§ 8º - É livre a manifestação de pensamento, de convicção política ou filosófica e a prestação de informação sem sujeição à censura, salvo quanto a espetáculos de diversões públicas, respondendo cada um, nos termos da lei, pelos abusos que cometer. É assegurado o direito de resposta. A publicação de livros, jornais e periódicos independe de licença da autoridade. Não será, porém, tolerada a propaganda de guerra, de subversão da ordem ou de preconceitos de raça ou de classe.¹¹⁴

Sob essas afirmações não estavam previstas, tampouco devidamente regulamentadas, as sanções sobre os conteúdos passíveis de publicação. As restrições quanto a postura política adotada pelos veículos de imprensa também não são explicitadas. Quando pontuadas, as ressalvas institucionais se assentam sobre fundamentos e argumentos bastante generalizantes, descarregados de especificidade palpável, como a “subversão da ordem” e os “abusos que possa

¹¹⁰ Além dos casos da *Tribuna da Imprensa* e do *Jornal do Brasil*, o semanário alternativo *O Pasquim* também foi alvo da censura prévia ainda no ano de 1970, antes do encerramento desta fase inicial.

¹¹¹ AQUINO, M. A. de. **Censura, imprensa e Estado autoritário** (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 212.

¹¹² BARBOSA, M. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 190.

¹¹³ *Ibid.* p. 190-191.

¹¹⁴ Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Constitui%C3%A7ao67.htm acessado 27/05/2010.

cometer”. Além disso, a prática da censura prévia seria inviabilizada pela própria redação do documento ao afirmar que “A publicação de livros, jornais e periódicos independe de licença da autoridade”. Assim sendo, por mais que a prática da censura estivesse prevista na constituição de 1967, ela não previa a possibilidade da instalação de censores nas redações ao resguardar tanto a liberdade de publicação quanto o direito de resposta.

O decreto 1.077, redigido em 1970 sob o governo Médici, objetivava justamente a reorganização do artigo constitucional, de modo a garantir os mecanismos de intervenção e controle estatais sobre os meios de comunicação em nome da manutenção de valores morais, dos bons costumes, da família e da segurança nacional.

Art. 1º Não serão toleradas as publicações e exteriorizações contrárias à moral e aos bons costumes quaisquer que sejam os meios de comunicação.

Art. 2º Caberá ao Ministério da Justiça, através do Departamento de Polícia Federal verificar, quando julgar necessário, antes da divulgação de livros e periódicos, a existência de matéria infringente da proibição enunciada no artigo anterior.

Parágrafo único. O Ministro da Justiça fixará, por meio de portaria, o modo e a forma da verificação prevista neste artigo.

Art. 3º Verificada a existência de matéria ofensiva à moral e aos bons costumes, o Ministro da Justiça proibirá a divulgação da publicação e determinará a busca e a apreensão de todos os seus exemplares.

Art. 4º As publicações vindas do estrangeiro e destinadas à distribuição ou venda no Brasil também ficarão sujeitas, quando de sua entrada no país, à verificação estabelecida na forma do artigo 2º deste Decreto-lei.

Art. 5º A distribuição, venda ou exposição de livros e periódicos que não hajam sido liberados ou que tenham sido proibidos, após a verificação prevista neste Decreto-lei, sujeita os infratores, independentemente da responsabilidade criminal:

I - A multa no valor igual ao do preço de venda da publicação com o mínimo de NCr\$10,00 (dez cruzeiros novos);

II - À perda de todos os exemplares da publicação, que serão incinerados a sua custa. [sic.]¹¹⁵

Embora não sejam definitivamente explicitados os instrumentos efetivos de ação dos censores, são devidamente institucionalizados os aparatos de controle sobre o fluxo de informações e a liberdade de publicação dos veículos de comunicação em geral. A prática censória indiscriminada também ficou evidente, sobretudo nos artigos 2 e 3 do decreto. Além de garantirem a autonomia de intervenção ao Ministério da Justiça e a Polícia Federal, também lhes asseguram a liberdade para a elaboração de seus mecanismos de ação. Os adendos autorizavam

¹¹⁵ Disponível em <http://www6.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=119651> acessado em 27/05/2010.

absolutamente uso da censura previa ao destacar a responsabilidade de verificar o conteúdo e viabilizar o veto ao material considerado inadequado “antes da divulgação de livros e periódicos”. A possibilidade de intervenção ficava plenamente estabelecida com a cláusula que considerava a “busca e a apreensão” dos exemplares contendo conteúdo julgado proibido ou inapropriado. O documento, avaliado como uma manifestação de ordem “revolucionária” pelo governo, fere os acordos sócias previamente estabelecidos a fim de legitimar a intercessão violenta por parte do Estado.

A segunda fase, localizada entre 1972 e 1975, apontou para o aprofundamento da atuação da censura. Para Aquino, esse recorte abrange o período de maior radicalização, com a instalação da prática prévia nas redações dos órgãos de divulgação resistentes, ou ao menos dissonantes do regime. Durante este momento, os censores foram instalados nas redações de parcela significativa da imprensa, atuando em periódicos como *O Estado de São Paulo*, *Tribuna da Tarde*, *O Jornal Da Tarde*, a revista *Veja* e o semanário *O Pasquim* (este desde 1970), entre outros¹¹⁶.

A partir de 1975, o processo de distensão política promovido pelo General Ernesto Geisel, presidente desde março de 1974, alcança a imprensa escrita. Aos poucos foram desinstalados os agentes presentes nas redações, os bilhetes e as ligações diminuíram progressivamente, a ação da censura tornou-se mais seleta e restritiva¹¹⁷. Parcela significativa dos veículos mantidos sob a censura prévia foram liberados aos poucos. Ainda assim, uma pequena parte dos periódicos foi mantida sobre forte vigilância, caso da *Tribuna da Imprensa*, *Movimento* e *O São Paulo*, só sendo liberados em junho de 1978, evento que delimitou o marco final da ação da censura prévia. Outros veículos oriundos da imprensa alternativa também foram mantidos sob forte vigilância e acabaram por sucumbir a censura, caso dos semanários *Opinião* (1972-1977) e *Extra* (1974-1975).

Contudo, a liberação da censura não representava a liberdade de imprensa. A repressão do governo sobre as vozes dissonantes nos meios de comunicação, não se restringiu somente ao período de vigilância constante e interferências

¹¹⁶ BARBOSA, M. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 194.

¹¹⁷ AQUINO, M. A. de. **Censura, imprensa e Estado autoritário** (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 215.

efetivas nas publicações. Após a dissolução da censura, permanecia incutido o medo quanto à possibilidade da livre expressão. Mesmo sem os bilhetes, telefonemas ou os censores na redação, permanecia a sombra velada, mas sempre palatável, de novas intervenções.

O *Pasquim* nº 300, de março de 1975, o primeiro “sem censura” desde 1970, elucida tal percepção¹¹⁸. No editorial, Millôr Fernandes explicita ao leitor a obscuridade da atuação da censura política, alertando para a iminência de seu retorno.

Agora o *Pasquim* passa a circular sem censura. Mas sem censura não quer dizer com liberdade. Pois a ordem de liberação, como a ordem de repressão, não partiu de nenhuma fonte identificável. Nem da presidência da república, nem do Ministério da Justiça, nem mesmo de um alto escalão da polícia. Veio, como tudo, hoje, da voz menor de um burocrata. De modo que – não nos enganemos! – assim como a ordem veio, pode ser negada amanhã e o jornal apreendido no momento em que você lê este artigo.¹¹⁹

Outro fator necessário a ser considerado foi que censura não se resumiu à ação violenta do Estado. A veiculação de informações nos aparelhos de comunicação sempre esteve, de algum modo, submetida a algum tipo de averiguação e controle. No caso da mídia impressa, isto significa que as matérias e artigos estiveram à margem da aprovação de seus respectivos meios de publicação e os autores comprometidos com o perfil desejado por cada periódico (posições políticas, situação econômica, temáticas privilegiadas, público alvo etc.). Deste modo, formas de censura mantiveram-se presentes no interior das redações, mesmo em momentos políticos menos conturbados. Para Aquino, este tipo de censura poderia ser denominada de empresarial, fruto predominantemente de pressões econômicas inerentes a uma empresa capitalista. Tal postura atendeu tanto aos interesses dos proprietários do periódico quanto de grupos externos dos quais dependia financeiramente, como os anunciantes¹²⁰. Fora do contexto político da ditadura esta forma de censura não pode ser tomada como manifestação de violência quanto à liberdade de imprensa. Embora possa ser compreendida como forma de violência simbólica sobre os jornalistas e autores das matérias, a censura

¹¹⁸ A censura prévia ao *O Pasquim* será melhor explorada no tópico 2.4.

¹¹⁹ FERNANDES, M. Sem censura. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 300, p. 2-3, 1975. p. 3.

¹²⁰ AQUINO, M. A. de. **Censura, imprensa e Estado autoritário** (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 222.

empresarial representa um dos mecanismos de manutenção da coesão interna e do perfil de cada publicação, pois obedece a preceitos internamente definidos e acordados entre os diversos indivíduos e grupos de interesse presentes em cada veículo de comunicação impressa. Deste modo, esta forma de censura serve à manutenção da postura política de cada órgão de divulgação, resguardando-lhe a autonomia social sobre o material a ser publicado.

Entre 1968 e 1978, período em que censura política foi mais incisiva, a autocensura também foi fortemente atuante. Mesmo sem a responsabilização direta do Estado, parcela considerável dos periódicos assumiu essa forma de atuação dentro de suas redações, a fim de evitar atritos com os militares e a implantação de possíveis sanções. A autocensura consistia na aceitação das ordens ou no estabelecimento de acordos sobre o que deveria ou não ser publicado, transferindo a responsabilidade de fiscalização do Estado para a direção do órgão de comunicação. Seriam os próprios chefes das redações os responsáveis de informar e limitar seus repórteres sobre os assuntos que poderiam, ou não, abordar¹²¹.

O final dos anos 1960 e praticamente toda a década de 1970, representam um momento de profícua vigilância aos meios de comunicação. A sombra da censura esteve sempre presente, se não de modo direto, com agentes externos averiguando as matérias de cada edição, dissolvida no interior das redações através das recomendações promovidas pela diretoria de cada periódico.

Porém, nem mesmo a intervenção nas publicações e os cortes nas matérias evitaram que parte da imprensa manifestasse sua resistência aos desmandos do regime. Dentre as estratégias utilizadas pelos periódicos, destaca-se a recusa em alterar matérias censuradas. Muitos optavam pela substituição do texto por receitas, poemas ou simplesmente deixavam o espaço em branco. Essa postura, adotada por periódicos como *O Estado de São Paulo* e *Veja*, revelava o andamento da censura e evidenciava, indiretamente, o veto à publicação. Outros veículos, como o semanário de humor *O Pasquim*, buscavam driblar a vigilância através de textos e imagens com

¹²¹ AQUINO, M. A. de. **Censura, imprensa e Estado autoritário** (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento. Bauru: EDUSC, 1999. p. 222.

interpretações dúbias, subentendendo suas críticas ao olhar dos leitores mais atentos¹²².

A censura política sobre a imprensa consistia em uma forma de violência simbólica aplicada sobre os veículos de comunicação. Ao vetar integral, ou parcialmente as matérias publicadas ou apreender edições já nas bancas, privava-se tanto a liberdade de veiculação dos periódicos quanto o acesso à informação pelo público. As práticas da censura política não objetivavam somente proteção da imagem do regime, evitando a circulação de idéias contrárias. Constituíam, principalmente, formas de controle sobre o universo cultural, na legitimação dos ideais e discursos do Estado Militar no meio social. Embora não seja tão reconhecível quanto às formas físicas de violência, a violência simbólica promovida pela censura política (e pela autocensura ideológica) se mostrava igualmente brutal. Mesmo com as brechas exploradas por parcela da imprensa como forma de denúncia e resistência, sua ação obteve grande amplitude, e contribuiu, talvez de modo mais incisivo à manutenção de uma pretensa ordem que se buscava construir.

2.2. *O Cruzeiro e Manchete*: informação, entretenimento e fotojornalismo

Embora a pesquisa relacionada ao futebol apresente um vasto grupo documental passível de investigação, o presente trabalho optou por privilegiar, como principais fontes, algumas publicações de periodicidade semanal, dentre elas as revistas *O Cruzeiro* e *Manchete*.

Ainda que a principal forma de informação e comunicação com as massas consistisse em grande parte nas transmissões radiofônicas, agora, em conjunto com sua mais nova concorrente, já em franca ascensão, a televisão, outros veículos também encontravam adeptos, sobretudo a imprensa. Mesmo esta, entretanto, não se constituía de forma uniforme, tanto no que tange à frequência de seus exemplares (diária, mensal, semanal etc.) quanto à forma de apresentação de seu conteúdo. Isto sem mencionar as particularidades de cada publicação, variando em sua linha editorial, temáticas privilegiadas, linguagem empregada, público alvo,

¹²² BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991; QUEIROZ, A. C. de B. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004. p. 243.

dentre outros fatores. Assim, mesmo já tendo delimitado um primeiro recorte em torno da documentação, atentando para elementos da comunicação impressa, esta ainda compõe um campo vasto e carece de uma especificidade um pouco mais apurada. Neste sentido, a investigação das revistas *Manchete* e *O Cruzeiro* surgiram como opções interessantes.

As duas publicações despertaram especial interesse, tanto pela forma de composição das matérias, quanto no tratamento de um recurso ainda pouco explorado pela imprensa nacional de maneira geral: as imagens. Mais até mesmo, do que o próprio texto, as imagens garantiam a atenção do público, além de tornar o seu conteúdo mais evidente e acessível.

A imagem fotográfica é uma forma particular de comunicação: imagens e textos se complementavam. Ao flagrar acontecimentos, selecionar momentos singulares e registrar o cotidiano, ela provoca de imediato algum tipo de emoção no leitor, podendo ser captada como realidade. A imagem fotográfica encurtava os caminhos de leitura e facilitava a apreensão de informações [...] ¹²³

Em um primeiro olhar, o emprego do discurso de “apropriação estética” da imagem fotográfica parece transmitir certa verossimilhança à informação. Aumenta a credibilidade do tema abordado e afirma a confiabilidade do veículo de comunicação, já que, para além do conteúdo textual, a fotografia vinculada trazia o assunto aos olhos do leitor ¹²⁴. O apelo denotado pela imagem, neste sentido, deixa de lado o caráter meramente ilustrativo, de modo que.

Folheando um exemplar da *Manchete*, mesmo os analfabetos teriam sido capazes de apreender informações sobre o Sputnik, a criação da Petrobras, a bomba atômica, a vitória no tênis de Maria Esther Bueno, a morte de Getúlio Vargas, etc. Poderiam ainda conferir o luxo de fantasias do carnaval do Rio de Janeiro e deliciar-se com fotos de Sacha Distel e Brigitte Bardot. ¹²⁵

Ou, ao final de 1969, visualizar à posse do presidente Médici, contemplar a expectativa pelos mil gols de Pelé e os festejos posteriores. Em 1970, os leitores, ainda, puderam acompanhar o processo de preparação da seleção Brasileira,

¹²³ ANDRADE, A. M. R. de; CARDOSO, J. L. R. Aconteceu, virou Manchete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 243-264. 2001. p. 253.

¹²⁴ *Id.*

¹²⁵ *Id.*

observar a conturbada passagem do comando técnico de João Saldanha para Zagalo, celebrar a vitória da seleção no México e assistir a recepção oficial aos tricampeões pelo “torcedor número um da nação”, o presidente, em Brasília.

Porém, não só o aspecto imagético norteou a delimitação das duas revistas como fonte documental privilegiada. Dentre os pontos principais que permearam tal escolha, destacam-se basicamente dois fatores muito simples: a grande área de circulação das edições que abrangiam quase a totalidade do território nacional, e a diversidade do conteúdo enquanto revistas semanais de entretenimento e variedades. Tais fatores contribuíram para que as publicações dispusessem de um impacto social significativo, de forma a atingir um público variado, elemento que reforça o apelo e amplitude alcançada pelo discurso que apresentavam.

Embora não consistissem nas únicas do gênero em circulação no período (com concorrência, por exemplo, da novata *Veja*) *O Cruzeiro* e *Manchete* permaneceram como duas das principais publicações, inclusive mantendo-se em constante disputa pela liderança do mercado. Considerando a imprensa, de maneira em geral, como um dos principais meios de controle e transmissão de informação, além de serem grandes formadores de opinião, a maior abrangência alcançada pelos dois veículos denotava o amplo impacto de suas reportagens sobre a população, bem como da visão que procuravam transmitir ao retratar os mais variados assuntos (podendo refletir os interesses de determinados grupos sociais, ou mesmo servindo como “porta voz” destes)¹²⁶. Sob estes aspectos, as duas publicações surgem como fontes de interesse singular a presente pesquisa.

O status alcançado pelas duas revistas, ao final da década de 1960 e no início de 1970, reflete, porém, uma trajetória mais longa, que remonta ao surgimento em 1928, da *O Cruzeiro*, e em 1952, da *Manchete*.

2.2.1. O Cruzeiro

O Cruzeiro foi uma das primeiras publicações do gênero a preocupar-se em manter uma circulação nacional. A ideia inicial teria partido do jornalista português Carlos Malheiro Dias. Sem recursos para dar continuidade ao empreendimento, cedeu o controle do projeto a Assis Chateaubriand, encantado com a perspectiva de

¹²⁶ ANDRADE, A. M. R. de; CARDOSO, J. L. R. Aconteceu, virou Manchete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p. 243-264. 2001. p. 247.

uma revista ilustrada de circulação nacional. O lançamento do primeiro número ocorreu em 10 de novembro de 1928, com a impressionante tiragem, para a época, de 50.000 exemplares¹²⁷. O editorial do lançamento proclamava um perfil moderno e inovador reivindicado pelas publicações de responsabilidade dos “Diários Associados”, grupo de comunicação de propriedade de Chateaubriand, que além da *O Cruzeiro*, contava com os jornais *Diário da Noite* e *O Jornal*.

Depomos nas mãos do leitor a mais moderna revista brasileira. Nossas mais velhas nasceram por entre as demolições do Rio Colonial, através dos escombros a civilização traçou a reta da Avenida Rio Branco: uma reta entre o passado e o futuro. O CRUZEIRO encontrará ao nascer o arranha-céu, a radiotelephonia e o correio aéreo. O esboço de um mundo novo no novo mundo [...]. A revista é um compêndio da vida [...] revela a sua expressão educativa e estética, por isso a imagem é um elemento preponderante. Uma revista deve ser como o espelho leal aonde se reflete a vida, seus aspectos edificantes atraentes e instrutivos.¹²⁸

Esse trecho denota um caráter modernizante à revista como contraponto as suas “velhas” rivais, além de evidenciar a função da imagem enquanto “um elemento preponderante” à formação educativa e estética da qual procurava se encarregar. Também remete à utilização da imagem como reflexo da realidade, um dos principais instrumentos da revista em sua função autodesignada de “espelho leal aonde se reflete a vida, seus aspectos edificantes, atraentes e instrutivos”. Tais colocações ressaltam a concepção de imprensa demonstrada pela revista, a qual se proclamava encarregada da nobre missão de depurar os fatos e apontar a verdade, para que o leitor pudesse ser educado corretamente.¹²⁹

Essa postura tem como premissa básica a idéia de que o que está escrito é a própria verdade. Tal concordância seria reforçada pela utilização maciça de imagens. Isso porque a imagem, diferentemente do texto escrito, chega de forma mais direta e objetiva a compreensão. Com menos espaços para dúvidas, pois o observador confia tanto nas imagens técnicas quanto em seus próprios olhos.¹³⁰

¹²⁷ MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jul. 2005. p. 154.

¹²⁸ *Id.*

¹²⁹ *Id.*

¹³⁰ *Ibid.* p. 155.

Apesar do discurso proposto em seus primeiros anos, não se distinguiu muito das outras publicações do gênero, sobretudo de suas colegas cariocas, como *Careta* e *Revista da Semana*. Ainda assim, já apresentava uma área de atuação mais ampla, pois além de enviados espalhados pelo território nacional mantinha contato com agências de notícias estrangeiras e buscava, em suas edições, uma sintonia mais aprofundada com os eventos e acontecimentos internacionais. Exemplar, neste sentido, é a seção “Pelas cinco partes do mundo”, uma das exclusividades da publicação no período. Contudo, as transformações mais inovadoras surgiram, sobretudo, a partir da década de 1940, quando a revista rompeu mais explicitamente com a influência das escolas europeias na imprensa nacional e se aproximou ainda mais das tendências e estilos norte-americanos. Tal aproximação resultou, principalmente, na introdução de um formato diferenciado de reportagem, que mesclava tanto a imagem fotográfica quanto o texto escrito: o fotojornalismo.

A nova linguagem empregada valia-se de uma estrutura didática, elaborada a partir da correlação estrita entre o texto escrito e o imagético, a qual era rigidamente controlada pela equipe editorial. Deste modo, imagem e texto se complementavam na constituição da matéria facilitando tanto sua apresentação e apreensão pelo leitor, quanto diversificavam e inovavam a concepção estética da revista. Tornaram-na mais chamativa e atraente a uma maior parcela da população, como coloca Ana Maria Mauad.

O fato é literalmente construído, dessa forma as fotografias deixavam de ser apenas dispostas nas páginas das revistas para serem, com diferente tamanhos e forma, deliberadamente arranjadas rompendo com o esquema ilustrativo tradicional.¹³¹

Afora as mudanças de ordem editorial, outro ponto crucial ao desenvolvimento da revista deu-se em função do emprego de uma tecnologia mais elaborada na sua impressão, de forma que apenas três anos após a sua estreia, já contavam com algumas imagens coloridas. Inicialmente investiram apenas em ilustrações e caricaturas, mas em seguida implementaram melhorias na qualidade das fotografias, as quais, embora bem mais tardiamente, também passaram a

¹³¹ MAUAD, A. M. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jul. 2005. p. 155.

ganhar coloração. Tais aprimoramentos técnicos indicavam a preponderância que a publicação dava ao conteúdo imagético.

A associação entre imagem e texto consolidou um modelo de jornalismo que marcou a trajetória da publicação na imprensa nacional: a grande reportagem. A fórmula, normalmente fundamentada na colaboração de duplas de repórter e fotógrafo, alavancou as vendas do periódico, consolidando o período de maior sucesso da publicação entre o final da década de 1940 e no decorrer da década de 1950¹³². De acordo com o jornalista Glauco Carneiro, repórter da publicação nos anos 1960 e 1970, durante seu apogeu, *O Cruzeiro* chegaria a impressionantes 720 mil exemplares¹³³. Já Accioly Neto, considerado como um dos responsáveis pelo sucesso da publicação durante o período, também discorreria sobre o momento de maior circularidade da revista.

Quando *O Cruzeiro* atingiu sua fase de maior sucesso, era uma revista essencialmente eclética, destinada a ser lida por um público diversificado, de todas as classes sociais, incluindo homens e mulheres. Num país com milhões de analfabetos, o apogeu da revista foi o que se chamou de 'milagre editorial': com tiragem de cerca de 850 mil exemplares circulando em território nacional, calculava-se – imaginando que cada exemplar seria lido por cinco pessoas – que *O Cruzeiro* passaria pelas mãos de nada menos que quatro milhões de leitores, espalhados por oito milhões de quilômetros quadrados. Estes números são ainda mais impressionantes se pensarmos que nos anos 50, apogeu da revista, a população do Brasil mal passava dos 50 milhões de habitantes.¹³⁴

Embora os dados sejam divergentes, ambos enfatizaram *O Cruzeiro* como a publicação do gênero de maior circulação na trajetória da imprensa nacional, tendo como base a relação população / público leitor.¹³⁵

As transformações tanto da linha editorial adotada, quanto da qualidade material, delimitaram um novo parâmetro no mercado nacional. Forçaram a adaptação de concorrentes mais antigas e influenciaram a organização das revistas mais novas, como é o caso de sua principal concorrente na década de 1970, a também carioca *Manchete*.

¹³² ACCIOLY NETTO, A. **O império de papel** – os bastidores de *O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998; CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

¹³³ *Ibid.* p. 334.

¹³⁴ ACCIOLY NETTO, A. *Op. cit.* p. 123.

¹³⁵ CARNEIRO, G. *Op. cit.* p. 334.

O discurso nacionalista e modernizante acompanhou a *O Cruzeiro* desde sua fundação e manteve-se presente ao longo de toda sua trajetória. Cabe lembrar que a publicação, sobretudo na figura de Chateaubriand, manteve relação estreita com o cenário político do país. O próprio lançamento da revista contou com a interlocução deste com Getúlio Vargas, então ministro da fazenda, na negociação de um empréstimo com um banqueiro gaúcho para o financiamento do projeto¹³⁶. Durante a extensiva permanência de Getúlio na presidência, intercalaria momentos de forte apoio, sobretudo durante o período do Estado Novo, e desconfortável oposição ao governo¹³⁷.

Ao longo da gestão de Juscelino Kubitschek, *O Cruzeiro* também oscilou entre posturas de suporte e embate aos projetos de governo. Durante a campanha, o semanário depositaria seu apoio a candidatura de JK. Entre 1955 e 1957 Assis Chateaubriand ocuparia uma cadeira no senado, quando deixou o cargo para assumir a função de embaixador no Reino Unido¹³⁸. Mesmo integrando o governo, Chateaubriand discordou de um dos principais desdobramentos do plano de Metas projetado por JK: a construção de Brasília. A revista *O Cruzeiro* adotou uma postura hostil à nova capital federal.

Também durante o governo Kubitschek foi lançada a edição internacional, em espanhol, de *O Cruzeiro*, considerada como um dos fatores principais no desmantelamento dos Diários Associados. Nas leituras de Glauco Carneiro e Accioli Neto, a concepção de uma revista internacional nos padrões de *O Cruzeiro*, com um discurso que exaltava a modernidade e o desenvolvimento do país, estava de acordo com as pretensões do atual presidente. Nesse sentido, a revista contribuiu com a divulgação das iniciativas estatais, com a produção de grandes matérias ao retratar os avanços na indústria automobilística, na produção petrolífera, siderúrgica ou mesmo na agricultura. De acordo com Accioli, um dos responsáveis pela efetivação do projeto, o atual Chefe de Estado, inclusive, concordou em contribuir

¹³⁶ CARVALHO, M. T. N. de. **Olhares sobre o ano de 1968 nas lentes das revistas O Cruzeiro e Flama: uma abordagem da análise do discurso**. 256 f. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 88.

¹³⁷ *Ibid.* p. 89.

¹³⁸ CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 390.

com a empreitada e patrocinar algumas das reportagens veiculadas pela nova revista.

Juscelino, sempre muito simpático [...] prometeu solenemente e sem qualquer hesitação nos ajudar. Ficou acertado que ele liberaria verbas para a realização, em cada número da revista, de uma grande reportagem, de no mínimo oito páginas¹³⁹.

Para sustentar um lançamento deste porte também era necessário angariar verbas de publicidade de produtos de vendagem internacional, contudo os contratos comerciais pretendidos acabaram não se concretizando. O mesmo ocorreu com o suporte para as reportagens previamente acordadas com o presidente. De acordo com a narrativa produzida pelo ex-integrante da revista.

Em segundo lugar o governo brasileiro roeu a corda: Juscelino Kubitschek não cumpriu sua palavra, solenemente empenhada para nós diante das frondosas árvores do Palácio do Catete. O governo não financiou sequer uma matéria sobre as maravilhas da indústria e do comércio do Brasil. Afirmam-se que houve pressões de outras organizações jornalísticas, que ofereceram gratuitamente suas páginas para tais matérias de propaganda.¹⁴⁰

A organização jornalista, em questão, seriam as Empresas Bloch, e as páginas cedidas foram justamente as de *Manchete*. A aproximação da publicação de Adolpho Bloch com os projetos do governo coincidiu com o período de grande prosperidade da revista. Paralelamente, *O Cruzeiro* internacional revelou-se uma produção extremamente custosa e acarretou em acúmulo de despesas. Durante anos, a manutenção da edição em espanhol ocasionou subsequentes prejuízos, tanto econômicos quanto qualitativos à edição nacional, que não conseguiu competir tecnicamente com as inovações gráficas de suas principais concorrentes e perdeu parte de seus profissionais.

Deste modo, durante a década de 1960, *O Cruzeiro* já denotava sinais de enfraquecimento e fragilidade no mercado, sobretudo a partir de 1968, ano do

¹³⁹ ACCIOLY NETTO, A. **O império de papel** – os bastidores de *O Cruzeiro*. Porto Alegre: Sulina, 1998. p. 161.

¹⁴⁰ *Ibid.* p. 162.

falecimento de Assis Chateaubriand¹⁴¹. Para Glauco Carneiro, o colapso da publicação pode ser resumido em três fatores preponderantes, agravados progressivamente: o fracasso editorial da edição internacional, o que refletiu na sustentação da revista nacional; a melhoria gráfica de suas concorrentes, sobretudo a *Manchete*, e a falta de investimentos para enfrentá-las; divergências internas que ocasionaram a perda de profissionais qualificados, não substituídos adequadamente, contribuíram para o decréscimo da qualidade objetivada pela publicação¹⁴².

Diante deste quadro conturbado e da falência dos Diários associados, na primeira metade da década de 1970, a revista passou a enfrentar dificuldades na distribuição. Nos últimos anos deixou de cumprir sua periodicidade semanal para tornar suas edições cada vez mais esparsas. As dificuldades seguiram até julho de 1975, quando chegou às bancas a última edição, prometendo a renovação do periódico.

Durante o período que englobou a ditadura militar, a revista manteve o discurso favorável ao regime. No decorrer da conjuntura que contempla o Golpe de 1964, os artigos que enfocavam o cenário político manifestaram o desapareço da publicação ao governo Goulart. A reportagem “Cresce a tensão, mas golpe só por acidente”, na seção de política nacional da *O Cruzeiro* de 7 de março de 1964, evidenciava a posição adotada pela revista.

Certa ou erradamente, a Oposição reforça suas linhas de combate e ganha em combatividade partindo da convicção de que, se assim não agir, estará entregando sem luta o poder e o regime ao Sr. João Goulart. Esse dado, bem como o que representa a nova tomada de posição do Presidente da República, recorrendo à ação direta sobre as massas, indicam um crescente agravamento da tensão política nos próximos meses. De um lado e outro do campo de batalha, persiste a impressão de que nenhum dos dois agrupamentos, formados em posição de combate, dispõe todavia dos elementos hábeis para tomar a ofensiva. O desfecho golpista, em favor de um lado ou de outro, não poderá, em consequência, ocorrer

¹⁴¹ CARVALHO, M. T. N. de. **Olhares sobre o ano de 1968 nas lentes das revistas O Cruzeiro e Flama**: uma abordagem da análise do discurso. 256 f. Tese (Doutorado em linguística) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008. p. 191.

¹⁴² ACCIOLY NETTO, A. **O império de papel** – os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Sulina, 1998; CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

senão por acidente, por pane no instável equilíbrio que mantém a política do País numa guerra fria que se prolonga já por dois anos e meio.¹⁴³

Apesar de refutar, a princípio, a iniciativa golpista, com a efetivação do golpe civil-militar, a revista demonstraria seu entusiasmo com a autoproclamada “revolução” na defesa dos valores democráticos e no combate a suposta ameaça comunista. Conforme já observado, *O Cruzeiro* lançou no início de abril uma edição extra, ou, como estampava na capa da própria publicação, uma “edição histórica da revolução”. Nas páginas finais retratava nova “Marcha da Família com Deus pela Liberdade”, em comemoração à vitória alcançada. Segundo a publicação, cerca de um milhão de pessoas foram às ruas no Rio de Janeiro. Junto à multidão desfilavam personagens políticos, militares e religiosos, como o Marechal Magessi (presidente do Clube Militar), Carlos Lacerda (governador da Guanabara), Monsenhor Francisco Bessa (secretário e representante do Cardeal na câmara) e o gal. Olympio Mourão, que deflagrou o movimento em Minas Gerais. O início da reportagem refletia um discurso impactante, eufórico com a vitória, mas que não poderia, sobremaneira, prever os rumos da festejada “revolução”.

Nunca houve manifestação igual. Nunca houve determinação igual. Jamais se viu tanta gente nas ruas do Rio, de todas as profissões, de todos os credos religiosos, de todas as categorias sociais, irmanada no mesmo propósito; defender a família, os princípios cristãos do nosso povo, a liberdade do Brasil. Liberdade que havia sido conquistada algumas horas antes por uma revolução democrática e popular. Um milhão de pessoas comemorou, então a vitória da causa brasileira.¹⁴⁴

Segundo Carneiro, os Diários Associados, entre eles *O Cruzeiro*¹⁴⁵, empreenderam dura resistência ao governo de João Goulart e a influência política de Leonel Brizola. O advento do “movimento de 1964” foi recebido com apoio irrestrito da organização de comunicação. Os Diários Associados até promoveram a campanha do “Ouro para o Bem do Brasil”, incentivando a população a doar joias

¹⁴³ Cresce a tensão mas golpe só por acidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 36, n. 22, p. 116-117, mar. 1964. p. 117.

¹⁴⁴ BELEM, José. Um milhão marcha com Deus na vitória. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 36, n. extra, p. 58-62, abr. 1964. p. 59.

¹⁴⁵ CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 432, 438.

com o objetivo de ajudar o governo militar a angariar recursos para pagar a dívida externa do país¹⁴⁶.

Contudo, o apoio ao regime instaurado em 1964, mudou sensivelmente após algumas desavenças com a administração de Castelo Branco quanto à ingerência do capital estrangeiro na imprensa brasileira. Além de manifestar a oposição ao governo quanto a questão, os Diários Associados perderiam espaço e recursos para outros órgãos de comunicação nacional¹⁴⁷, o que contribuiu com o processo de enfraquecimento do grupo organizado por Chateaubriand. Os Associados retomariam a adesão ao regime apoiando a escolha do Marechal Arthur da Costa e Silva para assumir a presidência.

Durante o período investigado neste trabalho *O Cruzeiro* manteve o discurso, se não favorável, ao menos não combativo ao regime militar. A postura condescendente com os rumos políticos do país podia ser observada no inesperado processo de transição do governo do marechal Costa e Silva para o seu companheiro de armas Garrastazu Médici¹⁴⁸.

A postura política de *O Cruzeiro* diante da posse do novo presidente foi elucidada na edição de 27 de novembro de 1969. Citando parte do discurso proferido por Médici durante a cerimônia de posse, a revista estampou uma página inteira demonstrando o seu apoio à perspectiva desenvolvimentista e de integração nacional entre o “homem do campo e da cidade”:

¹⁴⁶ CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999. p. 328.

¹⁴⁷ De acordo com Carneiro, as empresas Globo seriam, particularmente, favorecidas com a parceria firmada com o grupo norte americano *Time-Life Internacional*, com o apoio, ou ao menos, omissão da gestão de Castelo Branco. CARNEIRO, G. *Op. cit.* p. 433-442.

¹⁴⁸ O atual presidente foi afastado em junho, após ser acometido por um grave ataque cardíaco. Em vez do vice-presidente Pedro Aleixo, civil, uma junta militar formada por representantes das três armas assumiria o comando político do país até a solução do impasse ALVES, M. H. M. **Estado e oposição no Brasil** (1964-84). Bauru: Edusc, 2005. p.175.

METADE DOS BRASILEIROS (os da cidade)
**GOSTOU MUITO DO DISCURSO DE POSSE
DO NÔVO PRESIDENTE DA REPÚBLICA**

A OUTRA METADE (os do campo)
GOSTOU MUITO MAIS!

ASSIM SE EXPRESSOU O CHEFE DA NAÇÃO:

«Homem do campo, creio no homem e no campo. E creio em que o dever desta hora é a integração do homem do interior ao processo de desenvolvimento nacional. E, porque assim o creio, é que tudo darei de mim para fazer a revolução no campo, revolução na agricultura, no abastecimento, na alimentação. E sinto que isso não se faz sômente dando terra a quem não tem, e quer, e pode ter. Mas se faz, levando ao campo a escola, ali plantando assistência médica e a previdência rural, mecanização, o crédito e a semente, o fertilizante e o corretivo, a pesquisa genética e a perspectiva de comercialização. E tenho a diversificação e o aumento da produção agrícola, a ampliação das áreas cultivadas e a elevação da renda rural como essenciais à expansão de nosso mercado interno, sem o qual jamais chegaremos a ter uma poupança nossa, que nos torne menos dependentes e acione, com o nosso esforço, aliada à ajuda externa, um grande projeto nacional de desenvolvimento.»

PARABÉNS, PRESIDENTE

Nós também gostamos. Tudo faremos para integrar o homem do interior no processo de desenvolvimento nacional.

O CRUZEIRO A REVISTA DE TODOS OS PÚBLICOS

FIGURA 1 – “Parabéns, Presidente”

FONTE: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 48, p.19, nov. 1969.

Apesar das dificuldades administrativas e financeiras dos Associados, durante o ano de 1970 a revista ainda se manteve como uma das principais publicações do segmento de variedades no mercado editorial. Mesmo com a

qualidade gráfica defasada em relação a sua principal rival (*Manchete*), sustentou a concorrência. Durante o período investigado, *O Cruzeiro* contava com a seguinte composição editorial: Amélia Whitaker Godim de Oliveira, Presidente; Theophilo de Andrade, Vice Presidente; Leão Godim de Oliveira, Diretor-Gerente e Editor-Geral; Austregésilo de Athayde, Diretor-Secretário; Rubens Furtado Superintendente; David Nasser, Diretor e Redator Principal; M. Gomes Maranhão, Diretor-Editor; Lincon Nery e Glauco Carneiro, Assistentes de Direção; Carlos Rangel, Chefe de Redação; Tobias Granja, Chefe de Reportagem; Gualter Mathias Neto, Chefe do departamento de Texto; Waldyr Braga, Chefe do Departamento do Departamento fotográfico; Joaquim José Freire Lagreca, Diretor Comercial; e Hélio Lo Bianco, Diretor de Publicidade.

Alguns dos integrantes da estrutura editorial, compunham a revista desde a década de 1940 e mantiveram o vínculo da publicação com a memória de Assis Chateaubriand. Caso de Leão Godim de Oliveira e Austregésilo de Athayde, integrante dos Associados desde sua fundação. Do mesmo modo, a equipe de reportagem contava com muitos profissionais de destaque, alguns dos quais tributários do período de maior sucesso de publicação. Entre esses podem ser destacados Elias Nasser, Ubiratan de Lemos, Jorge Audi, Indalécio Wanderlei, Mario de Moraes, entre outros.

Embora carente de melhorias técnicas, a revista manteve o foco nas grandes reportagens, sempre acompanhadas de muitas ilustrações. Segundo Carneiro, os repórteres eram incentivados a manter um estilo próprio, demarcando a personalidade na redação dos artigos¹⁴⁹. Mesmo objetivando a narrativa jornalística e informativa, a composição e as narrativas impressas nos artigos indicavam o envolvimento, muitas vezes emocional, dos repórteres com a temática abordada.

Além dos artigos e reportagens, a publicação também manteve seções fixas bastante diversificadas: Política; Economia; Atualidades; Gente; o quadro de entrevistas “Jogo Aberto”, cada edição com um convidado de destaque na vida pública nacional do momento; as colunas de Theophilo de Andrade e Austregésilo de Athayde.

No espaço reservado ao cenário político nacional, discorria sobre as resoluções tomadas pelo governo, as atividades realizadas pelas principias

¹⁴⁹ CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

autoridades durante a semana e as posições assumidas por representantes partidários da situação e oposição. Nos meses que circundaram a Copa do Mundo, uma das temáticas recorrentes no espaço direcionava-se ao processo de seleção dos governos estaduais por parte do general Médici. Em uma subdivisão da seção, traria logo na sequência a coluna intitulada “Em Confiança”. Nesta, a revista veiculava comentários em notas curtas e enfocava, com um tom de curiosidade e intimidade, a movimentação nos bastidores políticos.

Embora o esporte não detivesse um lugar reservado em cada edição, ocupou assiduamente as páginas da publicação, tanto em reportagens quanto na integração dos temas das colunas e entrevistas. Neste sentido, o futebol, devido ao papel destacado que ocupava na sociedade nacional, recebeu atenção especial. O *Cruzeiro* promoveu uma ampla cobertura, sobretudo quanto à seleção nacional. Personagens ligados ao esporte, técnicos, dirigentes e jogadores, também foram motivo de reportagens específicas. Durante os anos de 1969 e 1970, Pelé foi um dos personagens mais assíduos nas páginas da publicação. Tostão, Gérson e Rivelino também receberam destaque. Entre os técnicos, João Saldanha e Zagalo, como comandantes da seleção nacional, foram alvos de diversas entrevistas e reportagens.

Neste mesmo período, a proximidade da Copa do Mundo, centralizou o foco de grande parte dos artigos esportivos, desde a formação da equipe que disputou as eliminatórias, até as celebrações pela conquista do tricampeonato. A cobertura da seleção nacional ficou a cargo da dupla Geraldo Romualdo e Fernando Seixas. Além de acompanharem todo o processo de preparação da equipe desde a disputa da vaga em 1969, seriam os enviados especiais da revista para seguir o mundial no México. Durante a competição, diante do grande apelo do evento junto à população, outros jornalistas da equipe também produziram artigos, principalmente sobre a repercussão das partidas no Brasil.

2.2.2. Manchete

O empresário de origem ucraniana, Adolpho Bloch, que havia chegado com a família em 1922 fugindo da revolução socialista e se naturalizado brasileiro, apresentou, no início dos anos 1950, a seus amigos intelectuais Henrique Pongetti,

Raimundo Magalhães Júnior, e a seu primo, o médico foniatra Pedro Bloch, o projeto de criação de uma revista de circulação nacional. Apostou que ainda havia espaço no mercado e que poderia concorrer com a principal publicação do momento, a já consagrada *O Cruzeiro*. Com experiência nas tipografias da família, ainda em Kiev, e depois no Rio de Janeiro, embasava-se na possibilidade de introduzir nova formatação editorial, juntamente com o aprimoramento técnico de seus equipamentos, para imprimir uma qualidade gráfica à sua publicação que permitisse concorrer e, eventualmente, suplantar a adversária¹⁵⁰.

O modelo visualizado por Bloch para sua publicação foi a ilustrada estrangeira *Paris-Match*, um dos periódicos de maior sucesso na Europa. O próprio nome e logotipo da nova revista de variedades nacional teriam sido inspirados na colega francesa¹⁵¹. A revista *Match* também serviria como referência para a linha editorial, com a ênfase na fotoreportagem. O discurso fotojornalístico, de acordo com a exigência lançada pela *O Cruzeiro*, foi apropriado por *Manchete*, com um estilo singular, que procurou inovar na relação entre o texto escrito e o imagético. A imagem, em particular a fotografia, recebeu destaque singular, normalmente acompanhada de pequenos textos jornalísticos. Este padrão de publicação se tornou a base de *Manchete* durante muitos anos.

As fotografias ocupavam em média 70% das páginas nas fotorreportagens, mas chegavam a ocupar páginas inteiras. Os textos e legendas preenchiam as lacunas entre títulos e subtítulos, fotografias, gráficos, desenhos e quadros que eram inseridos para facilitar a compreensão dos leitores. No estilo literário da época e com um português primoroso, a linguagem dos textos era quase poética e se inspirava na fotografia principal da matéria.¹⁵²

Desta maneira, com um investimento inicial pequeno, *Manchete* começa a circular em abril de 1952, apenas um ano após Adolpho Bloch lançar mão de seu projeto.

Naquele momento as rotativas teriam a capacidade estimada para imprimir 200 mil exemplares semanais, número inferior, mas suficiente para concorrer com a

¹⁵⁰ ANDRADE, A. R. de; CARDOSO, J. L. R. Aconteceu, virou Manchete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p.243-264. 2001.

¹⁵¹ BLOCH, A. **Os irmãos Karamabloch**: ascensão e queda de um império familiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p.164; GONÇALVES, J. E. MUGLIATI, R. A janela do Russel. In: GONÇALVES, J. E.; BARROS, J. A. (Org.). **Aconteceu na Manchete**: as histórias que ninguém contou. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008. p. 22.

¹⁵² ANDRADE, A. R. de; CARDOSO, J. L. R. *Op. cit.* p. 252.

rival e ainda manter o mesmo preço de venda¹⁵³ (*O Cruzeiro* já possuía na década de quarenta tiragens superiores a 120.000 exemplares, mas a média desta cifra praticamente dobrou nas décadas seguintes)¹⁵⁴.

Apesar das dificuldades iniciais, a lucratividade da empresa logo se mostrou surpreendente. Alguns anos após sua estreia, *Manchete* já ocupava um prédio próprio no Bairro da Lapa, próximo ao centro da cidade do Rio de Janeiro, região na qual estavam instalados diversos veículos de imprensa, entre os quais a própria *O Cruzeiro*. Também foram adquiridas novas máquinas que aumentaram a capacidade de impressão para o excludente número de 800 mil exemplares semanais. No mesmo período, a Editora Bloch adquiriu um terreno no subúrbio da cidade, onde instalou o parque gráfico da empresa. Apesar da grande capacidade de seu maquinário, *Manchete* seguiu uma estratégia diferente, sem alardear as tiragens, tal como fazia a sua concorrente, que estampava nas primeiras páginas da revista o número de exemplares impressos. Assim, só através de estimativas quanto à capacidade de impressão das máquinas das Empresas Bloch era possível calcular quantos exemplares eram publicados de seu principal veículo de comunicação.

Simultaneamente ao investimento em novas instalações e equipamentos, ocorreu a reformulação na política editorial em meados da década de 1950. A transformação foi ampla, influenciou todos os setores da publicação, modificou a paginação e atualizou o texto. O objetivo era tornar o conteúdo mais acessível e prático ao público, para proporcionar uma leitura mais fácil e dinâmica e, ao mesmo tempo, adaptar-se às exigências do mercado para se tornar mais abrangente.

Após as reformulações, *Manchete* passou a figurar como a principal concorrente da *O Cruzeiro*. A revista aprimorou a qualidade gráfica e organizou uma equipe de redação competente para poder competir com a rival. Ao final dos anos 1950, obteve reforço significativo em seu quadro, ao integrar uma série de profissionais que haviam deixado a concorrente após sucessivos desentendimentos com Chateaubriand¹⁵⁵. As modificações introduzidas pela nova formatação editorial

¹⁵³ ANDRADE, A. R. de; CARDOSO, J. L. R. Aconteceu, virou Manchete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p.243-264. 2001. p. 250.

¹⁵⁴ CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

¹⁵⁵ *Ibid.* p. 251

buscavam tornar a revista visualmente mais atrativa, colorida e fácil de ler, condições fundamentais no segmento para atrair novos leitores.

A interlocução com o cenário político nacional constituiu um dos fatores fundamentais para o desenvolvimento da publicação. Sobretudo durante o governo de Juscelino Kubitschek. Embora a revista não se caracterizasse pela cobertura política, não deixaria de reproduzir diversas reportagens elogiando o desenvolvimento nacional, como, por exemplo, a construção de Brasília que ocupou espaço significativo em suas páginas e fomentou as vendas da publicação¹⁵⁶.

As posturas políticas das duas revistas também pendiam para vertentes um tanto diferentes. Enquanto a *Manchete* identificava-se com uma corrente econômica desenvolvimentista antiliberal e industrializante, *O Cruzeiro* tendia para posições próximas ao pensamento liberal. Sob esta perspectiva, a publicação dos Associados sustentou grande “aversão aos monopólios de Estado, a pretexto de salvaguardar os interesses dos capitais privados nacionais e estrangeiros”¹⁵⁷.

Segundo Martins, *Manchete* não possuía um perfil político e ideológico claramente definido durante os governos populistas dos anos 1950 e 1960. Para o autor, quando a revista se debruçava em debates sobre temáticas consideradas polêmicas na vida pública nacional se esquivava de posicionamentos mais contundentes, normalmente assumindo uma postura de relativa neutralidade ou favorável ao governo. Deste modo, Martins definiria *Manchete* como uma publicação de caráter adesista.

Seu posicionamento durante dos fatos políticos nacionais de maior (ou menor) relevância durante o chamado ‘período populista’, como os confusos episódios das sucessões presidenciais, sempre foi favorável àqueles grupos que ocuparam o poder. Os debates relativos às políticas de desenvolvimento a serem adotadas pelo país no período (nacionalismo ou pró-americano), apareceram em *Manchete* amenizados, como se não tivessem grande importância ou simplesmente não existissem. A própria discussão em torno do populismo e suas supostas contradições não foi contemplada nas páginas da revista. Esses temas centrais do cotidiano brasileiro no período em questão eram, na maior parte das vezes, ignorados

¹⁵⁶ MELO FILHO, M. A *Manchete* na onda de Brasília. GONÇALVES, J. E.; BARROS, J. A. (Org.). **Aconteceu na Manchete**: as histórias que ninguém contou. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008. p. 372.

¹⁵⁷ ANDRADE, A. R. de; CARDOSO, J. L. R. Aconteceu, virou *Manchete*. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p.243-264. 2001. p. 251.

e substituídos por elogios às personalidades centrais da república, como o presidente Juscelino Kubitschek.¹⁵⁸

A indefinição política da revista se sustentou nos anos seguintes. Bloch flertou com Jânio Quadros e João Goulart. Durante o período de tensão e instabilidade política que antecedeu o golpe, a revista manteve uma atitude favorável às reformas de base propostas por Jango. Arnaldo Bloch, em trabalho biográfico, relembrou a trajetória da família que deu origem à empresa editorial e relembrou o posicionamento elogioso de *Manchete*, datada do dia 28 de março, ao famoso comício do dia 13 do mesmo mês.

Na edição seguinte de *Manchete*, entre perfis de Manabu Mabe de Sandálias japonesas e Elke Sommer “nos States”, chamava atenção a reportagem dos lendários fotógrafos Gervásio Batista, Gil Pinheiro e Nicolau Drei [...] com imagens do Comício da Guanabara publicadas em páginas duplas sangradas, com títulos e subtítulos em tom de júbilo:

Milhares de braços saudavam o presidente quando ele surgiu no palanque oficial acompanhado de dona Maria Teresa, que, numa experiência emocionante, compareceu pela primeira vez a um comício em praça pública.

Em longas chamadas em cores, as reformas de Jango eram saudadas respeitosamente:

O governo do senhor João Goulart assumiu uma posição histórica ao enfrentar o problema da injustiça distributiva de propriedades rurais no Brasil para realizar de forma democrática e cristã a reforma agrária, hoje reclamada pelas forças armadas, pela Igreja, pela esmagadora maioria dos brasileiros, com condição de paz social e progresso econômico. O reformismo agrário é hoje uma idéia irreversível, cuja marcha nenhuma pode mais deter.¹⁵⁹

Depois de deflagrado o golpe militar, a revista demonstraria pleno apoio ao novo regime instaurado no país. Assim como *O Cruzeiro*, também lançou uma edição especial sobre a “revolução”. Durante os governos militares, a revista tornou-se uma das bases de sustentação do regime instaurado entre os veículos de comunicação impressa. Martins destaca que neste período, particularmente durante o governo do General Garrastazu Médici, a revista incorporou um discurso oficialesco e refletiu a crença da publicação no projeto político e ideológico da

¹⁵⁸ MARTINS, R. C. **Ditadura militar e propaganda política**: a revista Manchete durante o governo Médici. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. p. 99-100.

¹⁵⁹ BLOCH, A. **Os irmãos Karamabloch**: ascensão e queda de um império familiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 204-205.

ditadura. Deste modo, suportou tanto o modelo de desenvolvimento econômico quanto o modelo político autoritário do regime militar¹⁶⁰.

Em 1969, por exemplo, ainda na esteira do AI-5, *Manchete* lançou uma edição especial sobre “O Progresso do Brasil” (figura 2). O exemplar, bastante robusto, contou com 322 páginas. Retratou o avanço econômico do país e destacou o crescimento nas diversas regiões. Também abordou o investimento em setores estratégicos de infraestrutura em que destacou a construção de usinas hidrelétricas e redes de distribuição. Nos transportes, exaltou os projetos de ampliação da malha rodoviária. Salientou a indústria siderúrgica, petrolífera, de bens de consumo e a produção agrícola. Até mesmo os principais estádios de futebol foram retratados como exemplo da capacidade de realização e exemplo do franco progresso vivenciado no país¹⁶¹.

¹⁶⁰ MARTINS, R. C. **Ditadura militar e propaganda política**: a revista *Manchete* durante o governo Médici. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999. p. 120.

¹⁶¹ MELO FILHO, M. O Milagre brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. especial, p. 214-215, 1969.

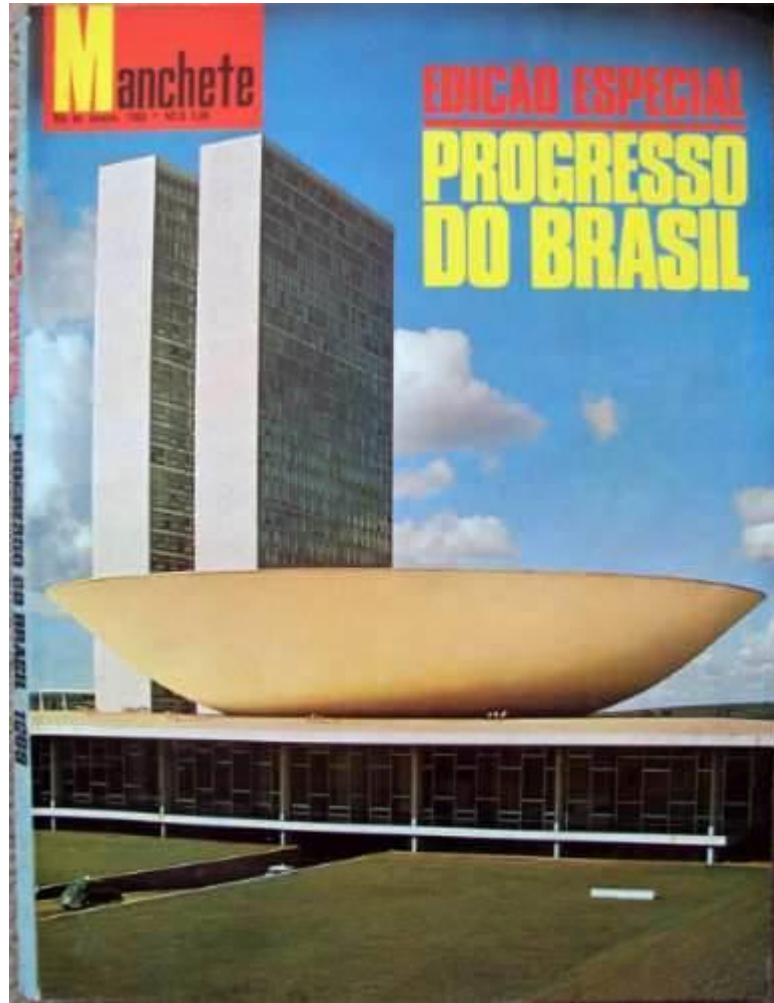


FIGURA 2 – O progresso do Brasil
 FONTE: **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. especial, 1969.

Nesta edição o artigo “O milagre brasileiro”, de autoria de Murilo Melo Filho, discorreu sobre o planejamento econômico proposto pelo governo militar com o objetivo de promover o desenvolvimento do país e combater a inflação. De acordo com o autor, a fórmula para suplantiar os solavancos políticos e econômicos observados na história recente do país foi simples: “um regime forte, de autoridade estabeleceu-se no país em 31 de março de 1964, em substituição a um sistema de fraquezas indecisões erros e sobressaltos”¹⁶².

Ao longo do artigo destacou, até mesmo, o Ai-5 como instrumento político importante para a defesa dos interesses econômicos nacionais.

No dia 13 de dezembro de 1968, com a edição do Ato institucional n. 5, o Governo do Marechal Costa e Silva viu-se reequipado de novos e mais

¹⁶² MELO FILHO, M. O Milagre brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. especial, p. 214-215, 1969. p. 214.

poderosos instrumentos de intervenção no domínio político, financeiro econômico, monetário e fiscal.¹⁶³

Apesar de reiterar, sutilmente, o ar de desconfiança despertado pela radicalização promovida pelo ato, o autor destacou a medida como provisão necessária para a proteção e efetivação dos projetos idealizados pelo governo militar quanto ao desenvolvimento econômico nacional.

A economia brasileira revela todos os sintomas de que suportou bem os traumas políticos a que foi submetida com o Ato institucional n. 5 e suas sequencias.

Não foram poucos os que se apavoraram com elas. Não foram poucos os que acenaram com uma depressão impulsionada no despenhadeiro da falta de estímulo e do excesso de cautelas que se seguiram à atmosfera de arrocho, apreensão, temor e pânico.

As primeiras aparências extravasadas de alguns pronunciamentos e posturas eram de horror e ódio ao lucro, ao comércio, ao investimento. O governo teve de globalizar um esforço para convencer que estava lutando pela redução da taxa de juros e do imposto sobre dividendos, a fim de levar os empresários à certeza de que a revolução de 64, após tê-los salvo do caos econômico e da *desgraça política*, estava agora cuidando de revigorar a saúde da empresa privada.

[...]

O próprio governo reconhece, assim, que teve de operar transformações provisórias na essência das instituições a fim de atingir seus objetivos, que em 1969 se concentram, em síntese, na obtenção e manutenção de um crescimento médio equivalente a 7 %, ao longo da próxima década.¹⁶⁴

O artigo de Melo Filho sinaliza a perspectiva adesista exaltada por Martins. Apesar de se debruçar sobre um dos momentos de maior contradição do regime, a publicação se exime do debate dos aspectos mais polêmicos ou de delimitar uma posição quanto aos desdobramentos do AI-5. O exemplar, como um todo, não só exalta o desenvolvimento do país nos últimos anos como atua na defesa dos mecanismos empregados pelo regime na efetivação de seus projetos de crescimento e desenvolvimento nacionais.

Esta perspectiva também pode ser visualizada na interpretação apresentada por Arnaldo Bloch, ao retomar a trajetória da revista durante os anos de 1960 e 1970, após a eclosão do golpe civil-militar.

A pauta de Manchete, examinada retrospectivamente, era capaz de provocar, na vertente extrapolítica, suspiros de prazer [...]; ou uma boa

¹⁶³ MELO FILHO, M. O Milagre brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. especial, p. 214-215, 1969. p. 214.

¹⁶⁴ *Ibid.* p. 215.

quantidade de engulhos e mal-estar, nas dezenas de páginas dedicadas ao elogio fácil ao regime militar – bem além das limitações da censura – a projetos de infra-estrutura governamentais e a longas propagandas sem tarja.

Assim, com este perfil esquizoide, era, e seria, *Manchete* ao longo de toda sua existência futura, durante os anos de chumbo e mesmo depois deles: a revista pela qual passaria a nata da literatura e do jornalismo brasileiro [...] e na qual muitos grandes nomes fariam sua escola. Em seu corpo belamente impresso, colossais reportagens sobre sociedade, aventura, jet set, natureza selvagem, esportes (na pena iluminada de Ney Bianchi), arquitetura e variedades internacionais – intercalados com uma pauta política e econômica altamente tendenciosa e laudatória de valores dos quais o país lutaria para se livrar durante quase três décadas.¹⁶⁵

Para além de possíveis convergências quanto aos interesses econômicos, de modo geral *Manchete* se manteve como veículo de comunicação em sintonia com os valores e ideologias apresentados pela ditadura. Embora as reportagens de cunho político não compusessem o alicerce central da revista, *Manchete* adotou um posicionamento comprazente e até mesmo elogioso aos governos militares, servindo, de certo modo, como veículo de propaganda do regime junto ao público leitor.

Ao longo do intervalo investigado, *Manchete* contou com a seguinte formação editorial: Justino Martis, Diretor-Editor; Zevi Ghivelder, Diretor-Executivo; Flavio Costa, Chefe de Reportagem; R. Magalhães Junior, Narceu de Almeida, Muniz Sodré, Marcos de Castro, Renato Sérgio e Ney Bianchi como Redatores. Jader Neves ocupou a chefia da divisão de fotografia.

Outros integrantes da revista foram creditados como diretores da Bloch Editores S.A, a exemplo do jornalista político Murilo Melo Filho. O mesmo ocorreu com Arnaldo Niskier, chefe de reportagem da publicação entre 1960 e 1968, que figurou como Diretor de Jornalismo da editora, com poder de decisão, não só em *Manchete*, como sobre as demais publicações sob responsabilidade da empresa presidida por Adolpho Bloch.

A fotoreportagem, aliando o texto em pequenos extratos às grandes imagens coloridas, ainda constituía o foco principal dos artigos apresentados. As temáticas das reportagens eram bastante diversificadas e envolveram desde assuntos relacionados à política nacional (como artigos que retratavam a posse do general Garrastazu Médici e a personalidade do novo Chefe de Estado) até artes, cinema, eventos variados (tais como concursos de misses ou os festivais de música),

¹⁶⁵ BLOCH, A. **Os irmãos Karamabloch**: ascensão e queda de um império familiar. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. p. 208.

avanços tecnológicos e científicos, comportamento, esportes (com ênfase especial para o futebol, à seleção nacional e personagens de grande destaque, a exemplo dos jogadores Pelé e Tostão e o técnico João Saldanha), entre outros temas em evidência no momento. Neste último podemos relacionar as reportagens sobre o assassinato do líder da militância armada Carlos Marighela e o sequestro do embaixador alemão Charles Von Elbrich, em meio a Copa do México.

Diferentemente de *O Cruzeiro*, *Manchete* não manteve seções fixas para tratar exclusivamente de questões relacionadas ao cenário político e econômico. Os artigos mais impactantes que envolviam estas temáticas e exigiam análise mais aprofundada por parte da publicação, normalmente ficavam sob responsabilidade de Murilo Melo Filho. O jornalista também manteve a coluna “Posto de Escuta”, na qual “publicava notas curtas, com interesse humano do chamado povo, com o nome das pessoas destacado em negrito, e o texto sobre o que elas faziam, falavam e diziam”¹⁶⁶. De maneira geral os personagens ressaltados pelo autor eram, em sua maioria, ligados ao panorama político nacional: deputados, senadores, governadores, ministros e o próprio Presidente da República. O general Médici foi figura recorrente nas notas veiculadas. Embora a presença de personalidades políticas fosse predominante, também houve lugar para outras, algumas delas ligadas ao futebol e ao selecionado nacional. Pelé, João Saldanha e Zagalo foram alguns dos integrantes da equipe lembrados nestas páginas.

Além de “Posto de Escuta”, outras seções, que abordavam assuntos diversos, também integraram as edições: “O Brasil em Manchete”, “O Mundo em Manchete” e “Notícias que valem Manchete”. Nesses espaços, predominavam notícias sobre celebridades, concursos de misses, viagens de personalidades, algumas notas sobre política e economia, astros e estrelas de cinema, televisão e teatro.

Também merecem destaque as colunas “Frases que são Manchete” e “O leitor em Manchete”. A primeira reproduzia declarações curiosas, por vezes humoradas e polêmicas, de diversas personalidades; a segunda publicava junto ao sumário, opiniões, sugestões e eventuais críticas dos leitores sobre as temáticas abordadas nos exemplares anteriores.

¹⁶⁶ MELO FILHO, M. A *Manchete* na onda de Brasília. GONÇALVES, J. E.; BARROS, J. A. (Org.). **Aconteceu na Manchete**: as histórias que ninguém contou. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008. p. 371.

Além desses, cabe assinalar o quadro de entrevistas “No paredão”, sempre com um convidado de destaque respondendo às perguntas realizadas por inquisidores diversos: jornalistas, tanto da equipe de *Manchete* quanto de outros veículos de imprensa, rádio e TV; artistas do cinema e do teatro; empresários, entre outros. Embora os interlocutores escolhidos fossem bastante variados, em sua maioria resguardavam aspectos comuns com o entrevistado, como o campo de atuação ou as áreas de interesse. Os técnicos Yustrich, João Saldanha e Zagalo foram alguns dos personagens sabatinados pela publicação. No caso desses entrevistados, as questões foram realizadas por jornalistas e cronistas desportivos dentre outras figuras ligadas ao futebol.

A cobertura esportiva, sobretudo no tocante a seleção nacional, ficou sob os cuidados de Ney Bianchi, jornalista de renome egresso do *Jornal dos Sports*. Bianchi integrou a primeira tentativa de publicação da *Manchete Esportiva*, com duração entre 1955 e 1959, para depois incorporar o quadro da principal revista da editora da família Bloch.

O jornalista esportivo acompanhou o escrete nacional desde as eliminatórias. Durante a realização do mundial, os enviados da publicação para acompanhar a competição foram Bianchi e os jornalistas fotográficos Jader Neves e Orlando Abrunhosa.

Os principais artigos produzidos durante a competição integraram a perspectiva do fotojornalismo empregado por *Manchete*: amplo destaque para as fotografias, coloridas, em grande espaço ou mesmo na totalidade das páginas, juntamente com o texto organizado em extratos menores, correlacionado a narrativa ao discurso imagético.

Apesar de Bianchi assinar a maioria dos artigos que enfocavam o futebol e a seleção, outros integrantes da publicação também discorreram sobre esporte. Durante o mundial um dos espaços que traria comentários recorrentes sobre o futebol foram os editoriais assinados por Zevi Ghivelder. Intitulado “Conversa com o leitor”, ocupava a terceira página da revista e abria os artigos de cada exemplar. Estava organizado a partir da combinação de uma redação curta, normalmente com os principais conteúdos, e uma grande imagem colorida sobre a temática central privilegiada pela edição. O espaço também assinalaria, mesmo brevemente, as impressões de *Manchete* sobre os eventos enfocados em cada número. Para

exemplificar a abordagem, está retratado o texto de Ghivelder na edição de n. 949, de julho de 1970, em meio às partidas da Copa do México.

Conversa com o leitor – Enquanto a maioria silenciosa sofre diante dos aparelhos de rádio e televisão em todas as cidades do Brasil, uma minoria aguerrida e barulhenta incentiva a seleção brasileira em Guadalajara (foto). Na hora da comemoração da vitória, no entanto, aqui ou lá o comportamento é o mesmo – a festa nas ruas, os blocos, a música, o reviver do carnaval em pleno mês de junho. É possível que outros povos sintam a mesma alegria com o triunfo de seu futebol, mas nenhum deles consegue extravasá-la, coletiva e publicamente, com o delírio e o abandono dos 90 milhões de brasileiros. Nada se compara a gratificação que o futebol proporciona, de forma tão absoluta, ao povo que produziu Pelé, Domingos da Guia, Zizinho e Garrincha. Por isso mesmo, a Copa e a seleção brasileira são tema dominante da revista numa semana cheia de acontecimentos. Nem a tragédia resiste a um gol de Tostão, a um chute de Rivelino, a uma arrancada de Jair ou ao gênio de Pelé.¹⁶⁷

¹⁶⁷ GHIVELDER, Z. Conversa com o leitor. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 949, p. 3, jun. 1970.



FIGURA 3 – Conversa com o leitor.

FONTE: GHIVELDER, Z. Conversa com o leitor. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 949, p. 3, jul. 1970.

Apesar de constituírem basicamente publicações semanais de notícias e entretenimento, com uma estruturação semelhante, *O Cruzeiro* e *Manchete* sustentaram cenários editoriais e administrativos sensivelmente divergentes durante o período investigado. Mesmo desfrutando de conjunturas econômicas diversificadas, mantinham-se em constante disputa pela atenção dos leitores. O

público alvo das publicações também era semelhante. Levando em conta que neste momento o rádio representava o grande veículo de comunicação massiva, já que a televisão só se consolidaria nesta posição no decorrer do decênio, a imprensa dirigia-se somente a uma minoria da população letrada. No caso das revistas de diversidades investigadas, estas voltavam-se, de modo geral, para a audiência urbana, famílias de classe média e alta, profissionais liberais, funcionários públicos, proprietários e comerciantes ilustrados¹⁶⁸. Apesar de estipular o cálculo para o número de leitores, por exemplar, (cerca de quatro) as edições chegavam, em média, para apenas 4 milhões de pessoas. Em um país cujo total girava em torno de 90 milhões de habitantes, o público atingido constitui menos de cinco por cento do total.

Ainda assim, *O Cruzeiro* reivindicava um papel social maior, destinando sua publicação a “todos os públicos”, independentemente de sua posição socioeconômica. De certa forma, essa visão reafirma a posição dessas revistas como publicações significativas e relevantes no contexto da imprensa nacional. As narrativas propostas por estes periódicos acabaram por atingir uma parcela muito maior da população do que os jornais diários de informação¹⁶⁹. As representações articuladas por esses veículos sobre os mais variados assuntos eram reproduzidas e, por diversos momentos, incorporadas pelo público leitor, o que reforça o papel da imprensa enquanto “formadora” de opinião.

Durante o período da Copa do Mundo de 1970, no México, não foi diferente. Acompanhando de perto os passos do selecionado nacional (antes, durante e depois da competição) é possível visualizar não só a trajetória da equipe em busca do tricampeonato, mas também o discurso divulgado por estes dois veículos de mídia sobre o futebol, sobretudo após a vitória do *team* brasileiro.

¹⁶⁸ ACCIOLY NETTO, A. **O império de papel** – os bastidores de O Cruzeiro. Porto Alegre: Sulina, 1998; CARNEIRO, G. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

¹⁶⁹ Embora esbarre na dificuldade de verificar a recepção, a abrangência dos discursos destas revistas pode ser parcialmente constatada a partir de alguns critérios objetivos: as tiragens médias das edições (acima de 300 000); a distribuição em grande parte do território nacional (o que repercute na circularidade do discurso); e o número estimado de leitores por exemplar (cerca de quatro). Apesar da modalidade da imprensa diária contar com um volume muito maior de títulos, a circulação diária e individual da grande maioria dos jornais esbarra em questões limitantes, como a regionalidade e até mesmo a tiragem de exemplares. Outra questão a ser considerada é a efemeridade material do jornal, rapidamente descartável e de função substituível.

Ao mesmo tempo em que acompanhavam o campo esportivo, também é interessante notar como estavam retratados outros aspectos da vida do país, como os rumos da política e o comportamento da sociedade em geral. Durante o desenrolar da Copa, outras temáticas, que em momentos diferentes ganharam um maior destaque, ficaram em segundo plano, ao menos enquanto o Brasil se garantiu na competição, mantendo viva a esperança pela conquista do tri, sustentando a atenção do público.

2.3. Placar

Em março de 1970 foi lançada a revista *Placar*, às vésperas da IX Copa do Mundo de Futebol. O novo periódico foi resultado do projeto da Editora Abril¹⁷⁰, empresa de propriedade de Victor Civita¹⁷¹ sediada em São Paulo. Seu objetivo era lançar uma publicação dedicada exclusivamente ao esporte, focada, sobretudo, no futebol.

Ainda que o jornalismo esportivo estivesse presente na imprensa nacional desde o início do século, a formulação de uma revista com tal perfil ainda não constituía um traço comum. Embora fosse possível observar publicações bem sucedidas no formato de jornais diários, como o *Jornal dos Sports* e a *Gazeta Esportiva*, outras experiências nos moldes de revista tiveram duração efêmera, como *Manchete Esportiva*, *Gazeta Esportiva Ilustrada* e *Sport Ilustrado*. Nesse gênero editorial, a revista *Placar* pode ser considerada como um dos empreendimentos de maior sucesso no segmento e está presente até hoje no mercado¹⁷².

De acordo com Chiaroni e Kroehn¹⁷³ a ideia do lançamento de uma revista esportiva teria surgido em 1952, ainda nos primeiros anos da editora no país, a partir

¹⁷⁰ SALDANHA, R. M. **Placar e a produção de uma representação do futebol moderno**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

¹⁷¹ Empresário de origem ítalo-americana, viveu e trabalhou na Itália e nos Estados Unidos, onde se estabeleceu como empresário da indústria gráfica. Entre 1949 e 1950, já aos 42 anos, muda-se para o Brasil e inicia o projeto da nova editoria.

¹⁷² CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera editorial, 2010. p. 13.

¹⁷³ *Ibid.* p.31.

da sugestão de Cláudio de Souza, escritor, redator e editor da Abril no lançamento de diversos títulos. De acordo com os autores, a concepção apresentada ao proprietário da empresa gráfica fora aprovada, mas diante da impossibilidade de execução naquele momento, o projeto foi arquivado.

Apaixonado por esportes, Cláudio de Souza, chamado de *O Homem Abril* pelos seus anos de dedicação à família Civita, sugeriu ao fundador da Editora uma revista esportiva com muitas fotos, sobretudo a sequência de gols, textos curtos e charges. Cláudio sugeriu o nome *Placar*, o qual foi anotado por Victor Civita [...]. Civita pediu que Cláudio desenhasse como seria esta revista, que foi devidamente aprovada juntamente. Porém, Civita tomou uma decisão contrária à sua aprovação. Ele sentenciou que a editora Abril ainda não tinha condições suficientes para colocar a revista em circulação. *Placar* foi parar na gaveta.¹⁷⁴

Sob esta perspectiva, o momento de publicação de *Placar* coincidiu com o processo de expansão editorial da Abril. A empresa iniciou as suas atividades em 1950 com a publicação de histórias em quadrinhos infantis com os personagens de Walt Disney. No decorrer da década promoveu a diversificação editorial e, em 1952, lançou a revista de fotonovelas *Capricho* e, em 1959, a especializada em moda *Manequim*. Durante os anos seguintes, foram lançadas a automobilística *Quatro rodas*, 1960; a feminina *Cláudia*, 1961; as revistas de jornalismo e atualidades *Realidade*, 1966, e *Veja*, 1968. Nos anos 1970, além de *Placar*, também chegaram às bancas *Exame*, 1971 e *Playboy*, 1975¹⁷⁵.

O rápido crescimento da editora, bem como o “boom” de suas publicações, relacionam-se a própria perspectiva de imprensa visualizada por seu fundador. Civita já havia acumulado experiência na indústria gráfica internacional e aproximava-se do modelo de jornalismo norte americano. A especialização dos periódicos produzidos também evidencia a visão mercadológica, com o foco voltado para a segmentação do público, em acordo com as transformações visualizadas no cenário sócio-político nacional, que abriam espaço para novas áreas de investimento e possibilidades de consumo. *Quatro rodas*, por exemplo, divulgava a instalação da indústria automobilística no país e explorava suas potencialidades turísticas. De

¹⁷⁴ CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera editorial, 2010. p. 31.

¹⁷⁵ *Ibid.* p. 31-32, 34.

acordo com Thomaz Corrêa, a Abril adotava o jornalismo de serviços, que buscava satisfazer desejos e necessidades de seu consumidor alvo: o leitor.¹⁷⁶

Além desses aspectos, outro elemento preponderante à rápida ampliação da editora, consistiu na injeção de capitais externos, muitas vezes sob a forma de anúncios publicitários. O próprio grupo de comunicação *Time-Life* incorporou um dos parceiros da Abril no financiamento de alguns de seus projetos. Deste modo, a editora inseria-se no contexto de expansão e abertura de investimentos, em sintonia com a perspectiva de desenvolvimento econômico preconizado pelos governos militares.

Diante do contexto de expansão e crescimento visualizado pela editora, Civita retomou o plano da revista esportiva em 1970. O momento mostrou-se favorável a partir de alguns aspectos fundamentais: a proximidade da Copa do Mundo do México, o prestígio popular que a seleção comandada por Saldanha desfrutava e a perspectiva de ganho comercial com o lançamento de loteria esportiva pelo governo federal.

A ideia original do fundador da Abril era associar-se à Caixa Econômica Federal e fazer de *Placar* o veículo oficial da loteria esportiva. O volante dos jogos e os resultados seriam veiculados exclusivamente na revista. A gritaria de outros veículos foi intensa e a Caixa fez a loteria esportiva de interesse público. Mesmo assim Victor Civita não arrefeceu o projeto editorial de *Placar* seguiu seu planejamento, embora sem a exclusividade pretendida.¹⁷⁷

O projeto ficou inicialmente sob a responsabilidade de Cláudio de Souza, assumindo a direção da nova publicação. Um dos responsáveis pela concepção embrionária da revista, Souza era um dos homens de confiança da editora. Além de ter integrado o lançamento de outras publicações da casa e desempenhado diversas funções, também havia trabalhado como redator da *Gazeta Esportiva*, o que lhe possibilitou a experiência necessária para assumir o comando do novo semanário¹⁷⁸.

Souza contratou a equipe de redação e designou o desenvolvimento de *Placar* a Paulo Patarra, então diretor de novos projetos da Abril e ex-integrante de

¹⁷⁶ CORREA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 223-228.

¹⁷⁷ *Ibid.* p. 32.

¹⁷⁸ CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera editorial, 2010. p. 32.

Realidade. Patarra, em parceria com os jornalistas Maurício Azedo, Aristélio Andrade e Hamilton Almeida deram continuidade ao projeto. O produto final diferiu do projetado por Souza: em vez dos textos curtos, a revista veiculou grandes matérias, produzidas por repórteres calejados no jornalismo esportivo. Em comum entre as duas propostas manteve-se a ênfase nas fotografias para composição gráfica dos artigos¹⁷⁹.

O lançamento oficial da publicação aconteceu após a experiência de quatro edições testes distribuídas nas semanas anteriores. Após constatar a receptividade do material e realizar alguns ajustes, o periódico passou a circular definitivamente a partir de março de 1970. A *Placar* n. 1 chegou às bancas com uma tiragem estimada em 120 mil exemplares, juntamente com um brinde comemorativo: uma moeda com a efígie do rosto de Pelé, um dos personagens que estamparam a capa da primeira edição.



FIGURA 4 – *Placar* n. 1
 FONTE: *Placar*, São Paulo, n. 1, mar. 1970.

A revista que chegou às bancas contaria com a seguinte composição editorial: Cláudio de Souza na direção; Hamilton Almeida, Mauricio Azedo e Woile

¹⁷⁹ CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de *Placar*. São Paulo: Primavera editorial, 2010. p. 33-34.

Guimarães, editores; redatores e repórteres: Dante Matusi, Heydil Valle Junior, Michel Laurence, Marco Aurélio Guimarães e José Maria de Aquino; Rudy Phytagoras Alves e Haroldo Jereissati cuidaram da arte; e como fotógrafos, Lemyr Martins e Sebastião Marinho. Entre os colaboradores é interessante destacar a presença dos cartunistas Henfil e Otávio, além de Aimoré Moreira, treinador da seleção no bicampeonato de 1962 e predecessor de Saldanha em 1970, como “consultor técnico”.

Ao final do primeiro exemplar, Victor Civita assinou a “Carta do editor”, na qual apresentou a publicação e relatou, ao leitor, a longevidade da ideia que originara *Placar*:

Estamos entrando no campo para jogar ao lado do Brasil. No ano de uma nova Copa do Mundo, aqui esta o nosso PLACAR: marcado pelo carinho de um sonho de quase vinte anos.
Há vinte anos, quando nascia a Abril, nascia também a idéia de PLACAR.¹⁸⁰

No texto, a memória da Copa de 1950 é retomada como momento fundamental na fundação do projeto que originou a revista. Embora a concepção do projeto tenha se desenvolvido alguns anos depois, ao evocar a memória sobre o mundial do Brasil, Civita ressaltou o aspecto passional despertado pelo futebol e o envolvimento generalizado da sociedade, aspectos que buscavam ser canalizados pelos membros da editora. Na narrativa construída, o projeto da Editora Abril surgira a partir da reflexão sobre este momento icônico do futebol nacional.

Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser, mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva – tão explosiva e tão sensacional como este povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo.¹⁸¹

Ainda que a ideia da nova publicação estivesse enraizada no momento da copa de 1950, o editor comenta que somente em 1970 teria conseguido reunir os atributos necessários para produzir a nova publicação, tanto no aspecto econômico e na qualificação dos profissionais, quanto no próprio desenvolvimento do jornalismo esportivo.

¹⁸⁰ CIVITA, V. Carta do editor. **Placar**, São Paulo, n. 1, p. 38, mar. 1970.

¹⁸¹ *Id.*

[...] Finalmente sentimos que estávamos prontos. Conseguimos reunir uma equipe jovem, talentosa, altamente profissional. Por outro lado, temos hoje no País uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de PLACAR.¹⁸²

O momento de lançamento da publicação, às vésperas de nova Copa do Mundo, endossa o discurso supracitado. Fica claro que o principal foco da *Placar* destinava-se ao futebol e vislumbrava capitalizar o apelo proporcionado pela proximidade da disputa no México. Neste sentido, resguardou espaço reduzido para outras modalidades.

No período investigado, predominam as reportagens que enfocavam a preparação da seleção brasileira e a organização do mundial. Os artigos englobaram desde análises de treinos, esquemas tático, jogos preparativos, matérias sobre os jogadores, entrevistas com técnicos, dirigentes e pesquisas de opinião com o público. Tendo em vista a significância do futebol no meio esportivo e social nacional, a seleção brasileira e a Copa do Mundo constituíram os grandes assuntos em seus primeiros meses de publicação.

Outro fator preponderante no lançamento da revista foi o próprio momento vivenciado pela seleção, que coincidiu com o período conturbado que resultou na saída de João Saldanha do comando técnico da equipe. *Placar* chegaria às bancas justamente um dia após a demissão do treinador pela CBD. Enquanto o primeiro número enfoca justamente o momento de crise vivenciado pelo técnico do escrete nacional, as edições seguintes abordaram de forma mais aprofundada o processo da demissão. O terceiro número publicou um longo artigo, que ocupou seis páginas no total, assinado por Saldanha. João aproveitou o espaço para se defender das críticas e reafirmar seu discurso combativo às estruturas deficitárias do esporte nacional. O cronista apresentou sua análise sobre a passagem pela seleção e os fatores envolvidos no processo que acarretaram na retirada do cargo. A aproximação com o futebol e o instante vivenciado no país não poderiam ser mais propícios ao lançamento de uma revista dedicada ao jornalismo esportivo.

Para realizar a cobertura da competição no México, *Placar* designou alguns dos profissionais mais destacados de sua equipe. Foram enviados os jornalistas

¹⁸² CIVITA, V. Carta do editor. *Placar*, São Paulo, n. 1, p. 38, mar. 1970.

José Maria Aquino, Michael Laurence, Hedyl Vale Junior, Woile Guimarães, o fotógrafo Lemyr Martins e o “consultor” Aimoré Moreira.

Além do relato sobre a Copa do Mundo, *Placar* procurou realizar coberturas completas a respeito das partidas de futebol ao longo do país. Em “Tabelão”, apresentou as fichas dos principais jogos dos campeonatos estaduais e da versão nacional (no momento representada pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa, substituído pelo Campeonato Brasileiro em 1971). A abordagem dos próximos confrontos, que resultariam em possíveis apostas na loteria esportiva, ocupou espaço significativo nas páginas do periódico, na seção “Bolão da Placar”. Esse espaço pretendia vincular a publicação ao novo jogo lotérico.

Durante o período investigado, também merecem destaque a seção de entrevistas “Cara a Cara”; o espaço destinado aos comentários dos leitores em “Camisa 12”; e as notas curtas que enfocavam curiosidades, declarações e acontecimentos recentes do campo esportivo em “De primeira”. Nesses primeiros meses de circulação também manteve a seção “Copa” com notícias e textos rápidos a respeito do mundial. Outros destaques foram as tirinhas, na maioria coloridas, de Henfil e a coluna assinada por Aimoré Moreira.

Diferente das publicações esportivas diárias ou das seções reservadas ao assunto nos grandes veículos de comunicação, o formato de revista esportiva proporcionou um foco diferenciado, valendo-se de maior espaço para as reportagens que considerava relevantes, entrevistas e artigos. A composição textual também foi distinta. Embora mantivesse o caráter informativo, a redação se aproximava da escrita literária, no modelo da crônica, com a incorporação da opinião e da análise dos autores à narrativa. Também utilizava de modo mais contundente as imagens na composição das matérias. Embora a formatação gráfica da revista se utilizasse bastante da coloração em ilustrações, páginas e letras, o semanário ainda continha poucas fotos coloridas. O destaque ficava para o pôster de página dupla presente em cada edição.



FIGURA 5 – Pôsteres internos de *Placar* n. 1 e n. 16

Fonte: *Placar*, São Paulo, n. 1, mar. 1970; *Placar*, São Paulo, n. 16, p. 23-24, jun. 1970.

A *Placar* também não fugiu dos posicionamentos mais polêmicos com relação ao esporte. De modo geral, assumiu uma postura favorável ao polêmico João Saldanha, muitas vezes defendendo, mesmo com algumas restrições, seu trabalho à frente do selecionado. Após a saída do treinador, a revista contou com os serviços de Saldanha na produção de artigos em algumas edições.

Placar também assumiu postura crítica com relação à estrutura do esporte no país, questionando dirigentes de clubes, federações e a própria CBD sobre a administração amadorística do futebol nacional. Exemplo desta postura foi a série de reportagens “A falência dos Cartolas” por Michel Laurence, Narciso James e Lemyr Martins, publicadas nos meses de julho e agosto, logo após a efervescência do tricampeonato mundial. Outro exemplo seria a entrevista com João Havelange, presidente da CBD na seção “Cara a Cara” ainda nos primeiros exemplares da publicação.

O posicionamento político de *Placar* também parecia diferir da postura favorável ao regime apresentada por *O Cruzeiro* e *Manchete*. Embora a política estivesse longe de figurar como temática de destaque na publicação, a correlação verificada entre o esporte e o cenário político social nacional, visualizado nas revistas de diversidades analisadas, não foi verificado em *Placar*. Mesmo reconhecendo a capacidade de mobilização que o futebol detinha junto à população, não fez sua correlação com o panorama da ditadura militar, ainda que, em alguns

momentos, assinalasse o interesse do governo sobre os rumos do esporte e da seleção. A recepção oficial ao escrete em Brasília, por exemplo, ocupou somente um pequeno espaço na publicação, sobretudo se comparado com a cobertura efetuada por *O Cruzeiro e Manchete*.

A *Placar* se mantinha à distância, esquivando-se de posicionamentos mais explícitos a respeito da ingerência política do regime sobre o campo esportivo. Tal postura converge com a perspectiva editorial da Abril de focalizar o jornalismo de serviços, adaptado as exigências do público visado por cada publicação. No caso da *Placar*, o esporte era retratado principalmente sobre o viés do entretenimento e da cultura de massas. Embora *Placar* se afastasse de debates mais polêmicos quanto a interlocução política do futebol, o que pode ser interpretado como exemplo de uma suposta condescendência, não integraria a base de apoio à ditadura verificado em outros periódicos.

Deste modo a escolha de *Placar* como fonte de análise incide sobre dois aspectos principais: primeiramente sua área de especialidade, principalmente na ênfase direcionada ao futebol; segundo, ao formato de revista ilustrada de periodicidade semanal, elemento comum que a aproxima dos demais veículos investigados. Apesar da iniciativa de seu lançamento circundar o início da Copa do Mundo, esses fatores foram predominantes na escolha da revista, a qual, ao contrário das outras publicações, tem nas particularidades do campo esportivo, seu lugar de atuação central.

2.4. O Pasquim

Além das revistas de diversidades *O Cruzeiro e Manchete* e da especializada em esportes *Placar*, outra publicação consultada para a pesquisa foi o semanário *O Pasquim*. Diferente das publicações retratadas anteriormente, oriundas de grandes órgãos de comunicação, *O Pasquim* enquadra-se no perfil de um veículo alternativo, de postura relativamente independente aos grupos políticos e econômicos hegemônicos do período¹⁸³.

¹⁸³ BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991.

Embora outras experiências possam ser observadas no país, a imprensa alternativa no Brasil se liga quase que umbilicalmente ao momento ditatorial dos militares. Entre 1964 e 1980, mais de 150 periódicos caracterizados pela oposição acirrada e multifacetada ao regime surgiram e se esvaíram¹⁸⁴. Sob diferentes olhares, esses veículos ficaram conhecidos sob nomenclaturas diversas como imprensa alternativa, nanica, independente, de leitor ou underground¹⁸⁵. A postura única dos idealizadores / produtores de cada jornal, revista, tabloide ou folhetim, rompia com as formalidades na comunicação impostas à imprensa comum. O significado atribuído a essas publicações dentro do meio social fica em evidencia até mesmo na terminologia empregada para descrevê-las.

A palavra *nanica*, inspirada no formato tablóide adotado pela maioria dos jornais alternativos, foi disseminada principalmente por publicitários, num curto período em que eles se deixaram cativar por esses jornais. Enfatizava uma pequenez atribuída pelo sistema a partir de sua escala de valores e não dos valores intrínsecos à imprensa alternativa. Ainda sugere imaturidade e promessas de tratamento paternal. Já o radical de *alternativa* contem quatro dos significados essenciais dessa imprensa: o de algo que não esta ligado a políticas dominantes; o de uma opção entre duas coisas reciprocamente excludentes; o de única saída para uma situação difícil e, finalmente, o do desejo das gerações dos anos 60 e 70, de protagonizar as transformações sociais que pregavam.¹⁸⁶

À medida que o termo nanica é o reflexo da simpatia dos anunciantes por esse iniciativa ainda incipiente, diminuta e inacabada em comparação com o modelo e abrangência da grande imprensa, a vertente *alternativa* remete a significações plurais e complementares de um projeto político consciente e amadurecido diante do contexto vivenciado cotidianamente na sociedade. De certo modo, a imprensa alternativa oferecia exatamente esta prerrogativa como forma de manifestação em uma esfera pública cujas formas de expressão eram modeladas pelo discurso oficial. Ela se articula a partir da mobilização de jornalistas e intelectuais que buscavam um

¹⁸⁴ KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. XIII.

¹⁸⁵ CHINEM, R. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995. p. 7.

¹⁸⁶ KUCINSKI, B. *Op. cit.* p. XIII.

espaço original de manifestação, o que não seria possível nas redações dos tradicionais veículos de divulgação¹⁸⁷.

Enquanto parcela considerável da grande imprensa demonstrava complacência com os mandos e desmandos autoritários impugnados pelo regime, os periódicos alternativos recorrentemente vociferavam contra tortura, violação dos direitos humanos, política econômica e censura. É justamente durante o período em que o comando político concentra-se sob a linha dura, entre 1968 a 1973, que os alternativos provaram seu maior sucesso¹⁸⁸.

Basicamente, os jornais alternativos poderiam ser alocados em dois grandes grupos distintos, mas não excludentes. O primeiro destacava-se pela afirmação de sua posição política, enraizada nos valores nacionais populares dos anos 1950 e nos ideais marxistas propagados entre a juventude estudantil da década de 1960. Os alternativos políticos caracterizavam-se, geralmente, pela rígida filiação ideológica, evidenciada pelo perfil discursivo pedagógico e dogmático. Ainda nos anos 1970, estes veículos alertavam para os perigos do endividamento externo, colocavam em pauta os movimentos sociais, denunciavam desigualdades e debatiam temas clássicos das esquerdas, como o rumo do processo revolucionário brasileiro. Entre seus principais representantes podemos citar os jornais *Movimento e Opinião*¹⁸⁹.

O segundo grupo enquadra os periódicos e jornalistas contrários ao pragmatismo do discurso ideológico nas publicações. Enfocavam a crítica aos costumes e invocavam formas de ruptura cultural, tomando como referência as propostas da contracultura norte-americana. Mesmo por outro viés, estes veículos também delimitavam sua oposição ao cenário político, ao autoritarismo e o moralismo sobre o espaço cultural e social. A postura existencialista adotada por estes jornalistas, ao mesmo tempo que não visava o rompimento definitivo com os valores culturais marxistas e revolucionários da esquerda, proporcionava mais uma

¹⁸⁷ *Id.*; QUEIROZ, A. C. de B. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.

¹⁸⁸ QUEIROZ, A. C. de B. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.

¹⁸⁹ KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. XIV; QUEIROZ, A. C. de B. *Op. cit.* p. 231.

opção tanto ao dogmatismo ideológico quanto a realidade opressiva vivenciada cotidianamente¹⁹⁰.

Sem dúvida, um dos maiores representantes desta vertente existencialista da imprensa alternativa foi *O Pasquim*. Lançado em 1969, ainda no rastro do AI-5, reunia expoentes de experiências anteriores, como os extintos *Pif-Paf* (1964) e *A Carapuça* (1968)¹⁹¹. A exemplo destas publicações, tomou como principal caminho de comunicação o humor. Ao longo de sua trajetória, introduziu temáticas da contracultura, cultuou o underground ao lado do nacional popular, confrontou tabus, criticou a imposição de valores morais, transformou a linguagem jornalística, publicitária e mesmo a coloquial. As entrevistas romperam com as estruturas de linguagem e formatações estabelecidas e viabilizaram um espaço de comunicação aberta a artistas, intelectuais, políticos e outros personagens, muitos deles vistos com desconfiança pelo regime.

A primeira edição do semanário foi lançada em 26 de junho de 1969 com a tiragem otimista de vinte mil exemplares. A iniciativa de fundação do jornal partiu do esforço conjunto de um grupo de jornalistas e humoristas, essencialmente formado por nomes como Tarso de Castro, Jaguar, Sérgio Cabral, Carlos Prospero e Claudius, em conjunto com a Distribuidora Imprensa, responsável pela *A Carapuça*, na figura de Murilo Reis.

A distribuidora imprensa entra com o local, na rua do Resende, como o dinheiro para as despesas, a impressão e o serviço de distribuição. O grupo de jornalistas participa com o trabalho. E os lucros seriam divididos, 50% para a distribuidora, 50% para os criadores do jornal. O negócio é estabelecido nos termos precários de uma iniciativa que se imagina de antemão destinada a uma curta e alegre experiência – uma brincadeira criativa. O título do jornal é registrado em nome pessoal de Jaguar. Tarso de Castro será o diretor, mas na realidade as decisões são tomadas nos bares, em patota.¹⁹²

¹⁹⁰ KUCINSKI, B. *Op. cit.* p. XV; QUEIROZ, A. C. de B. *Op. cit.* p. 231-232.

¹⁹¹ *Pif-Paf* surgiu sob a iniciativa de Millôr Fernandes após seu desligamento da revista *O Cruzeiro*. O jornal humorístico teve breve circulação no Rio de Janeiro durante o ano de 1964. Já o semanário *A Carapuça* pode ser considerado como o precursor d'*O Pasquim*. Comandada por Sérgio Porto, sob o pseudônimo de Stanislaw Ponte Preta, em parceria com a Distribuidora Imprensa, a publicação destoava pelo tom humorístico que seria consagrado por sua sucessora. Após o falecimento do jornalista, ainda em 1968, o jornal perdeu força e deixou de circular. A própria idéia inicial de reavivar *A Carapuça* acabaria por se desdobrar na organização d'*O Pasquim* em junho de 1969. KUCINSKI, B. *Op. cit.* 1991; BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991; CHINEM, R. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

¹⁹² BRAGA, J. L. *Op. cit.* p. 24.

Como era característico aos alternativos, *O Pasquim* era marcado pela desordem da estrutura administrativa. Sintetizada pela ideia da patota, a preocupação com o aspecto empresarial era mínima. O aspecto financeiro era tocado de modo indolente e desarraigado, o que contribuiu para sucessivos endividamentos e mudanças no instável sistema de cotas, a cada crise interna. A própria redação destoava da organização da grande imprensa, fugia das cadeias hierárquicas convencionais e rejeitava a formulação editorial por meio de pauta previamente estabelecida.

O grupo não se via como uma empresa, nem mesmo como uma redação convencional, mas como uma *patota*, um grupo de amigos que se comprazia em fazer, de suas relações pessoais e idiosincrasias, matéria de jornal¹⁹³.

Assemelhando-se ao periódico que chegava às bancas, a patota representava uma nova forma de organização, mais democrática e menos burocrática entre seus integrantes¹⁹⁴. As decisões eram tomadas coletivamente, fundamentadas no debate espontâneo entre indivíduos, em qualquer espaço que se reunissem: na redação, na casa de algum dos integrantes ou nos bares de Ipanema. Simultaneamente assegurava-se o espaço de manifestação de discursos e desejos singulares em cada edição do semanário. Ao mesmo tempo em que a patota representava um projeto coletivo, resguardava-se nas páginas d'*O Pasquim* lugar para livre manifestação e exposição das singularidades de cada autor.¹⁹⁵

Os jornais são geralmente produzidos a partir de uma pauta, que define os assuntos a serem tratados, as matérias a serem redigidas, os ângulos a serem focalizados.

A produção do *Pasquim* corresponde, ao contrário, a uma construção sem pauta. Em princípio não existe um espaço inicialmente em branco, pré atribuído a uma 'fatia da realidade' que virá ocupá-lo na forma de artigo. O *Pasquim* foi referido, em função desta característica, como um jornal 'idiosincrático': cada colaborador traria uma contribuição inteiramente pessoal e independente, sem obedecer a nenhum plano. O jornal não seria mais do que uma soma dessas contribuições.¹⁹⁶

¹⁹³ KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 154.

¹⁹⁴ BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. p. 24; QUEIROZ, A. C. de B. O Pasquim: embates entre a cultura política e a contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n. 2, p. 218-235, dez. 2008. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria. Acesso em: 5/8/2010.

¹⁹⁵ KUCINSKI, B. *Op. cit.* p. 154

¹⁹⁶ BRAGA, J. L. *Op. cit.* p. 181.

De acordo com Braga não há uma classificação temática das matérias nas páginas do semanário, de forma que o assunto abordado depende principalmente da escolha do autor. Deste modo, a maioria das matérias integrantes de cada exemplar pode ser classificada como artigos de autor¹⁹⁷. Ou seja, não havia uma delimitação de temas, assuntos ou seções para cada parte da edição ou sob responsabilidade específica de um jornalista ou colaborador. Cada qual tinha liberdade para discorrer sobre tópicos diversos como política, cultura, eventos artísticos, problemas sociais, costumes, comportamento, economia, esportes etc. Assim, o texto podia focar mais de um assunto e impedir a elaboração de uma classificação rígida. Deste modo, para Braga, a estrutura do semanário é melhor compreendida a partir da formulação de suas unidades relacionais. Além dos elementos gráficos e visuais (os cartuns, organização da página, ilustrações, capa, fotografias, anúncios publicitários) os principais tipos de matéria podem ser organizados da seguinte forma: artigos de autor ou colunas; entrevistas; dicas; frases-lema e participações do leitor.¹⁹⁸

A liberdade dos autores em organizar as matérias poderia aproximar *O Pasquim* a uma revista cultural se colecionado diferentes ensaios. Porém duas características centrais garantem o foco jornalístico de interesse público: a discussão constante de dilemas sociais concretos, o que manteve o viés político; e o diálogo permanente com a atualidade. Tais fatores asseguraram ao hebdomadário um caráter interpretativo e informativo, mesmo não sendo noticioso.

As formas como os artigos de autor eram apresentados foram também variáveis. De modo geral, suas principais formas constituíam de matérias interpretativas e opinativas a respeito de assuntos em evidência no cotidiano; seções temáticas, que geralmente evidenciavam manifestações artísticas e culturais; crítica de imprensa; textos editoriais; crônicas e contos.¹⁹⁹

A grande predominância desta modalidade de matéria corroborou uma das principais características do semanário: a falta de um texto padronizado. À medida que os artigos manifestavam o estilo próprio de cada autor não havia uma forma de escrita que caracterizasse *O Pasquim*. Nos veículos da grande imprensa o trabalho

¹⁹⁷ BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. p. 130.

¹⁹⁸ *Ibid.* p. 127.

¹⁹⁹ *Ibid.* p. 134-135.

de copidesque dos revisores e redatores uniformizava a linguagem utilizada na maioria das matérias e forneciam um padrão geral à publicação, algo que não ocorria com o hebdomadário alternativo. Nem mesmo o humor pode ser considerado um elo comum entre os artigos, visto que também havia espaço para redações mais sisudas e formais, dependendo somente da produção do colaborador. A diferença de estilos entre as matérias publicadas evidenciava a personalidade como um dos fatores inerentes aos textos publicados n' *O Pasquim*.

As padronizações de imprensa têm talvez a função de fazer acreditar numa visão 'objetiva' da realidade: se todos escrevem igual, todos vêem igual. Ou seja, a visão parece neutra e objetiva. No *Pasquim*, ao contrário, cada qual com seu estilo pessoal de escrita, todos são subjetivos: impregnam de personalidade o texto. A personalidade é assim um elemento do estilo do *Pasquim*.²⁰⁰

O leitor não se identificava somente com o semanário, mas com a opinião expressa em cada artigo singularmente. A autoria não só determina o articulador do discurso, mas confere a ele a confiabilidade e veracidades necessárias. O nome do autor ganha tanta relevância quanto os fatos e concepções expostos no texto²⁰¹.

Integrando o aspecto da personalidade, outra especificidade do hebdomadário é manifestação da oralidade, explorada diferentemente por cada autor. A influência do verbal-falado ocorre de modo diversificado, na busca de uma maior expressividade e eficácia comunicativa²⁰². Não consistia simplesmente em uma forma de transcrição direta da fala, mas a "recusa de uma escritura carregada de chavões, de rigidez na construção"²⁰³. De acordo com Queiroz.

A transformação da linguagem jornalística promovida pelo *Pasquim* pode ser percebida diante de dois aspectos: diretamente na escrita dos seus colaboradores; e tematicamente, através de artigos críticos e de um trabalho humorístico de investida contra chavões.

²⁰⁰ BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. p. 128

²⁰¹ QUEIROZ, A. C. de B. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004. p. 236 -237.

²⁰² BRAGA, J. L. *Op. cit.* p. 128; KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 156; CHINEM, R. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995. p. 44-45; QUEIROZ, A. C. de B. *Op. cit.* p. 238.

²⁰³ BRAGA, J. L. *Op. cit.* p.128.

Dessa forma, esta oralidade conduziu a um trabalho direto sobre a palavra. À guisa de conhecimento é importante dizer que o jornal cria expressões como: *negó seguinte*; propõe terminações em “im” substituindo o “inho” como: *Fradim*, *baixim*; inventa palavrões, como: *duca* e *sifo*, entre outras expressões.

As páginas do *Pasquim* estavam recheadas desta oralidade, em todos os sentidos, seja nos artigos, seja nos desenhos, e até mesmo na publicidade.²⁰⁴

Surpreendendo seus fundadores e colaboradores (caso de Millôr Fernandes e Ziraldo, posteriormente integrados oficialmente à patota) o semanário alavancou enorme sucesso desde as primeiras edições. O primeiro número, com vinte 20 mil exemplares, esgotou logo, espantando até mesmo o incrédulo Jaguar, que defendia apenas a metade da tiragem. O estrondoso e inesperado sucesso avalizou-se nas edições seguintes, com o número de exemplares crescendo a cada semana. No número 16, a tiragem alcançou os 80 mil; no número 20, os 100 mil, no número 25, chegou ao pico de 225 mil, com venda em banca de 207 mil. Desde então, estabilizou-se em torno de 200 mil exemplares até o final de 1970²⁰⁵. O volume atingido pela publicação rompeu as fronteiras da mítica Ipanema imaginada por seus criadores e o semanário logo se dissipou ao longo do território nacional. Mesmo como alternativo, *O Pasquim* rivalizou nas bancas com jornais e revistas da grande imprensa.

O incômodo causado pelo *O Pasquim* ficou evidente já em dezembro de 1969. Após uma entrevista com Juca Chaves no número 26, na qual o entrevistado se queixava da revista *Manchete* e ironizava Adolpho Bloch, *O Pasquim* foi colocado abruptamente na rua. A Distribuidora Imprensa também era responsável pela circulação da *Manchete* e, pressionada por Bloch, não só suspendeu a distribuição do semanário de humor, como o desalojou da sala cedida para sua produção. Após rápida reorganização, o veículo continuou circulando, agora sob os cuidados da distribuidora Abril²⁰⁶.

Além dos entraves com os concorrentes da grande imprensa, o hebdomadário logo atraiu as atenções do governo militar. As críticas aos costumes e

²⁰⁴ QUEIROZ, A. C. de B. *O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação* (1969-1991). *História & Perspectivas*, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004. p. 238-239.

²⁰⁵ BRAGA, J. L. *O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba*. Brasília: UNB, 1991. p.28.
CHINEM, R. *Imprensa alternativa: jornalismo de oposição e inovação*. São Paulo: Ática, 1995. p.43.

²⁰⁶ BRAGA, J. L. *Op. cit.* p. 34-35.

a linguagem descontraída do semanário, caracterizada pela oralidade discursiva, inclusive com uso corrente de palavrões, despertaram a desconfiança do regime. Como resultado, desde junho de 1970, *O Pasquim* passou a conviver com a censura prévia em sua redação²⁰⁷.

O ápice da ação coerciva ao jornal ocorreu em novembro de 1970, quando quase todos os integrantes da redação foram presos. Por dois meses, a maioria do núcleo da patota ficou detido. Entre eles Jaguar, Tarso de Castro, Paulo Francis, Ziraldo, Fortuna, Carlos Maciel, Sergio Cabral e Flavio Rangel. O periódico conseguiu atravessar o momento com o trabalho na redação de Millôr Fernandes, Martha Alencar, Henfil e Miguel Paiva juntamente com a o apoio intensivo de diversos colaboradores²⁰⁸. Silenciado pela censura, o hebdomadário estava proibido de levar à público a prisão de seus principais componentes. Mas, mesmo de forma velada, os membros d'*O Pasquim* externavam a situação dos colegas: “surto de gripe que numa verdadeira reação em cadeia assolou a equipe do jornal”, anunciava o nº. As famosas frases de capa satirizavam a situação: nº 74 “*O Pasquim* – apesar dos pesares”; nº 75 “Uma coisa é certa lá dentro deve estar mais engraçado do que aqui fora”; nº 77 “*O Pasquim* é a prova: quem comunica se trumbica”.

Apesar do esforço coletivo para manter o periódico, as vendas e a aceitação nas bancas caíram drasticamente, chegando a interromper a circulação do hebdomadário por duas semanas. De acordo com José Luiz Braga, o episódio da prisão é o marco final da fase dionisíaca d'*O Pasquim*²⁰⁹, marcada

²⁰⁷ BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. p. 34-35; KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 162-163.

²⁰⁸ A adesão massiva dos colaboradores neste momento conturbado foi denominada pelo próprio hebdomadário como “Rush da Solidariedade”.

²⁰⁹ O autor divide a trajetória d' *O Pasquim* em seis fases distintas distribuídas entre a fundação do jornal em junho de 1969 até dezembro de 1982, arco final da pesquisa. O primeiro é o período “dionisíaco”, com duração entre o lançamento do semanário até o final do ano de 1970, do nº 1 ao nº 80. O segundo é denominado de “longa travessia”, com duração entre os anos de 1971 e 1975, do nº 80 ao nº 300, momento no qual periódico esteve sob maior cerceamento por parte da censura prévia; O terceiro ainda sob os efeitos da liberação duvidosa da censura é batizado pelo autor de “esforço liberal”, estendendo-se entre 1975 e 1978, entre os exemplares 300 e 490; entre 1978 e 1980 destaca-se por caracterizar um dos momentos de expressão mais nítida como o “jornal dos anistiados”, com duração entre os números 490 a 559; Com desgaste do tema da anistia, o jornal enfrenta um período de baixa acentuada entre março de 1980 e dezembro de 1981, entre os números 559 e 650, momento nomeado como “baixo pique”; por último o autor termina sua periodização de análise – embora o periódico se mantivesse ativo até o início da década de 1990 – com um breve espaço de tentativa de reorganização e acúmulo de temáticas, intitulado “jornalão, futebol, eleições”, com duração entre os números 651 a 704, entre dezembro

predominantemente pela inocência política, pelo clima festivo e o inesperado sucesso econômico que possibilitou a sobrevivência da revista muito além da expectativa de seus criadores²¹⁰.

É durante esta fase que se desdobrou paralelamente no campo político, o início do governo Médici e, no esportivo, a IX Copa do Mundo de Futebol. Embora nem o futebol nem a política nacional sejam abordadas de modo direto e assíduo pelo hebdomadário, eles não deixaram de ocupar espaço significativo em suas páginas.

A postura d'*O Pasquim* enquanto publicação voltada primordialmente para o humor confere uma leitura diferente sobre o cenário político e social do período, o que também reflete no tratamento direcionado a uma temática popularizada como o futebol. Diferentemente das outras publicações investigadas, as representações articuladas sobre o futebol n'*O Pasquim* enfocam a relação com a população. O futebol é retratado como manifestação passional, expressão singular no espaço social brasileiro. Mesmo quando abordado de forma crítica ou satírica, o futebol é retratado como fenômeno socialmente significativo e relevante.

Além dos artigos que abordam o esporte, o futebol também é retratado através de tiras, charges e mesmo anúncios publicitários produzidos na linguagem d'*O Pasquim*. A visão produzida pelo semanário oferece um contraponto à cobertura jornalística efetuada pelas revistas de diversidades e a esportiva, mais preocupadas com treinamentos, condicionamento dos atletas, esquemas de jogo, resultados, relato das partidas e mandos e desmandos do técnico.

Ao figurar como uma publicação de oposição ao cenário político militar e assumir uma postura crítica quanto aos costumes e valores morais vigentes, *O Pasquim* também investe de modo diversificado sobre o campo esportivo. Proporcionou novas leituras sobre os símbolos culturais atribuídos ao futebol e sua significância no imaginário social nacional, como veremos adiante.

de 1981 e dezembro de 1982. BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991.

²¹⁰ BRAGA, J. L. **O Pasquim e os anos 70**: mais pra epa que pra oba. Brasília: UNB, 1991. p. 23-39.

3. 1º tempo: transformações políticas e esportivas rumo ao tri

3.1. Trágico 1966

O ano de 1966 configura um marco simbólico do futebol brasileiro. Mais precisamente assinala uma ruptura no esporte nacional, ao encerrar os êxitos sucessivos em mundiais, representados pelo bicampeonato de 1958 e 1962. Foi também a primeira Copa do Mundo após a consolidação do golpe de 1964. Nesse contexto representou a primeira grande possibilidade de alavancar o orgulho nacional através do esporte. De certo modo, se a memória reproduzida pelos veículos de imprensa exaltava a conquista de 1970, foi porque ela fora precedida pelo “fracasso” de 1966. Embora a desclassificação da seleção neste mundial não seja tão rememorada quanto a fatídica derrota de 16 de julho no Maracanã, ela detém peso fundamental na valorização do título imediatamente subsequente, do qual, aliás, parte significativa do elenco de jogadores fazia parte.

Às vésperas da competição na Inglaterra, o selecionado nacional era enaltecido como um dos favoritos e vislumbrava a possibilidade de garantir o terceiro título consecutivo. Assegurava a posse definitiva da taça Jules Rimet, provavelmente o símbolo material máximo dos mundiais até então.

O período de preparação foi bastante conturbado, principalmente pela desorganização e indecisão no momento de compor a equipe. Durante a etapa preparatória foram convocados, no total, quarenta e sete jogadores para disputarem apenas 22 vagas no elenco. O comando técnico estava a cargo de Vicente Feola, o qual havia dirigido a seleção durante o primeiro título mundial brasileiro em 1958. A convocação preliminar mesclava novos talentos, como Tostão, Gerson e Jair, com jogadores com maior experiência na seleção, muitos deles ícones das vitórias anteriores:

Muitos foram chamados, poucos serão escolhidos. A CBD convocou 45 craques – a maioria cariocas e paulistas, um mineiro, um pernambucano e um gaúcho. Alguns são novatos, outros já tem experiência no selecionado, 9 atuaram na campanha de 58, 9 na de 62. Dentre eles, 22 serão incluídos na delegação que irá a Londres buscar o caneco de uma vez por todas. Mas apenas 6 poderão, de direito e de fato, ostentar o título de tricampeões do Mundo: Gilmar, Zito, Djalma Santos, Bellini, Garrincha e Pelé. Porque foram os únicos a participar do escrete do bicampeonato.²¹¹

Diante da indecisão na escolha dos jogadores, em um paralelo interessante com o cenário político do período em vias de escolha de um novo presidente, a revista *O Cruzeiro* chegou até mesmo a organizar uma pesquisa no formato de eleição em algumas das principais capitais do país para apurar opinião popular quanto à formação ideal do time nacional.

Os meses que antecederam a competição foram marcados pelo confuso período de treinos, com a realização de amistosos em diversas partes do país, perpassando por extremos geográficos como as cidades como Porto Alegre (RS) e Manaus (AM). Com o grande número de jogadores que compunham a seleção e as variedades de formação para as partidas amistosas, a comissão técnica chegou a definir uma divisão do elenco em duas equipes distintas, nomeadas pela imprensa como “seleção A” e “seleção B”. Diante do número excessivo de convocados, as especulações dos órgãos de comunicação e da opinião pública eram constantes, tentando adivinhar, a cada semana, quais atletas seriam cortados e qual seria o time ideal.

Neste quadro, ainda que o otimismo sobre o possível tricampeonato fosse grande, também era visível o crescimento da desconfiança dos especialistas diante da indefinição da seleção. Mesmo antes da Copa, a comissão técnica já estava pressionada.

O *Cruzeiro* nº 36, datada de 9 de junho, traz uma reportagem interessante: “Na Copa de 66 falsos entendidos repetem 58 e 62”. Escrita após duas exibições fracas em amistosos, ela se colocou em defesa das críticas direcionadas à seleção e ironizou comentaristas e jornalistas esportivos:

Críticos não faltaram, em doses, alias, cavalares. Os cronistas, ditos especializados, em quase a sua totalidade, arrasaram as duas seleções. A batida foi a mesma: nenhuma técnica, falta de preparo físico, total incapacidade ante adversários de baixa categoria. Os nomes, dos piores, variaram. De acordo, naturalmente, com a preferência clubística do falado

²¹¹ MATHIAS NETTO, G. Seis no tri. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 26, p. 6-7, abr.1966. p.6.

“expert”. Em resumo, porém, nada está certo. Só a opinião dos ditos senhores.

E toca deitar falação, na base da última palavra. Mesas redondas e quadradas, na televisão, elegem, aos gritos, o selecionado ideal; derrubam e constroem ídolos. Artigos, nos jornais, definem posições, criticam asperamente este ou aquele jogador. E a turma da Comissão Técnica vai parar no pelourinho. [...] É pena que essa parte da “especializada” tenha memória tão fraca. Recuando no tempo, haveria de lembrar-se de falas e escritos passados, em época não muito remota.²¹²

Ao longo do texto, a tradição do futebol brasileiro, na figura de suas conquistas anteriores, é empregada como exemplo de superação das dificuldades enfrentadas durante a etapa de preparação e culminou com a reorganização final do time e a vitória no mundial. A comissão técnica, bastante criticada no momento, recebeu o apoio da publicação, credenciada pelos êxitos anteriores:

A comissão técnica, até prova em contrário, merece toda a nossa consideração. Não foi ela que nos deu um bi? Por que discordar do seu trabalho, ainda na fase preliminar? Principalmente agora, quando temos tanta gente boa selecionada.²¹³

Ao final do artigo, para reafirmar o discurso otimista, os autores assinalam que a confirmação do tricampeonato traria por terra todos os questionamentos prévios dos analistas esportivos:

Ganhando o tri, tudo será OK. Os entendidos não mais se esgoelarão frente às câmaras, chorando e abraçando seus ídolos, e dirão, convictos:
- Nós sabíamos. Estava na cara.²¹⁴

Demonstrando o clima de tensão antes mesmo da competição, a paciência requisitada pelo periódico esgotou semanas depois. Na edição nº 38, de 23 de junho, a insatisfação quanto à indefinição do escrete estampava o título da reportagem: “Brasil: seleção sem base”. Faltando poucos jogos até o início da disputa na Inglaterra, ainda não havia uma clareza a respeito dos jogadores que comporiam o elenco, tampouco sobre qual seria a equipe titular:

Não seria hora de experimentarmos a verdadeira seleção base, juntando os onze que deverão defender o bom nome do nosso País na VIII Copa do Mundo? Ou a comissão técnica ainda tem dúvidas, e não sabe, realmente

²¹² VIOLA, G. Na Copa de 66 falsos entendidos repetem 58 e 62. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 36, p.108-113, jun.1966. p. 112.

²¹³ *Ibid.* p. 113.

²¹⁴ *Id.*

quais são eles? O prazo para experiências vai se esgotando e deveríamos, agora preparar um bom conjunto para o Mundial da Inglaterra. E conjunto não se arranja em cima da hora²¹⁵.

Os valores representados, anteriormente rememorados sobre o futebol nacional, são agora colocados em xeque pela publicação. Enquanto a memória sobre as campanhas anteriores era utilizada posteriormente para justificar a paciência com o trabalho de preparação, agora era empregada contraditoriamente, distanciando a qualidade da equipe atual em relação às suas antecessoras:

Poderiam argumentar, e nós mesmos já usamos este raciocínio, com o fato de que, em 1958, na Suécia trocamos praticamente todo o ataque e ainda fomos campeões. Tínhamos porém, um Garrincha em plena forma, bem superior a Joel. O mesmo acontecendo com Vavá, Pelé e Zagalo, que substituíram aqueles que deveriam ser os efetivos [...] Poderá acontecer o mesmo este ano, mas é bom não facilitar.²¹⁶

Após empregar a memória como forma de pontuar as diferenças entre a equipe atual e a campeã na Suécia, o autor decreta o seguinte:

Vamos, por tanto, com toda urgência, acabar com a agonia. Para bem dos 40 jogadores e de 80 milhões de torcedores, que desejam saber, de uma vez por todas, quem são os 22 escolhidos. E ainda mais, os 11 do time efetivo.²¹⁷

Às vésperas da estreia na Inglaterra, a seleção ainda não havia solucionado os problemas quanto à organização da equipe. Ainda assim as manifestações de apoio e otimismo eram frequentes nas revistas observadas. A revista *Manchete*, de 25 de junho de 1966, em reportagem intitulada “O Tri por um triz” acompanhou os últimos momentos da equipe no país constatando o seguinte:

Após 46 convocações, dezenas de treinos, algumas partidas internacionais e discutidos cortes, nossa seleção começa a atingir sua forma e formação ideais. Isto, traduzido quer dizer que o tri está por um triz. Apesar das contradições quanto a formação do time titular, a verdade é que o escrete brasileiro permanece invicto após a disputa de inúmeras partidas internacionais.²¹⁸

²¹⁵ MORAES, M. de. Brasil seleção sem Base. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 38, p.108-113, jun.1966. p. 14-15.

²¹⁶ MORAES, M. de. Brasil seleção sem Base. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 38, p.108-113, jun.1966. p. 14-15.

²¹⁷ *Ibid.* p. 15.

²¹⁸ BIANCHI, N. O tri por um triz. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 740, p. 144-146, jun. 1966. p. 144.

Em julho, o artigo “A chave secreta do Tri” contrapôs a qualidade do jogo brasileiro ao estilo mais físico dos europeus e sinalizou tal diferenciação como um dos trunfos para a vitória na Inglaterra. Ao final da reportagem, reafirmou a superioridade brasileira e mencionou a seguinte declaração do literato e cronista esportivo Mário Filho:

- O TRI é nosso por uma razão muito simples – dissê ele – O nosso problema é vencer ou não vencer, enquanto o problema deles é perder ou não perder.²¹⁹

Os fracos resultados nos últimos amistosos preparatórios contrastavam entre o discurso preocupado, mas otimista, da imprensa, e a calma demonstrada pela delegação e comissão técnica. Quando questionado o rendimento abaixo do esperado dos jogadores, uma das alegações correntes era de que estes estariam se poupando, a fim de evitar lesões para chegar com plenas condições ao torneio. As reportagens também já salientavam, durante o período de concentração, o jogo “violento” de certos adversários, além de se preocuparem com uma possível parcialidade da arbitragem contra a equipe nacional. Mesmo antes do mundial, estes fatores já eram observados como possíveis empecilhos à seleção.

Chegado o momento da Copa, a confiança em um novo título nacional foi logo demovida. Na partida de estréia, dia 12 de julho, a seleção estreou com vitória, de 2 x 0, contra a Bulgária, gols de falta de Garrincha e Pelé. Na partida seguinte, os brasileiros foram surpreendidos, dentro e fora de campo, pela seleção da Hungria, que derrotou os atuais bicampeões por sonoros 3 x 1. Frente a esse resultado, o Brasil precisava vencer de qualquer forma o terceiro jogo, dia 19 de julho em Liverpool, por uma considerável diferença de três gols. Porém, contra o combinado português, nova derrota, desta vez por 3 x 0. O escrete brasileiro, considerado como um dos principais postulantes ao título, acabou eliminado na primeira fase, em campanha decepcionante, tendo em vista as expectativas criadas antes da competição.

No período que se seguiu, cronistas, comentaristas e jornalistas esportivos tentavam explicar as causas da eliminação. Também buscavam mensurar o impacto que a derrota teria sobre o próprio futebol nacional. Tendo como referência os valores tradicionais atribuídos ao futebol brasileiro, questionava-se se o Brasil não

²¹⁹ BIANCHI, N. A chave secreta do Tri. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 742, p. 20-23, jul. 1966. p. 23.

havia sido superado pelo futebol “moderno” dos europeus. O resultado inesperado de 1966 não abalou somente as concepções tradicionais articuladas ao esporte, mas também a imagem de nação vitoriosa manifesta a partir do futebol. A derrota dos gramados repercutia no imaginário popular o significado de uma derrota da própria nação.

Observando as reportagens da revista *O Cruzeiro* de 9 de agosto de 1966, fica evidente a decepção com o “fracasso” da seleção. O artigo “Por que perdemos o tri”, procurava as respostas para a precoce eliminação do Brasil. Segundo o texto ocasionou a humilhação nacional e despertou a indignação popular:

Que houve com o Brasil? Todos se perguntavam, decepcionados, desalentados ou perplexos. Tendo provado por duas vezes o sabor da Taça, a torcida brasileira sorve agora o da derrota, ainda não suficientemente explicada, apesar da farta distribuição de sentenças condenatórias que se seguiu ao insucesso da Seleção Brasileira na Copa-66. Do fundo do abismo, o Brasil esportivo ensaia os primeiros movimentos para reerguer-se, atecendo as escarpas, querendo saber onde a terra cedeu a seus pés, fazendo-o cair das alturas em que se encontrava após as conquistas que granjearam a admiração internacional. Nesse exame de consciência, nenhum erro deve ser obscurecido, nem deve haver lugar para desculpas, que só entulharam o dos que buscam reconstruir o prestígio de nosso futebol.²²⁰

As fotografias que acompanharam o artigo, retratando torcedores desolados e desesperados diante da derrota da seleção nacional, demonstraram o tom que se criara em torno do futebol na época. A eliminação na Copa era incorporada como uma tragédia para a população do país, ideia reproduzida e vinculada no discurso dos artigos observados na imprensa da época:

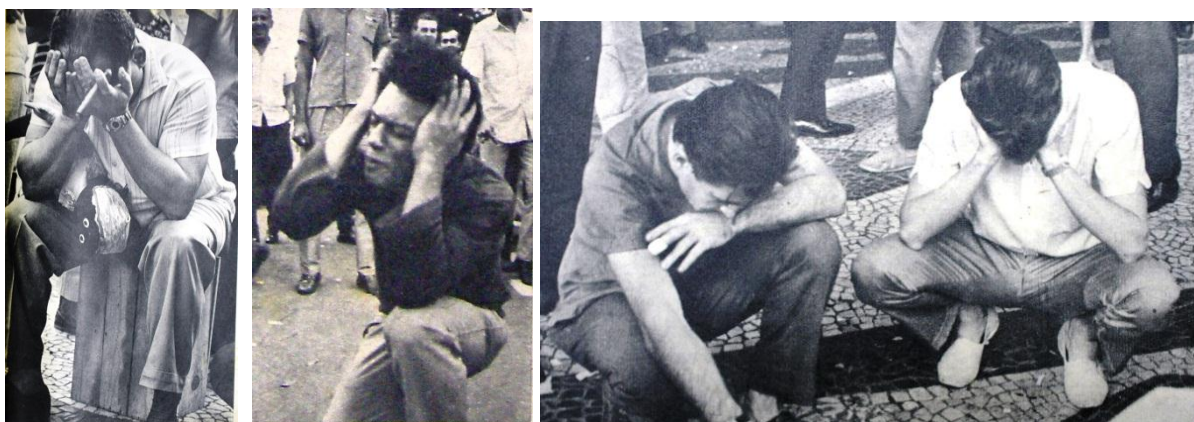


FIGURA 6 – Torcedores lamentando a eliminação em 1966.

FONTE: MATHIAS NETTO, G. Por que perdemos o tri. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, p.14-15, ago.1966.

²²⁰ MATHIAS NETTO, G. Por que perdemos o tri. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, p.14-15, ago.1966. p.14.

Entre os fatores apontados como responsáveis pelo baixo rendimento na Inglaterra, destacavam-se a incapacidade da comissão técnica em definir uma base para equipe titular, bem como a falta de um padrão tático de jogo. O conturbado período de treinos e concentração, marcado pelo número excessivo de atletas convocados, cortes sucessivos, jogos e treinamentos nas mais diversas localidades foram visualizados como exemplo de desorganização, tanto por parte da CBD quanto do comando técnico. Os erros de 1966 serviam de contraste aos acertos de 1958 e 1962. Embora, antes da competição, parcela significativa dos veículos de imprensa mantivesse um discurso esperançoso e antevia a possibilidade de resolução dos problemas mesmo durante a competição, ao ser consolidada a derrota os equívocos são lembrados como causas primárias do fracasso brasileiro:

O erro principal foi a ausência de um time-base, depois de três meses de treinamentos. Sucederam-se as experiências, as trocas, os enxertos, sem que houvesse um plano adequado, sem um sentido de conjunto que deveria ter presidido, desde o início, o trabalho da Comissão Técnica. O segredo do sucesso em 58 e 62 foi justamente a armação da equipe, baseado no conhecimento prévio que os ocupantes das posições da defesa e do ataque possuíam de seus companheiros [...] ²²¹

Outro artigo da mesma *O Cruzeiro*, reitera esta visão. Em “A derrota sem o viés da fantasia”, Mario de Moraes, enviado da redação para acompanhar a seleção na Copa, procurou apontar os erros do Brasil à luz das desculpas dos membros da delegação e da CBD. Entre os vários fatores elencados, também ressaltou a falta de entrosamento diante da inexistência de um conjunto base. Uma incumbência de organização do comando técnico e não dos jogadores, relativamente poupados das críticas mais pesadas:

Não culparemos os jogadores, que estes são os menos culpados. Nenhum deles, estamos certos, desejava perder. Jogaram o que sabiam, numa seleção em que faltava o principal: entrosamento. Não adianta explicar, como o fez ironicamente Paulo Amaral²²², que em 58 também trocamos muitos jogadores e ganhamos a Copa. Este argumento não é de todo válido, por que. Porque naquele ano, tínhamos uma base. E qualquer um poderia escalar o time do Brasil. Substituímos alguns jogadores, mas não

²²¹ MATHIAS NETTO, G. Porque perdemos o tri. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, p.14-15, ago.1966. p. 15.

²²² Preparador físico nos mundiais de 1958 e 1962 e auxiliar técnico de Vicente Feola em 1966.

destruímos o conjunto. E este ano? Você, Paulo Amaral, poderia nos dizer qual a seleção do Brasil?²²³

Os procedimentos de treinamento físico adotados pelo corpo técnico também foram bastante questionados. Apesar dos intensos treinamentos, parcela significativa dos jogadores sofreu com contusões. Além disso, durante as partidas do mundial, mesmo após o longo período de condicionamento, a equipe também não foi capaz de enfrentar os europeus no embate corpo-a-corpo. Essas afirmações não questionavam a qualidade técnica do jogador brasileiro, mas evidenciavam a necessidade crescente da preparação física em um esporte de contato e competitivo.

Falou-se muito do mau estado físico do jogador Brasileiro. Hermany, encarregado desta parte, defendeu-se, acusando a imprensa de sensacionalista. Na verdade, porém, perdemos em todos os piques e no corpo-a-corpo, o que veio provar que não estávamos bem preparados. Quando se chocavam um brasileiro e um adversário, era certo cair o nosso. Quando um brasileiro e um adversário corriam para uma bola, ambos com a mesma distância para alcançá-la, nos sempre chegávamos atrasados. [...] Se Hermany sabe ou não sabe preparar fisicamente jogadores de futebol, é afirmação que nós não arriscamos a fazer, já que não somos especialistas no assunto. Mas existem fatos que dão o que pensar. Quase todos os jogadores brasileiros, quando em conversa com nossa reportagem, queixavam-se de que chegavam estourados aos 90 minutos de jogo.²²⁴

De acordo com a leitura efetuada por Mathias Netto, esta defasagem seria responsabilidade de uma equipe profissional pouco apta e incompleta enviada em uma delegação extremamente numerosa:

Duas outras falhas devem ser evidenciadas: a preparação física excessiva, sob a responsabilidade de quem esta acostumado a preparar lutadores de judô (e nem assim levamos vantagem no corpo-a-corpo), e a falta de preparação psicológica (um dos fatores das conquistas precedentes). Desta vez, tivemos um preparador físico e um técnico de campo, dois massagistas, dois médicos e nenhum psicólogo. A desculpa da sua ausência foi a falta de lugar numa delegação de mais de um centena de membros, em que figuravam somente 22 jogadores.²²⁵

Nesta passagem, é interessante observar a importância atribuída ao processo de condicionamento físico com fundamentos científicos, supervisionado

²²³ MORAES, M. A derrota sem o viés da fantasia. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 47, p. 6-13, ago. 1966. p. 10.

²²⁴ MORAES, M. A derrota sem o viés da fantasia. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 47, p. 6-13, ago. 1966.p. 11.

²²⁵ MATHIAS NETTO, G. Porque perdemos o tri. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, p.14-15, ago.1966. p. 15.

por profissionais capacitados. Apesar de observadas algumas inadequações no processo de preparação, o que é questionado não é a falta de treinamentos físicos, mas o excesso que causou desgaste nos atletas e eventuais contusões. O papel de destaque considerado ao psicólogo, presente nas conquistas anteriores, contribuiu para constatação da valorização da profissionalização do processo de treinamento e condicionamento esportivo, o qual deveria ser pautado em um trabalho diversificado com o apoio de conhecimentos específicos de várias áreas profissionais, sobretudo ligadas à saúde. Indiretamente, essas narrativas já sinalizavam a importância crescente de áreas como a medicina e a educação física no campo esportivo como um todo. Observando o contexto do período, o futebolista já não poderia ser enquadrado apenas como um jogador, isto é, alguém dotado de habilidade e conhecimentos particulares na disputa da modalidade, mas um atleta, fisicamente desenvolvido para obter o melhor rendimento possível.

Mesmo destacadas as deficiências técnicas e organizacionais da delegação enviada à Inglaterra, permanecia a dúvida quanto à capacidade nacional diante do “moderno” jogo europeu. Questionavam-se sobre se o “futebol-arte” sul-americano, brasileiro em particular, não teria sido superado pela força e organização coletiva dos europeus. Comparando as finais de 1958 e 1962 com a de 1966, Moraes, por exemplo, concluiu que se o futebol havia ganhado bastante em velocidade e fôlego, também perdera significativa parte de sua beleza. O avanço atlético, não acompanhado pelos brasileiros, era visto como antítese ao estilo nacional. Estes questionamentos estavam presentes também no texto de Mathias Netto:

E por fim, a verdade que não devemos temer: o futebol do Brasil (como o da Itália, o da Argentina e o sul-americano em geral) não avançou muito em relação ao que se pratica hoje em dia no Velho Mundo. A lentidão, as posições fixas, a retenção demasiada da bola, foram defeitos que, de uma hora para a outra, se tornaram claros aos nossos olhos. O futebol-arte, o maravilhoso futebol-arte, está obsoleto, ou ao menos desatualizado, em face do feio e vigoroso, mas eficiente, moderno futebol europeu.²²⁶

Em contrapartida a esta visão, é interessante retomar o discurso do Cronista esportivo Nelson Rodrigues. Publicado na revista *Manchete*, o texto de Rodrigues culpa a comissão técnica, elegendo-a grande responsável pela derrota. Para o autor, a comissão demonstrou enorme incompetência ao não conseguir, após longo período de treinos, organizar uma equipe, com tantos talentos à mão.

²²⁶ MATHIAS NETTO, G. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, p.14-15, ago.1966. p. 15.

Simultaneamente desenvolve um esforço de valorização da tradição do futebol nacional, ao enaltecer os esforços dos jogadores, verdadeiros representantes do esporte no Brasil e, ainda, melhores do mundo.

O resultado só podia ser o caos. Portanto, não é nada surpreendente que tenhamos visto em campo, ou no campo brasileiro, a explosão do caos. O que os jogadores fizeram, numa luta suicida, é comovente. Qualquer outro time que tivesse organização, simples organização, venceria o Brasil. Portanto, o que o povo precisa ter em mente é o seguinte: a culpada de tudo é a Comissão Técnica. Se um de nós apanhasse um paralelepípedo no meio da rua, um paralelepípedo analfabeto, que mal soubesse assinar o nome, e lhe pedisse um escrete brasileiro capaz de ganhar o tri, o honrado paralelepípedo, sem a menor vacilação, formaria, na hora, uns cinco times. Só a Comissão Técnica é que não teve competência para imaginar uma equipe, boa ou má, não importa, mas que fôsse uma equipe, e como tal arrumada. Repito que em momento nenhum, através de quatro meses de preparação, o Brasil teve um time definitivo. Evidentemente, com essa humilhação inédita no futebol brasileiro, a Comissão perdeu o direito de piar daqui para o futuro. Ao passo que o craque brasileiro continua com direito a todas as homenagens. Ele merece que o carreguemos na bandeja, de maça na boca, como um leitão assado.
Glória eterna ao futebol do Brasil!²²⁷

Deste modo, o ano de 1966 representou o fim do ciclo vitorioso do bicampeonato mundial. Mais do que isso, foi um duro golpe na tradição do esporte nacional, devidamente enobrecido pelos títulos recentes. Finda prematuramente a participação brasileira na copa inglesa surgiam as dúvidas quanto à supremacia do futebol brasileiro, com acusações aos jogadores mais experientes, a imaturidade dos mais novos e, sobretudo, a falta de organização da Comissão Técnica e da CBD. Sob o signo da incerteza, já se iniciavam os primeiros passos para o próximo mundial. Se ainda não se sabia ao certo o que deveria ser feito, ao menos havia certeza de não se repetir os mesmos erros de 1966.

Salvador e Soares (2009), ao trabalharem com a memória construída sobre o a Copa de 1970, entrevistaram um dos ícones da campanha, o meia Gérson. Tendo integrado a equipe enviada à Inglaterra, Gérson identificou no fracasso de 1966 as raízes de um trabalho cuidadoso, realizado com a devida antecedência para o mundial seguinte.

A copa de 1970 começou praticamente em 66, quando perdemos a Copa da Inglaterra. Tínhamos seis jogadores que atuaram em 70 como titulares. A seleção de 70 começou a ser montada em 66. Com esse grupo fizemos uma excursão em 67 e 68 à Europa. Passando pelo México e terminando

²²⁷ RODRIGUES, N. A explosão do caos. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 14, n. 745, p. 26-29, jul. 1966. p. 28.

no Peru. Em 69 vieram as eliminatórias e, em 70, chegou a Copa. Portanto este trabalho começou quatro anos antes da Copa de 70.²²⁸

Apesar de se tratar de momentos diferentes, a Copa de 1970 está, de certa forma, ligada à memória da Copa de 1966. No México, parte dos jogadores que atuaram na Inglaterra estavam presentes e acabaram consagrados. Sob determinado viés, o triunfo de 1970 é ainda mais valorizado por superar as dúvidas da Copa anterior, uma forma de resgatar o orgulho nacional ferido quatro anos antes.

3.2. Crise de paradigmas: futebol-força x futebol-arte

Terminada a competição de 1966, iniciava-se uma nova etapa no futebol nacional. Após a repercussão negativa da última competição, das acusações aos membros da delegação e a avaliação dos equívocos cometidos no processo de preparação, as atenções se voltavam para o próximo mundial.

Ciente das críticas direcionadas ao escrete nacional, treinadores, dirigentes, membros técnicos e comentaristas esportivos destacavam a necessidade de modernização do futebol nacional nos termos de preparação e condicionamento físico apresentados pelos europeus. Na perspectiva de parcela significativa dos especialistas da época, o modelo tradicional do “futebol-arte” dos brasileiros havia sido superado pelo “futebol-força” demonstrado pelas equipes européias²²⁹. Sendo assim, para triunfar nas competições internacionais seria necessário adotar o modelo “moderno” de jogo, vitorioso no último mundial.

Mas o que era o “futebol-força”? Para Admildo Chirol, preparador físico da seleção de 1970, “a força empregada pelos europeus consistiu em dotar seus jogadores de um incrível preparo físico, a fim de poder, sem temor de cansaço prematuro ocupar o mais possível o campo de jogo com o objetivo de anular o estilo

²²⁸ SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 110.

²²⁹ FLORENZANO, J. P. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998. p. 25-31.

sul-americano”²³⁰. O “sucesso” desta tática teria sido avalizado pelo bom desempenho das equipes europeias na competição. Diante da fraca campanha das seleções sul-americanas, particularmente da brasileira, o modelo praticado pelos europeus assumia atributos tidos como modernos, os quais deveriam, então, ser devidamente incorporados pelo futebol nacional.

Esta modernidade estaria calcada, segundo o técnico Zezé Moreira, em características como força, velocidade e resistência, elementos centralizados na preparação física e na disciplina tática²³¹. Na percepção do ex-treinador do escrete nacional.

O futebol força não requer muita beleza, não requer *firulas*, não requer jôgo acadêmico, mas sim procura um objetivo maior, que é disputar o lance com disposição e partir célere para as conclusões. Para a disputa de uma Copa do Mundo o ideal é o emprego do *futebol-força*.²³²

Na visão do técnico, a nova forma de jogo teria surgido como uma resposta ao estilo sul-americano, vitorioso em 1950, com o Uruguai, 1958 e 1962, com o Brasil. Devido à incapacidade do europeu em se equiparar no mesmo sistema de jogo praticado nessas ocasiões, foi necessário desenvolver um novo, capaz de neutralizar e suplantar o anterior²³³. O resultado foi o futebol-força²³⁴, embasado nos preceitos modernos de preparação atlética, disciplina tática e objetividade. Enquanto o futebol sul-americano se acomodou, os europeus desenvolveram uma forma atualizada de jogar.

Em 1966, nos apresentamos no Campeonato Mundial com o mesmo futebol praticado em 58 e 62 e por isso não conseguimos bom resultado. Não só o Brasil, como também outros países. Uma coisa precisa ser bem esclarecida. O *futebol-força* não é brutalidade, não é violência, mas simplesmente muita luta, muito combate. Não só velocidade nas jogadas, com a bola rolando o mais depressa possível ou mesmo a velocidade com o homem com a bola. É ainda rapidez nos lances, deslocamentos rápidos, espírito de luta, de

²³⁰ CHIROL, A. Preparação física e outros problemas. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.16.

²³¹ MOREIRA JR, A. Futebol-fôrça e futebol-arte. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.174-175.

²³² *Ibid.* p. 175.

²³³ *Ibid.* p.174-177.

²³⁴ *Id.*

equipe, de conjunto. Muita luta mesmo. Tudo isso aliado a um excelente preparo físico e técnico.²³⁵

Nota-se a preocupação em descaracterizar o novo estilo como violento. Uma das reclamações sobre o mundial da Inglaterra foi justamente pelo jogo duro, marcado, na consideração de alguns analistas, pelo grande número de faltas, algumas delas, desleais. Contudo, o aumento dos choques físicos constituíram uma constante de acordo com as propostas do novo modelo. Corroborando esta leitura, o professor Admildo Chirol afirmava o seguinte.

Sabemos perfeitamente que quanto mais reduzirmos o terreno de jogo em um desporto onde há o contato direto com o oponente, esse desporto tende a se tornar mais viril.

Sendo assim, a permanente disputa e a desvantagem entre o porte atlético europeu e o do brasileiro, no caso, trouxe sempre desvantagem para nós, daí acharem que o futebol europeu empregado foi um futebol violento, á base da força bruta.²³⁶

Portanto, a força apregoada ao novo modelo resultou do processo atualizado de treinamento, fundamentado em preceitos científicos, na especificidade das atividades realizadas e na especialização profissional. Em um contexto geral, as transformações visualizadas a partir do futebol não constituem mais do que um exemplo da evolução esportiva como um todo. Aspectos como a profissionalização e competitividade são fatores determinantes neste processo, ao estimularem diretamente a criação de métodos de preparação que possibilitassem um diferencial no rendimento de cada desportista ou equipe na busca de melhores resultados.

O cuidado pleno com o corpo é assunto de investigação acadêmica diversificada desde o século XIX, devidamente atestada pelo aperfeiçoamento de áreas de conhecimento como a Medicina e a Psicologia, além da estabilização de outras, como a Educação Física. O esporte moderno, tal como o descreviam os especialistas no futebol, apresentava seus fundamentos no aprimoramento físico com bases científicas, em acordo com a valorização do esporte enquanto manifestação plena das capacidades atléticas corporais necessárias. De acordo com Bohme:

²³⁵ MOREIRA JR, A. Futebol-fôrça e futebol-arte. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 177.

²³⁶ CHIROL, A. Preparação física e outros problemas. In: PEDROSA, M. (Org.). *Op. cit.* p.17.

A evolução dos resultados esportivos mundiais no século XX ocorreu paralelamente à evolução científica–tecnológica nas áreas da Fisiologia, Biomecânica, Medicina, Psicologia aplicada ao Esporte e do Treinamento Esportivo, que levou ao desenvolvimento da Ciência do Esporte como um todo.²³⁷

A valorização da disputa esportiva também estimulou a canalização de investimentos privados e públicos para o esporte, fomentando o aprimoramento de tecnologias de preparação e treinamento nas diversas modalidades. Este processo ganhou força principalmente a partir da verificação das possibilidades de instrumentalização política do esporte. No contexto da polarização ideológica da Guerra Fria, os embates esportivos, principalmente nas competições internacionais, sobretudo, nos Jogos Olímpicos, serviram como palco para o confronto entre os blocos capitalista e socialista na afirmação da supremacia global dos respectivos sistemas políticos²³⁸. Como conclui Kátia Rubio, “grandes nações obviamente deveriam produzir grandes atletas que demonstrariam ao mundo o verdadeiro potencial de construção de domínio de uma ordem mundial binária”²³⁹.

Segundo Bohme, este processo demarcou a passagem de uma perspectiva pedagógica para a perspectiva de esporte de rendimento, com o intuito da obtenção da vitória a qualquer preço, inclusive com a utilização de substâncias fármaco-químicas (*doping*)²⁴⁰. Nesse sentido, a preocupação com o desenvolvimento do processo de preparação e condicionamento físico consistia em um aspecto geral da disputa esportiva, que enfocava cada vez mais a evolução da Medicina e das Ciências do Esporte como caminho para o incremento das capacidades atléticas.

Embora no momento em questão, o futebol brasileiro estivesse “desatualizado”, em situações anteriores ele pôde ser evocado como exemplo de inovação dos esforços destinados ao preparo esportivo adequado. Na Suécia, em 1958, a delegação brasileira teve como uma de suas principais preocupações a formulação de uma delegação composta por um corpo profissional diversificado,

²³⁷ BOHME, M. T. S. A contribuição do curso de Pós-graduação em Educação Física da Escola de Educação Física e Esporte no desenvolvimento da linha de pesquisa em Esporte infanto-Juvenil, Treinamento a longo prazo e Talento esportivo. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v.21, p.115-30, dez. 2007. p. 119.

²³⁸ *Id.*

²³⁹ RUBIO, Kátia. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 24, n. 1, mar. 2010.

²⁴⁰ BOHME, M. T. S. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. **Rev. bras. Ci. e Mov.** Brasília, v. 11, n. 3, p. 97-104, jul./set. 2003.

capaz de atender as demandas físicas, técnicas e psicológicas dos jogadores.²⁴¹ Embora tais inovações tenham sido valorizadas, principalmente após o êxito da campanha, não havia a crença de que o planejamento aprimorado tenha modificado o estilo de jogo e criado um novo modelo de futebol, tal como ocorrera em 1966.

A copa de 1966 representou uma mudança de referência na própria forma de praticar o futebol e centralizou os fundamentos táticos de jogo no processo de preparação e condicionamento físico dos jogadores. Diante do novo panorama, discutia-se se os métodos de treinamento empregados nos clubes, agremiações e na equipe nacional não careciam de atualização frente ao praticado pelos europeus. A partir desse momento, técnicos, preparadores físicos, dirigentes, jornalistas esportivos passaram a investigar formas de treinamento ideais para alcançar os valores apregoados ao futebol moderno. Na visão de alguns profissionais do período a própria função do técnico teria mudado significativamente.

Hoje, a grande tarefa dos treinadores é dar a melhor condição física e técnica a seus jogadores, a suas equipes. A compreensão disso tem como resultado maior cuidado com a preparação física. É bem verdade que alguns jogadores ainda se escondem, outros fogem aos exercícios físicos, mas com o tempo vão se enquadrando, pois não treinando, não apurando a forma física, não podem disputar os jogos, ficam de fora.²⁴²

Para parcela significativa dos analistas e especialistas esportivos a incorporação do futebol moderno exigia uma mudança de mentalidade. Comissão técnica e dirigentes deveriam adotar um novo perfil, investir na especialização profissional do corpo técnico, estudar novas concepções de exercício físico e sistemas táticos adotados em outros países, além de acompanhar atentamente as inovações em áreas de conhecimento como a medicina e a educação física. Discutia-se, também, a necessidade de fundamentar o processo de formação adequada dos jogadores desde seu ingresso nas categorias de base dos clubes. Da mesma maneira, os jogadores deveriam incorporar hábitos de vida saudáveis e evitar ingerir bebidas alcoólicas e fumar, além de demonstrarem maior empenho nas atividades físicas.

²⁴¹ FREITAS JR., M. A. de. **Razão e paixão no futebol**: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, L. (Org.). *Futebol e globalização*. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007. p. 214-216.

²⁴² ALMEIDA, P. de. Evolução do futebol. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.148.

Porém, para operar tais modificações, observavam-se possíveis entraves que dificultaram a associação do modelo europeu. Fatores de distinção como o clima e a alimentação constituíam alguns dos elementos citados. Além desses, também eram apontadas questões como a diferença sociocultural entre os atletas brasileiros e os europeus. O técnico do Cruzeiro no período, Orlando Fantoni, assinala algumas destas limitações.

Geralmente, os atletas brasileiros participantes do futebol vêm da classe pobre e não estão devidamente preparados para seguir uma carreira tão difícil e exigente como a de futebolista, cheia de contradições e de perigos de ordem psicológica, que normalmente requerem um grau de cultura bastante elevado, como meio de preservá-los contra momentos de dificuldades em que constantemente se encontram. Depois temos o grau de assimilação do atleta, que jamais pode ser completo se ele não possui cultura suficiente para isso. Aí também o europeu nos leva nítida vantagem, porquanto o atleta europeu possui um grau de instrução superior ao nosso.²⁴³

Além das fronteiras sociais apontadas por Fantoni diferenças genéticas, sintetizadas através do conceito racial são por vezes evocadas como possíveis limitadores entre o estilo brasileiro e moderno sistema europeu. Sob esta ótica, o processo de treinamento sobre o qual se desenvolvera o futebol-força não poderia ser plenamente aplicado, ou não daria o mesmo resultado, devido à miscigenação racial brasileira, que privaria os jogadores nacionais das mesmas capacidades atléticas demonstradas pelos desportistas europeus. Se a ginga, a criatividade e o improviso seriam características oriundas da miscigenação racial, essa mesma miscigenação impediria que os jogadores desenvolvessem plenamente atributos físicos como força e resistência. Para uma parcela dos treinadores e preparadores, tais “deficiências” poderiam ser suprimidas através do investimento e do desenvolvimento de áreas de fundamentação científica, como a medicina esportiva e a educação física.

Nosso jogador precisa ser mais resistente e isso somente poderá acontecer quando a medicina esportiva der bastante mais!

Devido à mistura de raças, sendo o brasileiro ainda um subnutrido, juntam-se a isso problemas sociais dos mais diversos. Entendo que a medicina esportiva no Brasil tem de ter mais profundidade para que possa melhor preparar o atleta e para que o mesmo tenha melhores meios para enfrentar os duros métodos de educação física e de preparação os mais diversos,

²⁴³ FANTONI, O. Futebol brasileiro e futebol europeu. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 141-142

pois a verdade é que precisamos melhorar e isso inclui também a medicina esportiva.²⁴⁴

Outros, porém, observavam que tais características seriam um entrave permanente, sendo necessária a adaptação do moderno sistema de jogo às características brasileiras. Caso fossem somente reproduzidos os métodos de trabalhos, estes não encontrariam mesma eficiência devido à incompatibilidade racial nacional. Em outras palavras, o modelo do futebol-arte sintetizaria os próprios atributos culturais brasileiros, enquanto o futebol-força seria a representação das potencialidades européias. Ex-jogador no Brasil e na Espanha e então integrante da comissão técnica do fluminense, Evaristo de Macedo afirmava o seguinte.

[...] Desde minha volta ao Flamengo, em 1965, venho dizendo e repetidamente o disse, [...], que não podíamos adotar ao pé da letra o sistema de treinamento europeu. Isto, em primeiro lugar, por que a capacidade física do nosso jogador esta muito aquém da do europeu. Em conseqüência, se procurássemos aplicar aqui os métodos de treinamento adotados na Europa, o resultado seria negativo: em vez de preparar nossos atletas iríamos cansá-los. Semelhante treinamento, em lugar de beneficiar o futebolista brasileiro, viria prejudicá-lo [...] E isso devido a uma série de fatores, entre os quais: a alimentação, o clima, o nosso biótipo. Continuo ouvindo falar de métodos europeus e da introdução de novos sistemas de treinamento. Na realidade, acho que o de que precisamos em primeiro lugar é da melhoria do que chamarei de *raça*, de condições físicas saudáveis. [...] Creio que o jogador brasileiro levado para a Europa, após a indispensável adaptação, pode render o necessário, dentro de seu sistema de treinamento. Mas não pode fazer o mesmo no Brasil, se adotado o mesmo sistema de treinamento europeu. Considero tal coisa impossível, por causa dos problemas do clima, da alimentação e da *raça*, pois ainda temos uma mistura e não um tipo de *raça* definido.²⁴⁵

Embora reconhecida a necessidade do aprimoramento físico dos jogadores, discutia-se a real efetividade do futebol-força como referência de jogo a ser adotada no Brasil. Para alguns técnicos do período, o futebol-força simbolizava um estilo mais combativo e defensivo, e contrariava as características naturais dos jogadores sul-americanos, principalmente dos brasileiros. Dessa maneira, ao adotar o modelo apregoado como moderno, estavam sendo renegados os próprios valores culturais constituintes do esporte nacional, em proveito de outros nos quais os jogadores não poderiam desempenhar a mesma eficiência de seus adversários localizados a leste

²⁴⁴ FERREIRA, D. Brasil dificilmente ganhará a Copa do Mundo nos próximos anos. In: PEDROSA, M. (Org.). *Op. cit.* p. 61.

²⁴⁵ MACÊDO FILHO, E. de. Preparação física: no Brasil e na Europa. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 79-80.

do Atlântico. Formado como professor de cultura física, técnico no Brasil e no exterior, o argentino Felipe Nunes, sintetizava tal percepção.

De onde saiu a retranca, o ferrolho, o jogo retraído?

A resposta é fácil: da Europa.

A falta de agilidade, do poder de improvisação, o jogador europeu foi levado a procurar uma maneira de barrar o futebol-arte. Mas não o conseguiu.

O futebol sul-americano tem de tudo: picardia, malícia, controle de bola, bom reflexo, o futebol-arte, com finalizações e jogadas bonitas e práticas. Principalmente o jogador brasileiro. Isso nasce com o jogador sul-americano. Não vamos matar tais qualidades.

Enquanto isso, o futebol europeu é um futebol mecanizado.

O *futebol-força* não é senão o resultado da formação física do europeu. Neste particular concordo em que o sul-americano não pode acompanhar o ritmo de treinamentos do europeu. Conseqüência de formação e de modos de vida diferentes. Se tirarmos o arroz e o feijão do brasileiro, o caso se torna muito sério. Já o argentino não passa sem o seu vinho e o seu churrasco.

Isso tudo tem muita influência.²⁴⁶

Observando os diferentes discursos, é interessante constatar como a percepção neste momento era de oposição entre a modernidade da modalidade, representada pelo futebol-força, e o antiquado modelo tradicional nacional, sintetizado sob o ideal do futebol-arte. Este último era embasado na genialidade do jogador, em sua capacidade de ludibriar o adversário através de características culturalmente estipuladas como a malandragem, a criatividade e o improviso. Conforme as narrativas produzidas pela imprensa e pela literatura desde a década de 1930, sobre forte influência da socioantropologia freyriana e do discurso do jornalista Mário Filho, destacam tais atributos como naturais ao jogador brasileiro, fruto da própria miscigenação racial da população nacional. Deste modo, o futebol-arte estava embasado no talento inato dos jogadores, algo a ser somente desenvolvido e aprimorado.

Apesar do aprimoramento físico incorporar a rotina de preparação das equipes, a concepção moderna do jogo rompeu com a tradição esportiva nacional ao determinar esta preparação como elemento central no futebol. A oposição entre o tradicional e o moderno não estava no preparo físico em si, algo que já deveria ser praticado nos clubes e na seleção, mas na percepção que o desenvolvimento atlético e a força física, assumem papel predominante sobre o talento e outros valores culturais. No embate entre uma equipe talentosa, mas com pouco preparo, e

²⁴⁶ NUNES, N. E. F. O técnico e a tática. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 85.

outra menos talentosa, mas melhor organizada e atlética, a segunda teria maiores chances de êxito. Como destaca o preparador físico e técnico Chirol.

Considerando [...] a metamorfose que se processou no futebol, cuja evolução faz com que as equipes atuais procurem ocupar o mais possível todos os setores do campo, dando combate direto ao seu adversário, procurando impedir que ele encontre espaço para jogar e que, às vezes, jogadores de menor gabarito técnico conseguem suplantar aqueles mais categorizados, mercê de um notável preparo físico, concluímos que a condição física constitui fator preponderante para o êxito de uma equipe.²⁴⁷

De acordo com os novos pressupostos no embate proporcionado pelo futebol moderno, a força atlética predominou ante o talento. Em uma competição internacional, como a Copa do Mundo, esta constatação foi fundamental para que a seleção pudesse lograr êxito. Segundo Zezé Moreira.

O Brasil e demais países que estão praticando ainda o *futebol-arte* podem aspirar alguma coisa numa Copa do Mundo, mas têm que se ajustar ao novo estilo. Temos de modificar os métodos para fazer frente ao futebol que os europeus estão praticando.

Difícilmente um país levantará uma Copa do mundo praticando o *futebol-arte*, pois existe já uma arma para neutralizá-lo.

[...]

É bem verdade que o *futebol-arte* não acabou e não deve acabar. Ele pode ser praticado em campeonatos regionais e até em campeonatos internacionais de pouca expressão. Mas numa competição de grande expressão como a Copa do Mundo, o *futebol-arte* perderá sempre para o *futebol-fôrça*.²⁴⁸

As discussões a respeito do principal esporte nacional estavam em pauta no momento. Atentando para as variadas leituras dos profissionais da época, fica evidente a falta de consenso sobre qual seria o melhor estilo de jogo a ser adotado no país. Se por um lado o futebol-força praticado pelos europeus era sinônimo da modernidade do esporte e de sua evolução em termos físicos e táticos, o futebol-arte ainda era visualizado por muitos como uma expressão de jogo natural que valorizava as qualidades culturais, quase inatas do futebolista sul-americano. Porém, um elemento é reconhecido de forma geral nos depoimentos: para vencer o próximo mundial era necessário desenvolver o futebol nacional, principalmente nos termos de preparação e condicionamento físico. Mesmo os que não compactuavam com o

²⁴⁷ CHIROL, A. Preparação física e outros problemas. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

²⁴⁸ MOREIRA JR, A. Futebol-fôrça e futebol-arte. In: PEDROSA, M. (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

modelo europeu como uma metodologia ideal, reconheciam que era necessário desenvolver atributos atléticos dos jogadores para que estes pudessem disputar as partidas em condições adequadas para enfrentar os adversários. Para isso, vislumbrava-se o desenvolvimento de segmentos paralelos ao esporte, como a medicina esportiva e a educação física. Independentemente de qual estilo fosse considerado ideal, visualizava-se que o futebol moderno, a especialização profissional, o planejamento do processo de treinamento e o aprimoramento da forma atlética dos jogadores constituíam alguns dos principais alicerces na construção de uma equipe competitiva.

3.3. Eliminatórias e preparação

3.3.1. A formação das Feras

No início de 1969, a CBD ainda não havia conseguido organizar adequadamente o comando da seleção. Diante das invariáveis críticas direcionadas à equipe e com a aproximação da disputa das eliminatórias, crescia a pressão sobre a CBD. Neste instável cenário, a solução encontrada pelo principal órgão diretivo do esporte nacional foi a contratação de um novo técnico. O escolhido para o cargo constituiu uma grande surpresa: João Saldanha.

Figura polêmica, Saldanha era jornalista e comentarista esportivo conceituado, mas como técnico havia tido somente uma breve experiência no Botafogo entre 1957 e 1959, quando conquistou um campeonato carioca. Sua posição política também representava um ponto controverso, pois manteria laços estreitos com o PCB sendo caracterizado até mesmo como um militante comunista²⁴⁹. Além disso, João era um dos grandes críticos das relações clientelistas estabelecidas entre a CBD e as federações regionais de futebol.

Sob determinadas leituras, como a do jornalista Luiz Mendes, a contratação de Saldanha consistia, na realidade, em uma estratégia do presidente da

²⁴⁹ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

Confederação, João Havelange, para aliviar as críticas sobre o time nacional e, principalmente sobre a entidade desportiva. Segundo esta leitura, o dirigente almejava o posto de presidente da FIFA e temia que as críticas da imprensa e as fortes colocações de João Saldanha depusessem contra a imagem que buscava construir no cenário internacional. Desta maneira, a contratação do novo técnico teria por objetivo desviar a pressão sobre a equipe e aliviar as críticas a respeito da postura política adotada pela CBD.²⁵⁰

Independentemente da leitura efetuada sobre a contratação, fato é que Saldanha se tornou um ícone à frente da seleção e atraiu as atenções do público e da mídia tanto quanto os jogadores. Se o principal objetivo era realmente retirar o foco do processo preparatório da CBD, este objetivo foi parcialmente alcançado.

Um dos fatores que contribuíram definitivamente para essa vertente foi o descomprometimento político²⁵¹ do técnico. Sem amarras com federações estaduais, clubes ou mesmo com a CBD, Saldanha desenvolvia um trabalho relativamente autônomo e convocava aqueles que considerava como os melhores para cada posição. Além disso, participava ativamente da direção da equipe, partilhava com a CBD e Havelange, não só a responsabilidade pela escolha dos jogadores, mas também dos locais de treinamentos e até mesmo a definição das partidas amistosas.²⁵²

A escolha do novo técnico foi noticiada pelos principais veículos de comunicação no país, dentre eles as revistas semanais. Na *O Cruzeiro* de 20 de fevereiro de 1969, foi reproduzida a fala de Saldanha sobre a reunião que originou sua contratação.

- Há uma semana, o Passo²⁵³ me apanhou num boteco, me chamou de lado, e perguntou: “Você quer ser o técnico da Seleção?” Confesso que não levei nenhum susto. Em todo o caso achei que tinha o direito de saber que diabo de negócio era aquele: “É uma sondagem ou um convite?” Passo foi

²⁵⁰ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. p. 286-287; COUTO, E. de F. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 162.

²⁵¹ COUTO, E. de F. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009. p. 162.

²⁵² *Id.*

²⁵³ Antônio do Passo, diretor da CBD e supervisor da seleção. Um dos homens de confiança de João Havelange na delegação brasileira.

muito franco. “É um convite”. Então, respondi com a mesma franqueza: “Topo agora”. O resto foi resolvido oficialmente na reunião do último dia 4. Entre os nossos oitenta milhões de brasileiros poucos recusariam o convite que eu tive a coragem de aceitar, na hora. Logo eu não ia fazer o **doce**, o gostoso. Tanto mais que era o troço que eu mais gostaria de fazer. Puxa, vida: quem é, no mundo inteiro, que não gostaria de tomar conta de vinte e dois **cobras** como os que acabo de convocar para ganhar a Copa de 1970?²⁵⁴

A postura independente e o temperamento impulsivo de treinador apareceram logo nos primeiros momentos no comando do escrete nacional. Logo após a sua confirmação no cargo, Saldanha expôs aos jornalistas a lista dos atletas convocados e o time titular, sem consultar previamente a CBD. A atitude intempestiva gerou controvérsia na imprensa entre os dirigentes e os novos colegas de profissão. Na mesma reportagem de *O Cruzeiro*, o técnico justificou o ato.

- Anunciei para evitar o mistério bôbo dos suspenses de sempre. É preferível enfrentar as vaias e as críticas, antes de entrar em campo, do que alimentar a **fofoca** da intranqüilidade dos outros. Uma coisa eu posso garantir desde já: nesta Seleção não vai haver nem **fofoca**, nem rebolado, nem falta de empenho. Quem não correr, quebra a cara comigo. Mas isto não irá acontecer. Nós nos entendemos muito bem. Acima de tudo o que todos nós queremos é trazer o **caneco** da FIFA para o Brasil.²⁵⁵

Uma das leituras correntes, apoiada por diferentes depoimentos do período, foi que a contratação de João Saldanha tinha como objetivos principais acalmar os ânimos da imprensa e amenizar as críticas. O próprio Saldanha havido sido um dos críticos mais ferozes da seleção durante o “fiasco” de 1966. Sob esta perspectiva, a escolha do novo técnico constituía também uma manobra política da CBD. A revista *Manchete*, de 22 de fevereiro, em reportagem sobre o novo treinador, corrobora esta visão.

[.] Ao mesmo tempo, sua indicação ocorreu no melhor estilo das manobras políticas de bastidores. Assim como um presidente às vezes tira do bolso do colete um terceiro nome, mais do que surpreendente, para nomear um ministro de estado, da mesma forma os dirigentes da CBD desencavaram o seu terceiro homem, preterindo os dois profissionais mais cotados, Zagalo e Aymoré Moreira. Essa tática, inclui, evidentemente, um certo propósito em tornar a imprensa cúmplice dos destinos do escrete. João Saldanha é um jornalista profissional, e o Sr. Paulo Machado de Carvalho, supervisor da seleção até poucos dias atrás, havia declarado repetidamente que a

²⁵⁴ SILVA, G. R. da. Declarada a guerra no futebol: e agora João?. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 8, p. 22-25, fev. 1969. p. 23.

²⁵⁵ *Id.*

imprensa tinha prejudicado, e até mesmo sabotado, os trabalhos da última seleção.²⁵⁶

Se por um lado a escolha do técnico teve como objetivo angariar o apoio da imprensa, o nome do escolhido desagradou parte dos técnicos e dirigentes esportivos. Se Saldanha era visto como competente jornalista e analista, os seus concorrentes à posição duvidavam de sua capacidade para assumir o escrete nacional. Segundo a reportagem publicada na *Manchete*, Saldanha enfrentaria o olhar crítico dos demais técnicos do país, sobretudo daqueles que eram alvos de seus protestos como jornalista, os quais passariam a “encará-lo como diretores de cinema vêem um crítico que se aventura a dirigir um filme”²⁵⁷. Dois antigos membros da comissão, o ex-chefe da delegação, Paulo Machado de Carvalho, e o antecessor no comando técnico, Aimoré Moreira, posicionaram-se contrariamente ao novo treinador e a CBD. Para Carvalho, a contratação de João foi uma afronta ao futebol paulista, engendrada por Antonio do Passo.

A manobra começou com escolha de João Saldanha para ser o técnico. No fundo, foi um golpe para compara o silêncio da imprensa carioca. O Saldanha é um cronista e seus colegas não iriam desprestigiar, muito menos agora que a imprensa estava por cima. Não é que eu seja contra o Saldanha. Longe disso. Muitas vezes eu me socorri de seus conhecimentos, no Chile, para discutir certos problemas da Seleção. Sou, isto sim, contra esta baboseira de escalar a Seleção muito antes da apresentação. Mas o Saldanha não quis saber de Plano, de Passo, de nenhuma ordem hierárquica, e pôs logo pra jambrar.²⁵⁸

O discurso do chefe da delegação bicampeã em 1958 e 1962, também encontrou eco em parte da imprensa paulista que discordava do escolhido e da formação de um comissão técnica sumariamente carioca, considerando a ação como uma forma de desprestigiar o futebol, sobretudo os dirigentes, de São Paulo.²⁵⁹

De outro lado, Aimoré Moreira, sentia-se traído pela CBD e pelos principias responsáveis pelo futebol nacional. Para o ex-técnico, Saldanha teria sido

²⁵⁶ GHIVELDER, Z; MARTINS, J. Saldanha, o realmente técnico. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n.879, p. 20-25, fev.1969. p. 20.

²⁵⁷ *Id.*

²⁵⁸ SILVA, G. R. da. Declarada a guerra no futebol: e agora João?. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 8, p. 22-25, fev. 1969. p. 24.

²⁵⁹ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: companhia editora Nacional, 2007. p. 292.

manipulado pelos cartolas e não disporia das qualificações necessárias para assumir o cargo.

- Eu acuso a CBD de me ter traído. Acuso o CND de não cumprir com a lei que proíbe o engajamento de técnico não diplomado no comando da Seleção. Acuso o Dr. Paulo Machado de Carvalho, por não ter permitido que eu renunciasse ao meu cargo, antes da reunião que me destituiu. Acuso Havelange de ter me dado a sua palavra a meu irmão Zezé de que eu seria poupado do vexame da dispensa, e não a cumpriu. Mas prometo, pela honra de meu nome que lutarei, até o fim de minha vida, para que meus colegas de Escola sejam poupados, no futuro, da mesma traição. Eu nada tenho pessoalmente contra João Saldanha. Ele foi apenas uma arma usada por **cartolas** sem escrúpulos, audaciosos e irresponsáveis, como Antônio do Passo.²⁶⁰

Embora Carvalho e Moreira negassem qualquer desavença com o novo técnico, ambos duvidavam de sua competência para o cargo e entenderam sua contratação como uma jogada política por parte da CBD. Contudo, a postura ardua e independente adotada por Saldanha, já em seus primeiros momentos na função, evidenciavam que o treinador não estava disposto a se submeter às pressões de dirigentes, clubes ou à submissão hierárquica. Se por um lado a contratação serviu aos propósitos políticos de Havelange e da CBD, o jornalista André Siqueira afirmou que Saldanha aceitou a função também pela visibilidade proporcionada pelo cargo. Conhecido por simpatizar com as esquerdas e, supostamente, atuar como militante comunista, o técnico procurou canalizar as potencialidades comunicativas da posição para falar diariamente a milhões de brasileiros pelo rádio e pela televisão.²⁶¹ De acordo com o trabalho biográfico realizado por Siqueira:

Como técnico, João estava indiretamente contratado pelo governo federal, pois a CBD era entidade ligada ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), cujo titular era Jarbas Passarinho. “Servir” o regime não deixava João nada à vontade. Antes de dar louros aos militares, ele queria era usar o poder do cargo para contribuir com a derrubada do regime e a revolução socialista.²⁶²

Independentemente de sua filiação política ou dos objetivos que motivaram sua contratação pela CBD, João Saldanha resgatou o prestígio da seleção nacional junto ao público. O discurso de João reafirmava a supremacia do futebol Brasileiro.

²⁶⁰ SILVA, G. R. da. Declarada a guerra no futebol: e agora João?. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 8, p. 22-25, fev. 1969. p. 25.

²⁶¹ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: companhia editora Nacional, 2007. p. 288.

²⁶² *Ibid.* p. 293.

Para o treinador, o esporte diferenciava-se no país por constituir verdadeira paixão popular, juntamente com as qualidades únicas de seus jogadores. Tais atributos originaram-se, segundo ele, a partir de condições particulares do país.

– Quando eu afirmo que possuímos o melhor material humano do mundo, não se trata de arrogância sem conteúdo. Possuímos o melhor material, porque reunimos uma série de condições que outros países não possuem. A primeira delas, e a mais importante, é que o futebol no Brasil é paixão popular. Segunda condição: devido às peculiaridades geográficas, o futebol aqui pode ser praticado todo o ano. O clima nos favorece e os atletas têm um *aquecimento* permanente, ganhando músculos flexíveis e soltos, capazes, portanto, de atenderem aos reflexos indispensáveis ao bom jogador. Em terceiro lugar, sendo o futebol uma atividade eminentemente de jovens, nossos jogadores levam grande vantagem. O menino brasileiro entra na vida muito cedo. Nossa garotada, com sua infância difícil, amadurece rapidamente. Em quarto lugar, a etnologia e a etnografia nos ensinam que a formação do brasileiro, principalmente o de origem africana, contém as virtudes essenciais para o craque de futebol. Os atletas negros levam a melhor na maioria dos esportes em que competem. Sua origem de luta contra um meio difícil exercitou, através dos séculos, seus músculos e reflexos como única arma para se defenderem das agressões. Não é por acaso que, na gíria do futebol, quando Pelé ou Garrincha fazem uma jogada daquelas a turma diz: “Pudera... O avô deste crioulo, para sair de casa e ir buscar água, tinha que dar drible em leão...”²⁶³

Nessa fala, Saldanha retoma a narrativa tradicional e romântica²⁶⁴ sobre a principal modalidade esportiva nacional. Segundo essa perspectiva, o brasileiro desenvolveu um estilo peculiar de jogo com singular habilidade com a bola devido à miscigenação étnica e cultural característica da população nacional.

Estas características, entretanto, não bastavam para que o escrete recuperasse a hegemonia esportiva na Copa de 1970. Para ganhar o tricampeonato seria necessário mais do que a técnica individual dos atletas, seria preciso vontade e capacidade de marcação de acordo com o que Saldanha identificava como futebol moderno, no qual todos atacam e defendem. Para isso, Saldanha convocou aqueles que considerava como melhores em cada posição. Seu time contaria com onze *feras*, tanto pela qualidade individual dos jogadores quanto pela disposição demonstrada em campo.

²⁶³ GHIVELDER, Z; MARTINS, J. Saldanha, o realmente técnico. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n.879, p. 20-25, fev.1969. p. 23.

²⁶⁴ SOARES, A. J. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

Saldanha reavivou o interesse pela seleção e o próprio treinador tornou-se um dos astros da equipe, contando com significativo apreço popular. Nas eliminatórias sul-americanas, durante o mês de agosto, a seleção fez uma boa campanha, classificando-se sem grandes dificuldades. O Brasil estava no grupo B, juntamente com Paraguai, Colômbia e Venezuela. A equipe formada por João venceu as seis partidas disputadas. O último jogo, no Maracanã, foi o mais difícil, com vitória sobre o Paraguai por 1 x 0, gol de Pelé. Com um futebol ofensivo aliado aos bons resultados nas eliminatórias, Saldanha conseguiu se consolidar no cargo, dobrando antigos adversários e obtendo até mesmo admiração dos paulistas, que em uma pesquisa quanto à sua popularidade, marcaram 68% de aprovação, somente três pontos percentuais atrás dos cariocas, os quais computaram 71%.²⁶⁵ Imprensa e população incorporaram o apelido da seleção: eram as “Feras do Saldanha”, uma alusão tanto aos jogadores, quanto ao técnico. O semanário *O Pasquim*, por exemplo, mesmo sem dedicar atenção constante ao futebol, reproduzia o termo em uma série de reportagens, intitulada “Eis as Feras”, na qual apresentava alguns dos jogadores que compunham a seleção no momento, como Carlos Alberto, Joel, Gérson, Wilson Piazza, Edu e Ado²⁶⁶.

Mesmo com o êxito nas eliminatórias e reconhecido no comando técnico, João não deixou de proferir críticas aos cartolas e à organização do futebol nacional. Técnicos adversários, como Zezé Moreira, Flavio Costa e, principalmente Yustrish, todos postulantes ao cargo ocupado por Saldanha, polemizaram com o treinador. Jornalistas ao acompanharem de perto a rotina da seleção e as polêmicas, também passaram por atritos recorrentes. Apesar dos desentendimentos, o discurso de João proferia a defesa do jogador como principal bem do futebol nacional. Em uma entrevista ao célebre Nilton Santos, bicampeão mundial, na revista *Manchete* de dezembro de 1969, é possível notar a personalidade particular do treinador e sua “bronca” com aqueles que tentavam se aproveitar do momento vivido pela seleção, como estampava a chamada da reportagem: “Saldanha está uma fera”.

NILTON SANTOS — João, qual vai ser o nosso maior adversário na Copa?
SALDANHA — No campo não tenho medo de ninguém. Respeito a Itália, que um time excepcional, mas medo não tenho. O maior adversário esta fora do campo. Hoje eu já nem lembro quem fez o milésimo gol, se foi o

²⁶⁵ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 156.

²⁶⁶ Respectivamente nos números 17, 18, 19, 20, 21 e 24.

Pelé, se foi o Simonal, se foi o empresário do Simonal, se foi uma agência de publicidade, se foi o raio que o parta. Eu digo francamente: o maior adversário é o charlatanismo, o cinismo e hipocrisia proféticos do futebol. Eu tenho um profundo nojo desse promocionismo que nos tirou a Copa de 50, que desde a véspera era uma barbada. Tiraram a seleção brasileira de uma concentração sossegada e levaram para o campo do Vasco da Gama...

[...] Mas como eu dizia, nossa luta mais séria é contra os oportunistas, que se aproximam da seleção dos jogadores e da seleção para faturar. Isso quase nos levou pro brejo contra o Paraguai. Se o Paraguai fosse um pouquinho melhor, fosse um Bonsucesso talvez a essa hora agente não tivesse classificado. Vencemos mediocrementemente de 1 x 0, e o que depois de shows e palhaçadas, de gravações de disco e tudo mais, me deu exatamente o senso da medida da parada que eu vou enfrentar com um cacete na mão. No dia da folga do jogador eu não tenho nada com sua vida. Ele que vá à vida. Vá visitar sua família, sua amiga, sua gata, o que quiser. Dentro da concentração, eu vou arrumar um porrete bem grosso e botar pra fora todo e qualquer sujeito que for pra lá propor negócio.²⁶⁷

Para o treinador os principais adversários ao futebol nacional e a seleção estavam fora de campo. O mundial foi encarado pelo treinador como uma verdadeira guerra, e ele a enfrentou dentro e fora dos estádios, nas entrevistas ao rádio, jornal e televisão. Durante sua passagem pela seleção, João Saldanha buscou a autonomia e reafirmou sua postura e filosofia de jogo sobre qualquer influência externa. Logo no início de seu trabalho, quando questionado sobre os critérios de escolha dos jogadores do time titular, anunciados abruptamente, respondeu assim:

- muito simples. Eu estou por *dentro* do futebol de todo o Brasil. Escolhi os que considero melhores, sem levar em conta a que clube pertencem, ou os estados em que nasceram ou jogam. No Brasil existem oitenta milhões de técnicos e cada qual tem o seu time ideal. Eu fui o técnico escolhido. Portanto, vai jogar o meu time²⁶⁸

De certa forma, essa passagem pode ser considerada emblemática, pois assinala, já no início, a postura e o temperamento do treinador ao longo de todo o trabalho à frente da seleção. Se seus jogadores deveriam se portar como feras em campo, Saldanha era, sem dúvida, uma delas fora dele.

²⁶⁷ MENDES, U. Saldanha está uma fera. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 922, p. 214-215, dez. 1969. p. 215.

²⁶⁸ GHIVELDER, Z; MARTINS, J. Saldanha, o realmente técnico. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n.879, p. 20-25, fev.1969. p. 25

3.3.2. O final de 1969: dúvidas e planos para o mundial

Terminada a fase de eliminatórias e consolidada a classificação, iniciavam-se os preparativos para a disputa no México. Após o nomeado fracasso de 1966, havia uma grande preocupação para que os problemas apontados na fase de preparação para o mundial anterior não tornassem a se repetir. Simultaneamente, buscava-se manter o apreço popular pela Seleção, porém preocupando-se em afastar o otimismo excessivo na obtenção do título.

Neste sentido, a Comissão Técnica já iniciava o desenvolvimento de um planejamento prolongado sobre o processo de preparação da equipe nacional. Dando prosseguimento ao trabalho, Saldanha viajou para a Europa, acompanhado do auxiliar técnico, Adolfo Milman, o Russo, com o objetivo de observar os principais adversários do Brasil e as possíveis transformações na forma de jogo das equipes europeias. Além de assistir as partidas de alguns dos prováveis rivais durante a Copa, o técnico brasileiro também concedeu entrevistas e participou de programas televisivos, desfrutando um pouco da atenção que o cargo e os resultados a frente da seleção lhe proporcionavam. De acordo com alguns estudos sobre a vida e trajetória profissional do jornalista, João teria até mesmo aproveitado algumas destas oportunidades para declarar a insatisfação com o regime político vigente no Brasil, levantando suspeitas sobre a realização de atos de tortura e coerção a presos políticos: “Saiu no *Le Monde*, no *Observer* e no *Excelsior*; do México. Repeti a cantilena de torturas, presos, desaparecidos. Era o técnico do Brasil. Todo o mundo queria ouvir. Não perdi a chance”²⁶⁹. Contudo estas declarações são reportadas a Saldanha através de testemunhos e memórias próprias ou de outros personagens próximos ao treinador e carecem de fontes comprobatórias nos veículos de imprensa internacionais citados.

De volta ao país, o treinador dividiu, com os veículos de comunicação, suas impressões sobre o futebol europeu. Em reportagem publicada pela revista *O Cruzeiro*, apontou a violência dos adversários como um dos principais empecilhos a serem superados durante o mundial. A postura adotada pelo técnico retoma a crítica

²⁶⁹ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. p. 320.

ao estilo de jogo embasado na força física e condicionamento atlético. De acordo com o treinador.

Vi russos, alemães, belgas, suecos, franceses, húngaros, iugoslavos, tchecos, turcos, búlgaros, irlandeses e escoceses. Trocando em miúdos, só vi correria, só vi patada, e quase nenhum futebol. Atualmente, o bom futebol técnico da Europa, esta reduzido a quatro ou cinco escolas: a húngara, a tcheca, a iugoslava, a inglesa. Nas demais, a tônica dos jogos se resume no pontapé e na péssima qualidade dos juizes. Os juizes são complacentes e comprometidos.²⁷⁰

Embora a colocação atente para uma suposta imposição da violência em detrimento da técnica entre os selecionados europeus, o treinador não deixou de reiterar o discurso das feras, alertando que, diferentemente do que ocorrera em 1966, o escrete estara preparado para suportar o embate corpo a corpo com os rivais: “a violência pode acabar com a Copa. O Brasil não agredirá. Mas não deixará nada sem revide”²⁷¹. Além das impressões sobre os adversários estrangeiros, Saldanha também forneceu indícios do planejamento para 1970. Treinador, Comissão Técnica e CBD investigavam possíveis cidades, hotéis e campos de treinamento para sediar os jogadores durante a extensiva fase de treinos e concentração.

Os cuidados perpassavam, inclusive, pela escolha do material esportivo a ser utilizado pelos atletas: bolas, chuteiras e uniformes novos. Estes foram requisitados pelo técnico durante sua estadia no velho continente. Saldanha declarou que só do modelo de bolas usadas no mundial haviam sido encomendadas 150, nas três versões possíveis: branca e preta, totalmente branca e amarela. Já sobre o uniforme afirmava.

Precisamos mudar também de camisa, meia, calção, chuteira, atadura e caneleira. O material que ainda usamos já caiu de moda. Depois do que eu e o Russo vimos na Europa, confesso que poderemos botar nossos jogadores em campo com menos um quilo e alguns com menos dois.²⁷²

Embora possa parecer um detalhe pouco relevante, a preocupação com o uniforme e o equipamento sinaliza o próprio desenvolvimento tecnológico e científico

²⁷⁰ SILVA, G. R. da. Saldanha tem medo da violência européia. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n.46, p. 30-31, nov. 1969. p. 31.

²⁷¹ *Id.*

²⁷² *Ibid.* p. 32.

do esporte, que se estende desde o processo de preparação física, organização tática e técnica dos atletas até a qualidade do material utilizado durante as partidas.

Ainda que Saldanha endossasse a preocupação com o treinamento físico adequado sobre bases científicas avançadas e bem elaboradas, em seu discurso como técnico e comentarista esportivo, sempre reiterou que a capacidade atlética deveria ser acompanhada da técnica, própria do jogador brasileiro. Colocando-se como defensor do futebol nacional e, principalmente, dos futebolistas, Saldanha difundia a tese de que o diferencial dos brasileiros em relação aos adversários era o talento e não a força física. Este mesmo talento seria responsável por manter o esporte no país em evidência, apesar das falhas na estrutura administrativa e do despreparo dos dirigentes esportivos. Na mesma reportagem de *O Cruzeiro*, quando questionado sobre o futuro da seleção, reafirmou o discurso defendendo a qualidade dos jogadores como aspecto fundamental ao êxito da equipe na competição.

Minha confiança na habilidade do jogador Brasileiro não tem limite. Essa será a nossa grande arma para ganhar a Copa. Vamos dotar a nossa seleção do que ainda lhe falta, para que não se inferiorize diante de ninguém. Meu critério para a escolha do melhor time não mudou, Não haverá palpite que pegue. Meu critério é um só: escolher os melhores 22 para poder escalar o melhor 11.²⁷³

Em diversos momentos, Saldanha utilizou a interlocução com os veículos de imprensa para defender sua posição diante do selecionado nacional, a escolha dos jogadores que integraram o elenco e o estilo de jogo adotado pela equipe. Assim como ocorrera em sua posição de cronista, muitos de seus comentários eram bastante descontraídos e irreverentes, e dialogavam diretamente com seus críticos e com a população. Em novembro, por exemplo, a revista *Manchete* reproduziu uma declaração irônica do técnico diante dos recorrentes questionamentos sobre o desempenho dos brasileiros diante do vigor físico e disputa corpo a corpo, aspectos base do estilo de jogo de parte dos adversários, sobretudo europeus: “Se todo o segredo da Copa do Mundo residisse no futebol-fôrça, e não no talento, os campeões do mundo seriam os americanos, porque ninguém ganha deles no halterofilismo”²⁷⁴.

²⁷³ SILVA, G. R. da. O tri não vai ser mole. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n.48, p. 30-32, nov. 1969. p. 32.

²⁷⁴ Frases que são Manchete. **Manchete**: Rio de Janeiro, ano. 17, n. 919, p.130, nov. 1969.

Enquanto discutia com jornalistas e comentaristas esportivos as próximas etapas no cronograma da Seleção, João Saldanha já se deparava com alguns dos problemas e dúvidas que se intensificaram durante o ano da Copa. Os jogadores que haviam disputado as eliminatórias haviam retornado para seus respectivos clubes e disputavam a Taça de Prata (Torneio Roberto Gomes Pedrosa, vulgo “Robertão”, campeonato envolvendo diversos clubes nacionais). Como não poderia deixar de ser, a escalação de novos jogadores e o desempenho de outros passavam a ser uma constante na cobertura esportiva envolvendo a Seleção. Neste sentido, um jogador em particular despertou a preocupação generalizada, tanto de João quanto de torcedores e demais interessados no futebol brasileiro: Tostão.

O atacante cruzeirense havia sido o grande destaque da equipe nacional durante as eliminatórias. Foi o artilheiro do Brasil na campanha, com dez gols, e consolidou a posição de grande craque nacional. Chegou a ser retratado em diversos momentos nas revistas investigadas, mais especificamente em *O Cruzeiro* e *Manchete*, como uma espécie de “sucessor” de Pelé, como principal referência do país no esporte. Naquele momento, Tostão era nome incontestável dentro da provável formação da equipe para disputar o mundial. O atacante passou a figurar como uma das dúvidas na seleção após uma sequência de incidentes em campo que ocasionaram uma séria lesão no olho esquerdo do jogador.

O primeiro aconteceu em amistoso disputado pela Seleção contra a equipe do Milionários, da Colômbia. Logo nos primeiros minutos da partida disputada na capital Bogotá, por uma bola centrada na área, Tostão sofreu um duro choque de cabeça na disputa com o zagueiro adversário. O jogador precisou ser retirado do gramado e não teve mais condições de continuar o jogo com um ferimento próximo ao olho.



FIGURA 7 – Ferimento no olho de Tostão

FONTE: SILVA, G. R. da. Quatro meses sem Tostão. **O Cruzeiro**, ano 41, n. 42, p 26-27, out. 1969. p. 27.

Dois meses depois, em outubro, Corinthians e Cruzeiro se enfrentaram no Pacaembu em partida válida pelo Torneio Roberto Gomes Pedrosa. Novamente em lance disputado na área, o defensor corintiano Ditão rebateu a bola com força e acertou, em cheio, o olho de Tostão. O atacante foi retirado de campo e os médicos constataram a lesão no globo ocular. O diagnóstico dos especialistas apontou o deslocamento parcial da retina e hemorragia no vítreo, que necessitaram ser tratados por meio de intervenção cirúrgica. O procedimento foi realizado no Centro Oftalmológico da Baylor University, na cidade estadunidense de Houston, famoso no cuidado dessa especialidade. A operação foi bem sucedida, mas a volta do jogador aos gramados dependeria da extensiva sequência de recuperação. A reportagem da *O Cruzeiro* sobre a contusão do jogador sinalizava o longo período pelo qual Tostão deveria ficar longe dos gramados.

O prazo de observação dado pelos médicos para que Tostão fique nos Estados Unidos é de duas semanas. Depois ele será liberado para regressar ao Brasil. Virá com recomendações expressas para não fazer excessos de nenhuma espécie. Seu retorno ao futebol terá de processar-se lentamente. Antes dos noventa dias previstos para o repouso, o máximo que poderá pretender é treinar sem esforço. Estão proibidas as disputas violentas. Quer dizer, sua participação em jogos “para valer”.

O regime ditado pelos operadores resume-se no seguinte: 2 dias de isolamento (terça e quarta-feira); 7 de tratamento no Hospital, sem saída; 15 de permanência nos Estados Unidos; 90 dias, no mínimo, sem nada de jogo. Serão quatro meses de cuidados, para poder ficar, outra vez, como era.²⁷⁵

²⁷⁵ SILVA, G. R. da. Quatro meses sem Tostão. **O Cruzeiro**, ano 41, n. 42, p 26-27, out. 1969. p. 27.

Nesta mesma reportagem, *O Cruzeiro* retratou o posicionamento de João Saldanha diante da possibilidade da lesão de Tostão ter acontecido em decorrência do agravamento do choque sofrido pelo atacante no amistoso disputado na Colômbia. Frente os rumores de uma possível ingerência da Comissão Técnica perante a gravidade da lesão sofrida na partida contra o Milionários, o técnico demonstrou indignação e apoiou o médico da delegação.

Diante da boataria de que a contusão nascera na Colômbia e progredira , por descuido do Médico da Seleção, Dr. Lídio Toledo, João torceu o nariz, e declarou: 'Isto é uma cafajestada sem tamanho. Quem tiver a ousadia de me dizer essa história, na cara, será tratado como cafajeste'. Depois, virou-se para Tostão e disse: 'Faça o que os médicos mandarem. Será muito melhor. E não se preocupe. Seu lugar continuará vazio, esperando a sua volta'.²⁷⁶

A passagem acima, reitera a presença do atacante no escrete para disputar a Copa e passou a ser uma constante nas entrevistas e declarações do técnico da seleção. Simultaneamente, Tostão tornou-se alvo de preocupação para os torcedores e questionamento dos especialistas. *Manchete*, na reportagem em que elucidava sua preocupação com o problema do atleta, já atestava a dúvida sobre as condições efetivas de recuperação do jogador em relação ao seu desempenho esportivo na seleção.

Há algumas semanas, vestindo a camisa número nove da seleção brasileira, ele explodia os estádios com seus gols e alcançava as culminâncias da glória. Para muitos era o novo rei do futebol, o sucessor de Pelé. Para todos, era o craque que, tabelando com Pelé dava consistência ao sonho de reconquista da Copa do Mundo em 1970. E, de repente, um corte no supercílio e uma bolada no olho interrompem a trajetória triunfal e deixam em suspense milhões de torcedores. A pergunta se repete em toda a parte: Tostão voltará a jogar como antes?²⁷⁷

Nos meses seguintes, *O Cruzeiro* e *Manchete* destacaram diversas matérias que atentaram para o processo de recuperação do jogador, discutindo as expectativas quanto a seu retorno ao futebol, principalmente, a Seleção. As indagações sobre a presença de Tostão no time que disputaria a Copa não só constituíram questões recorrentes, como abriam espaço para sugestão de novos

²⁷⁶ SILVA, G. R. da. Quatro meses sem Tostão. **O Cruzeiro**, ano 41, n. 42, p 26-27, out. 1969. p. 26.

²⁷⁷ MENDES, L. Tostão, o drama de uma fera. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, p. 150-151, out. 1969. p. 151.

atletas. Os variados veículos de imprensa que realizavam a cobertura da seleção debateram as possibilidades para a posição e incorporam não só as opções de que Saldanha dispunha em seu elenco previamente anunciado, mas pleitearam a convocação de outros jogadores.

De maneira geral, Saldanha respondeu as críticas, dúvidas e sugestões dos jornalistas com a afirmação de que esperaria até o último minuto a recuperação plena do atacante cruzeirense. Em reportagem publicada pela *O Cruzeiro*, João destacou o seguinte.

Disse e repito: vou esperar todo o tempo que puder. No último momento os médicos dirão se êle poderá entrar no fogo da Copa. Se puder irá conosco, se não puder resolverei o problema escalando o Rivelino na meia. Jogador da classe do Rivelino brinca em qualquer posição.²⁷⁸

3.3.3. Pra Frente com as Feras

Enquanto Saldanha e a Comissão Técnica iniciavam os preparativos para 1970 e enfrentavam as dúvidas e problemas sobre a escalação da equipe, a CBD buscava novos investimentos e fontes de receita para sustentar os custos da campanha do selecionado para a Copa. Como iniciativa para arrecadar recursos, foi organizado o Comitê de Ajuda a Seleção que visava angariar fundos através de parcerias comerciais com empresas privadas, permitindo a implementação de ações publicitárias conjuntas com a CBD e a Seleção.

O Comitê era presidido por Walter Moreira Sales, personagem ligado à política nacional, ex-embaixador brasileiro nos Estados Unidos e banqueiro da União de Bancos Brasileiros S.A. (que adquiriria futuramente a nomenclatura de Unibanco). A iniciativa culminou com a criação de um símbolo comemorativo da Seleção, fruto de parceria comercial com a Shell, apresentado oficialmente em jantar provido por Moreira Sales em sua residência. *O Cruzeiro* fez uma breve reportagem sobre o evento, onde forneceu mais detalhes da ação promocional.

Desta vez a Seleção brasileira não precisará recorrer ao Governo para resolver seus problemas de dinheiro. Daqui até a Copa do Mundo, todos os

²⁷⁸ SILVA, G. R. da. O tri não vai ser mole. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n.48, p. 30-32, nov. 1969. p. 32.

seus gastos serão literalmente cobertos com a venda de símbolos que lhe deram – Pra frente com as feras –, uma idéia de Aluísio Magalhães de Programação visual, Adotado pela Shell Brasil S.A (Petróleo) e aprovado oficialmente pela CBD [...].Essa doação já esta avaliada em cerca de 2 bilhões de cruzeiros velhos, decorrentes de uma campanha que culminará com a venda de plásticos decorativos, autografados pelos jogadores e pela Comissão técnica da equipe nacional.²⁷⁹

No evento em questão, estiveram presentes diversos personagens, entre empresários, jornalistas, políticos e pessoas ligadas ao esporte. João Havelange, Antônio do Passo, João Saldanha, Brito (único representante dos jogadores convidados que compareceu ao evento) representavam a CBD, a Comissão Técnica e o escrete. Ainda que a passagem reiterasse a busca de formas de financiamento próprio, de modo que não fosse necessário a CBD recorrer ao Estado, também prestigiaram o evento alguns militares vinculados ao esporte, caso do general Elói de Meneses (então presidente do CND) e do brigadeiro Jerônimo Bastos (dirigente botafoguense próximo de Havelange e futuro chefe da delegação brasileira enviada ao México).

Entre os representantes dos veículos de imprensa é interessante observar a presença de João Calmon, então presidente dos Diários Associados, grupo responsável pela *O Cruzeiro*, pela Rádio e TV Tupi, entre outros veículos de comunicação; Roberto Marinho, das empresas Globo; Adolpho e Oscar Bloch, respectivamente presidente e vice-presidente das empresas Bloch, responsáveis, entre outros, pela publicação de *Manchete*. A presença maciça destes personagens demonstrava a busca pelo apoio da imprensa na divulgação dos adesivos e no suporte da iniciativa. A própria *O Cruzeiro* de 27 de novembro de 1966, traria na página seguinte à reportagem, o anúncio comercial, em cores, do “Pra frente com as feras”.

²⁷⁹ SILVA, G. R. da. Toda força para o tri. **O Cruzeiro**, Rio de janeiro, ano 41, n.40, p. 32, nov. 1969.

O João quer 90 milhões de feras.



O Brasil inteiro está nesta jogada.
 Você não pode ficar por fora.
 Passe no seu Pôsto Shell e coloque no seu carro
 o adesivo da CBD autografado pelas feras.
 É o símbolo oficial do Comitê Nacional Pró Seleção Brasileira.
 Só assim você estará colaborando com o time do João.

Prá frente com as feras!



FIGURA 8 – “Pra Frente com as Feras”

FONTE: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n.48, nov. 1969. p. 33.

Além do anúncio observado na figura acima, outros, inclusive com a caricatura dos jogadores da seleção e dos integrantes da comissão técnica, também foram vinculados nas páginas da *Manchete* e *O Pasquim* (figura 9). No semanário alternativo, foram publicadas recorrentemente algumas tirinhas publicitárias com o personagem “Simú”, criado por Jaguar em alusão ao cantor Wilson Simonal, um dos modelos da campanha (figuras 10, 11, 12 e 13). As tirinhas em questão foram produzidas pelo cartunista Henfil. Ziraldo também aderiu a ação, veiculando uma

tirinha com o personagem “Jeremias, o bom” na *O Cruzeiro* (figura 14). Até mesmo a ocasião do gol mil de Pelé, já naquele momento personagem de grande apelo midiático e ícone do futebol nacional, foi empregada na campanha de patrocínio à seleção (figura 15). Neste aspecto, o próprio símbolo utilizado assemelhava-se ao “rei” e reproduzia um chute de bicicleta.



FIGURA 9 – “Ponha 22 feras na minha caranga!”
 FONTE: *Manchete*, ano 17, n. 921, p. 172-173, dez. 1969.

Observando a campanha organizada pelo Comitê em conjunto a CBD é interessante constatar como a passagem de João pelo selecionado havia sido marcante no ano de 1969. Além de incorporar o apelido de “feras” cunhado pelo treinador, os anúncios também retratavam o personagem de João, utilizando-o como forma de conclamar os torcedores a apoiarem o treinador na campanha pelo tricampeonato.

Simú

Entra em campo Simú,
O bom de bola,
Um dos 90 milhões
de feras do Saldanha
que vão reconquistar
o caneco no México!



Simú penetra pelo miolo,
Dribla o primeiro,
Dribla o segundo,
Dribla o terceiro.



Simú de calcanhar
para Pelé,
Pelé para Tostão,
Tostão novamente
para Simú.



Simú atrai seu marcador,
Cisca diante dele.
É a malícia, meus amigos,
é o champignon
que só o brasileiro tem!



Sensacional
lençol de Simú.
Atenção,
Vai marcar!



Simú
estufa as rédeas.
É gol do Brasil.
Gooooooool!!!



Essa não!
O juiz apitou
impedimento!



Passe num Posto Shell
e ajude as feras
a trazer a Copa.

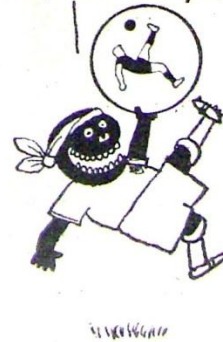


FIGURA 10 – Simú
FONTE: O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 17, p. 7, out. 1969

SIMÚ

ESTE ANÚNCIO FOI CRIADO E EXECUTADO PELA EQUIPE DO PASQUIM



FIGURA 11 – Simú e o gol mil
 FONTE: O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 20, p. 9, nov. 1969

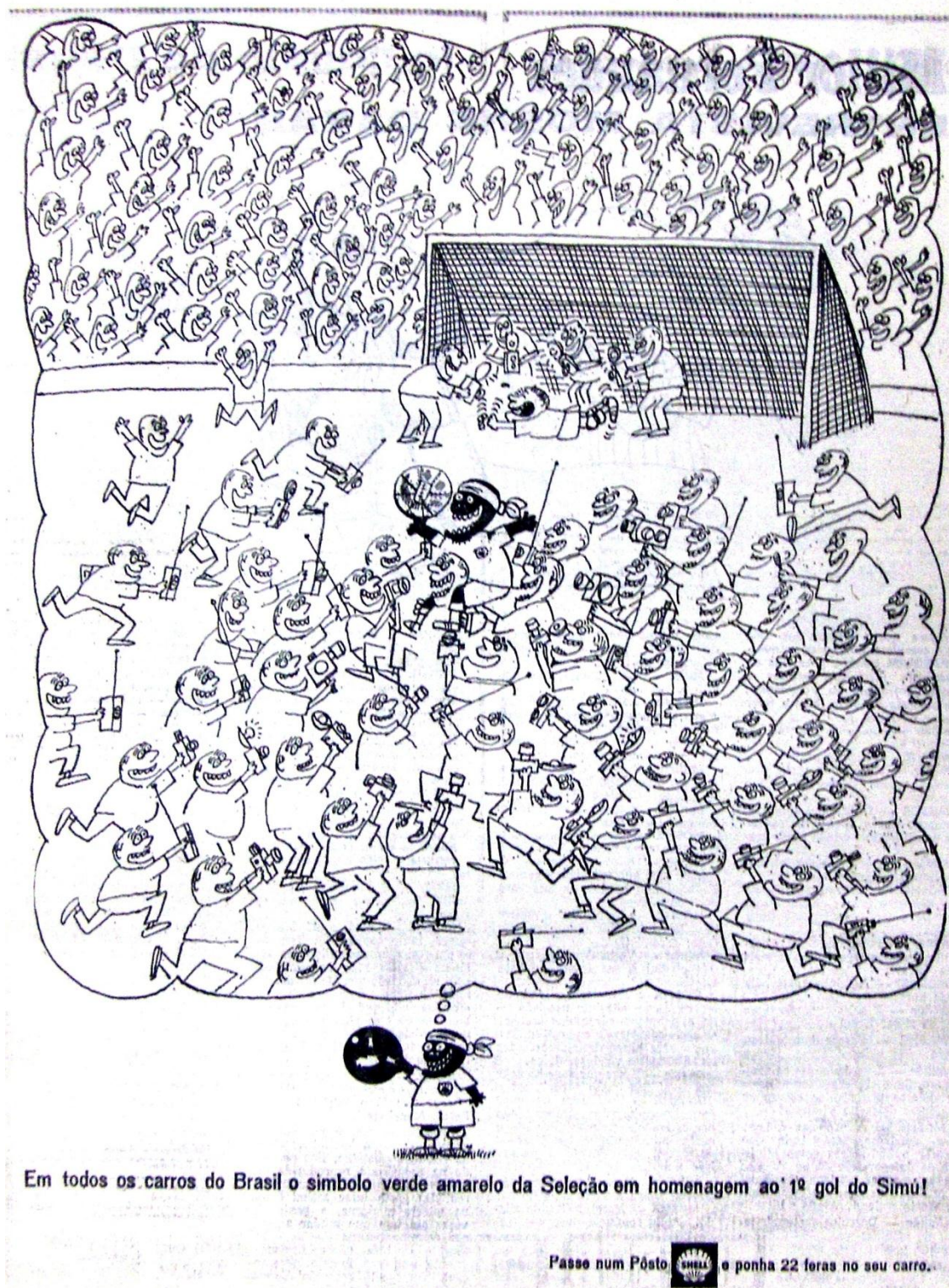


FIGURA 12 – Homenagem ao 1º gol do Simú!
 FONTE: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 7, dez. 1969

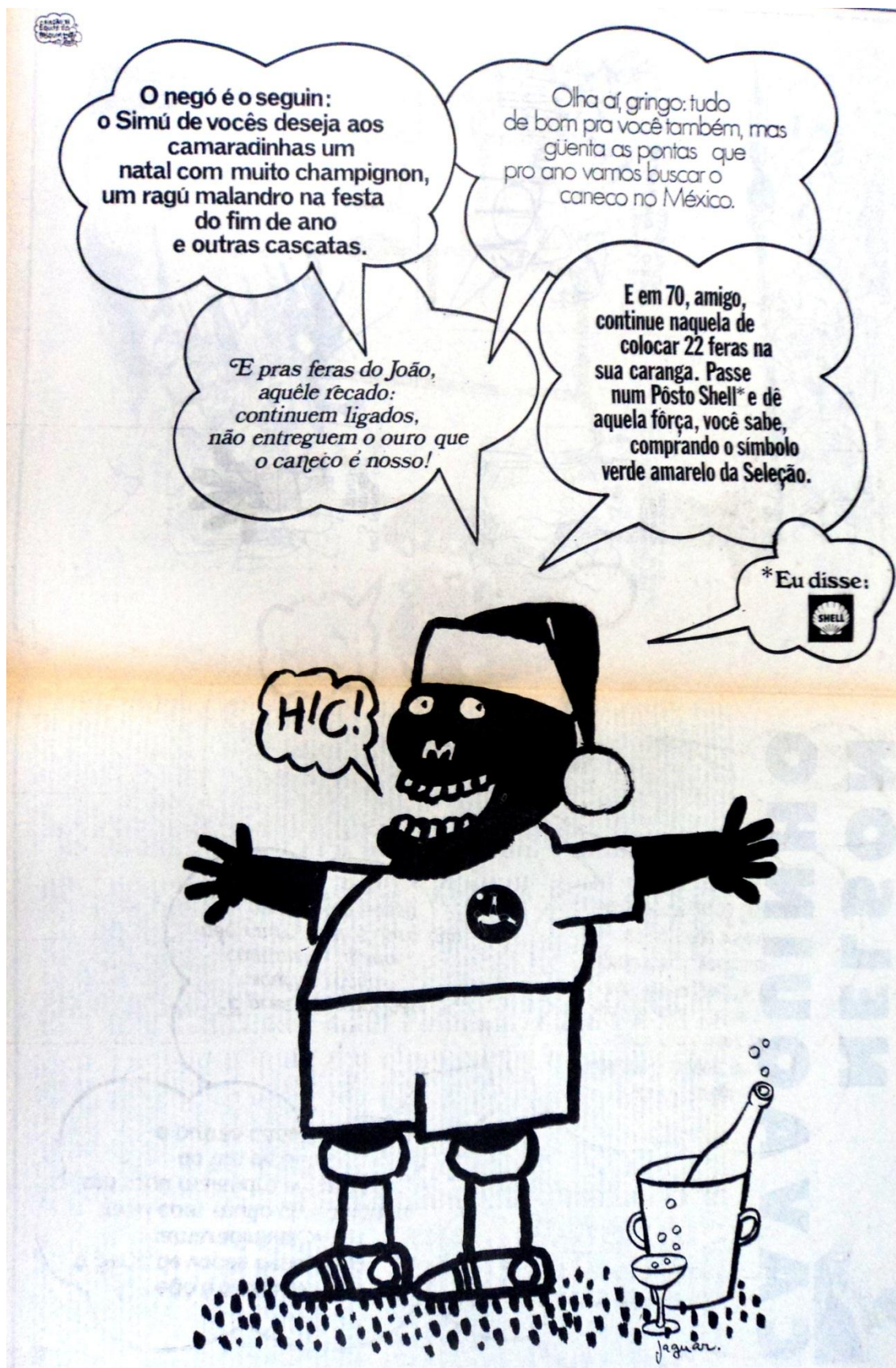


FIGURA 13 – Simú final de ano

FONTE: O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 27, p. 7, dez. 1969.

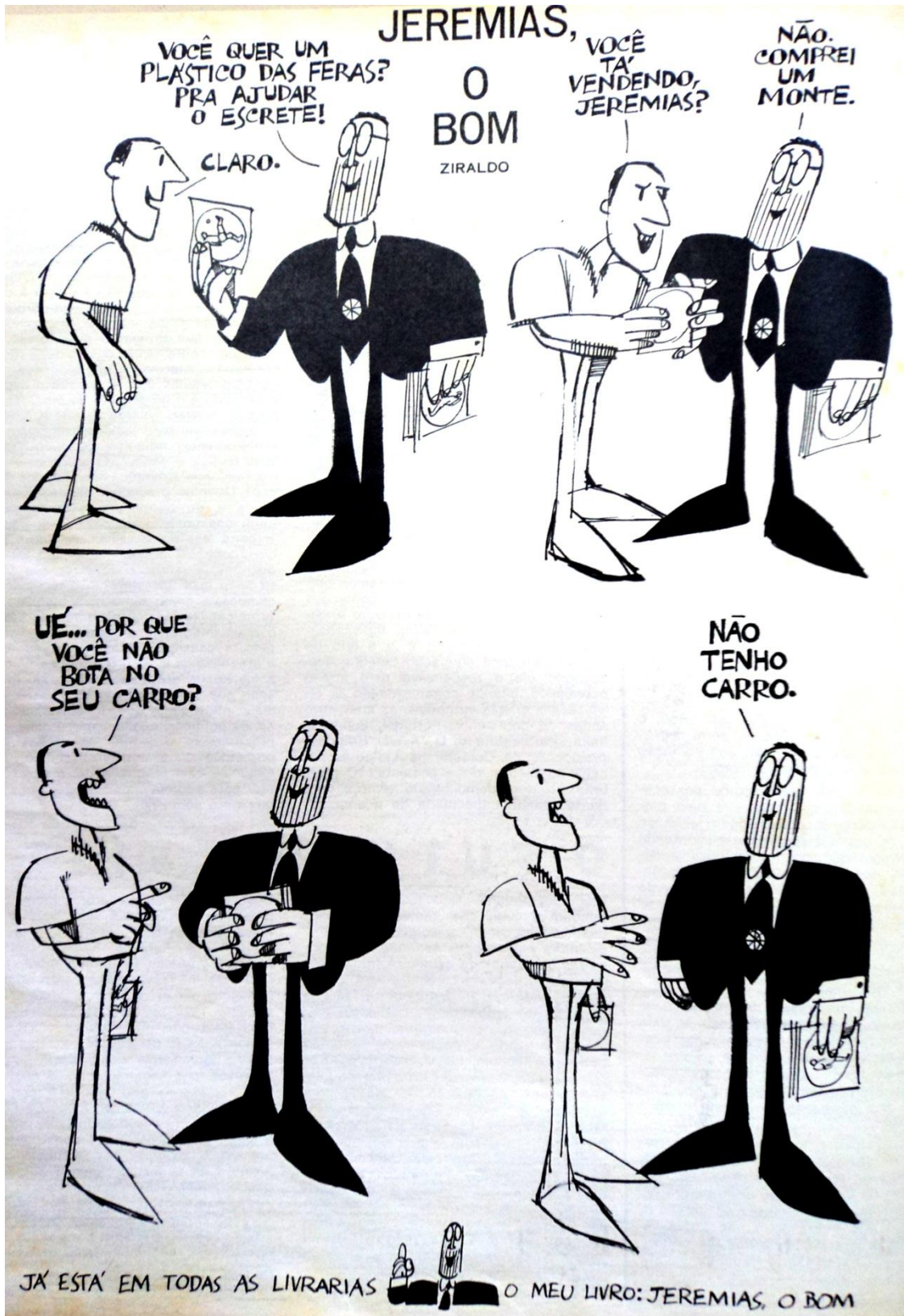


FIGURA 14 – Jeremias, o Bom

Fonte: ZIRALDO. Jeremias, O Bom. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n.48, nov. 1969. p. 116.



FIGURA 15 – A festa do rei

FONTE: ALBUQUERQUE, J. L.; PORTILHO, R. A festa do rei. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 924, p. 12-19, jan. 1970. p.12-13.

A preocupação com os gastos da CBD com a seleção também foram assunto de reportagem, “O preço da Copa”, publicada pela *O Cruzeiro* em janeiro de 1970. De acordo com o estipulado pela reportagem, os custos da CBD com o esporte era de NCr\$ 7.282.000,00 mais de 10 vezes o valor gasto em 1966, cerca de NCr\$ 600.000,00, e mais do que o dobro do orçamento inicialmente previsto. Durante a reportagem, João Havelange foi indagado sobre o elevado valor das despesas projetadas para o mundial do México e respondeu.

O que vamos gastar [...] consta de uma previsão orçamentária que meu tesoureiro, Sebastião Alonso, levantou em novembro. A previsão foi feita para bancar o período que vai de 3 de fevereiro a 30 de junho deste ano. A duração, portanto, será de 150 dias. Contamos, para fazer face às dificuldades, com lucro tirado das eliminatórias, com a ajuda financeira da Shell, e com 11 amistosos programados, 4 no Brasil e 7 no exterior.²⁸⁰

Apesar da argumentação de Havelange, o artigo questionou a capacidade da entidade em obter o montante necessário para cobrir todos os gastos até o final

²⁸⁰ SILVA, G. R. da. O preço da Copa. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n.6, p. 10-13, jan. 1970. p. 12.

do mundial. Os custos se estenderam desde a passagens aéreas, hospedagens, remunerações, taxas de transporte, até o “bicho” em caso de êxito na competição. Futuramente novas ações seriam realizadas para angariar fundos, a exemplo da confecção de moedas de ouro comemorativas, cunhadas pela Caixa Econômica Federal, para serem vendidas como forma de contribuir com o escrete.

Mesmo levando em consideração as alterações econômicas, os gastos com a Seleção de 1970 e a busca de alternativas para seu financiamento representaram um aumento significativo em relação aos mundiais anteriores. De certo modo, o aumento dos custos previstos com a Seleção sinalizaram, também, o maior investimento na preparação da equipe, desde a especialização profissional da Comissão Técnica até o longo período de concentração no Brasil e aclimatação no México.

3.3.4. Brasil 1970: preparação física e militarização da delegação nacional

Com a chegada do ano de 1970 e a proximidade da Copa, os desafios aumentaram para Saldanha no comando da Seleção. O primeiro compromisso significativo do treinador foi o sorteio das chaves da fase de oitavas de final do mundial. A cerimônia realizada no hotel Maria Izabel, na Cidade do México, resultou em um grande espetáculo e reuniu, de acordo com a revista *Manchete*, mais de duzentos jornalistas e trezentos dirigentes esportivos. A perspectiva de exposição midiática fomentada pelas transmissões via rádio e televisão que o mundial experimentaria durante o mês de junho, já podiam ser observadas na festividade em torno do sorteio dos grupos.

A primeira vitória da Copa / 70 foi do México. Usando todos os truques da moderna técnica publicitária, seus dirigentes esportivos transformaram o sorteio dos grupos eliminatórios – em outras ocasiões muito discreto – no maior show de futebol encenado fora do campo em todos os tempo. A imagem da cerimônia ganhou o mundo através da televisão. Os brasileiros não viram, mas souberam, quase no mesmo instante, que suas feras estarão na série mais difícil.²⁸¹

Como anunciava a revista, o grupo no qual o Brasil fora sorteado foi considerado como um dos mais difíceis da competição. Além das “feras”, também integrariam a chave III Romênia, Tchecoslováquia e Inglaterra. As duas últimas

²⁸¹ BIANCHI, N. A primeira jogada da Copa. *Manchete*, ano 18, n. 927, p. 4-15, jan. 1970. p. 5.

consideradas como adversárias diretas na disputa do título. O grupo seria sediado pela cidade de Guadalajara, a 1589 metros de altitude, com todas as partidas sendo disputadas no Estádio El Jalisco. Interpelado por diversos jornalistas, Saldanha assumiu uma postura confiante diante do sorteio. A revista *O Cruzeiro*, também presente no evento, reproduziu algumas das declarações do treinador.

Palavra de que não fiquei surpreso [...] Já esperava por isso. É um bom grupo, para quem tem alma de guerreiro. É grupo feito para feras. Mais tarde ou mais cedo acabaríamos enfrentando essa gente. Foi melhor assim. Ninguém é campeão impunemente. Para ser campeão é preciso ganhar de todos. Pois é o que pretendemos fazer desde Guadalajara.²⁸²

Tanto a cobertura da revista *O Cruzeiro* quanto da *Manchete*, salientaram a dificuldade que o Brasil poderia enfrentar na fase inicial do mundial. Contudo, acompanhando a reação positiva de Saldanha e dos membros da Comissão Técnica presentes na cerimônia, reportagens destacaram as boas possibilidades de classificação da equipe para a fase seguinte e, assim, mantiveram o otimismo quanto ao êxito no mundial. A análise do jornalista esportivo Geraldo Romualdo para *O Cruzeiro* reiterou o discurso solidário à Seleção e salientou a necessidade de uma movimentação generalizada (jornalistas, dirigentes e torcedores) de apoio ao escrete.

Eles não pareciam nem nervosos nem pessimistas. Simplesmente, se comportaram com dignidade, declarando coisas sensatas. Se foi preciso dizer, numa evidência cristalina, que o Grupo 3 era o mais desfavorecido, eles disseram. Mas, sem qualquer amargura, sem o menor temor diante da realidade inalterável do sorteio. A partir daí, poderemos ganhar ou perder a Copa do Mundo. Se os dirigentes, os jogadores, os jornalistas e a opinião pública do Brasil adotarem a mesma atitude de outros tempos, preferindo o pessimismo e a lamentação, será muito ruim para todos. No entanto, se houver no futuro o mesmo senso comum de análise observado agora, dificilmente perderemos. Sem histerismo, o Brasil poderá chegar as finais e ficar com a Copa.²⁸³

Além de ressaltar o discurso proferido por Saldanha e demais integrantes da Comissão Técnica sobre o sorteio, o repórter esportivo também evocou a memória recente dos últimos mundiais como forma de endossar as chances da seleção no mundial.

²⁸² SILVA, G. R. da. A sorte de cada um. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n.4, p. 12-16, jan. 1970. p. 20.

²⁸³ *Ibid.* p.21

A história das últimas Copas prova que um sorteio, à primeira vista desqualificante, pode se constituir numa grande chance. Em 1958, na Suécia, pegamos de saída três adversários fortíssimos (Áustria, Inglaterra e Rússia). Em 1962, da mesma forma, tivemos que enfrentar o México, a Tchecoslováquia e Espanha nas oitavas-de-final. Mas quando ocorreu, como em 1966, que a eliminatória parecia uma *barbada*, aí nos estrepamos.²⁸⁴

Já a reportagem de Ney Bianchi à *Manchete*, estabeleceu uma análise comparativa entre os aspectos positivos e negativos do grupo da seleção. Entre os positivos, o autor ressaltou a possibilidade de recuperação diante de uma eventual derrota e a chance de eliminar algum concorrente considerado forte ao final das partidas do grupo. Porém, o mais curioso foi a afirmação de que os jogadores brasileiros seriam psicologicamente favorecidos ao atuarem contra adversários considerados fortes e com tradição em competições mundiais.

O BOM:

- Enfrentar os adversários mais fortes ainda nas oitavas de final , que obedecem ao sistema de pontos ganhos (a partir das quartas-de-final o sistema é de eliminatórias simples). Sempre há chance de se recuperar de um eventual insucesso e conseguir uma das duas vagas em jogo.
- Em caso de sucesso, tirar logo do páreo pelo menos um candidato em potencial ao título (Inglaterra e Tchecoslováquia estão nesse caso e, se o Brasil obtiver classificação, um dos dois sobrarão).
- Enfrentar adversários já tradicionais em copas do mundo (Inglaterra e Tchecoslováquia, por exemplo). Psicologicamente isso favorece ao jogador brasileiro, que jamais esquece um rival já enfrentado e sua maneira de jogar.²⁸⁵

Embora os fatores elencados como positivos estivessem mais relacionados ao campo das possibilidades, tanto de recuperação quanto de eliminação dos adversários, os elementos considerados como negativos se ligavam a condições mais práticas, relacionadas ao estilo de jogo dos adversários e limitações do ambiente, os quais só poderiam ser devidamente superados com uma preparação física e técnica adequada do escrete. Em certa medida essas considerações ainda estavam pautadas pelas críticas direcionadas à seleção durante a Copa de 1966.

²⁸⁴ SILVA, G. R. da. A sorte de cada um. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n.4, p. 12-16, jan. 1970. p. 21.

²⁸⁵ BIANCHI, N. A primeira jogada da Copa. **Manchete**, ano 18, n. 927, p. 4-15, jan. 1970. p. 13

O MAU:

- A altitude de Guadalajara – 1710 metros, menos 700 que a cidade do México – diferença que poderá prejudicar o time, se ele chegar à final, a ser disputada na capital mexicana
- A presença da Inglaterra na chave, com os juízes escalados pela FIFA de Sir Stanley Rouss. Isso não é desconfiar demais, se lembrarmos o que a Argentina sofreu, na Copa de 1966.
- O desgaste a que a força física dos adversários obrigará o Brasil, que enfrentará, com intervalos de três dias, equipes que podem correr duas horas no mesmo ritmo.²⁸⁶

Mesmo antes do mundial, os ingleses já eram temidos como um dos principais, senão o principal, adversários dos brasileiros. Além de serem os atuais detentores do título, eram considerados pelos especialistas como uma equipe melhor preparada e tecnicamente superior àquela que venceu a Copa anterior. Contudo, estas atribuições não abalaram a convicção de João Saldanha que já havia inclusive vencido o selecionado inglês em 1969, no Maracanã antes das eliminatórias. A revista *Manchete*, em sua análise sobre cada um dos Grupos, destacava a chave do Brasil como mais forte e comentava a ameaça dos Ingleses e o posicionamento do técnico Brasileiro diante dos adversários.

O grupo III é considerado o mais difícil da Copa / 70 e os mesmos analistas que prevêem uma classificação com três pontos arriscam-se a dizer que o campeão sairá de Guadalajara. A Inglaterra é a favorita, não porque é campeã do mundo, mas por causa do criterioso trabalho que desenvolve há mais de um ano. É fora de dúvidas que sua seleção, este ano, será bem mais forte que em 66. Nela, a *cobra* é Sir Alf Ramsey, uma espécie de Yustrich à inglesa. Os jogadores formam a máquina, sólida, enervantemente eficiente. Apesar disso, embora tenha falado em tom de brincadeira, Saldanha acha que *o leão é manso*. É uma jogada psicológica, é claro, mas que guarda um fundo das verdades que o nosso técnico sabe descobrir tão bem. Na época da Copa, o escrete presumivelmente já estará em ponto de bala.²⁸⁷

Assim como sua concorrente editorial, a reportagem de Bianchi para *Manchete* lembraria com otimismo os anos anteriores e destacou que “por tradição, quanto mais fortes os seus adversários, mais espírito de luta demonstram os brasileiros”²⁸⁸. Da mesma forma, após rememorar as chaves difíceis do bicampeonato de 1958 e 62, afirmou “em 1966, o Brasil ficou num grupo tido como fraco e se estrepou”. Mesmo tomando algumas ressalvas, o sorteio do Brasil no

²⁸⁶ BIANCHI, N. A primeira jogada da Copa. *Manchete*, ano 18, n. 927, p. 4-15, jan. 1970. p. 13.

²⁸⁷ *Ibid.* p. 14

²⁸⁸ *Id.*

grupo de Guadalajara foi destacado como desafio positivo, sobretudo em virtude da atitude de João Saldanha e da memória das Copas anteriores.

A preparação para o mundial começou definitivamente no final de fevereiro, quando os convocados iniciaram o longo período de concentração no Rio de Janeiro até o desembarque no México, em maio, um mês antes da estreia no mundial ²⁸⁹. O trabalho de preparação foi organizado desde 1969. Após as críticas severas sobre a desorganização da seleção em 1966, que ressaltaram a carência de um período de treinos estruturado e constataram o aprimoramento físico das equipes europeias, desenvolver um programa de preparação atlética adequado para a Copa de 1970 constituía em uma das principais preocupações da Comissão Técnica.

Embora estivesse submetido ao olhar atento e o interesse permanente de Saldanha, o programa de treinamentos organizado ficou sob responsabilidade do preparador físico Admildo Chirol em parceria com o professor de educação física Lamartine Pereira da Costa, que embora não tenha integrado oficialmente a delegação, teve participação fundamental na estruturação do planejamento empregado no treinamento dos jogadores encaminhados para disputar a Copa ²⁹⁰. Lamartine, como parte significativa dos integrantes da Comissão, obteve formação pela ESEFEX ²⁹¹, e era considerado um dos principais especialistas em biometereologia, que estudava os efeitos das alternâncias ambientais, climáticas e do ritmo biológico no aspecto do treinamento físico ²⁹². Publicou artigos em revistas especializadas e participou do grupo de pesquisas esportivas da Olimpíada do México (em 1968). Desenvolveu trabalhos que se tornaram referência na análise da altitude sobre a *performance* dos atletas. Quando Lamartine foi convidado para assessorar a Comissão Técnica, já havia publicado estudo sobre o efeito da altitude no condicionamento de atletas, intitulado Planejamento México, de 1967. De acordo com Salvador e Soares.

²⁸⁹ O planejamento inicial de aclimação previsto durante o comando de João, projetava dois meses de concentração no México antes do início do torneio, com o desembarque planejado para abril. Após a substituição de Saldanha, Zagalo e a Comissão Técnica reduziriam o período de permanência pela metade.

²⁹⁰ SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009.

²⁹¹ Escola de Educação Física do Exército.

²⁹² SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. *Op cit.* p. 76-77.

No estudo sobre a altitude, analisava a questão dos fusos horários; o tipo de treinamento a ser utilizado em cada etapa do processo de preparação; o uso da câmara de baixa pressão como suporte para simulação dos efeitos da altitude em cada atleta individualmente; a alimentação; as condições climáticas do local; a umidade do ar; os efeitos do estresse; o horário dos jogos da competição; os resultados da massagem muscular em altitude e o preparo psicológico dos atletas, com o objetivo de atingir o máximo da sua capacidade.²⁹³

A participação de Lamartine na estruturação de um programa de treinos para o mundial assinalou a preocupação da Comissão em integrar-se aos métodos mais avançados e cientificamente abalizados de condicionamento atlético. Constataram também o aprimoramento técnico e científico em torno do esporte como um todo, lembrando que os estudos do professor Lamartine não tinham como foco direto o jogador ou mesmo o esporte futebol, mas os efeitos no corpo e preparação do atleta como um todo. O próprio Planejamento México, desenvolvido em 1967, atentou diretamente para os Jogos Olímpicos (sediados pelo país no ano seguinte) palco desportivo privilegiado para elaboração de estudos e implementação de técnicas e tecnologias de incremento do desempenho atlético.

Outro fator a ser considerado foi a necessidade visualizada, após o mundial de 1966, em renovar a forma de jogo da Seleção nacional em comparação com o apresentado pelos adversários europeus. O estilo de jogo que privilegiava aspectos como marcação, velocidade, alto condicionamento físico e, na visão de alguns especialistas (entre os quais o próprio João Saldanha), uma certa dose de violência, havia se tornado referência e foi considerado por muitos como um modo eficiente de suplantar o jogo mais individualista e técnico creditado aos sul-americanos. A revista *O Cruzeiro*, na reportagem “As feras na hora da arena”, de fevereiro de 1970, destacou a preocupação de Saldanha e da Comissão Técnica em possibilitar o condicionamento atlético de ponta aos jogadores da seleção.

O primeiro objetivo de Russo e Saldanha é transformar a Seleção numa rocha de resistência física e moral. Uma seleção para o que der e vier. Copa do Mundo no entender de ambos é disputa que requer talento e coragem, mas, necessariamente, e até no mesmo grau, estado atlético irrepreensível. Para chegarem a isso, a Comissão técnica foi dotada, desta vez, de quatro preparadores físicos de primeira água: Admildo Chirol, Paulo Azeredo, Carlos Alberto Parreiras e Claudio Coutinho.²⁹⁴

²⁹³ SALVADOR, M. A. S.; SOARAES, A. J. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009. p. 77.

²⁹⁴ SILVA, G. R. da. As feras na hora da arena. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 9, p.112-116, fev. 1970, p. 115.

Mais adiante, a matéria especifica o árduo calendário de treinamentos estipulado para seleção. A rotina desenvolvida estendia-se desde o início da concentração e começava com as baterias de exames realizadas pelo médico da equipe, Lídio Toledo. Estendia-se às últimas partidas da Copa e previa o possível progresso durante a competição.

O plano completo das atividades consistirá em doze semanas de trabalho. Começara aqui prosseguindo em Guadalajara, Guanajuato, Leon ou México. Vai depender da evolução da equipe. Na medida em que for passando das oitavas para as quartas-de-final, e desta para as semifinais, o tratamento será intensificado cada vez mais.

Nas duas primeiras semanas, só haverá testes de capacidade física. O objetivo é medir a capacidade física de cada atleta. Partindo daí, e durante sete semanas, os jogadores serão submetidos a exercícios ainda mais fortes. Já nas quatro seguintes, a seleção estará se adaptando aos 1710 metros de altitude que separam Guadalajara do nível do mar. Depois, virão três semanas mais de estágio em Guanajuato, cuja altitude de 2000 metros exigirá mais esforço conjunto. De Guanajuato, a seleção voltará a Guadalajara. Serão mais onze dias de treinamento.²⁹⁵

Os fundamentos desta longa rotina de treinamentos consistiam principalmente em períodos de aclimatação em paralelo com os exercícios de *interval training* e *endurance*, ministrados desde as primeiras semanas de treinos. O *interval training* consistia em rotinas de exercícios aeróbicos com intervalos regulares e aumento progressivo na carga de treinamentos. Já os exercícios de *endurance* eram compostos por atividades que quantificavam e promoviam o aumento da resistência atlética dos jogadores. Para exemplificar o caráter técnico científico atribuído aos treinos utilizados na preparação física dos jogadores, é interessante atentar para a seguinte passagem na reportagem publicada pela *O Cruzeiro*.

O **teste de 12 minutos** que voltou a ser aplicado logo no reinício dos treinamentos é explicado pelo capitão Claudio Coutinho, da escola de educação Física do Exército, 'como uma prova que se destina a avaliar o **endurance**, ou a quantidade de física que permite manter ao longo tempo os esforços de intensidade média. O teste foi criado no Laboratório Aeroespacial do Texas. Serviu como prova coletiva no programa de treinamentos da Força Aérea dos Estados Unidos'.²⁹⁶

²⁹⁵ SILVA, G. R. da. As feras na hora da arena. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 9, p.112-116, fev. 1970. p. 115-116.

²⁹⁶ *Ibid.* p. 116.

O cuidado do capitão Claudio Coutinho em creditar a elaboração de um exercício físico simples a uma reconhecida instituição de pesquisa internacional, reafirma a preocupação em modernizar a preparação física da seleção nacional. O desenvolvimento de um trabalho prolongado, com profissionais especializados, já não era mais o suficiente. Além da estrutura de apoio, seria necessário que os atletas possuíssem um planejamento individual, adequado a um plano de treinos de formação atlética de acordo com aquilo que era considerado como mais avançado na época. O condicionamento dos jogadores e a preocupação com a formação de uma delegação especializada já integrava a organização da Seleção há alguns anos (principalmente a partir do mundial da Suécia, em 1958), mas após as críticas recebidas durante o mundial da Inglaterra, a busca pela organização e atualização dos métodos de treinamento passou a figurar como uma das principais preocupações da CBD e da Comissão Técnica nacional.

Neste sentido, pode-se analisar o processo de militarização pelo qual foi submetida a delegação brasileira. À exceção do técnico João Saldanha (depois Zagalo), do assistente Adolfo Milman, do médico Lídio Toledo, dos preparadores físicos Admildo Chirol, Carlos Alberto Parreira e Paulo Azeredo, e do massagista Nocaute Jack, os demais postos da Comissão Técnica passaram a ser ocupados por militares. Entre esses podem ser destacados os capitães Claudio Coutinho – futuro supervisor técnico –, Kleber Camerino e Benedito José Bonetti; e o subtenente Raul Carlesso. Além destes, também pode-se destacar outros personagens, como o major-brigadeiro Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e o major Roberto Guarany, encarregado da segurança.

A presença maciça dos militares pode ser visualizada a partir de diferentes aspectos. Parte das leituras interpretam a grande quantidade de militares na delegação e na Comissão Técnica como uma forma de interferência branda da ditadura no futebol nacional²⁹⁷. De acordo com esta corrente, parte dos integrantes, como o brigadeiro Jerônimo Bastos, estavam ali com a função de enviar relatórios detalhados do que acontecia nos bastidores seleção, principalmente, no tocante às

²⁹⁷ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002; FRANCO JR, H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

ações de João Saldanha, para o Planalto²⁹⁸. Entretanto, algumas questões devem ser consideradas. A presença destes personagens na delegação, sobretudo na Comissão Técnica, resultou em grande parte da necessidade visualizada pela CBD em reformar o processo de preparação física da seleção. Neste sentido, observa-se a aproximação entre a Comissão Técnica e a ESEFEX, um dos principais centros de formação de profissionais ligados à Educação Física do país, incluindo o próprio prof. Lamartine Pereira da Costa e os preparadores físicos militares. Mais do que uma possível vigilância sobre o técnico do escrete nacional ou a tentativa de intervenção política do regime, a aproximação entre seleção e os militares consistiu em uma iniciativa da CBD que visava tanto ao incremento do processo de preparação física dos jogadores quanto a abalizar certa credibilidade e seriedade à Comissão Técnica nacional. Embora a incorporação de militares à delegação responsável pelo escrete proporcionasse uma forma de vinculação entre a seleção e o governo militar, esta não configurava necessariamente uma aproximação proposital com os pressupostos defendidos pelo regime ou uma imposição deste à CBD ou ao esporte nacional.

Apesar de reconhecer a importância do preparo físico para o rendimento dos jogadores, no discurso das “feras” perpetuado por João Saldanha, o treinamento tinha como objetivo principal prepará-los para combaterem possíveis investidas violentas dos adversários. Neste sentido, para o técnico, o condicionamento físico consistia em um dos aspectos fundamentais no processo de preparação das “feras” para o mundial. Sob a ótica de muitos comentaristas, o desenvolvimento atlético dos jogadores elevou a violência no futebol, de modo que se fez necessário estar apto para combate-lá em campo.

No fundo, a principal preocupação de Saldanha é preparar o time contra qualquer tipo de violência. “Se a nossa Seleção tiver de ser violenta, na Copa, ela será. Não iremos provocar ninguém. Também não recuaremos um passo quando nos provocarem. É uma questão de sobrevivência. Queremos ter vida longa na Copa. Desejamos o mesmo aos nossos adversários. Não gostamos do jogo sujo. Mas não vamos esconder o galho”.²⁹⁹

²⁹⁸ SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

²⁹⁹ SILVA, G. R. da. As feras na hora da arena. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 9, p.112-116, fev. 1970. p. 116

Ainda que a concepção do treinador sobre o esporte defendesse a primazia da técnica sobre a força, ele reconhecia a necessidade do condicionamento atlético para a disputa de uma competição como a Copa do Mundo. Para sustentar o discurso das “feras”, aptas e combativas para suportar os desafios do torneio, este seria um aspecto fundamental na organização da Seleção. Neste sentido, o processo de militarização foi uma iniciativa da própria CBD, em consonância com o objetivo de conferir nova estrutura organizativa à delegação, mais rígida e disciplinada. A integração dos militares à Comissão Técnica incorporou o processo de reformulação da rotina de treinamentos, sob responsabilidade de Admildo Chirol, iniciativa compartilhada pelos demais integrantes da Comissão, inclusive o próprio técnico. Deste modo, a dualidade presente na contratação de um técnico com o perfil de João Saldanha e a formação de uma delegação militarizada pode ser compreendida a partir da iniciativa da CBD em reestruturar a Seleção para disputar o mundial de 1970, respondendo às pressões quanto à reformulação da estrutura organizativa diante do “fracasso” anterior. Embora estas medidas pudessem adquirir conotações políticas, a integração entre os campos político e esportivo não foi o objetivo central da entidade.

4. 2º tempo: das “feras” do Saldanha às “formigas” do Zagalo

4. 1. A crise da “fera”: esporte e política na demissão de João Saldanha

Nos primeiros meses de 1970, muito antes da Copa, foi o próprio Saldanha que não “escondeu o galho”. Pelo contrário, respondeu severamente aos seus críticos e opositores no cargo. Se 1969 havia consolidado a posição do técnico como uma das feras de que a seleção necessitava para conquistar o tri e resgatar o prestígio do futebol nacional, os primeiros meses de 1970 abalaram sua posição no comando da seleção.

Os resultados obtidos durante o ano de 1969 e o discurso combativo que deu origem ao apelido de “feras” consolidaram João no comando técnico do esporte e conquistaram o apreço de grande parte da população e da imprensa especializada. Simultaneamente, Saldanha manteve firme sua posição crítica às estruturas do esporte nacional e colocou-se como um defensor do futebol brasileiro e dos jogadores, fato que fomentou a insatisfação de dirigentes esportivos. Diversos técnicos, muitos deles pleiteando a vaga no esporte nacional, também questionaram duramente a contratação de Saldanha considerado como um intruso no meio. Entre estes, destacam-se Zezé Moreira, técnico da seleção em 1954; seu irmão Aymoré Moreira, campeão mundial em 1962 e predecessor de Saldanha, substituído após uma série de resultados negativos em amistosos; Flavio Costa, comandante do Brasil em 1950 e de Portugal no mundial de 1966; e Dorival Knipel, conhecido como “Yustrich”, treinador do Atlético Mineiro (1969) e Flamengo (1970), um dos mais vorazes opositores de João.

Desde novembro de 1969, quando anunciara a convocação de novos jogadores, Saldanha passou a conviver com o aumento das críticas e recorrentes atritos com diferentes veículos de imprensa. Quando assumiu o cargo em fevereiro do mesmo ano, João havia surpreendido a todos, inclusive os dirigentes da CBD ao retirar um papel do bolso e anunciar as equipes, titular e reserva, que disputariam as eliminatórias. As mudanças na escalação da equipe, sem o anúncio de titulares e reservas, como havia feito em fevereiro, a manutenção de Tostão entre os convocados sem definição de um possível substituto, e as mudanças nos critérios de

escalação geraram diversos comentários críticos de parte da imprensa e insatisfação entre os preteridos. Na reportagem, “Estas são as novas feras do Saldanha”, em janeiro de 1970, o jornalista esportivo Geraldo Romualdo reproduz o posicionamento de Saldanha diante dos questionamentos sobre as modificações da equipe.

- Por que você mudou a seleção, João?

Perguntas como esta Saldanha ouve a cada passo, ouve dia e noite. Sua correspondência na CBD, em casa e no Botafogo, é impressionante. ‘Todo mundo no Brasil é técnico, e esses 80 milhões de técnicos não param de me perguntar por que mudei a seleção depois de jurar que só mexeria nela se alguém furasse a perna ou sofresse uma comoção cerebral’.

- Então, por que mudou?

- Porque seria ridículo sustentar um critério, como o de continuar com 22 jogadores até a Copa, em prejuízo da Seleção. A tranqüilidade, que eu pretendo manter com o critério antigo terminou no último dia das eliminatórias. Afinal, o que é melhor, mais inteligente, mais prático: uma seleção muito boa e, talvez menos tranqüila, ou uma inteiramente tranqüila, mas, tecnicamente, bastante inferior?³⁰⁰

As alterações promovidas por João na convocação do novo escreite também foram sentidas por parte dos jogadores. Felix, Lula, Djalma Dias, Rildo e Paulo Borges deram lugar a Ado, Leão, Baldochi, Rogério e Marco Antonio. Parte dos cortados demonstraram surpresa com a decisão e manifestaram contra a atitude do técnico. As modificações promovidas por João abriram brechas também para os comentários da imprensa, tanto com relação às substituições dentre os convocados quanto com a sugestão de novos jogadores para equipe. Saldanha, no entanto, reafirmou a postura resistente a novas convocações, com o intuito de evitar especulações e garantir certa tranqüilidade ao escreite, ainda em vias de iniciar o trabalho: “Quem tinha de ser chamado, já chamei. Tratei de chamar os melhores e cortei os que não estavam bem. Mesmo que os meus convocados joguem mal não os trocarei mais, seja por quem for”³⁰¹.

Além das indagações frequentes sobre a recuperação de Tostão, bem como sobre suas condições efetivas para disputar o mundial, uma parcela da imprensa defendia a convocação de um atacante rompedor, de área, que desempenhasse papel semelhante ao do centroavante Vavá, no bicampeonato de 1958 / 1962. Entre os pleiteados, o atacante Dário, do Atlético Mineiro de Yustrich, artilheiro do

³⁰⁰ SILVA, G. R. da. Estas são as novas feras do Saldanha. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 1, p. 42-48, jan. 1970. p. 44.

³⁰¹ *Ibid.* p. 46.

Robertão de 1969, era um dos nomes mais requisitados. A mesma reportagem de *O Cruzeiro* também já sinalizava a posição contrária do treinador diante das recorrentes colocações e defendia a necessidade de um “ponta de lança” trombador no ataque do escrete.

Aos que defendem a tese de que nenhuma Seleção chega a ser realmente agressiva sem um ponta-de-lança que saiba dar trombadas, Saldanha adverte que não está preocupado com isso, e que não irá improvisar ninguém para fazer o papel que Flávio e Dario desempenham no Fluminense e Atlético, e Vavá fazia antes na Seleção e no Vasco.

–No futebol de hoje – salienta – um atacante não pode limitar sua atividade a uma faixa do campo. Não existe mais o atacante de posição fixa. Só obtém sucesso aquele que sabe se mexer, que tem talento para abrir caminho para os que vêm de trás. São os casos de Dirceu Lopes, Zé Carlos, Pelé e Edu.³⁰²

Duas edições depois, Geraldo Romualdo escreveu um artigo que evocava a contratação de Yustrich pelo Flamengo. Durante a reportagem, o autor indagou o treinador, antigo técnico do Atlético Mineiro, sobre a necessidade de convocar Dario para seleção.

- [...] Não acha que Dario esta fazendo falta na lista do Saldanha?
- É uma questão de ponto de vista. Por favor, não falemos de seleção. Pode dar briga. Pra que me meter em Seleção, cujo técnico diz que escalou dois anos antes da Copa do Mundo, jura que não trocará nem que chova raio, e depois ameaça mudar tudo, ou quase tudo, do goleiro ao ponta-direita. E basta. A respeito de Dario, bem, é um excelente atacante. Não é excelente apenas porque sabe marcar gols. É excelente, principalmente, porque sabe se colocar na posição melhor para atingir o seu alvo.³⁰³

Além de evidenciar a discordância de Yustrich com relação a Saldanha no comando da seleção, essa passagem exemplifica as pressões externas para novas convocações na equipe. Embora o novo técnico do Flamengo elogie o atacante, não pleiteia diretamente a sua convocação. A pergunta sobre a necessidade de Dario é uma iniciativa do repórter, o mesmo que havia destacado a opinião contrária de Saldanha a um atacante rompedor e a recusa do técnico em realizar novas convocações.

Além da recusa em convocar novos jogadores, sobretudo àqueles pleiteados pela crônica esportiva, o técnico do escrete nacional também sofreu com as críticas

³⁰² SILVA, G. R. da. Estas são as novas feras do Saldanha. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 1, p. 42-48, jan. 1970. p. 47-48.

³⁰³ _____. Yustrich, um homem mau é bom para o Flamengo?. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 3, p. 42-45, jan. 1970. p. 45.

e o mal estar diante de alguns cortes, por motivos médicos, de dois dos recém-convocados. O zagueiro Scala, do Internacional de Porto Alegre, com problemas nos ligamentos do joelho; e o atacante Toninho, do São Paulo, o qual sofria uma grave sinusite. Embora a decisão tenha sido tomada por ordem médica, o anúncio foi realizado somente por João, sem o acompanhamento do médico Lídio Toledo. O ônus dos cortes acabou recaindo, principalmente, sobre os ombros de Saldanha. Ficava a dúvida se o corte dos jogadores não havia sido de fato uma opção de ordem técnica e tática do treinador da seleção. Durante o anúncio realizado após a primeira semana de treinamentos, momento em que estavam sendo realizados testes médicos e a avaliação física, João teceu duras críticas aos clubes e aos departamentos médicos, em particular o do Santos, em razão dos diversos problemas físicos atestados pelos jogadores. As críticas acabariam lhe rendendo até mesmo a investida inicial de um processo judicial, por parte do quadro do litoral paulista, contra o treinador.

A revista *O Cruzeiro*, assumiu um posicionamento favorável ao treinador e destacou a reação de parte da imprensa diante do corte dos jogadores e das críticas dirigidas ao departamento Médico do Santos, como uma reedição dos embates regionalistas entre São Paulo e Rio de Janeiro.

A pretexto de defenderem o médico do Santos, duramente criticado por Saldanha, alguns jornais de São Paulo deflagraram uma forte campanha contra o técnico, como se fosse ele o responsável pelos cortes dos jogadores Cláudio, Toninho e Scala. Isso seria a volta à guerrinha do velho provincianismo que já caiu de moda e não assusta, nem um pouco o domador das nossas feras:
- o que disse, está dito. Não me interessa a polêmica, mas o preparo da seleção.³⁰⁴

O jornalista Sérgio Cabral, d'*O Pasquim*, também se manifestou sobre o corte de Toninho e a opção do treinador em organizar o ataque sem jogadores rompedores.

Quando os médicos da seleção brasileira cortaram o atacante Toninho, por causa de uma sinusite, João Saldanha convocou Zé Carlos do Cruzeiro, e não Dário, do Atlético Mineiro, ou Roberto, do Botafogo, porque ele prefere os jogadores hábeis, técnicos, no lugar dos chamados **tanques**. Até aí, muito bem. Eu também, se fosse ele, faria o mesmo, porque a gente só

³⁰⁴ SILVA, G. R. da. No retiro da fera. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 10, p. 20-28, mar. 1970. p. 28.

pode ganhar dos gringos utilizando a nossa habilidade, nunca o chamado peito-a-peito, porque eles são mais fortes que a gente.³⁰⁵

Além dos desentendimentos com a crônica esportiva em virtude da cobertura da seleção, outro fator agravou, em parte, sua relação com parcela dos repórteres, comentaristas e representantes da imprensa: o retorno à função de comentarista esportivo no jornal *O Globo* e na Rádio Globo, de Roberto Marinho. Para muitos, a volta de João à crônica esportiva e aos comentários no rádio foi interpretada como uma forma do treinador se defender das críticas e utilizar a popularidade de que dispunha como técnico e comentarista em proveito próprio.

Em entrevista para seção “No Paredão” da revista *Manchete* (na qual o entrevistado responde as questões dos mais diversos e célebres inquisidores) Saldanha foi inquirido, algumas vezes, sobre a sua volta ao jornalismo esportivo. Atendendo a pergunta de um dos entrevistadores, Zevi Ghivelder, diretor executivo da própria *Manchete*, Saldanha tratou do assunto de forma pormenorizada.

- É verdade que você voltou à crônica esportiva, antes da Copa, só para poder se defender daquilo que considera calunioso a sua pessoa por parte de alguns jornalistas? Ou foi a tentação de faturar mais? Ou foi, simplesmente, saudade do microfone e do jornal?

- Não, não foi só por isso. O futebol Brasileiro tem importantes problemas para serem debatidos. O faturamento, dentro das circunstâncias, é pequeno. Aceitei na CBD, o mesmo que já ganhava há um ano e meio, sem correção monetária. Em *O Globo* ganho exatamente 7,5 mil cruzeiros novos, que vem com aqueles descontinhos que você bem conhece. Recusei exatamente três propostas de poderosas empresas, uma de São Paulo, outra de Minas e a terceira do Rio. Se eu tivesse aceitado tudo ganharia o dobro ou o triplo. Mas assim as crianças iam vomitar leite até pelo nariz. Estou fazendo, apenas, o que dá tempo para fazer, no tempo que me sobra entre o trabalho junto à seleção e o trabalho gratuito para os coleguinhas. E não me pagam nenhuma fortuna. [...]³⁰⁶

Em nova reportagem publicada pela *Manchete*, Saldanha também se manifestou a respeito dos desentendimentos com parte da crônica esportiva, defendendo-se novamente quanto à polêmica em torno de seu retorno à função de jornalista e comentarista. Além de destacar algumas das ofertas que recebeu de órgão de comunicação do Rio e São Paulo, também expôs a sua insatisfação com o assédio da imprensa na concentração da seleção. A partir daquele momento,

³⁰⁵ CABRAL, S. Edu, pô. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 37, p. 35, mar. 1970.

³⁰⁶ BIANCHI, N. João Saldanha no paredão. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 934, p. 30-34, mar. 1970. p. 33.

anunciou que as entrevistas com a seleção seriam somente coletivas e suas declarações particulares, apenas por escrito.

- A luta de opinião é válida. O que não é válido é a luta contra a calúnia e a intriga. Esse tipo de luta é intolerável. Não suporto mais. Arrebento. Se pensam que podem fazer cartaz e ganhar dinheiro à minha custa, estão enganados. Assinei um contrato barato para escrever crônica diária para jornal. Só dois mil e quinhentos cruzeiros novos por mês. Outros jornais, dos Associados, das Folhas de São Paulo e do Estado de São Paulo, me ofereceram até mais. Prefiro a proposta mais barata, porque me dá mais liberdade de ação e muito menos trabalho. Quanto à intriga que fizeram em São Paulo, anunciando que estou tentando largar a seleção no meio do caminho, nem vale a pena discutir. Vou até o fim. Com uma diferença: de agora em diante não suportarei mais nenhuma mentira. As entrevistas passarão a ser coletivas. Ninguém irá inventar nada. Se alguém pretender uma, em particular, poderá vir com as perguntas. É muito fácil. Proponho-me a reponde-las em dez minutos. No dia em que eu não puder encher uma lauda em dez minutos, desisto de escrever. Difícil vai ser formular as perguntas. Há muita gente que só escreve com o copy-desk por trás.³⁰⁷

Diante dos desentendimentos com parte da imprensa, dirigentes e do mal estar criado entre alguns jogadores e integrantes da Comissão Técnica, João passou a ser duramente questionado no comando da seleção. Se Saldanha, a princípio, havia conseguido aplacar as críticas de seus opositores, resgatar o prestígio da seleção junto ao torcedor e angariar a solidariedade de grande parte da imprensa, gradualmente, perdeu sua base de apoio a cada nova polêmica que envolvia um dirigente, clube, jornalista ou jogador.

Os comentários ácidos e bem humorados também, acompanharam Saldanha desde o início de sua passagem pela seleção e de sua carreira jornalística. O mesmo pôde ser averiguado com relação às recorrentes críticas aos dirigentes e às estruturas do futebol nacional, o que configurou uma das principais bandeiras sustentadas pelo cronista e treinador. Contudo, à medida que João se impacientava, suas declarações foram se tornando mais agressivas e irônicas. Algo encarado como exemplo de destempero e intranquilidade. Sinais de um inconveniente desequilíbrio emocional para alguém que desempenhava um cargo tão importante. Dois comentários de leitores, o primeiro de São Paulo e o segundo do Rio de Janeiro, publicados em momentos diferentes pela revista *Manchete*, ilustram as dúvidas levantadas diante do comportamento do treinador.

³⁰⁷ SILVA, G. R. da. No retiro da fera. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 10, p. 20-28, mar. 1970. p. 20.

Sou dos que acreditam em João Saldanha e nossa seleção tem que ser prestigiada até o fim. Alias, podem haver coisas erradas, mas é flagrante que está tudo muito diferente da bagunça de 1966.³⁰⁸

No *Paredão*, Saldanha até que foi sensato e de certa forma tranquilo. Mas daí pra cá ele tem revelado uma violência que só o compromete como técnico da seleção brasileira. Seria bom lembrar que ele representou uma grande esperança para todo o país, quando foi escolhido, pela mudança de métodos que representava. Se não com toda, pelo menos com uma boa dose de confiança popular ele continua. Mas é preciso que tenha sempre em mente que é coisa muito séria ser o técnico da seleção e isso exige dele uma tranqüilidade que ele já não tem tido. Façamos votos que a retome.³⁰⁹

No início de março, após as primeiras semanas de treinamento, o Brasil participou de duas partidas amistosas como parte do processo de preparação. O adversário foi a Argentina, grande rival sul americano, juntamente com o Uruguai que não havia conseguido assegurar a vaga para a mundial durante as eliminatórias. Os jogos foram disputados respectivamente nos dias quatro e oito de março, primeiramente em Porto Alegre – Beira Rio – e depois no Rio de Janeiro – Maracanã. No primeiro confronto, as novas feras não renderam o esperado, sendo derrotadas por 2 x 0. No segundo, a Seleção conseguiu se recuperar e finalizou com uma vitória por 2 x 1.

Nas duas partidas o escrete foi duramente criticado. Na reportagem específica sobre as partidas, o jornalista especializado de *O Cruzeiro*, Geraldo Romualdo, analisou os fatores que haviam sido determinantes para a derrota e a vitória do Brasil.

Em primeiro lugar, o que existe por trás desta seleção de Saldanha é que ela ainda não se ajustou definitivamente como equipe. Menos por falta de tempo, para um preparo metódico do conjunto, do que pela justa medida de escalação dos elementos que disporiam melhor de certas posições-chave. Principalmente do meio-campo para o ataque. No jogo de Porto Alegre, por exemplo, os beques não se entenderam, o meio campo se esvaziou pela incapacidade de dar combate ao adversário que tinha a bola dominada, e o ataque quase não existiu.³¹⁰

Concentrando as críticas sobre a partida em Porto Alegre, o autor destacou o anêmico desempenho de Pelé e atentou, principalmente, sobre a sua falta de posicionamento em campo. De acordo com o jornalista, o atacante não teria seguido

³⁰⁸ O leitor em Manchete. **Manchete**, Rio Janeiro, ano 18, n. 935, p. 10, mar. 1970.

³⁰⁹ *Ibid.* p. 12.

³¹⁰ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 12, p. 16-19, mar. 1970. p. 18.

o esquema de jogo planejado por João, indicando o baixo rendimento técnico e atlético do jogador.

O próprio Pelé só fez errar. Errou em dividir suas responsabilidades com Gérson e Piazza, e errou muito mais sempre que pretendeu chutar em gol, passando por dentro de quem o marcava. O propósito de Saldanha era fazê-lo revezar com Dirceu Lopes. Avançando e recuando na hora certa. Quer dizer, quando um se metesse no ataque, para acossar os zagueiros argentinos, o outro deveria invariavelmente voltar em auxílio dos que ficavam na armação da defesa. [...] Pelé estava tão por fora da sua obrigação e tão carente também de estado atlético, que acabou não sabendo cumprir nem uma nem outra ordem.³¹¹

De acordo com o artigo, o técnico e os jogadores analisaram as jogadas e debateram as principais dificuldades apresentadas, com o intuito de corrigir as falhas para o próximo embate. Com algumas modificações na equipe, no jogo do Maracanã, a seleção exibiu melhor organização em campo e conquistou o resultado positivo. Ainda assim, permaneceram algumas dúvidas quanto à seleção comandada por Saldanha. Pelé, mesmo marcando o segundo gol, foi novamente alvo de críticas da reportagem de *O Cruzeiro*.

Pelé continuava mal. Mal e irritado, jogando sem boa condição física. Como não encontrava quem o acompanhasse nos choques [...], limitava-se a perder a bola e reclamar. Depois, com as costas mais aliviadas, marcou um gol de gênio, apagando com ele tudo de ruim que deixara no ar.³¹²

A reportagem também lembrou a necessidade de um atacante de área para disputar a bola no corpo a corpo com os zagueiros adversários. Novamente Dario, ou um jogador com as suas características, foi lembrado como uma possível opção para o ataque.

Falta um homem de choque, dentro da área inimiga para descansar um pouco as pernas de Pelé. [...] Sem um abridor de latas talhado para fuçar a área, do tipo Dario e Roberto, mesmo que Tostão volte completamente lúcido e valente, Saldanha vai sentir falta de alguém desse estilo que desbrave o caminho para os outros entrarem.³¹³

³¹¹ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 12, p. 16-19, mar. 1970. p. 18.

³¹² *Ibid.* p.18-19.

³¹³ *Ibid.* p. 19.

Além do debate sobre os amistosos, análise dos jogadores, das escolhas técnicas e táticas na formação e disposição escrete, Geraldo Romualdo encerrou a matéria com um comentário interessante sobre a repercussão do trabalho de Saldanha à frente seleção.

Quanto ao mais, é guardar um pouco as armas de combate ao trabalho de Saldanha. Na medida em que o trabalho de Saldanha for examinado mais sob o aspecto técnico e menos sob o polêmico, as coisas se tornaram mais simples. Diminuirão os acessos de ódio e a Seleção trabalhará em paz. Que é, alias, parte do que falta para resolver seus problemas fora do campo de jogo.³¹⁴

A passagem acima, de certo modo solidária ao treinador, ilustra a situação complicada que o escrete vivenciava fora dos gramados, bem como a preocupação com as polêmicas e embates sucessivos que envolviam o técnico da seleção. Ao pedir que os críticos “guardassem as armas” e analisassem Saldanha sob o aspecto técnico, o jornalista referiu-se aos diversos desentendimentos do treinador (com jornalistas, dirigentes, jogadores), em período tão curto de preparação. Ao que parece, o jornalista de *O Cruzeiro* integrava uma parcela da imprensa que ainda mantinha parte da confiança no trabalho de Saldanha, mas que já começava a se preocupar com a falta de tranquilidade para o desenvolvimento da equipe. Temia-se não só as manifestações contrárias ao treinador, mas seu próprio temperamento e as possíveis reações.

Embora não haja uma referência direta no texto, a preocupação solidária do jornalista manifestou-se justamente após mais um episódio polêmico do treinador, o que acabaria ganhando grande conotação, sobretudo na memória construída sobre a conturbada passagem de Saldanha pela seleção nacional. Para além das críticas ao selecionado, a passagem da seleção pelo Rio Grande do Sul rendeu novo embate para João, desta vez com o próprio Presidente da República.

Ambas as partidas foram acompanhadas de perto pelo General Garrastazu Médici, que havia assumido a presidência desde outubro de 1969, em substituição ao adoecido Costa e Silva. *O Cruzeiro*, para revelar a postura simpática ao atual governo, exaltou a presença do Chefe de Estado com um comentário, logo no início da reportagem, enfocando os dois jogos disputados contra a Argentina.

³¹⁴ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 12, p. 16-19, mar. 1970. p. 19.

Na Guanabara, como em Porto Alegre, o Presidente da República esteve presente, e torcendo muito para o Brasil vencer. Umas cinco vezes ele vibrou e bateu palmas com os lances em campo. Sempre com o seu radinho colado ao ouvido.³¹⁵

Já a *Manchete* não fez citações no corpo do texto ao General, mas também destacou sua presença no Estádio. Publicou uma foto do General nas cadeiras do Maracanã, portando um radinho de pilha, ao lado do presidente da CBD, João Havelange.



FIGURA 16 – Médici e Havelange

FONTE: BIANCHI, N. Diário íntimo de uma vitória. **Manchete**, Rio Janeiro, ano 18, n. 935, p. 12-17, mar. 1970. p. 14.

Sob a imagem paradigmática de Médici, uma pequena legenda reforçava o interesse do General pelo jogo e demonstrava curiosa semelhança com a observação realizada pela sua concorrente editorial: “O Presidente Médici, como

³¹⁵ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 12, p. 16-19, mar. 1970. p. 16.

bom torcedor de futebol, não se satisfaz em ver o jogo. Acompanhou-o também pelo rádio”³¹⁶.

Conhecido por ser um fã ardoroso de futebol e acompanhar de perto os passos da seleção, Médici supostamente teria declarado no estádio sua preferência pela convocação do atacante Dario. Como já observado, uma predileção que não era somente do General-Presidente, mas compartilhada por parte dos torcedores e diversos comentaristas especializados. Embora não existam registros precisos que assegurem a fala do General, a repercussão do comentário foi logo transmitida por diversos jornalistas, chegando ao ouvido de João. A resposta ao comentário veio de forma seca e irônica, sem meias palavras, como era comum ao personagem: “o presidente escala o ministério dele que eu escalo o meu time”³¹⁷. Após a segunda partida contra os argentinos, a revista *Manchete* veiculou uma nota sobre o tema na seção “Posto de Escuta”. Nela demonstrou simultaneamente a repercussão adquirida pelo caso e assinalou a possibilidade de ingerência política sobre a Seleção.

Agentes do **SNI** chegaram mesmo a investigar se **João Saldanha** declara realmente não aceitar a intromissão do Presidente **Médici** na escalação do escrete (convocação de Dario) do mesmo modo como o presidente não aceitaria a sua interferência na escolha dos ministros. Se o Brasil tivesse perdido o segundo jogo contra a Argentina, a sorte do treinador estaria selada. Mas o gol de **Pelé** salvou tudo.³¹⁸

A declaração de Saldanha foi interpretada por muitos como uma afronta, tanto ao presidente quanto à ditadura militar que este representava. A polêmica em torno da convocação, ou da não convocação de Dario repercutiu em algumas análises como manifestação do despreço político de João e abriu a prerrogativa necessária para sua remoção do cargo. Sob tal perspectiva, a demissão do cronista do comando técnico da equipe foi interpretada como uma forma de “interferência fria”³¹⁹ do regime sobre o escrete e a CBD..

³¹⁶ BIANCHI, N. Diário íntimo de uma vitória. **Manchete**, Rio Janeiro, ano 18, n. 935, p. 12-17, mar. 1970. p. 14.

³¹⁷ AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 160.

³¹⁸ Posto de escuta. **Manchete**, Rio Janeiro, ano 18, n. 936, p. 118-119, mar. 1970. p. 118.

³¹⁹ AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. **Placar**, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 7.

Cabe lembrar que alguns discursos consideram Saldanha como um comunista histórico, teria se filiado ao partido em 1942³²⁰, e sustentam que o treinador manteve posições políticas contrárias ao regime militar. Alguns pesquisadores e biógrafos assumem, inclusive, que João ainda cultivava ligações com militantes armados de esquerda durante o período em que se tornara técnico do escrete nacional³²¹. Também teria feito declarações a jornais internacionais denunciando a repressão e a tortura no país³²². Diante dessas suposições, haveria até mesmo a preocupação, por parte do governo, de que o técnico aproveitasse alguma entrevista coletiva durante o mundial para retirar uma lista do bolso com os nomes de diversos presos políticos³²³. Essas questões, contudo, pouco se manifestaram em suas colocações como cronista, assim como em suas posições como comandante do escrete nas fontes privilegiadas na presente pesquisa. Em artigo publicado pela *O Cruzeiro*, ao analisar os fatores que motivaram o afastamento de Saldanha, Geraldo Romualdo observou do seguinte modo o episódio entre o técnico e o Presidente.

[...] Nessa mesma ocasião o Presidente da República teria manifestado, como amante do futebol, seu desejo de ver Dario entre os convocados para a Copa do Mundo. A resposta de Saldanha chocou muito mais os *cartolas* do que os homens do Governo.³²⁴

As críticas mais recorrentes do treinador estavam voltadas aos dirigentes esportivos e à estrutura administrativa do futebol nacional. Um incômodo tanto para CBD quanto para os clubes e federações regionais. Neste sentido, a iniciativa de aproximar-se ou, ao menos, distanciar-se de possíveis desavenças políticas com o regime, consistiu mais uma preocupação dos dirigentes da CBD do que do atual

³²⁰ De acordo com Siqueira os dados sobre o ingresso de João no Partido Comunista são imprecisos devido a falta de registros sobre a filiação, uma vez que durante este período o partido encontrava-se na ilegalidade. Deste modo as datas obtidas em entrevistas e outras declarações sobre João variam entre os anos de 1935 e 1942. SIQUEIRA, A. I. **João Saldanha: uma vida em jogo**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. p. 95.

³²¹ *Ibid.* p. 318-319.

³²² *Ibid.* p. 320.

³²³ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p.160.

³²⁴ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio Janeiro, ano 42, n. 14, p. 16-19, mar. 1970. p. 17.

Chefe de Estado. No momento, as atenções do regime com relação ao esporte estavam relacionadas às suas possibilidades como instrumento de aproximação popular e evitaram a interferência direta nas estruturas e particularidades do futebol no país, mesmo dispondo dos instrumentos necessários para efetuar uma eventual intervenção.

Embora Saldanha configurasse um personagem polêmico, o processo de sua demissão não pode ser atribuído como resultado direto de uma interferência política na seleção. O acúmulo de episódios controversos e os recorrentes desentendimentos com as bases de apoio ao trabalho na seleção (jornalistas, membros da Comissão Técnica e da CBD, outros treinadores e jogadores) foram determinantes para sua saída do comando da equipe nacional.

Entre estes desentendimentos, a rusga contra Yustrich foi um dos mais marcantes e determinantes fatores para o encerramento do ciclo de João à frente do escrete. Yustrich, conhecido por ser um técnico excessivamente rígido e disciplinador (muitas vezes retratado como autoritário e violento), era um forte opositor de Saldanha no comando técnico da seleção, colocando-se de modo contrário à contratação do cronista para o cargo desde seu anúncio pela CBD. O então técnico do Atlético Mineiro considerava João como um intruso, alguém sem a experiência e o conhecimento necessários para assumir um time de futebol, quanto mais a seleção nacional. Sua argumentação baseava-se, principalmente, em um artigo da CND, segundo o qual, para exercer a função de técnico de futebol, era preciso ser no mínimo diplomado. Nos registros da CBD o cargo de responsável técnico, diplomado, estava o preparador físico Admildo Chirol³²⁵.

O desentendimento entre os treinadores se agravou principalmente após a última partida da seleção em 1969. O jogo realizado em setembro teve como adversário o Atlético Mineiro, vencedor do confronto com a seleção pelo placar de 2 x 1. O amistoso havia sido muito contestado por Saldanha, que desqualificou a necessidade da partida após a árdua sequência de jogos válidos pelas eliminatórias.

Com a transferência de Yustrich para o carioca Flamengo, o treinador passou a figurar frequentemente nas páginas dos veículos de imprensa. Constantemente instigado pelas perguntas dos jornalistas, o novo técnico do Flamengo criticava duramente a competência de Saldanha para dirigir a seleção e

³²⁵ FEIJO, A. João Havelange no Paredão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 940, p.40-44, abr. 1970. p. 41.

também a própria CBD, responsável pela contratação do treinador da equipe nacional.

Em janeiro de 1970, a reportagem da *O Cruzeiro* focava a contratação do treinador pelo rubro negro carioca. Durante a matéria, Yustrich foi questionado sobre a seleção nacional.

Na hora de opinar sobre a Seleção, Yustrich ameaça ficar bravo. -Fiz a mim mesmo a promessa de nunca mais tocar neste assunto. É um assunto que exige muito cuidado. Você sabe, o Saldanha tem uma grande corriola ao seu lado. Essa corriola poderá conduzir a interpretação do problema para o lado que entender. Não vale a pena mexer nessa caixa de marimbondo. O técnico da seleção é intocável. Se a gente o critica, vem logo resposta grossa, para ofender.³²⁶

Ainda que naquele momento Saldanha ainda contasse com grande parcela de apoio, permanecendo, segundo o próprio comentário de Yustrich, “intocável” no comando da seleção, o técnico não escondeu sua insatisfação e desavença com o treinador do escrete nacional.

Em uma nova entrevista, em fevereiro, desta vez para a seção no “Paredão” da *Manchete*, Yustrich foi questionado por diversos personagens, ligados ao esporte: a televisão, cinema, teatro entre outros setores de destaque da vida nacional. O temperamento explosivo e agressivo do treinador pôde ser observado em diversos momentos, sobretudo quando indagado sobre o atual comandante da seleção nacional. Um dos inquisidores, Oldemário Touguinho, jornalista e cronista esportivo do *Jornal do Brasil*, questionou o posicionamento de Yustrich como uma forma de autopromoção.

- O seu procedimento rígido e duro é em função de promoção. Você discute sempre com o técnico em evidencia, não é?
- você não tem a condição de perguntar nada a ninguém. Quem quer se promover é você. Saiba que o trabalho é minha vida, e minha vida é o trabalho. De maneira, que eu não preciso de promoção. E nem procuro discutir com o técnico em evidencia, por que os que são colegas são colegas mesmo, os usurpadores não são nem técnicos, portanto nem merecem discussão.³²⁷

³²⁶ SILVA, G. R. da. Yustrich, um homem mau é bom para o Flamengo?. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n.3, p. 42-45, jan. 1970. p. 45.

³²⁷ RINGEL, D. Yustrich no Paredão. *Manchete*, ano 18, n. 929, p. 62-66, fev. 1970. p. 64.

Além da resposta ríspida ao jornalista, Yustrich deixou transparecer nas entrelinhas sua desaprovação a Saldanha. Treinador não diplomado, que não poderia sequer ser efetivamente considerado como técnico, era usurpador na perspectiva do treinador flamenguista. Mais adiante, o principal repórter esportivo da publicação, Ney Bianchi, responsável pela maioria das reportagens sobre futebol e pela cobertura da seleção nacional, questionou Yustrich diretamente sobre sua postura diante de João Saldanha.

- você considera o João Saldanha um intruso. Por quê? Ou também acha que são intrusos os técnicos e jogadores, que às vezes se metem a comentar jogos e escrever artigos?

Comentar jogos e escrever artigos qualquer um pode fazer, embora hoje, até o presidente da república tenha sentido a necessidade de regulamentar a profissão de jornalista. Um jogador de futebol experiente, que tenha condições intelectuais, está numa posição privilegiada para esclarecer o público sobre o futebol, porque ele viveu o dia-a-dia dentro e fora das quatro linhas. Agora, quanto a Saldanha eu já emiti minha opinião, que é pública e notória, e da qual não mudo uma vírgula. Ele, simplesmente, é um intruso.³²⁸

Na mesma entrevista, ao responder a pergunta sobre a postura da CBD diante da seleção, o treinador tece duras críticas à entidade e recorre à legislação para justificar seu posicionamento e criticar os dirigentes responsáveis pela administração desportiva no país.

É que eu sigo apenas as normas ditadas pela lei no futebol brasileiro. Ao lado disso, eu coloco em prática a experiência adquirida através de 35 longos anos de atividade. Eu não quero dizer que os homens da CBD conduzem de forma errada a nossa seleção. Apenas não concordo com muita coisa: o meu caminho seria outro. Por exemplo: eu não admito esse negócio de Comissão Técnica. A lei estabelece autonomia integral ao técnico. E o Dr. João Havelange deve saber disso. Ou deveria. Agora, se não sabe, é só apanhar a legislação no Conselho Nacional de Desportos, que é quem rege o esporte nacional, e dar uma olhadinha...³²⁹

No mês seguinte, após o início de trabalho da seleção nacional para a Copa do Mundo e decorridas as duas partidas amistosas contra a Argentina, o técnico do Flamengo foi novamente personagem de uma reportagem de *O Cruzeiro*, justamente em um dos momentos de maior instabilidade de Saldanha no comando da seleção nacional. Mais do que a capacidade de João em treinar a equipe

³²⁸ RINGEL, D. Yustrich no Paredão. **Manchete**, ano 18, n. 929, p. 62-66, fev. 1970. p. 64.

³²⁹ *Ibid.* p. 65.

nacional, estava em xeque seu temperamento para suportar a pressão de dirigir o escrete em uma competição como a Copa do Mundo. O comportamento de João diante dos críticos e dos veículos de imprensa era questionado segundo a postura esperada de alguém no comando do escrete nacional. Mais do que simplesmente desempenhar o cargo de técnico, Saldanha era um dos símbolos da seleção, uma das “feras” que ajudara a criar.

A matéria em questão abria uma nova seção de entrevistas, chamada “Jogo Aberto”, com a proposta de um diálogo livre sem restrições nas perguntas ou respostas dos entrevistados. O escolhido para estrear o quadro foi justamente Yustrich. O próprio título da matéria denotava o conteúdo polêmico da entrevista e realçava a polêmica com o treinador do selecionado brasileiro: “Saldanha é valentão: puxa o revólver e sai correndo”. Embora a temática da entrevista tenha sido mais extensa, as críticas a Saldanha e à organização da seleção constituíram afirmações recorrentes, ganhando destaque especial na revista.

Indagado se não havia proferido duras críticas a Saldanha em Belo Horizonte quando técnico do Atlético Mineiro, Yustrich respondeu demoradamente sobre sua posição diante da escolha de João Saldanha para o cargo de técnico da seleção.

Fiz. Não eu não fiz críticas pesadas a João Saldanha. A questão para mim é o direito de exercer a profissão. Porque acho que o direito de exercê-la é daquele que legalmente se firmou como profissional. Fiz curso de preparação física, sou homem habilitado. Como eu, existem muitos. Por que um estranho ao meio, um homem que não tenha nenhuma profissionalização, por força de conjunturas políticas, é levado a um cargo que muitos teriam muito mais condição, por direito, de exercer? Agora, se posteriormente eu critiquei a maneira dele, é porque ele me atacou, antes de ser técnico da CBD, no estilo muito próprio dele, meio de avacalhar, irônico, ninguém para ele presta, só ele que é bom. De forma que entrei no debate e pus as coisas como elas são, dentro daquilo que a lei me dá o direito de falar. Agora o Saldanha é valentão, puxa o revólver e sai correndo. Quando a Seleção foi jogar em Belo Horizonte, ele espezinhou o Atlético. O Saldanha não constrói, como crítico não constrói só destrói. Despreza, ironiza, não é um tipo que critique para melhor. Mas todo mundo sabe que, para apaziguar, para contar com o benefício geral da imprensa, foi escolhido um camarada da imprensa. Não há outra explicação para isso.³³⁰

O trecho ofensivo Saldanha, ao afirmar que “Saldanha puxa o revólver e sai correndo” recebeu destaque na edição da matéria. Além de o comentário ser

³³⁰ NETO, M. Saldanha é valentão: puxa o revólver e sai correndo. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 12, p.20-23, mar. 1970. p. 22.

destacado em um quadro no corpo do texto, com as letras grafadas em itálico, a mesma passagem também foi destacada em negrito em uma formatação de tamanho maior no topo da página, além de integrar o já comentado título da entrevista. Outras passagens que criticavam Saldanha também foram ressaltadas no corpo do texto pela revista: “O Saldanha nem era nascido e já se jogava assim. E o Saldanha nem tem condições para falar de tática de jogo, ele nunca deu um chute numa bola na sua vida”; “Se êle entende de futebol é que é a pergunta. Falar em microfone é fácil, fazer é que é difícil”.

Em outro momento da entrevista, Yustrich foi inquirido a respeito da tênue mobilização dos técnicos diplomados sobre a escolha de João Saldanha. Novamente o treinador rubro negro se posicionou firmemente contra a contratação. Desqualificou Saldanha e criticou os dirigentes da CBD, responsáveis pela contratação e, de acordo com o treinador, por um possível insucesso da equipe durante o mundial. Também chamou a atenção para uma possível conivência das autoridades (uma crítica a passividade do governo federal diante da situação), que não teriam respeitado os treinadores diplomados.

Mais do que eu gritei? Fui a única voz. Eu, Zezé e Aimoré. Ninguém teve coragem. Se eu não trabalhar em futebol morro de fome. Sou profissional autentico. Isso não quer dizer que eu não possa ter um sítio. Mas na hora largo tudo pelo futebol. Criaram escolas de Educação Física, através do Ministério da Educação, como esta na Praia Vermelha, onde me formei, o governo gasta esta fortuna e não olha esta aberração. Nenhuma autoridade federal se pronunciou. O crime foi consumado. Se ele entende de futebol é que é a pergunta. Falar em microfone é fácil, fazer é que é difícil. Ele tem na mão o que nenhum técnico do mundo tem. Eu acho que, se Saldanha ganhar, a responsabilidade é dele. Se perder, quem o escolheu é que é responsável.³³¹

As declarações de Yustrich repercutiram duramente nos ouvidos de Saldanha. O técnico da seleção nacional acabou tendo uma reação intempestiva e protagonizou um episódio, muitas vezes, visualizado como a “gota d’água” para sua demissão. Saldanha, saiu, da concentração do escrete, no retiro dos Padres, escondido em uma Kombi e se dirigiu para a concentração do Flamengo, na Gávea, com um revólver em punho à procura de Yustrich. Durante a “invasão”, Saldanha agrediu dois funcionários do clube, o vigia e o cozinheiro. Na edição seguinte à entrevista com Yustrich, considerada como o estopim para a atitude do técnico da

³³¹ NETO, M. Saldanha é valentão: puxa o revólver e sai correndo. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 12, p.20-23, mar. 1970. p. 22

seleção, a revista *O Cruzeiro* retratou a invasão a partir das declarações dos funcionários do Flamengo.

Saldanha entrou na concentração, mas não encontrou Yustrich. Na verdade, lá só estavam o porteiro, o cozinheiro e o goleiro reserva, Adão. José Gomes da Cruz, o vigia, disse que 'Saldanha entrou rápido pela porta, com um revólver na mão e quando tentei impedir sua passagem ele me jogou no chão'. Também confirma a agressão ao cozinheiro Oliveira:

- Oliveira viu a confusão e dirigiu-se a Saldanha, mas levou uma rasteira e, logo depois, um pontapé. Quando viu Adão não reconheceu, mas falou bem alto que era bom que todos soubessem que ele era macho e que o Yustrich precisava saber disso. Mesmo com nós três dizendo que o técnico não estava lá. Saldanha vasculhou tudo e saiu rápido, na Kombi que o esperava, Seriam dez horas da noite, mais ou menos.

A partir de então, a concentração do Flamengo passou a ser vigiada por uma radiopatrulha permanente, de guarda.³³²

Apesar de Saldanha não ter encontrado o desafeto na Gávea e evitado uma confusão ainda maior, o caso repercutiu duramente na imprensa. Aumentou os rumores em torno da saída de João e questionou, principalmente, sua tranquilidade e temperamento para manter-se à frente da seleção às vésperas do mundial.

A primeira edição oficial da revista *Placar* entrou em circulação exatamente no momento conturbado da seleção. A reportagem que abria a publicação enfocava João Saldanha e revelava a preocupação da revista com as atitudes e desentendimentos recentes do treinador da equipe. O título do artigo foi sintomático: "A crise da fera". Após destacar que em virtude dos últimos episódios a crise da seleção havia parado nas mãos de João Havelange que a partir da seguinte frase "vem trocando sua confortável poltrona de presidente por longas conversas com o nosso técnico, num quarto trancado da concentração", a edição enumerou os principais episódios da "crise" durante as duas últimas semanas.

1- A acusação de Saldanha ao Dr. Ítalo Consentino, médico do Santos, provocou um processo judicial que o técnico destruiu sem muita política: desmentiu que tivesse chamado Ítalo de criminoso, ignorando dezenas de jornalistas, testemunhas oculares da acusação.

2- A invasão da concentração do Flamengo por Saldanha, de revólver na mão, provou a instabilidade emocional do técnico. Ele estava à procura de Yustrich (sic), querendo satisfações por uma entrevista em que o chamava de covarde. Yustrich (sic) não estava no Flamengo, Saldanha só ficou certo disso depois de agredir dois funcionários do clube. Um dado importante: Richer, presidente do Flamengo, é amigo de Havelange.

3 – No mesmo dia à tarde, quando a cúpula da CBD tentava abafar o caso ('foi uma visita de cortesia'), Saldanha tentou agredir o locutor Lazier

³³² NETO, M. Saldanha responde: não renuncio de jeito nenhum. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 13, p.12-16, mar. 1970. p. 15.

Martins, da Rádio Guaíba de Porto Alegre, quando este procurava uma explicação do técnico sobre a invasão.³³³

Além de elencar uma nova desavença entre o treinador e um representante da imprensa, é interessante observar que a reportagem de *Placar* não cita, em sua lista, a polêmica declaração de Saldanha em resposta à suposta declaração do General Médici em favor da convocação de Dario³³⁴. Tampouco são sinalizadas possíveis pressões políticas contrárias à permanência do treinador no comando da seleção.

Apesar das recorrentes polêmicas, a preocupação e insatisfação de alguns membros da Comissão Técnica com João, a exemplo de Admildo Chirol, Lídio Toledo e Antonio do Passo, a publicação se manifesta de forma contrária à substituição do técnico, embora exigisse uma mudança drástica de comportamento.

Havelange somou tudo isso a outros incidentes [...], para deduzir que a seleção precisa de um outro Saldanha. E a transformação do técnico é a única solução. A CBD não pode dispensá-lo, nem mesmo aceitar sua renúncia. Isso quebraria todo o esquema formado antes das eliminatórias, causaria completa reestruturação na Comissão Técnica, atingiria os jogadores, derrotaria o Brasil.³³⁵

Sintetizando a sequência de acontecimentos que envolveram Saldanha e retrataram de forma irônica o temperamento do comandante da seleção, o cartunista Henfil (também integrante da equipe criativa d'*O Pasquim*) publicou uma charge antevendo a próxima “travessura” de João à frente da seleção:

³³³ A crise da fera. **Placar**, São Paulo, n. 1, p. 1-2, mar. 1970. p. 1.

³³⁴ Nesta mesma edição de *Placar*, o cartunista Henfil publicaria uma charge com o personagem Zeferino satirizando as pressões sobre Saldanha a favor da convocação do atacante Dario (figura 18).

³³⁵ A crise da fera. **Placar**, São Paulo, n. 1, p. 1-2, mar. 1970. p. 1-2.

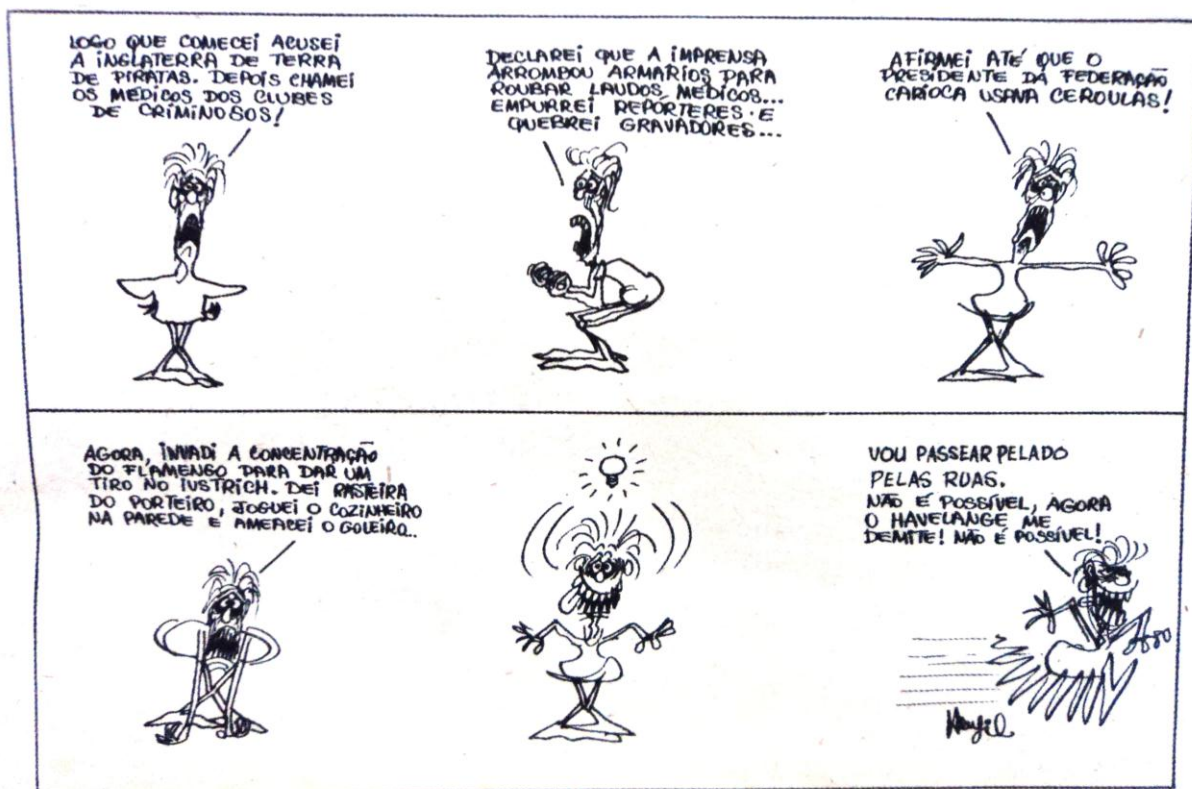


FIGURA 17 – Tirinha de Henfil sobre João Saldanha
 FONTE: A crise da fera. **Placar**, São Paulo, n. 1, p. 1-2, mar. 1970. p. 2.

Na charge, as recorrentes polêmicas com jornalistas e com treinadores são lembrados. Porém, mais interessante é a perspectiva apresentada pelo cartunista ao comportamento do personagem caricato de Saldanha: a busca constante de uma eminente demissão, algo que se concretizou nos próximos dias.



FIGURA 18 – Zeferino contra o futebol arte.

FONTE: HENFIL. Zeferino contra o futebol arte. *Placar*, São Paulo, n. 1, p. 17, mar. 1970.

Ainda na primeira edição de *Placar*, João Saldanha foi o convidado da seção “Cara a Cara”, o espaço de entrevistas da publicação. O título, extraído de uma das declarações do treinador, reiterava a permanência de João a frente do escrete: “Saldanha: jamais deixarei a seleção”. Durante a entrevista, nenhuma pergunta abordou diretamente o treinador a respeito dos episódios extracampo com jornalistas, dirigentes ou outros treinadores. Entretanto, algumas questões atentaram para a relação do treinador com o escrete e a possibilidade de sua saída da seleção.

Placar: Se não conseguir impor aos jogadores a mudança da estrutura tática que tanto deseja você abandonará a Seleção?

Saldanha: Eu nunca abandonarei a Seleção. Além de tudo, a mentalidade que eu quero está indo muito bem: conjunto, cooperação, camaradagem, respeito e vontade de vencer.

Placar: Você acha que a Seleção reflete (dentro e fora de campo) a personalidade de seu técnico?

Saldanha: É claro que um técnico influi. Mas acho que antes de tudo a Seleção reflete o caráter nacional de um país. Vou dar um exemplo: se eu fosse técnico da Suíça ou da Dinamarca, mesmo por uns dez anos, acho que os jogadores não mudariam muito.³³⁶

Em resposta à reportagem sobre Yustrich, João Saldanha foi o convidado de *O Cruzeiro* na seção “Jogo Aberto”. Durante a entrevista o treinador foi questionado sobre as declarações de Yustrich, bem como sobre a permanência no comando do escrete. Nas respostas, João reafirmou o discurso contra as calúnias e injúrias de seus opositores, incluindo aí, críticas a alguns representantes da imprensa.

[...] O que me chateia é perder tempo com bobagens que não aconteceriam em nenhum outro país do mundo. É visível que os dirigentes de clubes não querem prejudicar ninguém, mas sim notoriedade. Outro dia, um diretor desses me disse que não resolvem problemas de contrato com jogadores sob a alegação de que é boa a celeuma, porque promove, não o jogador, mas o dirigente. [...]

- Existe a possibilidade de você renunciar ao seu lugar como treinador da seleção brasileira?

Não. De jeito nenhum. Eu até agora não travei nenhuma discussão séria de divergência sobre futebol. *Agora: fofoca, injúria, intriga, calúnia, isso eu não aceito. Vou reagir como sempre reagi, não vou mudar por estar ou não estar na Seleção. Todos os processos que já peguei aí não foram por causa de futebol, se Brito é ou não melhor que Baldochi. Não. Discutindo calúnias, injúrias, intrigas.* Há alguns jornalistas muito sujos. Que nem se interessam por futebol. Nunca fui dar entrevista, sou sempre procurado. [...]³³⁷

Apesar das declarações do treinador, as edições seguintes de *Placar* e *O Cruzeiro* assinalavam a retirada do Saldanha e a substituição no comando da equipe. As recorrentes desavenças extracampo foram fundamentais para substituição de João. A série de resultados adversos, iniciada ainda em 1969 na partida contra o Atlético Mineiro, perpassando pelos dois amistosos contra a Argentina e até o último jogo treino contra o Bangu (empate por 1x1), também abriram espaço para a contestação do treinador e da formação da equipe em

³³⁶ HEIZER, T. Saldanha: jamais deixarei a Seleção. **Placar**, São Paulo, n. 1, p. 4-5, mar. 1970. p. 4-5.

³³⁷ NETO, M. Saldanha responde: não renuncio de jeito nenhum. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 13, p.12-16, mar. 1970. p. 15.

campo. Saldanha não tinha mais o respaldo incontestável dos resultados. Ainda assim, mantinha o discurso polêmico e firme contra dirigentes e a estrutura esportiva no país. Mesmo dentro da concentração, não dispunha da harmonia desejada, com desavenças com Lídio Toledo, Admildo Chirol e Antônio do Passo, o principal representante da CBD na seleção³³⁸. A revista *Placar* n.2, de março de 1970, em longa reportagem sobre transição no comando técnico da equipe, retoma algumas das brigas envolvendo o treinador e os integrantes da delegação.

A primeira briga com a Comissão Técnica aconteceu na manhã do dia 27 de julho do ano passado. A seleção estava treinando em Bogotá, preparando-se para as eliminatórias. João Saldanha chamou Admildo Chirol e disse:

- Não quero que você continue dando *circuit-training* nem *interval-training*. Esse negócio pode provocar contusões e eu quero os jogadores em perfeitas condições.

Chirol quis conversar, Saldanha não permitiu, Chirol concordou em fazer apenas o que o técnico queria: exercícios leves.

Mas, no dia seguinte, Chirol continuou dando aos jogadores o mesmo tipo de treinamento, dizendo para Saldanha que tinha mudado. Como Saldanha não percebeu, Chirol concluiu que o técnico não entendia nada de preparação física e entre os dois nasceu uma diferença que existe até agora.

Segunda briga: Saldanha já não conversava muito com o Capitão Bonetti, assistente de Antônio do Passo, mas definiu sua antipatia antes do embarque de Bonetti não era ninguém e que na Comissão Técnica não passava de um “quebra-galhos e um marcador de passagens”. Bonetti ficou calado e passou apenas a fazer uma espécie de diário da Seleção. Quando a delegação voltou, Bonetti foi afastado.

Terceira briga: Saldanha sabia que Zé Maria tem um pequeno problema na espinha e pediu ao médico Lídio Toledo para determinar um treinamento especial para o jogador. Lídio Toledo não o atendeu, Saldanha ficou nervoso e chamou o médico de irresponsável, prometendo tomar outras providências.

Última briga: várias vezes Saldanha se desentendeu com Antônio do Passo, chefe da Seleção. E sempre fez questão de criticar os cartolas. Antônio do Passo fingia não entender. Quando perguntavam sobre as críticas, Passo sofria e dizia que não passavam de fofocas ou brincadeiras de Saldanha.

Tôdas essas brigas ficavam evidentes na hora das refeições. Na mesa de Saldanha sentavam Russo, Aparício Viana e o jornalista convidado pela CBD (*Solange Bibas de A Gazeta Esportiva*). Numa mesa mais afastada, o preparador físico Chirol, o médico Lídio e o Capitão Bonetti. Às vezes Antônio do Passo sentava à mesa de Saldanha.³³⁹

Contudo, o episódio que marcou definitivamente a saída de Saldanha, inclusive na memória articulada sobre a seleção de 1970, foi uma desavença com

³³⁸ As vésperas da demissão de Saldanha o próprio Antônio do Passo teria requisitado sua saída da Seleção, em desacordo com a permanência de Saldanha. Com a demissão do técnico, Passo voltou a integrar a delegação. Sob algumas leituras passaria como uma das figuras responsáveis por arquitetar a saída de João da equipe.

³³⁹ AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. *Placar*, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 8.

um jogador de grande destaque no escrete e no futebol nacional: Pelé. Sob a alegação de que o camisa dez do Santos não estava em boas condições físicas e técnicas, chegando mesmo a se especular sobre uma grave doença, barrou o ídolo para o amistoso contra o Chile no domingo seguinte (22/03). No mesmo dia (17/03) Havelange chamou João para uma conversa, dissolveu a Comissão Técnica e demitiu Saldanha do cargo de técnico da seleção nacional.

Placar e *O Cruzeiro* passaram a debater e ponderar sobre os fatores que levaram a retirada de Saldanha do comando do selecionado brasileiro. De acordo com a publicação esportiva da Editora Abril, as alterações no comportamento de Saldanha, aliada a outros aspectos, foram determinantes para sua saída da equipe.

A queda de João Saldanha foi nascendo ao mesmo tempo em que ele se transformava no João-Sem-Mêdo, no João-Língua-Solta, no João-das-Feras ou no João-Quixote. Enquanto deixava de ser apenas o João-Técnico, Saldanha dava motivos para que fosse derrubado. Na noite de 17 de março, esses motivos eram quatro: 1) brigas com a Comissão Técnica; 2) liberdade “tática” excessiva aos jogadores, a qual mais tarde obrigou-o a virar-se contra eles; 3) falta de organização tática na Seleção; 4) Interesse do governo pela Seleção.³⁴⁰

Apesar de elencar entre esses fatores o interesse do governo na Seleção, a reportagem não destaca qual foi este interesse ou de que forma específica houve uma intervenção do governo na CBD ou no escrete. Em outra reportagem publicada no mesmo exemplar, a ideia de intervenção política foi novamente citada. Contudo a ação sobre a seleção brasileira foi uma iniciativa do Ministro da Educação Jarbas Passarinho em parceria com o atual presidente do CND, Elói de Menezes, e não uma interferência direta do presidente Médici. Segundo a publicação, Passarinho e Menezes reuniram-se com Havelange e requisitaram-lhe que resolvesse os problemas da seleção, contudo, não teriam pleiteado a demissão de Saldanha ou Antônio do Passo, este último retratado como possível alvo das atenções governamentais, sob a acusação de estar “se beneficiando do futebol em proveito próprio e ‘deteriorando’ seu comando perante os jogadores da Seleção pelo abandono em que subitamente deixou João Saldanha”³⁴¹. Deste modo, a decisão de solucionar o problema com a demissão de Saldanha teria sido uma iniciativa do

³⁴⁰ AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. *Placar*, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 8.

³⁴¹ *Ibid.* p. 7.

próprio Havelange, sob significativa pressão política, e não uma ordem direta do governo federal, muito menos do Presidente Médici.

Por enquanto a CBD está recebendo uma intervenção “fria”, iniciada logo depois da conversa de Jarbas Passarinho com Havelange e Elói Menezes, em Brasília, na quarta-feira, da semana passada. Nesse dia, Passarinho exigiu o fim da “Crise-Saldanha” de qualquer maneira. Não pediu o afastamento do técnico, nem de Antônio do Passo, nem de ninguém. Exigiu só o fim da crise, que Havelange pensou acabar derrubando Saldanha.³⁴²

Pouco adiante, em outra passagem, o artigo de Placar novamente deixou nas entrelinhas o interesse do regime pelo escrete, e a possibilidade de ingerência sobre a seleção. No entanto, ressaltou que a pressão política influenciou Havelange a tomar a decisão definitiva para retirar o treinador do comando da equipe. De acordo com a publicação, o dirigente estava preocupado com uma possível ação do governo contra a sua administração a frente da CBD.

Havelange só tinha medo do apoio popular de Saldanha. Mas isso acabou quando ouviu os empregados da Fábrica Bangu cantarem assim durante o treino da Seleção: ‘Eu grito, eu falo, o João Saldanha tem cara de Cavalo’. A queda de Saldanha já tinha data. E ficou resolvida quando influentes amigos de Havelange o aconselharam a tomar uma decisão urgente, pois o governo estava muito interessado na Seleção Brasileira. Os amigos ainda advertiam: se Havelange não fizesse nada, o governo poderia virar-se contra ele.³⁴³

Para *O Cruzeiro*, na reportagem assinada por Geraldo Romualdo, o principal empecilho à permanência de Saldanha como técnico foi sua constante oposição aos dirigentes esportivos. De acordo com a análise da revista, os posicionamentos de João para pleitear modificações do futebol nacional, aliadas às constantes e cada vez mais irreverentes investidas contra os *cartolas*, foram fundamentais para sua derrubada. A princípio, os dirigentes teriam sido obrigados a “engolir” Saldanha diante dos bons resultados e da grande popularidade, mas diante das recorrentes polêmicas que envolveram o treinador entre o final de 1969 e as dificuldades no começo do trabalho com o escrete em 1970, não só pioraram o relacionamento com o técnico, como forneceram os subsídios necessários para sua retirada.

Desde o momento em que assumira o compromisso de ganhar a Copa do Mundo para o Brasil, não pretendia outra coisa do que imprimir um novo

³⁴² AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. **Placar**, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 8.

³⁴³ *Id.*

estilo de relação com os *cartolas*. Era preciso manter os *cartolas* a distância. Estava liberto de todas as armadilhas políticas. ‘Política é lá com eles; comigo o assunto é só futebol’. Não estava preso a nenhuma implicação de ordem financeira. ‘Dinheiro é lá com eles; comigo é bola na rede’. Quando viu, tinha o Brasil inteiro em suas mãos, tinha o País ligado para o que dizia. Era mais importante que a Seleção. Quando se falava em *feras*, as *feras* pertenciam a ele, só a ele. Eram as *feras* do João [...] A torcida e a imprensa estavam maciçamente ao seu lado. [...] Durante as eliminatórias, ele foi o deus pagão que intimidou adversários com a sua coragem e dialética quase irresistível. [...] Saldanha ia se sentindo cada vez mais forte por fora e cada vez mais fraco por dentro. Concluída a fase de classificação, suas investidas contra os *cartolas* tornaram-se mais irreverentes. No princípio os *cartolas* não tiveram outro remédio. Aguentaram tudo sem chiar.³⁴⁴

Logo no início da reportagem, a reprodução de uma declaração do próprio Saldanha, reitera a visão do jornalista. A fala de João reforçou a ideia de que a retirada de Pelé do time fora o motivo que precipitara sua demissão pelos *cartolas* junto à CBD.

‘Eles me derrubariam de qualquer maneira. O que eles, *cartolas*, queriam era um motivo que os incomodasse. Como não tinham nenhum até o momento em que barrei Pelé do time, por falta de condições físicas para disputar a Copa do Mundo, arranjam o pretexto que faltava. Bem cínico. Aí os *cartolas* me derrubaram sem a menor cerimônia. Pois agora vou tratar de derrubá-los. Vou cobrar a cafajestada que me fizeram’.³⁴⁵

Até mesmo o semanário alternativo *O Pasquim* manifestou-se sobre a substituição de Saldanha no comando da seleção. Na popular seção de Dicas do hebdomadário, Sergio Cabral criticou a demissão de Saldanha e acusou Antonio do Passo, então chefe da delegação, de trair o treinador.

O chefe da Comissão Técnica da Seleção Brasileira, Sr. Antônio do Passo, traiu miseravelmente João Saldanha. Quer dizer: ele é a soma da mediocridade com o mau caráter. Acho que quando Flávio Costa disse que o futebol brasileiro progrediu apenas da boca do túnel para dentro do campo, estava pensando no Sr. Antônio do Passo.³⁴⁶

Logo após a dissolução da comissão, João foi contratado pela *Placar*, para tratar, com exclusividade, dos elementos que motivaram sua demissão. O resultado foi a publicação de um longo artigo, intitulado “Carta aberta ao futebol brasileiro”,

³⁴⁴ SILVA, G. R. da. A semana que abalou o futebol. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 16, p. 4-26, mar. 1970. p. 16.

³⁴⁵ *Ibid.* p. 5.

³⁴⁶ CABRAL, S. Pelego. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 30, abr. 1970.

publicado logo na segunda edição da revista. Saldanha se pronunciou sobre diversos aspectos envolvendo sua passagem pela seleção e abordou desde a sua contratação, através de Antônio do Passo, até a não escalção de Pelé e o subsequente afastamento, este último, inclusive, é visualizado pelo ex-técnico como o grande fator de sua saída da seleção nacional.

Sobre minha demissão? Claro que não deve ter sido causada pelas provocações de Yustrich, pois João Havelange me abraçou, me beijou. Se houvesse alguém por perto, poderia ter-me comprometido, pois pensariam que algum de nós era uma coisa estranha. No dia seguinte, Havelange me chamou e me demitiu. Então, o ato nada tinha a ver com provocações disso ou daquilo, mas sim com a revisão que eu havia pedido para Pelé.³⁴⁷

Entre as argumentações de João sobre a situação do atacante santista, destacava-se a de que Pelé possuía diversos problemas físicos, em grande parte devido à quantidade excessiva de partidas que tinha de jogar pelo seu clube. Também afirmou que em diversas ocasiões, inclusive durante os períodos de concentração junto à seleção, o jogador havia sido submetido ao uso de antibióticos e outras substâncias, “bombas” segundo o treinador. O cartunista Henfil explorou a temática em tirinha produzida para terceira edição de *Placar* (figura 20). Já em sua página no segundo exemplar, Henfil retratou a dissolução da Comissão Técnica, enfocando a relação entre Pelé e os Cartolas. Sintomaticamente, o título “Forças Ocultas”, corroborava a perspectiva apresentada por Saldanha ao longo da edição.

³⁴⁷ SALDANHA, J. Carta aberta ao futebol brasileiro. *Placar*, São Paulo, n.2, p. 22-26, mar. 1970. p. 25.

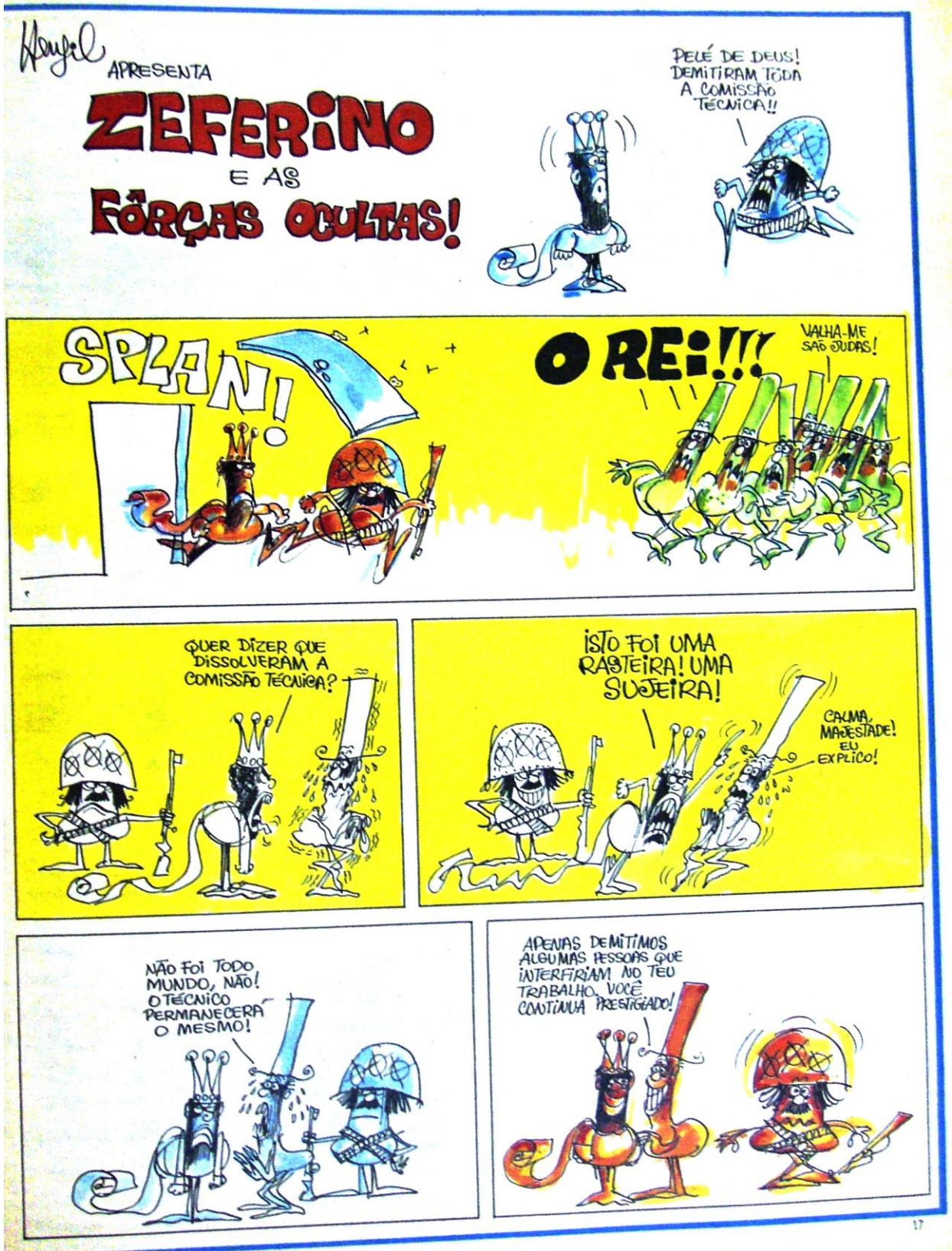


FIGURA 19 – Zeferino e as Forças Ocultas.
FONTE: HENFIL. Zeferino. **Placar**, São Paulo, n.2, p. 17, mar. 1970.

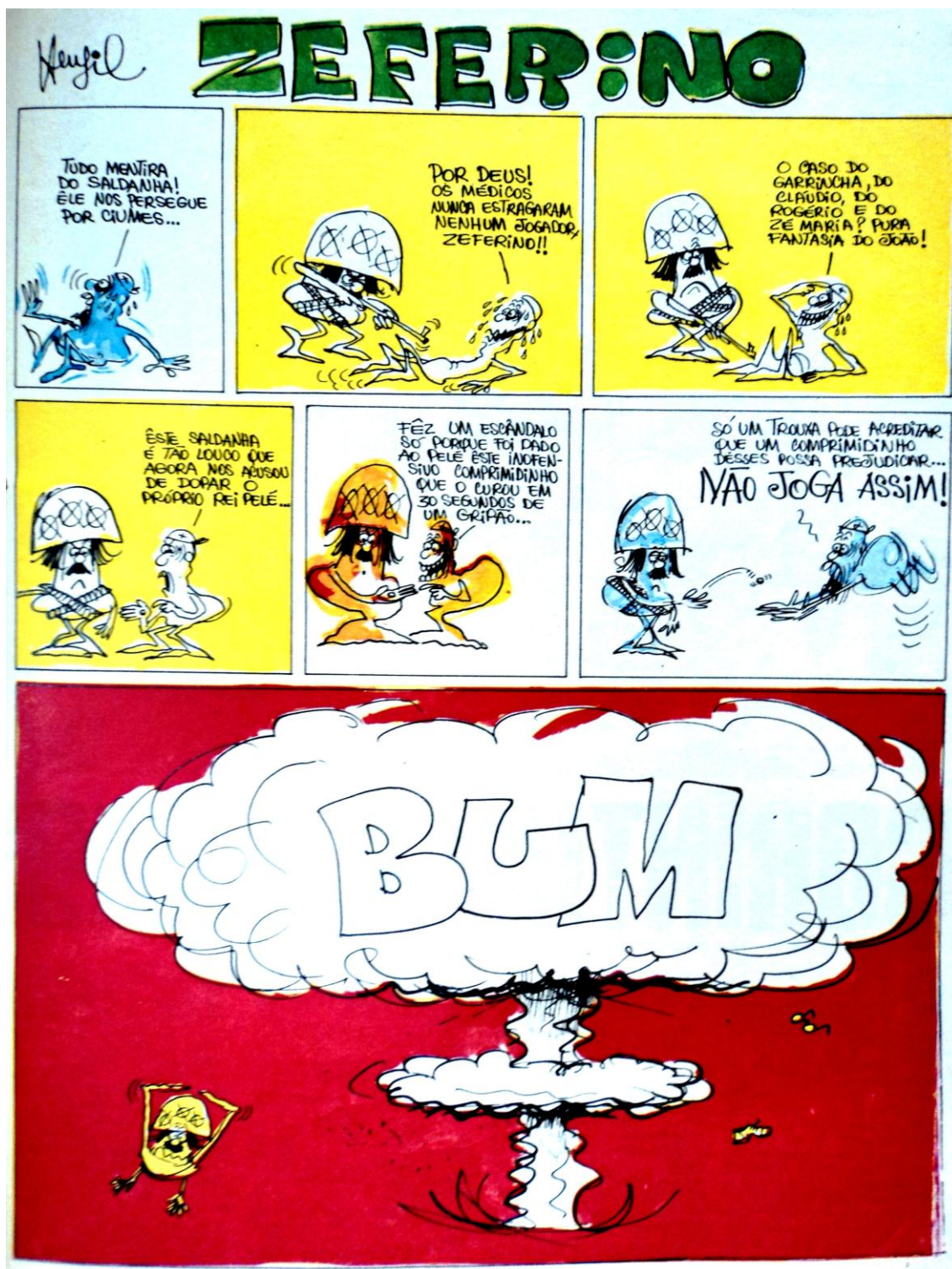


FIGURA 20 – Zeferino

FONTE: HENFIL. Zeferino. **Placar**, São Paulo, n.3, p. 7, mar. 1970.

Mas a maior controvérsia com relação ao “rei” foi a avaliação de que ele estaria com sérios problemas de visão. De acordo com João, Pelé era míope e estava, até mesmo, usando óculos. A dificuldade já fora notada pelo técnico antes mesmo das eliminatórias.

Então nós fomos para o campo jogar a primeira partida com o Peru, à noite. Com quinze minutos de jogo, puxei pela camisa o supervisor Adolfo Milman, o Russo, e disse-lhe:

- Há algo estranho você não acha?

- O quê?

- Com o Pelé.

- Acho.

Aconteceram duas, três jogadas que não era possível o Pelé errar. Perguntei ao médico se havia algum problema com Pelé. Ele disse que não. Veio outro jogo. Perguntei novamente ao médico e ele respondeu que não havia qualquer problema com Pelé. Quando Pelé errou duas ou três jogadas em outro jogo noturno, eu disse:

-Pelé errou aquelas jogadas porque não enxergou a bola.³⁴⁸

Durante o jogo treino contra o Bangu, Saldanha novamente mencionou o problema de visão de Pelé.

Naquele treino do Bangu, eu disse a Pelé para jogar do lado direito. [...] Eu queria que o Paulo César ficasse ali, mas Pelé não podia ficar em outro lugar. Era um dia nublado, e Pelé não estava enxergando direito. Quando ele tinha voltado para a seleção, eu perguntei ao médico como estava a vista dele. O laudo foi passado a jato. O médico disse:

-Não está bem, mas dá para jogar.

-Então – respondi – converse com ele e diga que não deve jogar nem de noite e nem num dia escuro.

O médico então fez uma revelação que eu desconhecia:

- Pelé está usando óculos.³⁴⁹

O posicionamento de Saldanha com relação à visão de Pelé, repercutiu fortemente na imprensa. O diagnóstico sobre o atacante santista foi alvo mesmo das tirinhas de Henfil e Ziraldo n' *O Pasquim*.

³⁴⁸ SALDANHA, J. Carta aberta ao futebol brasileiro. **Placar**, São Paulo, n.2, p. 22-26, mar. 1970. p. 24.

³⁴⁹ *Ibid.* p. 23.

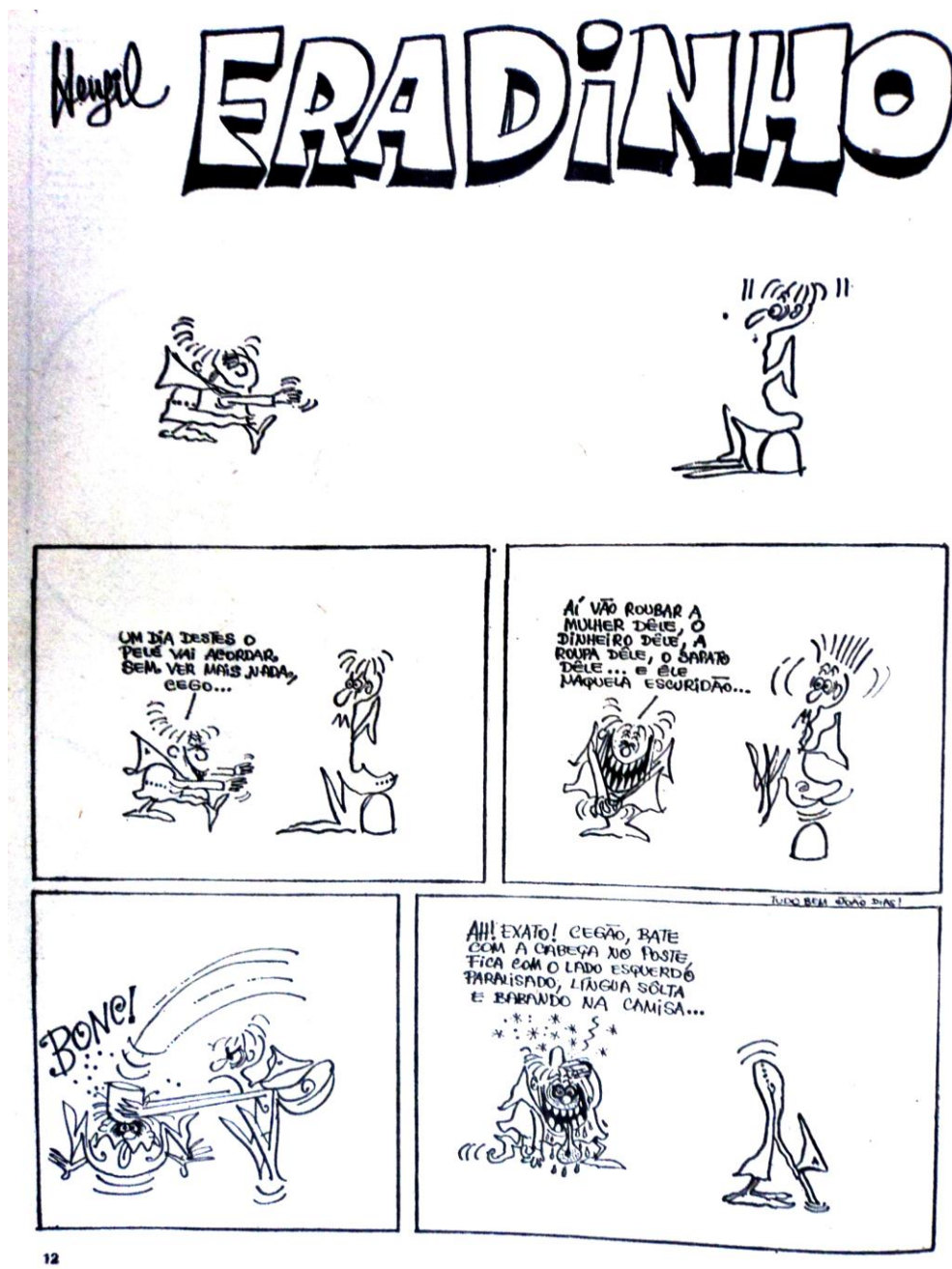


FIGURA 21 – Fradinho e a cegueira de Pelé

FONTE: HENFIL. Fradinho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 42, p. 12-13, abr. 1970.

Em reportagem à revista *Manchete*, Pelé se mostrou chateado com as declarações de Saldanha, a quem considerava como um amigo e pelo qual, agora, estava sendo traído. Também confirmou durante a matéria, a existência de uma pequena miopia, já diagnosticada há bastante tempo, porém não em um grau elevado o suficiente para prejudicar seu desempenho em campo.

- O que mais me amolou em tudo o que ele disse de mim, não foi a história da miopia. Tenho miopia desde 1958 e ela nunca me impediu de ganhar dinheiro com o futebol. Agora dizer que nas eliminatória eu não voltava para

ajudar a defesa, essa não! Foi como se ele afirmasse que eu morcegava, ficava no *bem bom*, enquanto o resto do time se matava pra ganhar. Talvez o João não se lembre bem mas era eu que vinha ajudar o meio-de-campo [...] Não sei porque ele falou todas aquelas coisas de mim. Tenho a impressão de que a demissão o abalou bastante. Ele gosta de futebol e gostava muito do escrete. Alias, ultimamente, eu reparara que o Saldanha andava um pouco descontrolado. Talvez sentisse o peso da responsabilidade que tinha sobre os ombros [...]

- Duvido que minha saúde vá mal. Mas aí é que esta. O João afirmou que eu sofro de um mal incurável. Não explicou que mal é esse. Agora todo mundo pensa que eu tenho mil coisas. [...] Nos últimos dias me elegeram o maior doente do mundo. foi isso que o João Saldanha me arranjou. Eu não posso estar satisfeito com ele.³⁵⁰

Contudo, o principal alvo das críticas de Saldanha foi o médico do escrete, Lídio Toledo, acusado de esconder a situação de Pelé e também se omitir nas decisões de cortes de outros jogadores, como nos casos de Toninho e Scala. João também se manifestou a respeito da pressão pela convocação de Dario como uma possível opção a Tostão. Durante essa passagem, o técnico fez um comentário interessante sobre o presidente Médici, muitas vezes retratado como suposto algoz de Saldanha pelo qual o técnico teria profundo despreço.

Sr. Presidente da República, general Garrastazu Médici. O senhor é gaúcho, sabe que eu adoro gaúcho. O senhor é gremista, sabe que eu adoro o grêmio. Todo mundo diz que sou Botafogo. Não. Sou Botafogo no Rio de Janeiro, mas o meu clube – todo garoto, sabem, gosta mais do seu primeiro clube – é o Grêmio, que é também o seu clube. Então, nós temos essas coisas em comum. Eu conheço sua família, o senhor conhece a minha. Somos filhos daquelas famílias tradicionais, os gaúchos de quatrocentos ou quinhentos anos. O senhor é um torcedor apaixonado pelo futebol, isso é uma maravilha. O Brasil precisava havia muito de um presidente que gostasse de futebol, verdadeiramente, como o senhor gosta. O senhor é um homem de vestiário. Seu irmão foi um jogador muito bom. Então o senhor é gente do futebol.³⁵¹

O comentário de Saldanha é interessante não só por tratar o Presidente de forma respeitosa, mas por aproximar o treinador e o General a partir do gosto pelo futebol, seu estado de origem e o time do coração. Além de legitimar o gosto de Médici pelo esporte, Saldanha não postula críticas ao Presidente, ao contrário, exalta a necessidade do país ter um Chefe de Estado que aprecie o futebol tal qual o General Médici. A passagem não exalta o regime político ou ditadura militar,

³⁵⁰ BIANCHI, N. Pelé: sou duro na queda. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 937, p. 14-17, abr. 1970. p.16.

³⁵¹ SALDANHA, J. Carta aberta ao futebol brasileiro. **Placar**, São Paulo, n.2, p. 22-26, mar. 1970. p. 25.

tampouco representa alguma forma de solidariedade ou convivência de Saldanha com a ditadura. Porém, o comentário parece descartar, pelo menos de forma central, a hipótese de que a polêmica com relação ao presidente ou uma suposta interferência militar na seleção tenham sido os fatores centrais a sua saída do comando da equipe nacional.

Ao longo do texto também fez várias menções ao Ministro Jarbas Passarinho, sobretudo solicitou-lhe a intervenção federal no futebol brasileiro. Durante boa parte do artigo, Saldanha parece se comunicar diretamente com Passarinho, como se este fosse seu interlocutor em suas denúncias e solicitações. Em determinado momento, o ex-técnico chegou a solicitar um encontro com Passarinho.

Tenho mais coisas a dizer-lhe, ministro Jarbas Passarinho, ao senhor que está interessado em defender o nosso futebol. Conte com o meu apoio. Me chame, me leve à sua casa. O senhor deve ter algum dia de folga. Me chame um dia, que eu vou contar o caso do jogador diabético a quem foi aplicada glicose. O senhor sabe o que é dar açúcar a um diabético. Pois é. O jogador morreu.

Eu lhe diria coisas horróricas que acontecem não por crime, mas por que as paixões do futebol levam a tal ponto.³⁵²

Nas próximas semanas, Saldanha realmente teve uma reunião com o Ministro Jarbas Passarinho. Nesta ocasião discutiu os problemas que combatia no futebol brasileiro antes mesmo de se tornar técnico do escrete nacional. O encontro entre João e Passarinho repercutiu tanto na revista *Placar* quanto em *Manchete* (figura 22). A revista semanal carioca, também, contratou o próprio Saldanha para escrever a reportagem sobre o assunto. As publicações discutiram as propostas de João sobre o futebol e a possibilidade de intervenção federal no futebol logo após o mundial. Mesmo após a demissão, Saldanha continuava em evidência e sustentava sua luta contra os cartolas e as estruturas ultrapassadas do futebol nacional.

Enquanto era técnico da Seleção, João Saldanha foi sempre – mais de um ano – solicitado a falar do futebol brasileiro. Depois que deixou o lugar, vem sendo mais solicitado ainda. Pode parecer estranho, mas é que ele saiu acusando. Foi ao Ministro Passarinho, contou muita coisa grave, fez muita sugestão séria, em torno das quais esclarece e acrescenta muita coisa hoje, neste artigo exclusivo. Essencialmente diz que a estrutura do futebol

³⁵² SALDANHA, J. Carta aberta ao futebol brasileiro. *Placar*, São Paulo, n.2, p. 22-26, mar. 1970. p. 26.

brasileiro está viciada. Basicamente viciada. Começa nos clubes mas a seleção sente todos os reflexos disso.³⁵³



FIGURA 22 – João Saldanha e o Ministro Jarbas Passarinho
 FONTE: SALDANHA, J; NEVES, J. Estão matando o futebol brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 938, p. 18-23, abr. 1970. p.20

4. 2. A “formiga” Zagalo

Após a demissão de Saldanha, era necessário reestruturar rapidamente a delegação nacional e providenciar um novo técnico. O escolhido para substituir João foi Mario Jorge Lobo Zagalo. O novo treinador havia integrado a equipe bicampeã mundial em 1958 e 1962 e desde 1967 ocupava o cargo de técnico do Botafogo. Sua contratação teria sido cogitada até mesmo em 1969, na mesma ocasião em que seu predecessor fora convidado para dirigir o escrete.

Segundo a revista Placar, entretanto, Zagalo foi somente uma das três opções tentadas pela CBD para a substituição de Saldanha.

³⁵³ SALDANHA, J.; NEVES, J. Estão matando o futebol brasileiro. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 938, p. 18-23, abr. 1970. p.19

Quarta feira, 18 – Chirol dirige o treino. Começam os boatos em torno do novo técnico. Havelange chama Dino, técnico do Corinthians, que conversava com Passo e impões condições para dirigir a Seleção. À mesma hora Havelange se reunia com Oto Glória, técnico do América, e o convida para o cargo. Mas, na Praia Vermelha, no interior do automóvel do técnico, Passo acerta tudo com Zagalo, que assume na mesma noite.³⁵⁴

A revista também publicou uma imagem que flagrou o momento em que Antônio do Passo acertava a contratação do técnico do Botafogo:



FIGURA 23 – Antônio do Passo e Zagalo acertam a contratação
 FONTE: AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. **Placar**, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 9.

Juntamente com o novo treinador desenvolveu-se também uma rápida reestruturação da Comissão Técnica. Adolfo Milman, supervisor técnico, deixara o cargo em solidariedade a Saldanha. Caso permanecesse, provavelmente não disporia do mesmo respaldo sem o auxílio do antigo comandante. No seu lugar, assumiu o capitão Cláudio Coutinho, que já fazia parte do quadro de preparadores físicos do escrete. O capitão Bonetti, que havia saído ainda nas eliminatórias após desentendimento com Saldanha, também voltou a integrar a Comissão. Admildo Chirol e Lídio Toledo, que haviam ameaçado pedir demissão, continuaram em seus respectivos cargos.

³⁵⁴ AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. **Placar**, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 9.

A primeira partida de Zagalo foi o amistoso contra o Chile, goleada por 5 x 0, com dois gols de Pelé. A revista *Manchete* destacou o jogo de estreia do treinador no comando do escrete:

O novo escrete já conhece o sabor da goleada.

O Chile ficou de pernas para o ar [...] e não resistiu as formiguinhas do Zagalo, ex-**feras** do Saldanha. Pelé não chegou a ser rei em terra de cego, mesmo dirimidas as dúvidas sobre sua visão. Mas, como o resto do time, jogou num bom ritmo, enquanto o fôlego deu. Como primeira audição, a sanfona de Zagalo agradou: a seleção defendeu com oito (Pelé fez questão de jogar atrás) e atacou com oito (Gérson – ótimo – comandou o avanço da linha de trás).

Mas ainda assim falta muito para que ela atinja o nível ideal do futebol de competição que uma Copa do Mundo requer. Apesar da goleada o Brasil produziu uns trinta por cento do que se espera dele.³⁵⁵

Após assumir a seleção, o maior desafio de Zagalo não foi somente reorganizar a equipe, mas preencher o espaço deixado por Saldanha, tanto entre os torcedores quanto entre os especialistas da imprensa. Saldanha havia representado uma mudança no futebol brasileiro, havia resgatado o prestígio da seleção, angariado a esperança na conquista do tri e, mesmo na sua queda, ainda dispunha de grande popularidade. Apesar dos últimos desentendimentos com jornalistas de veículos diversos, tanto a revista *Placar*, quanto a *O Cruzeiro* manifestaram-se a respeito da necessidade de mudanças no comportamento do técnico, mas refutaram sua demissão, pois entendiam que tal medida só prejudicaria ainda mais o trabalho realizado até o momento. Até mesmo alguns integrantes d'*O Pasquim* haviam demonstrado solidariedade ao técnico em diferentes oportunidades.

Deste modo, Zagalo surgiu como a opção da CBD às peripécias de João, mas seu nome não era sugestão da imprensa ou fruto do clamor popular. O desafio de Zagalo não residia no embate direto com Saldanha, mas, como se atestou mais tarde, era contra a própria memória articulada sobre o futebol brasileiro, particularmente sobre a Copa de 1970³⁵⁶.

Na tentativa de contribuir com a reorganização da seleção, tanto a revista *O Cruzeiro* quanto *Manchete* buscaram desenvolver a identificação do escrete com o novo treinador. A reportagem “Zagalo abre o jogo”, publicada na revista da Editora

³⁵⁵ BIANCHI, N. O primeiro olé. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 937, p. 4-11, abr. 1970. p. 5.

³⁵⁶ Até hoje a memória sobre a participação de Zagalo na Copa de 1970 é bastante conflituosa. Não raramente o papel desempenhado pelo treinador durante o processo e preparação e organização da equipe é subestimado pela memória afetiva de torcedores, muitos dos quais insistem que Zagalo já teria recebido a equipe “pronta” das mãos de João Saldanha.

Bloch, por exemplo, definiu o perfil do novo treinador como uma resposta ao momento de instabilidade vivenciado na seleção:

À primeira vista ele parece um desses pregadores bíblicos de praça pública. Magro, a face prematuramente envelhecida, os cabelos grisalhos e já um pouco ralos na frente, é o protótipo do homem comum, sóbrio da roupa às atitudes. Seu nome completo é Mario Jorge Lobo Zagalo. Brasileiro, casado, 38 anos, nascido e criado na Tijuca, Rio de Janeiro, vivendo, de criança até hoje, exclusivamente de futebol. É o futebol que o coloca, agora mais do que nunca, num dos mais discutidos empregos de todos os tempos, no Brasil: o de treinador da seleção brasileira de futebol. A expressão *agora mais do que nunca* vale pela forma que Zagalo chega ao escrete. Ele surge como a solução para a crise que resultou na demissão de João Saldanha. Substitui João Saldanha, o polêmico, o discutido, a fera. Zagalo é a formiga. A outra face da moeda. O anti-Saldanha no bom sentido da expressão, quer dizer, não gosta da polêmica nem da discussão embora, como Saldanha, acredite no diálogo franco. Formiguinha porque, no seu tempo de jogador, era chamado assim. Foi uma imagem feliz que encontraram para definir a sua atividade em campo, incansável, silenciosa, sempre positivas. E Zagalo chega para substituir Saldanha preparado para o que der e vier. Não quer feras. Quer formiguinhas, como ele foi.³⁵⁷

Em abril, *O Cruzeiro* apontou o novo supervisor técnico, o capitão Cláudio Coutinho, como personagem da seção Jogo Aberto. Durante a reportagem, Coutinho também destacou as principais qualidades que enxergava no novo técnico da seleção:

Acho Zagalo excelente técnico, nada ficando a dever no palco internacional, pois é possuidor de requisitos que considero fundamentais a um técnico de futebol, a saber: 1) competência; 2) equilíbrio emocional; 3) bom senso; 4) experiência.³⁵⁸

Na sequência, Coutinho realizou uma rápida avaliação dos itens por ele levantados. Entre as características examinadas pelo novo supervisor, duas delas chamam a atenção:

-*Equilíbrio emocional* e autoconfiança que lhe propiciam resistir a pressões representadas pela crítica, nem sempre sensata e às vezes mal intencionada e ainda quaisquer outras interferências externas no seu trabalho.

³⁵⁷ Zagalo abre o jogo. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 937, p. 12-13, abr. 1970. p. 13.

³⁵⁸ SILVA, G. R. da. Coutinho garante Pelé. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 16, p. 18-19, abr. 1970. p. 18.

-*Bom senso* e espírito de equipe que o capacitam a julgar criteriosamente situações imprevistas, aconselhando-se ou trocando ideais através de um amistoso debate com seus companheiros de Comissão Técnica.³⁵⁹

Ao destacar qualidades como “equilíbrio emocional” e “bom senso”, Coutinho não só exalta Zagalo como enfatiza dois dos fatores que teriam comprometido Saldanha no comando da seleção. Zagalo possuía as características necessárias para se sustentar e resistir, serenamente, às pressões, sem os arroubos intempestivos de seu antecessor. Do mesmo modo, manteria um diálogo permanente com a Comissão Técnica, em acordo com seu “espírito de equipe”, algo que teria faltado a João ao longo de sua estadia como técnico da equipe, haja vista as respectivas divergências com os integrantes da delegação nacional (a exemplo do capitão Bonetti, o médico Lídio Toledo e Antônio do Passo).

Alguns dias depois, em entrevista do quadro “No Paredão” da *Manchete*, foi a vez de João Havelange comentar a mudança no comando técnico da Seleção:

- O episódio Saldanha está entalado na garganta da torcida. Primeiro: se êle era irresponsável, como afirmam os dirigentes, ao destituí-lo, por que você o convidou? Segundo: se você o conhecia bem, a ponto de considerá-lo competente e capaz de classificar o Brasil, então acabou por quebrar a palavra empenhada, demitindo-o sem considerações. É claro que a resposta não será aquela que a torcida brasileira gostaria de ouvir, mas insisto: por que você demitiu Saldanha?

-O Sr. João Saldanha não é irresponsável. Segundo, eu o conheço bem, pois o conheço desde nossa mocidade e o considero competente e capaz. E por considera-lo assim é que o convidei. A razão da modificação no esquema da indicação de outro técnico tático foram os problemas não criados pela CBD e sim pelo Sr. Saldanha, com quem tive dois longos entendimentos. A sua saída não modifica em nada o respeito que tenho pelo homem, pelo desportista, pelo jornalista. Apenas se excedeu em determinados assuntos particulares em que acabava sendo envolvida, a própria entidade e a Seleção Nacional.³⁶⁰

Durante sua argumentação, Havelange eximiu a CBD da culpa pelo comportamento de João. A resposta evasiva acusou Saldanha de prejudicar a Seleção, envolvendo-a em assuntos particulares e problemas criados pelo próprio treinador. Ainda assim, o dirigente adota uma postura respeitosa ao falar sobre o técnico, provavelmente procurando evitar novas polêmicas. Mesmo sem esclarecer significativamente os fatores que teriam motivado a remoção de Saldanha, o

³⁵⁹ SILVA, G. R. da. Coutinho garante Pelé. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 16, p. 18-19, abr. 1970. p. 18.

³⁶⁰ FEIJO, A. João Havelange no Paredão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 940, p.40-44, abr. 1970. p. 42-43.

comentário de Havelange demonstrou que o assunto ainda incomodava, sobretudo em relação a sua repercussão negativa para CBD.

Mais adiante, a atriz Fernanda Montenegro, uma das convidadas para participar do quadro, questionou o dirigente sobre as modificações efetivas que a contratação de Zagalo trouxe a seleção em comparação com seu antecessor. Ao invés de comentar as mudanças técnicas e táticas promovidas pela entrada do técnico do Botafogo, Havelange respondeu com uma declaração, ao menos, curiosa:

-Além de terem mudado o apelido dos jogadores de feras para formigas, no que Zagalo resultou até agora mais do que Saldanha para equipe, na hora em que o pano abre e a turma entra em cena?
-Trouxe tranquilidade.³⁶¹

De certo modo, a resposta de Havelange, vem ao encontro de suas declarações a respeito da demissão de Saldanha, bem como da avaliação de Coutinho sobre o novo treinador. Mais do que a experiência e as qualidades como técnico de futebol, Zagalo trouxe a serenidade desejada para o comando da seleção. Esta serenidade não se resumiu apenas ao distanciamento das polêmicas extra-campo, mas principalmente ao desenvolvimento de um trabalho conjunto e complementar às orientações da Comissão Técnica, em acordo com as posições políticas da CBD a respeito do futebol nacional. De certo modo, a “fera” Saldanha, representava uma espécie de ruptura das estruturas esportivas a partir da seleção, enquanto a “formiga” Zagalo simbolizava a continuidade destas, com a perspectiva de contribuir para um trabalho há muito iniciado. A tentativa de mudança do apelido de “feras” (combativas, arredias, prontas para enfrentar qualquer desafio) para “formigas” (trabalhadoras, esforçadas e cooperativas), simbolizavam tanto a modificação no comando técnico, quanto na postura adotada pela própria seleção.

Após assumir o comando do selecionado, Zagalo fez algumas modificações na equipe. Fora o debate de sua contratação e participação na campanha do tri (embate desenvolvido sobretudo no campo da memória, especialmente após a competição), as primeiras ações de Zagalo constituíram-se de modificações no esquema de jogo e na escalação da equipe. Assim como ocorrera com seu antecessor, parte dos debates com os diferentes veículos de imprensa se desdobrou em torno da definição da equipe ideal e do esquema tático de jogo.

³⁶¹ FEIJO, A. João Havelange no Paredão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 940, p.40-44, abr. 1970. p. 43.

Logo que tomou posse do cargo, Zagalo promoveu novas convocações: o retorno do goleiro Félix, do Fluminense; o zagueiro Leônidas, do Botafogo; o ponta esquerda Arílson, do Flamengo; e os centroavantes Roberto, do Botafogo, e Dario, do Atlético Mineiro. Este último, “pivô” do suposto desentendimento entre João Saldanha e Médici, soube capitalizar em favor próprio a preferência do presidente pela sua participação na seleção. A reportagem da revista *O Cruzeiro*, ao entrevistar os novos convocados, reproduziu a seguinte declaração do jogador:

-Se o Presidente não entendesse de futebol, vá lá que tivessem razão para me deixar de fora. Acontece que o Presidente entende, todo mundo diz que entende, então fiquei muito feliz com a lembrança dele e aguardando a vez de ser convocado na primeira oportunidade.³⁶²

Posteriormente, Zagalo também seria interpelado sobre a convocação de Dario. Para alguns dos defensores da corrente que credita a saída de Saldanha à interferência exclusiva da ditadura, inclusive com a participação do próprio presidente, a presença do atacante do Atlético Mineiro foi um atestado da convivência da seleção com os desejos do regime.

Em parte, as novas convocações atenderam algumas das demandas da crítica. O próprio Dario, juntamente com Roberto, já havia sido citado como uma das possíveis alternativas para o ataque do escrete, que necessitaria de um “rompedor de área’, do tipo Vavá”³⁶³. Por outro lado, a nova escalação gerou alguns protestos e acusou Zagalo de privilegiar jogadores de seu próprio clube, o Botafogo³⁶⁴. A chamada de novos atletas, também promoveu um desconforto inicial no selecionado devido à iminência de cortes no elenco:

O ambiente entre os próprios jogadores indica que ninguém mais tem motivos para pensar em boa vida. O Clima liberal de João Saldanha foi substituído pela rigidez, mal disfarçada no sorriso de Zagalo. Resta saber se a existência de jogadores à espera de corte pode ser prejudicial à Seleção. Se os que sentem a possibilidade de dispensa lutarão para ganhar a sua vaga ou se vão entregar de vez³⁶⁵

³⁶² A hora e a vez dos renegados. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 14, p. 22-23, abr. 1970. p. 13.

³⁶³ SILVA, G. R. da. Por que vencemos, por que perdemos. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 14, p. 24-29, mar. 1970. p. 26.

³⁶⁴ Antídica. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.41, p. 35, abr. 1970.

³⁶⁵ AQUINO, J. M. de. Esta em jogo nossa seleção. **Placar**, São Paulo, n. 2, p. 2-9, mar. 1970. p. 5.

A maior polêmica, porém, desenvolveu-se em torno da convicção de que Tostão e Pelé não poderiam atuar juntos. Zagalo desmanchou a dupla de ataque das eliminatórias e contrariou uma das convicções de Saldanha, que havia assegurado a titularidade a Tostão. Para o treinador, a presença da dupla Pelé / Tostão inviabilizaria o sistema tático planejado para o time. Em seu entendimento, a melhor opção seria a escalação de um centroavante de choque para a composição do ataque. Em entrevista exclusiva com o técnico da seleção, o repórter Geraldo Romualdo, mesmo de maneira comedida, questionou a presença de Tostão no time:

-Parece que você ainda não está convencido da necessidade de escalar Pelé e Tostão juntos, na mesma linha: será por que eles são jogadores de características semelhantes?

-Olhe: eu fui um jogador que passou a vida dentro das quatro linhas. Passei minha vida vivendo o drama dos times e dos técnicos. Modéstia á parte, sei que não fui um jogador vulgar. Portanto, acho que posso me valer pelo menos dessa experiência. Sei que tenho desagradado a gregos e troianos. Lamento não poder agradar a todos. Por enquanto, e até prova em contrário, prefiro arriscar os meus princípios com dois ponta-de-lança bem agressivos a dois ponta-de-lança que busquem o jogo atrás. Atrás eu não preciso de pontas-de-lança. Se dispomos de uma defesa reforçada, é natural que nos preocupemos com a agressividade do ataque. Exemplificando: não faz muito tempo eu vi, você viu, enfim, todos nós vimos esta linha jogar no Maracanã: Jair. Tostão. Pelé e Edu. Com uma linha destas, o esquema tático só poderia ser um: 4-2-4. No entanto, a própria imprensa não tolerava mais o 4-2-4. Achava-o ultrapassado. Morto e enterrado desde 1958. Ora, se apropriada imprensa achava isso, por que abrir as suas baterias contra mim? Por não incidir no mesmo erro? Fico sem entender nada. Não encontro coerência nas reclamações. Uma coisa é certa: permaneço fiel aos meus princípios. Meu sistema de jogo é imutável. Irretocável. Com o 4-3-3 irei até as últimas consequências. Não vai nesta afirmação nenhuma cisma. Estou definitivamente convencido do seguinte: ainda não foi criado sistema mais autêntico, mais realista do que o 4-3-3. Que comecemos a usar na Suécia, e, com êle, levantamos dois campeonatos mundiais.³⁶⁶

Entre as críticas com relação aos pressupostos de Zagalo, nem mesmo O *Pasquim* eximiu o treinador. Mesmo sem dispor de uma divisão específica para discutir futebol, ou a seleção nacional até o momento da Copa, as críticas ao treinador foram recorrentes nas páginas do semanário. A Seção de “Dicas”, por exemplo, foi um dos espaços explorados pelos membros da patota para expor suas discordâncias com o treinador. A não escalação de Tostão e a suposta

³⁶⁶ SILVA, G. R. da. Geraldo Romualdo entrevista Zagalo. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 14, p. 36-40, abr. 1970. p. 39.

incompatibilidade de sua parceria com Pelé foram temas abordados pelos autores do alternativo:

Zagalo pode até dizer que precisa de um atacante de choque, mas isso é uma tremenda bobagem. Roberto por acaso vai vencer no choque contra aqueles becões europeus? De jeito nenhum. A cintura de Roberto tem medidas menores do que as coxas dos zagueiros alemães.

Então o negócio é vencer na habilidade, virtude que é de Tostão, Pelé e mais uns dois ou três outros. Afinal Tostão foi artilheiro na fase eliminatória da Copa do mundo, exatamente pela grande categoria que tem. Só se justifica a sua ausência do time principal da seleção brasileira se tiver algum problema de ordem médica. Nunca em nome da técnica, da tática, do esquema ou seja lá o que for.³⁶⁷

A preocupação com o treinador e a presença de Tostão entre os titulares também foi observada em alguns dos artigos veiculados pelo semanário. No exemplar n. 42, datado de 10 de abril, *O Pasquim* destacou o técnico Yustrich como o entrevistado da edição. O Polêmico treinador foi inquirido sobre assuntos diversos, inclusive sobre a rusga com João Saldanha e a substituição dele por Zagalo:

Zirald – Conta a história do diploma, você fala tanto nele.

YUSTRICH – Se vocês quiserem ver meu currículo é só ir lá na Escola de Educação Física.

Zirald – Em que época você foi de lá?

YUSTRICH – Eu fui de 41, 42 fui reprovado numa matéria: Cinesiologia.

Zirald – O que que é isso?

YUSTRICH – É a ciência que trata da decomposição dos movimentos do corpo humano. Eu era o aluno mais aplicado. Bom existe uma lei que estabelece a atividade do técnico de futebol e era só essa condição que eu exigiria e essa condição é nada disso que se está fazendo na seleção brasileira.

Jaguar – Você está falando isso e está pensando em João Saldanha?

YUSTRICH – Não, eu nunca considerei o João Saldanha técnico.³⁶⁸

[...]

Sérgio – O Zagalo também não é técnico formado.

YUSTRICH – Continua sendo uma deformação na escolha, mas eu admito o Zagalo porque ele é um homem de quatro linhas, foi um grande jogador de futebol, tem a vivência do futebol durante quase toda a sua vida. O João Saldanha nunca chutou uma bola. Diz ele que jogou em Copacabana nas peladas. Se ele jogou uma pelada justifica que ele seja um técnico de futebol de praia, mas não de uma seleção nacional. É um ponto de vista que eu mantenho. A seleção nacional tem seu técnico que assina as coisas. Vocês não sabem, mas quando

³⁶⁷ CABRAL, S. Roberto x Tostão. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n.41, p. 31, abr. 1970.

³⁶⁸ Yustrich. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n.42, p. 18-23, abr. 1970. p. 21.

sair a delegação brasileira de futebol para o exterior ela vai ser formada: técnico, Admildo Chirol. Ele assina, mas não responde.³⁶⁹

Mesmo indiretamente, as perguntas evidenciam a preferência pelo antigo treinador e a insatisfação pela sua substituição. Do mesmo modo, a qualificação de Zagalo para assumir a seleção é colocada em xeque pelos inquisidores. Apesar de Yustrich sustentar a deformação na regra também na presença de Zagalo, mantém a postura crítica direcionada a Saldanha, alguém que considera de fora do universo do futebol, sem o conhecimento ou a vivência necessária para assumir a seleção. No decorrer da entrevista, o treinador rubro negro também é questionado sobre a escalação da dupla de ataque das eliminatórias:

Ziraldo – Tendo Pelé e Tostão no time, o que você faria? Bota os dois no time?

YUSTRICH – Os técnicos às vezes preferem jogadores ágeis, que chegam ao gol por habilidade pessoal etc., daquilo que eu chamo de técnica de jogo. [...] Outros técnicos preferem um jogador rompedor. Eu sou dos técnicos que gosto de ter na minha equipe um homem avalanche, desbravador, que resuma o jogo dele em três ou quatro jogadas, como é o caso do Dário. [...] Vocês não conhecem o Tostão, eu conheço, fui eu que o lancei. Não que eu queira chamar a paternidade do Tostão, mas ele mesmo em entrevista já disse isso.[...]

Sérgio – em que posição jogava o Tostão?

YUSTRICH – O Tostão era meia recuado, era homem armador de jogo, é a autentica característica dele, ele é homem que prepara o jogo para os seus companheiros. [...] O Tostão é positivamente um homem de meio de campo e ele pode jogar com Pelé, mas terá que sair um outro. A disputa não é entre Tostão e Pelé, é do Tostão com um homem do meio de campo. O Tostão pode jogar com o Pelé porque nós precisamos de um homem rompedor, vai ter necessidade quebrar osso lá na frente.³⁷⁰

Três edições depois, no n. 45, já em maio, o convidado para entrevista foi o próprio Tostão. Antes do início da conversa com o cruzeirense, João Saldanha foi chamado para “apresentar” o atacante e responder algumas questões propostas pelo semanário sobre o jogador. Os comentários de Saldanha destacaram as qualidades do jogador dentro e fora de campo. O cronista, também respondeu sobre o longo período de recuperação e as condições de Tostão após a grave contusão ocular. Uma das questões tratou diretamente da disputa de posição com Pelé. Novamente, a resposta contrariou a postura de Zagalo e reiterou a parceria da dupla no ataque da seleção:

³⁶⁹ Yustrich. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.42, p. 18-23, abr. 1970. p. 22.

³⁷⁰ *Ibid.* p. 22-23.

Pelé ou Tostão?

Não aceito o dilema que estão querendo colocar: Pelé ou Tostão. Por que não aproveitar os dois na Seleção Brasileira? Na verdade, durante a fase eliminatória, tentei utilizar Tostão na ponta esquerda, dentro de um plano que não foi possível executar porque o estado atlético de alguns jogadores não permitia. Então coloquei Tostão de ponta-de-lança, ao lado de Pelé. O resultado todos viram: Tostão acabou artilheiro da fase eliminatória com atuações verdadeiramente espetaculares.³⁷¹

Na sequencia, durante a entrevista, a escalação da equipe seria motivo de algumas perguntas para o jogador. Sérgio Cabral e Zivaldo indagaram o atacante sobre sua entrada na equipe e a possibilidade de integrar o esquema de jogo proposto por Zagalo. Tostão não perdeu a oportunidade de reiterar a sua capacidade em compor o time e reafirmou a confiança de que recuperaria a posição de titular até o mundial:

Sérgio – Eu sei que o Zagalo acha que deve haver um jogador de choque, mas eu acho que não deve, porque não adianta se chocar com um beque alemão, porque o beque alemão é muito mais forte. Então eu acho que o negócio deve ser feito na base da habilidade e não na base do choque, porque senão nós vamos perder sempre. Nós não temos o físico deles. Você concorda com isso?

TOSTÃO – Eu acho o seguinte: nós precisamos de um jogador valente, mas pro jogador ser valente não precisa de dar trombadas nos outros. Eu acho que ser valente e ser forte é diferente. Nós precisamos de um jogador valente e que esteja sempre na área pra fazer o gol.

[...]

Zivaldo – Mas você também gosta de buscar o jogo. Não é esse o medo que o Zagalo tem de vocês embolar com o Pelé cá em baixo buscando o jogo?

TOSTÃO – Realmente eu gosto de ir buscar, mas eu vou buscar pra oferecer alternativa aos meus companheiros [...]. Quando eu venho atrás, a minha preocupação é partir pra área e procurar fazer o gol dentro da área. [...]. Agora, esse problema de embolar com Pelé, quando eu joguei com o Pelé nós combinamos antes do jogo que sempre que um recebesse a bola o outro nunca ficasse do lado. Eu acho que isso é que é importante; nunca ficar um do lado do outro, mas sempre um na frente do outro. Isso foi o que nós fizemos sempre. O Pelé, mais do que eu, é que vinha receber as bolas e eu procurava sempre ficar na frente dele pra êle ter em mim um ponto de apoio pra procurar as jogadas.

Zivaldo – Voce sabe se o Zagalo pretende voltar a experimentar vocês dois no time?

TOSTÃO - Eu acho que o pensamento dele é não aproveitar realmente. Ele tem essa ideia fixa de que é preciso um outro tipo de jogador pra jogar ao lado do Pelé. Eu, sinceramente, acredito que até o México eu serei o titular e estou lutando para isso. Eu não me conformo em ser reserva, se tiver de ser eu aceitarei, mas eu não me conformo, eu quero ser titular e acho que vou conseguir.³⁷²

³⁷¹ João Saldanha apresenta Tostão. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.45, p. 12-13, maio 1970. p. 13.

³⁷² Tostão. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.45, p. 14-17, maio 1970. p. 14-15.

Reforçando a crítica ao treinador, Jaguar publicou uma charge do personagem Boris, logo após o término do diálogo com Tostão, no canto inferior da página:



FIGURA 24 – Boris

FONTE: JAGUAR. Boris. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n.45, p. 17, maio 1970.

A persistência de Zagalo em organizar o time sem a presença do atacante cruzeirense contrariava boa parte da crônica especializada, dos torcedores e perdurou até o último amistoso realizado antes do embarque para o México. Antes disso, porém, Zagalo conviveu com as constantes críticas. Desde que assumiu o comando do escrete, até a partida contra a Áustria foram disputados sete jogos, sem repetir a escalação titular nenhuma vez. Acumulou vitórias contra o Chile (5 x 1 e 2 x 1), Seleção do Amazonas (4 x 1), Seleção Mineira (3 x 1) e Áustria (1 x 0). Empatou sem gols com o Paraguai e com a Bulgária e não sofreu derrotas³⁷³. Mais do que os resultados, o fraco desempenho durante os jogos, a indefinição com relação à escalação do escrete e a insistência em redefinir taticamente a equipe, privilegiando a organização defensiva em detrimento do ataque, fundamentaram as principais críticas ao trabalho de Zagalo. A revista *Manchete*, por exemplo, na reportagem “O

³⁷³ HEIZER, T. Partimos. Quando voltaremos?. *Placar*, São Paulo, n. 8, p. 4-5, maio 1970. p. 5.

jogo dos sete erros”, assinada por Ney Bianchi, discorreu sobre postura resistente de Zagalo diante dos desejos da torcida e das ponderações crônica esportiva:

Assim, em pouco mais de um mês, Zagalo conseguiu o impossível: unir toda a torcida, que era a favor do escrete, contra êle. Tudo por causa de sua teimosia.

[...]

É impossível que Zagalo ainda não tenha entendido que ele não é o único certo entre noventa milhões de pessoas. Como é impossível que na Comissão Técnica não exista alguém com coragem suficiente para coibir sua ditadura tática. O que fez até agora – e impunemente – foi estragar uma das melhores armas que o Brasil levava em sua bagagem para o México: o pavor dos adversários pelo nosso ataque. [...] ³⁷⁴

Se o temperamento de Saldanha diante das recorrentes polêmicas figurava como um dos argumentos principais para o questionamento no comando do escrete por parte da imprensa, no caso de Zagalo, a “teimosia” do treinador em implementar sua filosofia tática na equipe, diante das recorrentes pressões de jornalistas e da torcida, assumiu esta função. João Saldanha enfrentou dificuldades pela postura desafiadora e combativa às estruturas administrativas do futebol nacional e angariou diversos opositores dentro do campo esportivo. Apesar disso, mesmo no momento de sua demissão, ainda desfrutava de relativo apoio da imprensa e dos torcedores. Zagalo não só deveria substituir o predecessor, mas enfrentar a rejeição dos torcedores e as dúvidas sobre a sua capacidade como técnico, conhecedor do futebol nacional, para assumir a seleção.

O que impedirá Zagalo de escalar aquele ataque destruidor? A ideia de que o 4-3-3 do Botafogo supera os estilos de Pelé, Tostão, Edu e outros? Mas desde quando, na história do futebol, as táticas superaram os craques? O que faria Garrincha, submetido as táticas? Ou será que ele não escala a grande artilharia para não dar o braço a torcer a João Saldanha? Porque, então, não procura se lembrar que Jairzinho, Gérson, Tostão, Pelé e Edu não são uma herança de Saldanha e sim de Aimoré, que de uma forma ou de outra, escalava-os? A frase é do Adolpho Bloch: ‘Não adianta dar uma caneta de ouro a quem não sabe escrever’. Em termos de Zagalo, a imagem vale: não adianta dar um escrete de ouro a quem não sabe dirigi-lo. ³⁷⁵

Mesmo no amistoso contra a Áustria, quando parte das reivindicações da torcida e da crítica especializada foram atendidas, a revista *Placar* relativizou a

³⁷⁴ BIANCHI, N. O jogo dos sete erros. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 942, p. 30-32, maio 1970. p. 32.

³⁷⁵ *Id.*

participação do treinador na organização do time para a partida. No artigo “No quarto de Pelé, o incrível complô”, a revista relata uma suposta reunião de alguns dos jogadores (Pelé, Gérson, Clodoaldo, Tostão e Rivelino) para definir modo de jogo com a nova formação:

Apenas um quarto – o de Pelé – estava sendo usado naquela hora da tarde. Ali entraram quatro jogadores e a porta foi trancada: Pelé, Gérson, Clodoaldo, Tostão e Rivelino começaram a discutir e a resolver um assunto muito importante: o esquema da Seleção, que deveria fazer o que em campo, como cada um deveria jogar, quem deveria avançar, quem deveria recuar, quem marcaria quem e outros problemas. Eles estavam realmente preocupados com as vaias e tinham que acertar – e ganhar o jogo – de qualquer maneira, até contra o técnico Zagalo, que simplesmente não deu instruções a ninguém, não lhes explicou nada: apenas disse que eles iam jogar juntos e pronto. Nada de orientação especial nos treinos. É por isso que esses cinco jogadores ali estavam conversando.³⁷⁶

Deste modo, a reportagem não relativizava somente a participação do treinador na organização do time, como sinalizava também a insatisfação de parte dos atletas com o atual momento do esporte. Simultaneamente, também acena com a discordância de alguns dos jogadores em relação à disposição da seleção proposta por Zagalo. De certo modo, além da torcida e dos veículos e imprensa, os jogadores também constituiriam uma força de pressão paralela às convicções apresentadas pelo treinador. A temática da reportagem também transpareceu no lápis de Henfil, em tirinha do personagem Zeferino (figura n. 25).

³⁷⁶ No quarto de Pelé, o incrível complô. **Placar**, São Paulo, n. 8, p. 2-3, maio 1970. p. 2.



FIGURA 25 – Zeferino no México
FONTE: HENFIL. Zeferino. Placar, São Paulo, n. 10, p. 13, maio 1970.

Apesar das modificações terem repercutido positivamente entre os críticos, Zagalo, já no México, conjecturou sobre a possibilidade de retirar Tostão da equipe, juntamente com outras alterações³⁷⁷.

As declarações do treinador não passariam despercebidas. Tarso de Castro, d'O Pasquim, na seção "O que há para ler", criticou o treinador.

Na **Ultima Hora**, do México, Ademir Menezes revela que Zagalo, essa figura triste de técnico da Seleção, desdisse o que disse por aqui. Isto é, a seleção está formada mas não está. O que quer dizer que Tostão joga ao lado de Pelé mas não joga. Trocando em miúdos, isto poderia querer dizer uma coisa mais ou menos certo: é possível, bastante provável, que o Brasil chegue a tentar se classificar. Esse Zagalo, se não fosse um chato, seria folclórico, incompetência ele tem de sobra.³⁷⁸

Na edição seguinte d'O Pasquim, quando faltavam menos de 20 dias para o início do mundial, o jornalista Hélio Fernandes, escreveu um artigo que propunha analisar apenas os aspectos "táticos e técnicos da seleção, deixando outros pontos para depois"³⁷⁹. Apesar da proposta, o texto enfocou, principalmente na crítica, a postura de Zagalo em não escalar a dupla Pelé / Tostão. Paralelamente, o artigo figurava como uma defesa à escalação dos jogadores e uma tentativa de resgate do futebol nacional, atentando para a necessidade dos apelos da torcida para recuperar as chances do Brasil na competição (e evitar, assim, uma suposta eliminação ainda nas oitavas-de-final):

A mais inacreditável de todas as besteiras já ditas por qualquer técnico de futebol, em qualquer tempo, em qualquer época e em qualquer País, foi indiscutivelmente a do senhor Zagalo Lobo: Pelé e Tostão não são goleadores, não podem jogar juntos. Como a CBD não tomou a providência de demitir imediatamente o senhor Zagalo Lobo por incompetência, e como só agora, contrafeito, ele faz a experiência de botar circunstancialmente os dois grandes jogadores juntos, é preciso mobilizar a opinião pública para que Pelé, Tostão e Rivelino (outro extraordinário jogador que não pode ficar no banco de reservas, a não ser por contusão) joguem juntos, pois só assim o Brasil terá alguma chance de fazer boa figura.³⁸⁰

³⁷⁷ Ainda posso tirar Tostão. **Placar**, São Paulo, n. 9, p. 10, maio 1970.

³⁷⁸ CASTRO, T. de. O que há para ler. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.46, p. 30, maio 1970.

³⁷⁹ FERNANDES, H. Antes da Copa a disputa entre Tostão e Lobo Zagalo. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n.47, p. 18-19, maio 1970.

³⁸⁰ *Id.*

Para reiterar o discurso de Fernandes, o cartunista Henfil ilustrou a reportagem com uma charge bastante representativa da pressão sobre o treinador do escrete:



FIGURA 26 – Henfil pede Tostão

FONTE – FERNANDES, H. Antes da Copa a disputa entre Tostão e Lobo Zagalo. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n.47, p. 18-19, maio 1970.

Além da crítica ao treinador, por meio da manifestação da opinião pública, a charge também estabeleceu um paralelo interessante com o processo de eleição indireta no país. Cabe lembrar que nos próximos meses ocorreriam as escolhas dos governadores estaduais pelo presidente Médici. Assim como no cenário político nacional, a escalação do escrete não dependeria do desejo ou da escolha popular. Zagalo, aliás, foi motivo de diversas tirinhas e charges de Henfil, tanto n' *O Pasquim* quanto na *Placar*. Entre os temas abordados pelo autor estariam a situação de Tostão, a insistência na escalação de Paulo Cesar, e a teimosia do treinador diante do descontentamento da torcida (figuras 26, 27, 28 e 29).



FIGURA 27 – O povo quer

FONTE: O cérebro da Copa tem canela de aço. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 48, p. 4-5, maio 1970.



FIGURA 28 – Enfim, nós...

FONTE: HENFIL. Enfim, nós... **Placar**, São Paulo, n.6, p. 17, abr. 1970.



FIGURA 29 – Zeferino
FONTE: HENFIL. Zeferino. Placar, São Paulo, n. 8, p. 11, mai. 1970.

dizer que não tenha promovido modificações na seleção supostamente herdada de João Saldanha. Zagalo implementou mudanças, sobretudo na organização defensiva do escrete, e alterou inclusive, a escalação. O próprio Saldanha, em artigo publicado em 1974 para a revista *História*, rememorou os mundiais anteriores, ressaltou algumas das mudanças de Zagalo, embora sob algumas controvérsias, mas destacou principalmente sua própria passagem pela seleção:

Sofri muitas injunções, mas isso é inevitável. Repeli-as com a força que tinha. A algumas, ofensivas e gratuitas, fui obrigado a reagir fisicamente. Afinal, fui posto para fora para que entrasse na seleção um ou outro jogador que queriam impor. Depois veio Zagalo. Manteve quase toda a equipe principal. Chamou o goleiro Félix, e além dessa, fez mais duas convocações. Uma para agradar aos homens, e outra por sua própria convicção. Mas a continuidade que vinha de longe, que vinha desde o grito de independência de Aimoré, nada sofreu. A estrutura básica ficou, e essa continuidade foi magnífica. Nas eliminatórias, tínhamos feito 23 gols contra 3. Nas finais, contra adversários mais difíceis, fizemos 19 contra 7. Ganhamos a Copa facilmente. Zagalo conseguiu mais consistência na defesa, e o ataque manteve seu fabuloso poderio.³⁸¹ (SALDANHA, João, *A história dos títulos que conquistamos*, *História*, n. 13, jun.1974, p.59)

Zagalo enfrentou, em pouco tempo de trabalho, grande rejeição da torcida e questionamentos recorrentes dos veículos de imprensa. Em boa parte, ainda favoráveis ao trabalho desenvolvido por João Saldanha, especialmente em 1969, e contrários a sua demissão a poucos meses do início da competição. A retomada de alguns dos preceitos defendidos por seu antecessor, contrariou algumas das convicções afirmadas pelo treinador desde o momento em que assumira a equipe e resultaram, também, da influência de agentes diversos e não só da simples mudança de postura por parte do comandante. Neste aspecto os desejos e manifestações populares, as ponderações da imprensa, Comissão Técnica e até mesmo dos jogadores exerceram pressão fundamental sobre a organização da seleção, influenciando no processo de formação e preparação da equipe brasileira para a Copa do Mundo.

A “formiga” Zagalo, cooperativa e trabalhadora, surgiu como resposta imediata à “fera” Saldanha. Porém, a seleção que acabou conquistando o título resultou do trabalho de ambos, em diferentes momentos, a frente do selecionado, mesmo que sob a influência de variados agentes atentos e interessados à organização desportiva e sua reverberação nos espaços político e social. Zagalo,

³⁸¹ SALDANHA, J. *A história dos títulos que conquistamos*. *História*, São Paulo, n. 13, p. 51-59, jun.1974. p.59.

contudo, teve na memória construída sobre a passagem de João no comando do escrete, o seu principal adversário à afirmação de sua efetiva participação para a conquista do tricampeonato.

4. 3. México: a campanha do tri

Após o conturbado processo de preparação no Brasil, a equipe finalizou a rotina de treinos na cidade mexicana de Guanajuato, a 2100m de altitude. Zagalo ainda manteve algumas dúvidas na escalação do time, sustentando-as até a definição dos titulares para o jogo de estreia, contra a Tchecoslováquia.

A equipe enviada a campo atendeu a demanda popular e de parte da imprensa, os quais defendiam, de modo geral, a escalação da dupla de ataque Tostão / Pelé, ao lado dos meio campistas Gérson e Rivelino. Embora alguns visualizassem a escalação da equipe como resultado de uma ingerência dos jogadores ao comando de Zagalo, a equipe base do Brasil na Copa pode ser interpretada como resultado de ações multifacetadas sobre a seleção, por partir desde a participação primordial do técnico, passar pelo diálogo com os jogadores e Comissão Técnica e chegar à pressão externa exercida por torcedores e veículos de imprensa. Com a adequação da equipe, recuperou-se parte da confiança depositada na seleção durante a fase eliminatória – ainda sob a tutela de João Saldanha –, bem como a crença na possibilidade de vitória no México.

O longo processo de preparação também era motivo de debates. *Placar*, a poucos dias do início do mundial, publicou a reportagem “México urgente: estamos com um supertime”³⁸². Nela, o supervisor técnico, Capitão Claudio Coutinho, explicou os últimos resultados dos testes físicos realizados pelos jogadores e tomou cuidado para destacar a evolução do trabalho e tranquilizar a imprensa e torcedores sobre a recuperação de alguns atletas lesionados. Na edição seguinte, já em junho, com os primeiros jogos da competição em andamento, a revista esportiva enfocou as qualidades da equipe às vésperas da partida de estreia. Novamente, as extensivas atividades de condicionamento físico e aclimatação foram destacadas pela publicação como um dos trunfos da seleção diante dos adversários.

³⁸² México, urgente: estamos com um supertime. *Placar*, São Paulo, n.11, p. 6-7, maio 1970.

No primeiro teste *endurance*, feito no Brasil, os jogadores, em média, correram 2750 metros em 12 minutos. No México, eles estão correndo 2950 metros em nove minutos. Isto, segundo Carlos Alberto Parreiras, seria o mesmo que baixar um recorde mundial de 11 segundos para 10 segundos. Comparando nossa preparação com a de nossos adversários parece que o Brasil leva mesmo algumas vantagens.³⁸³

Ainda assim, alguns comentaristas não acreditavam que a organização e o trabalho de condicionamento realizado pela Comissão Técnica pudessem colocar a seleção brasileira no mesmo patamar das equipes européias. É o caso de Aimoré Moreira, antigo técnico do escrete e então colunista da própria *Placar*, enviado ao México para acompanhar a seleção. Na mesma edição em que a revista exaltava a resistência física como uma das qualidades da equipe, o técnico, campeão em 1962, fez algumas ressalvas em sua coluna na publicação.

Nesta Copa do México, mais uma vez, os europeus levam vantagem sobre os americanos no preparo físico. Eles sempre estiveram melhor, mas a partir de 62, quando sentiram que precisavam de qualquer forma anular a habilidade individual dos americanos – principalmente dos brasileiros – aperfeiçoaram o preparo físico. Alemanha, Inglaterra e Itália são os que estão em melhores condições. As seleções dos países socialistas não tem o mesmo preparo porque muitos de seus jogadores são amadores. Entre os americanos destaca-se o Brasil, mas ainda sensivelmente distante dos europeus. Nós, os americanos, levamos profunda desvantagem porque não pudemos nos preparar com a mesma intensidade que eles. Tudo é uma questão de organização e mentalidade [...]

Entre as seleções americanas, a do Brasil pode ser considerada a melhor preparada. Mas em relação aos europeus nós levamos uma desvantagem, pois não pudemos trabalhar com a intensidade necessária. Isso é consequência de um problema de organização e mentalidade, em que eles são superiores³⁸⁴.

Mesmo reconhecendo certa evolução no procedimento de preparação física em relação a momentos anteriores e aos concorrentes regionais, Moreira manteve a concepção previamente estabelecida quanto à superioridade das seleções européias neste quesito. Interessante notar como a memória construída sobre as características de jogo apresentados pelos representantes dos dois continentes sedimentam a avaliação do técnico sobre o tema. Mesmo com o investimento no condicionamento atlético, as equipes sul-americanas não estavam no mesmo patamar, devido a fatores de “organização e mentalidade” que fugiam de suas particularidades históricas no jogo. Para o autor, as possibilidades de êxito residiam

³⁸³ Começou!. *Placar*, São Paulo, n.12, p. 2-5, jun. 1970, p. 3.

³⁸⁴ MOREIRA, A. É um time preparado?. *Placar*, São Paulo, n. 12, p. 8-9, jun. 1970. p. 9.

em atributos tradicionalmente consagrados aos jogadores sul-americanos: “É na afirmação do valor individual, na improvisação e capacidade de destruir esquemas rígidos que está toda a vantagem dos americanos”³⁸⁵.

A dúvida quanto a real eficácia do longo período de treinos e aclimação só seria solucionada no decorrer da competição, quando a seleção brasileira foi exaltada tanto pelo futebol apresentado quanto pela resistência de seus jogadores ao forte calor e à altitude.

A proximidade da competição fez com que a Copa se tornasse em um dos principais assuntos dos diversos periódicos. Se esta preocupação já era notável antes do início da competição, sobretudo na publicação do semanário esportivo *Placar* (cujo tema figurava como preocupação central desde a primeira edição), e nas diversificadas *O Cruzeiro* e *Manchete* (atentas à seleção desde a contratação de Saldanha), a cobertura se intensificou durante a disputa das partidas. Até o hebdomadário alternativo *O Pasquim*, o qual não dispunha de uma estrutura rigidamente definida quanto às temáticas a serem abordadas dentro da “patota”, destacaria um espaço singular para a competição. Embora o futebol fosse assunto recorrente ao longo das edições³⁸⁶, não havia uma seção própria destinada ao assunto ou outros esportes. Diante de um evento tão significativo, o semanário abriu lugar nas suas páginas para a colaboração de um enviado especial ao México.

Esta todo mundo de acordo que O PASQUIM não pode ficar de fora da Copa do Mundo, que tem que ter lá um camarada que entenda muito de futebol, de arbitragem, que seja uma grande figura humana, que seja inteligente e bacana.

Quer dizer, Armando Marques é o nosso homem no México, durante a Copa do Mundo. Armandinho vai fazer a cobertura de uma forma inteiramente pessoal, informando, protestando, elogiando, em fim, aqueles babados que só Armando Marques sabe fazer.³⁸⁷

³⁸⁵ MOREIRA, A. *Placar*, São Paulo, n. 12, p. 8-9. jun. 1970. p. 9.

³⁸⁶ *O Pasquim* não dispunha de uma coluna ou seção específica sobre esporte. Ainda assim, o futebol visitava frequentemente as páginas das edições, em artigos, entrevistas e comentários. Entre 1969 e 1970, por exemplo, foram entrevistados jogadores como Garrincha (n. 18), Tostão (n. 45) e Gérson (n. 55), o técnico Yustrich (n. 42) e o arbitro Armando Marques (n. 36) (figura 31). Futebol e seleção também foram discutidos em artigos próprios, ou extraídos de outras publicações (na seção “O que há para ler”), além de integrarem diversas tirinhas e charges produzidas pelos cartunistas do semanário (Henfil, Ziraldo e Jaguar). Os autores também se manifestavam sobre o assunto na seção de “Dicas” e debatiam com os leitores no espaço destinado para as cartas. Mesmo com as páginas reservadas para os comentários de Armando Marques durante o mundial, o futebol continuaria figurando em outras partes do semanário.

³⁸⁷ A dica: o nosso homem. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 48, p. 29, maio 1970.



FIGURA 31 – Futebol nas capas d'O Pasquim

FONTE: **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 18, out. 1969; **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 42, abr. 1970; **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 45, maio 1970; **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 55, jul. 1970

O árbitro Armando Marques (figura 32) foi o contratado para escrever sobre o mundial. Como era característico ao semanário, os artigos fugiram da cobertura esportiva convencional e assumiram um aspecto despojado e carregado pelo humor. Mesmo com a responsabilidade de acompanhar o torneio, o árbitro teve a liberdade na escritura do texto, assim como os demais integrantes do semanário, sem a obrigação de seguir uma pauta específica.



FIGURA 32 – Eu dou para comentarista?

FONTE: A dica: o nosso homem. **O Pasquim**, Rio de Janeiro n. 48, p. 29, mai. 1970.

Antes de viajar para o México, o comentarista apontou as expectativas de seus colegas de redação a respeito do desempenho da seleção brasileira na competição. Além de retratar o interesse dos integrantes d' *O Pasquim* pelo esporte, os comentários reiteraram a insatisfação de parte da "patota" com a substituição de Saldanha e o trabalho de Zagalo à frente do escrete, além de comentar sobre as suspeitas levantadas por parte da imprensa nacional³⁸⁸ a respeito dos árbitros escalados para o mundial.

Jaguar:

-Tuti Ladri! Roubam mais que o Bobby Moore

Martha Alencar:

- Quando as feras viraram formigas perderam todo o charme

Sérgio Cabral:

- Se a seleção ganhar a Copa, os méritos serão apenas dos jogadores, porque Zagalo se revelou um incompetente quando foi obrigado a escalar o

³⁸⁸ A revista Placar levantou a dúvida sobre a arbitragem em algumas reportagens antecedendo a competição. O ex-jogador Didi, também alimentou a polêmica firmando que haveria um complô contra as equipes americanas.

time diferente da do Botafogo. O Zagalo ainda se preocupa com problemas de 4-2-4 e 4-3-3, numa época em que esses sistemas não tem mais importância. Alias, estou falando demais, porque a seleção não me preocupa. O que me preocupa é o Vasco. Esta na cara que os juizes escalados na chave dos brasileiros estão lá para roubar o Brasil. Basta lembrar que o tal de Yamazaki foi o menção que expulsou Garrincha em 62. Quer dizer: o cara que tem coragem de expulsar o Garrincha é capaz de qualquer coisa. Até de roubarem a favor do Brasil.

Paulo Francis:

- Time bom se vê em campo, não em palpites de jornalistas. Juiz ladrão, idem idem.

Luiz Carlos Maciel:

- os jogadores brasileiros são os melhores do mundo. Mas já eram em 1966 e não adiantou nada. Duvido muito que adiante agora. Juiz é sempre ladrão quando o time da gente perde.

Tarso de Castro:

- A seleção brasileira é, basicamente, chata. Pode-se dizer que isto não tem nada a ver com o esporte. É mentira. Ninguém consegue ganhar sem... E como é que alguém pode achar que o chato do Zagalo consegue dirigir alguma coisa? É isso: técnico chato, seleção chata. Seleção chata, já perdeu. A seleção vai perder porque ela é o reflexo do nosso tédio nos dias atuais.³⁸⁹

Mais do que simplesmente opinar sobre as possibilidades de vitória da seleção, os integrantes d'*O Pasquim* assinalaram suas próprias posições sobre as mudanças recentes no escrete e também as suspeitas levantadas pela imprensa quanto à idoneidade da arbitragem. As observações demonstraram que a preocupação quanto ao futebol não se restringiam aos atletas ou ao desempenho em campo, mas estenderam-se para a repercussão do esporte fora das quatro linhas, por meio do trabalho realizado pela imprensa e do apelo junto ao torcedor em seu envolvimento emocional.

A revista *O Cruzeiro* também questionava se a seleção estava pronta para disputar a Copa. Os enviados especiais da publicação, o jornalista esportivo Geraldo Romualdo e o fotógrafo Fernando Seixas, produziram o artigo intitulado "O Brasil está pronto para ganhar a Copa?"³⁹⁰, no qual questionavam vários especialistas do esporte, presentes no México, sobre as possibilidades de êxito da seleção: Didi, bicampeão com a seleção Brasileira e atual técnico da seleção peruana; o supervisor Cap. Claudio Coutinho; cronistas esportivos nacionais e internacionais.

Os comentários, bastante variáveis, assinalavam algumas virtudes na seleção, sobretudo exaltando a qualidade dos jogadores de ataque e do meio campo, bem como o trabalho de preparação e o condicionamento dos atletas.

³⁸⁹ MARQUES, A. Vai começar o jogo. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 50, p. 2-3, jun. 1970.

³⁹⁰ ROMUALDO, G.; SEIXAS, F. O Brasil está pronto para ganhar a Copa?. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 24, p.16, jun. 1970.

Porém, a grande maioria dos consultados mostrou-se receosa quanto às chances efetivas de título para o Brasil. Em grande parte, apontava algumas dificuldades técnicas e táticas na equipe, principalmente no tocante à marcação e o arranjo defensivo, considerado por alguns comentaristas aspecto fundamental para o mundial que se aproximava. Diante das várias opiniões o artigo sentenciou: “entre eles existem os pessimistas, os otimistas e os moderados. De todo o conjunto de opiniões, pode-se extrair uma média que, se não é totalmente favorável, pelo menos não desanima”³⁹¹.

Em sua cobertura para a Copa, a revista *Manchete* adotou uma postura diferente das demais publicações observadas. Embora possuísse artigos e entrevistas (a exemplo da concedida por Zagalo a seção “No Paredão”) (figura 33) discutindo a organização tática, a forma técnica e a escalação dos jogadores, parte significativa das reportagens assumiu um ponto de vista mais ameno e positivo sobre a seleção. Foram produzidas fotorreportagens, boa parte com imagens em cores, que enfocavam a rotina de treinos, as atividades dos atletas em seus momentos de folga, as cidades e os estádios que sediarão os jogos, o local de concentração da seleção no México, o apoio dos torcedores locais aos brasileiros e, até mesmo, um prognóstico com base na astrologia sobre o desempenho dos jogadores durante a competição (figura 34).

³⁹¹ ROMUALDO, G.; SEIXAS, F. O Brasil está pronto para ganhar a Copa?. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 24, p.16, jun. 1970.



FIGURA 33 – Zagalo no paredão
 FONTE: BIANCHI, N.; NEVES, J. Zagalo no paredão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, p.20-25, jun. 1970. p. 20-21



FIGURA 34 – Os astros comandam os astros
 FONTE: FEIJÓ, A.. Os astros comandam os astros. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, p. 14-18, jun. 1970. p. 14-15.

A última matéria sobre o escrete antes do jogo contra os tchecos reforçou o tom otimista adotado pela publicação. O artigo consistia em uma fotoreportagem colorida (figura 35), com texto de Ney Bianchi, fotos de Jader Neves e Orlando

Abrunhosa, enviados especiais da revista ao México. A reportagem destacou a vontade e o espírito de luta dos jogadores da seleção, bem como o trabalho de condicionamento físico realizado junto aos atletas, o qual os capacitaria para “jogar 180 minutos corridos, apesar do sol do meio-dia e da altitude de Guadalajara ou da Cidade do México”³⁹². O texto que abria o artigo fazia referência às equipes que disputaram os mundiais anteriores e destacaram o processo e organização que antecederam a competição de 1970.

Somente depois que Zagalo disputar sua última partida no México é que se poderá, de modo válido e consistente, situá-la na perspectiva correta em relação às equipes que defenderam o Brasil nas Copas de 30 até 66. Entretanto, já é possível estabelecer algumas comparações nos diferentes aspectos do trabalho preparatório. Antes de mais nada, deve-se reconhecer que nenhuma outra seleção brasileira dispôs de tanto tempo para a sua organização – ao ponto de se programar um período de dois meses para a aclimação no México, plano que Zagalo preferiu reduzir à metade. Do mesmo modo, a seleção-70 supera as anteriores no que se refere ao aperfeiçoamento físico-atlético, aos cuidados médicos e aos detalhes de planejamento e de preparação. Se isso bastasse, o Brasil já poderia se considerar campeão pela terceira vez.³⁹³

Apesar das dúvidas, pressões e críticas sobre seu trabalho à frente da seleção, Zagalo manteve a tranquilidade e o otimismo quanto ao desempenho do escrete no México. Às vésperas da principal competição do futebol mundial, em entrevista a *O Cruzeiro*, o técnico apregoava a vitória, refutava o “fracasso de 66” e exaltava o sentimento nacionalista de seus jogadores.

Zagalo termina garantindo que esta Seleção não repetirá o fracasso de 66. ‘Os bicampeões podem ficar certos — frisa — de que serão honrados por esta maravilhosa geração de craques e homens que amam a sua Pátria acima de qualquer interesse’.³⁹⁴

Com seis remanescentes da fatídica campanha de 1966 no elenco – Brito, Pelé, Gérson, Jairzinho, Edu e Tostão – e outros 16 atletas – Félix, Wilson Piazza, Carlos Alberto, Marco Antônio, Rivelino, Ado, Baldocchi, Fontana, Everaldo, Clodoaldo, Joel, Marco Antônio, Paulo César, Roberto, Dario, Zé Maria e Leão –, a

³⁹² BIANCHI, N.; NEVES, J.; ABRUNHOSA, O. O Brasil na hora da verdade. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 947, p. 28-32, jun. 1970, p. 31.

³⁹³ *Ibid.* p. 29.

³⁹⁴ ROMULADO, G. Zagalo confia na sua seleção. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 23, p. 4-5, jun. 1970, p. 5.

Seleção embarcava para “a guerra da Copa”³⁹⁵, que estava para se iniciar, como retratava *O Cruzeiro* na época.



FIGURA 35 – O Brasil na hora da verdade

FONTE:BIANCHI, N.; NEVES, J. O Brasil na hora da verdade. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, p.20-25, jun. 1970.

A estreia do Brasil no Grupo III foi contra a Tchecoslováquia, em 3 de junho, no estádio El Jalisco, em Guadalajara. Mesmo com os tchecos saindo na frente logo no início, a seleção conseguiu empatar com Rivelino ainda no primeiro tempo. Na segunda etapa, a equipe consolidou a primeira vitória, marcando três gols e fechando o marcador em 4 a 1.

A revista *Placar*, na reportagem sobre a estreia, exaltou o bom jogo do escrete e destacou jogadores como Rivelino, Gérson, Jairzinho e Pelé.

Antes que os nossos artistas arrumassem o cenário para um dos maiores espetáculos da Terra, a Tchecoslováquia teve seus momentos de glória e de fé ao fazer o primeiro gol do jogo e aparecer como provável vencedor. Mas foram apenas alguns momentos de sonho e ilusão. Logo depois nossos artistas iriam mostrar quanto é grande o nosso futebol, capaz de emocionar milhões de pessoas em apenas noventa minutos.³⁹⁶

³⁹⁵ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 23, p. 3, jun. 1970. p.3.

³⁹⁶ A estréia das feras. **Placar**, São Paulo, n. 13, p.28-29, jun. 1970. p. 29.

Para nós, os 90 milhões de técnicos, a noite do dia 3 de junho foi mais emocionante que a decida da Apolo 11 na Lua e mais alegre que um dia de Natal. Ficamos realizados e surpresos com a nova magia do nosso futebol, até a pouco tempo colocada em dúvida. Aqueles quatro gols que Rivelino, Pelé e Jairzinho colocaram nas rêdes da Tchecoslováquia devolveram-nos a certeza que ainda somos os maiores feiticeiros do mundo e deixaram o universo maravilhado com as proezas e a arte de nossos ídolos.³⁹⁷

As ponderações sobre a organização tática, o desempenho físico e técnico dos atletas durante a partida ficaram em segundo plano. O discurso da revista optou pelo apelo emocional da partida, destacando as belas jogadas e os gols. Reavivava-se, em um primeiro plano, a perspectiva do futebol-arte e saudava-se a qualidade individual dos jogadores brasileiros. Neste sentido, exaltava-se novamente a tradição construída sobre o futebol nacional.

Pelé, cuja capacidade em disputar o mundial em alto nível havia sido colocada em dúvida durante o processo de preparação, rendeu um dos episódios polêmicos com João Saldanha³⁹⁸, era novamente elogiado após a boa atuação. Mais do que o gol marcado, uma de suas jogadas durante a partida foi particularmente destacada, e lembrada no processo de consagração do ídolo e da campanha do tricampeonato mundial. Na tentativa de surpreender o goleiro tcheco, adiantado em relação ao gol, Pelé desferiu um chute do meio de campo. A bola saiu por pouco, ao lado da trave direita. A jogada figurou, inclusive, como motivo principal da tirinha de Henfil sobre a partida de estreia do Brasil.

³⁹⁷ A estréia das feras. **Placar**, São Paulo, n. 13, p.28-29, jun. 1970. p. 28

³⁹⁸ Conforme observado no tópico anterior.

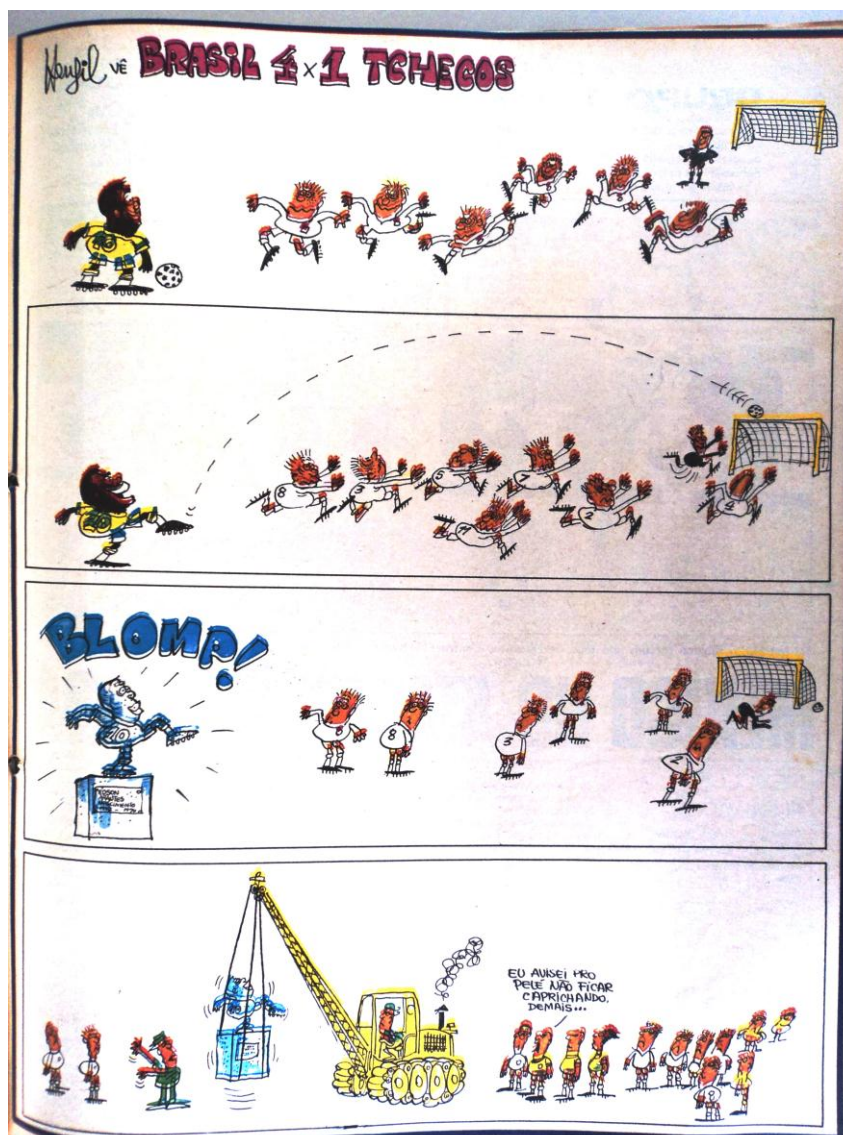


FIGURA 36 – Brasil 4 x 1 Tchecos
 Fonte: HENFIL. Brasil 4 x 1 Tchecos. **Placar**, São Paulo, n. 13, p. 17, jun. 1970.

Manchete também destacou o primeiro jogo da seleção na competição. Em consonância com o discurso apresentado por *Placar*, o artigo assinado por Ney Bianchi, publicado pela revista, focou a boa partida da equipe e exaltou a plasticidade das jogadas, a categoria dos jogadores e a tradição do futebol brasileiro. O lance protagonizado por Pelé foi lembrado como um dos grandes momentos da partida e do próprio futebol nacional.

Muitos anos mais tarde, diante das telas coloridas que transmitirão as Copas do futuro, os brasileiros hão de se lembrar daquele lance sublime em que Pelé, correndo na linha média de seu campo, vislumbrou o goleiro Viktor muito adiantado e disparou aquele tiro de cobertura, de uma distância de 60 metros, quase marcando o que seria o mais belo gol de todos os tempos. E hão de se lembrar também daquele passe balístico que Gérson deu a Pelé, de 40 metros de distância, e da suprema classe com que o

Negão marcou o segundo gol. E ainda da esplêndida *tijolada* de Rivelino ao empatar o jogo, ou da divina fúria de Jairzinho ao investir contra o gol. Foi uma noite inesquecível.³⁹⁹

A abertura da fotoreportagem, mostrou uma grande foto colorida (figura 35) com os jogadores brasileiros se abraçando durante a comemoração do último gol na vitória sobre os tchecos. Junto à imagem, figurava o título do artigo: “Brasil e Tchecoslováquia: a emoção da estréia”, acompanhado de um pequeno texto introdutório celebrando a seleção.

Enquanto dezenas de milhões de brasileiros explodem de alegria diante de seus aparelhos de tele visão ou rádio, Pelé, Tostão e Clodoaldo irmanam-se no comovido abraço de comemoração do quarto gol contra a Tchecoslováquia. Seja qual for o destino da seleção no México, aqueles noventa minutos da noite de quarta-feira, dia 3 de maio (sic), estão preservados para sempre como uma lembrança de beleza perene. A magia de uns poucos construiu, de uma hora para outra, a verdadeira união nacional que tantos já pregaram tão inocuamente. Em todas as cidades e aldeias do país ficou demonstrado, sem sombra de dúvida, que é menos absurda do que parece a afirmação de que ‘a seleção é o Brasil de calções e chuteiras’⁴⁰⁰

Além de fazer a correlação com a foto em destaque, a passagem não só retoma a perspectiva do futebol diferenciado jogado pela seleção, como destaca a relação emocional com o torcedor. Mais do que celebrar um estilo próprio de jogar futebol com o qual a população finalmente se identificou, a seleção passou a figurar como elemento agregador da nacionalidade. Sob a interpretação proposta pela *Manchete*, o escrete brasileiro no México foi consagrado como espécie de representação da nacionalidade a partir do campo esportivo. É interessante observar também, como o futebol, na figura da seleção, apareceria no momento como um dos poucos elementos capazes de proporcionar uma mobilização generalizada em torno do ideal de nacionalidade e construiu “a verdadeira união nacional que tantos já pregaram tão inocuamente”.

³⁹⁹ BIANCHI, N. A emoção da estréia. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, p. 28-32, jun. 1970. p. 32.

⁴⁰⁰ *Ibid.* p. 29.



FIGURA 37 – A emoção da estreia

FONTE: BIANCHI, N. A emoção da estréia. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, p. 28-32, jun. 1970. p. 28-29.

Tanto *Placar* quanto *Manchete* correlacionaram a seleção e a população que exercitavam a identificação nacional. Esse processo aconteceu principalmente por que a seleção, sob a construção narrativa apresentada nos artigos, representava o esporte em sua concepção tradicional no país, isto é, devidamente incorporada a um determinado conjunto cultural visualizado como brasileiro. Desse modo, o esporte não estava praticando apenas sua forma específica de jogo, mas sob os olhos da imprensa e dos torcedores, simbolizava “o nosso futebol”, caracteristicamente “brasileiro”.

Embora a reportagem de *Manchete* privilegiasse o aspecto emocional da partida e a qualidade dos jogadores brasileiros, não deixou de reconhecer, mesmo que brevemente, o processo de condicionamento físico e a disposição tática da equipe, ambos frutos do trabalho extra-campo.

Os tchecos já vinham sendo transformados por alguns cronistas numa espécie de replica da Hungria de 1954. falou-se muito nos quatro anos de preparo a que se submeteram, espalharam-se lendas a respeito do irresistível futebol de Kvasnak, Adamec e Petras. Alf Ramsey, o técnico inglês, repetia sempre que o talento individual dos brasileiros seria inútil contra a solidez e organização tcheca. Mas chegou a hora da verdade e viu-se que, além do talento, Pelé e seus companheiros foram superiores também no preparo físico e no futebol solidário.⁴⁰¹

⁴⁰¹ BIANCHI, N. A emoção da estréia. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, p. 28-32, junho 1970. p. 30.

O próximo embate carregou grande significância simbólica na campanha para o tricampeonato mundial. Os rivais foram os ingleses, atuais campeões, considerados como um dos principais favoritos ao título. A preocupação dos veículos de imprensa investigados com o adversário era notada desde o período de eliminatórias, acirrando-se após o sorteio dos grupos de oitavas-de-final, com a definição do confronto já na segunda rodada da competição. A partida também colocou frente a frente a tradição e a memória consagradas a duas forças do futebol mundial, em um enfrentamento não só entre os últimos campeões mas também entre estilos distintos consagrados pela tradição articulada sobre o futebol mundial: do “futebol-arte” sul-americano com o “futebol-força”, atribuído aos europeus. João Saldanha, por exemplo, escreveu um artigo específico sobre a seleção inglesa para *Placar* a alguns dias do início do mundial. Neste artigo, avaliou-os como uma das seleções mais fortes do torneio e o adversário mais complicado dos brasileiros na fase de grupos. Reforçou suas impressões e, ao longo do texto, ponderou sobre o “futebol escola” inglês.

Está fora de dúvida que o mais forte é a Inglaterra. Como futebol-escola, é o mais aprimorado do mundo, muitos anos a frente dos outros.⁴⁰² (Placar)

Eu considero a Inglaterra como um grande adversário para qualquer um, em qualquer época e em qualquer fase da Copa. Eles jogam racionalmente, de acordo com o jogo. Defendem-se quando é preciso, atacam quando devem. Se estão perdendo o jogo, vão atacar o adversário de baixo da cesta, assim como no basquete.

Enfim, a Inglaterra é, talvez, o único time do mundo que pode variar de sistema três ou quatro vezes numa partida.⁴⁰³

Nesse artigo, Saldanha também comentou sobre algumas das deficiências apresentadas pela seleção nacional, sobretudo sobre postura defensiva. Durante suas considerações, apontou que a presença de Paulo César na equipe fora prejudicial contra os Ingleses. Curiosamente, para a disputa do dia sete de julho, o meio-campista botafoguense figurou entre os titulares, substituindo Gérson, contundido durante o jogo da estreia. No confronto contra os “inventores” do jogo, a seleção enfrentou uma de suas partidas mais duras na competição. Astros do futebol mundial figuravam dos dois lados, e o resultado final, um mísero 1 x 0, gol de Jairzinho após jogada tramada por Tostão e Pelé, refletia o equilíbrio entre as

⁴⁰² SALDANHA, J. Saldanha x Inglaterra. *Placar*, São Paulo, n. 10, p. 18-19, maio 1970. p. 18.

⁴⁰³ *Ibid.* p. 19.

equipes e as dificuldades enfrentadas pelos brasileiros. De acordo com a revista *Manchete*, em artigo publicado na edição especial após o mundial, a tensão do jogo foi tamanha que “a seleção que saísse vitoriosa estaria antecipando, de certo modo, a sua posição final no campeonato, uma vez que se tratava de duas das maiores escolas do futebol mundial.”⁴⁰⁴

A revista *Placar* de 12 de junho, apontou o confronto como um dos principais destaques da edição. No artigo “A Inglaterra tremeu de medo”, o jornalista Jacinto de Thormes, escreveria sobre as impressões dos ingleses sobre a equipe brasileira antes da realização da partida ⁴⁰⁵. Já a matéria que abordava especificamente o jogo, “As feras amansam o leão da Rainha”, interpretou a vitória do esporte nacional como a afirmação do futebol brasileiro sobre o inglês e retomou, de certo modo, as considerações da matéria assinada por João Saldanha. Sob esta leitura, o confronto representou o embate entre os principais expoentes de duas escolas distintas, o futebol-arte sul-americano e o futebol-força europeu.

No grande confronto entre o futebol-força – em 66 isso não aconteceu – e o futebol-arte mais uma vez prevaleceu a habilidade do homem: só o brasileiro seria capaz de driblar em espaço tão pequeno como Tostão conseguiu; só um brasileiro poderia com um leve toque na bola tirar todos os adversários da jogada como Pelé fez. Mas o chute de Jairzinho levou toda a violência que caracteriza o futebol-força.

[...]

Grande equipe, com um padrão de jogo definido, firme na defesa e rápida no ataque, os ingleses apenas se enganaram quando acreditaram encontrar facilidades diante de nossa defesa: a maquina inglesa fez tudo certinho, menos chutar a gol. Os brasileiros corriam a bola de pé em pé, os ingleses corriam atrás dela [...].⁴⁰⁶

De certo modo, o artigo encarou a vitória como espécie de “tira-teima”, após as dúvidas deixadas pelo mundial de 1966. Representou, de alguma maneira, o resgate de um estilo de jogo tributário da memória construída sobre o esporte brasileiro, cuja eficiência estava em questão diante da “modernização” do jogo verificada a partir da última Copa. No momento do gol, por exemplo, afirmou sutilmente este embate: “prevaleceu a categoria individual sobre o atleta de

⁴⁰⁴ Assim domamos o leão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. especial, p. 26-33, jul. 1970. p. 28.

⁴⁰⁵ THORMES, J. A Inglaterra tremeu de medo. **Placar**, São Paulo, n. 13, p. 8-9, jun. 1970.

⁴⁰⁶ As feras amansam o leão da rainha. **Placar**, São Paulo, n. 13, p. 26-27, jun. 1970. p. 26.

laboratório”⁴⁰⁷. Embora reconhecesse o avanço dos brasileiros em outros aspectos, como o preparo físico e a organização tática da equipe, no final, “a vitória valeu acima de tudo como a afirmação da escola brasileira sobre a inglesa”⁴⁰⁸. O resultado positivo sobre os ingleses serviu à afirmação de um estilo, caracteristicamente brasileiro, de jogar futebol fundamentado na criatividade e individualidade de seus jogadores, devidamente incorporado na tradição nacional atribuída ao esporte, construída a partir do processo de enquadramento da memória, articulada sobretudo a partir das leituras efetuadas pelos veículos de imprensa, inclusive sobre o ainda recente “fracasso” no mundial de 1966.

Em consonância com a perspectiva deste confronto de “escolas”, a tirinha produzida pelo cartunista Henfil, à *Placar*, sobre o confronto, colocaria em evidência, de forma bastante peculiar, os valores culturais atribuídos ao futebol apresentado pelos selecionados inglês e brasileiro.

⁴⁰⁷ As feras amansam o leão da rainha. **Placar**, São Paulo, n. 13, p. 26-27, jun. 1970. p. 26.

⁴⁰⁸ *Id.*

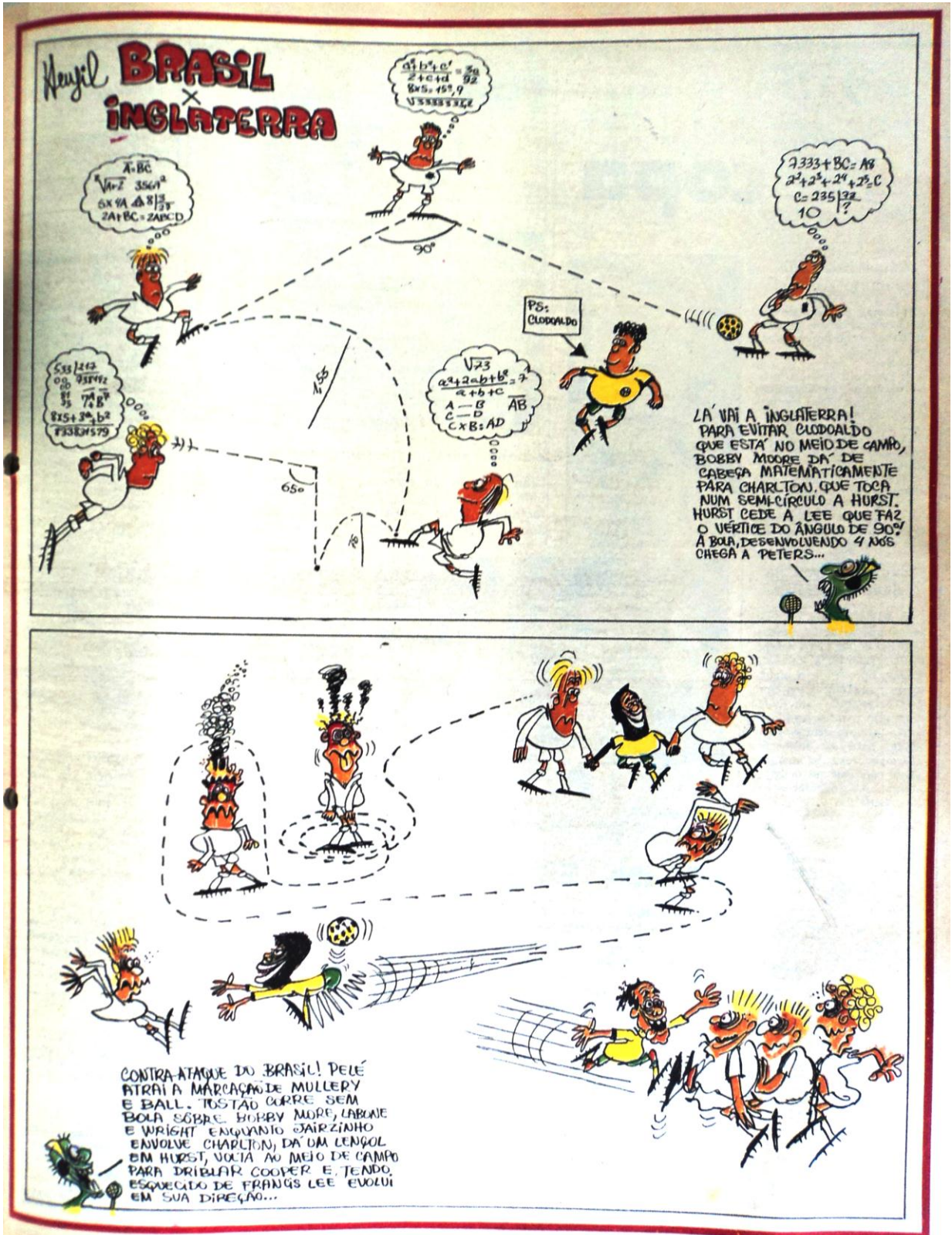


FIGURA 38 – Brasil x Inglaterra
 Fonte: HENFIL. Brasil x Inglaterra. Placar, São Paulo, n. 14, p.17, jun. 1970

O êxito na partida repercutiu fortemente nos demais veículos de imprensa investigados. O *Cruzeiro*, por exemplo, destacou o confronto em duas reportagens.

A primeira, intitulada “Mais perto do tri”, do enviado especial da revista, Geraldo Romualdo, discorreu sobre o jogo em si. Ao longo do texto, o jornalista enalteceu o apoio da torcida mexicana, o embate entre os estilos de jogo apresentados pelas duas equipes, além de analisar a atuação individual de alguns dos atletas brasileiros. Ao final do artigo, Romualdo teceu um comentário bastante interessante sobre o desempenho da seleção na competição até o momento.

Não é fácil, num trabalho assim atlético, técnico físico e moral, colocar um jogador acima dos méritos do outro. Pois o que caracterizou a vitória contra a Inglaterra foi, sobretudo, a emulação, o senso de unidade, de espírito de uma maioria superior que, somente agora, começa a projetar o perfil dessa equipe tão discutida antes que soasse a hora da verdade.⁴⁰⁹

Ao Confrontar a memória do bicampeonato de 1958 e 1962, em paralelo ao fraco desempenho de 1966, bem como aos recorrentes questionamentos enfrentados pelo escrete ao longo do processo de preparação, o artigo marcou a evolução apresentada pela equipe e retomou uma perspectiva otimista sobre a seleção, ao destacar o sentido de coletividade e união na superação das críticas e da descrença projetada sobre as potencialidades da equipe, capaz não só de vencer os jogos como de cativar o torcedor.

Agora não há mais quem diga que Pelé estava em decadência. Que a presença de Everaldo, no lugar de Marco Antônio, seria um risco a toda a prova para o resto de sua defesa. Tostão pode não ter chegado ao apogeu da forma, mas sua presença no ataque continuara indispensável até o fim da Copa. Ninguém dirá mais, certamente, que o Brasil havia mandado ao México uma triste sombra do bicampeão consagrado na Suécia e no Chile. Como diz Billy Wrigth, velho centromédio inglês de 105 partidas internacionais: “parece muito difícil aceitar, porém este time é tão bom como o de 1958 e p de 1962, e, se quiserem, talvez um pouco melhor”.⁴¹⁰(O Cruzeiro)

A segunda reportagem da publicação, “Copa festeja a taça já na segunda vitória”, versa justamente sobre as comemorações dos torcedores em Copacabana, após a partida. O texto descreveu a longa festa nas ruas e bares da região. Também revelou imagens das pessoas celebrando a vitória enrolados ou sacudindo a

⁴⁰⁹ SILVA, G. R. da. Mais Perto do Tri. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 25, p. 12-15, jun. 1970. p. 14.

⁴¹⁰ *Id.*

bandeira nacional. Ao pé da página, uma charge retratava o êxito das “formigas” do Zagalo sobre os ingleses.



FIGURA 39 – As formigas contra os ingleses

Fonte: SILVA, G. R. da. Mais Perto do Tri. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 25, p. 12-15, jun. 1970. p. 15.

A partida foi, igualmente às concorrentes, motivo da capa da revista *Manchete* (figura 40). Ao longo da edição, foi tema da fotoreportagem “A explosão da vitória”⁴¹¹ (figura 41), com texto de Ney Bianchi e fotos de Jader Neves e Orlando Abrunhosa. Enquanto o destaque principal ficava para as fotos, o texto de Bianchi se concentrou em abordar alguns dos principais momentos do jogo a partir das reações de Gérson no banco de reservas.



FIGURA 40 – Manchete n. 948

FONTE: **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, jun. 1970.

⁴¹¹ BIANCHI, N. A explosão da vitória. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, p. 4-14, jun. 1970.



FIGURA 41 – A explosão da vitória

FONTE: BIANCHI, N. A explosão da vitória. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, p.4-14, jun. 1970. p. 4-5

O semanário alternativo *O Pasquim*, também destacou o confronto nos comentários de Armando Marques. O artigo enfocou diversos assuntos, desde os supostos diálogos do autor com os técnicos Alf Ramsey, da Inglaterra, e Zagalo, até comentários, preocupações e impressões de jornalistas de diversos veículos de imprensa nacionais e internacionais enviados para cobrir a Copa do México. Assim como os outros artigos analisados, o texto escrito por Marques reverenciou o futebol apresentado pela seleção através da exaltação emocionada do escrete. Novamente a seleção de 1970 é correlacionada à tradição do futebol nacional, tributária de mundiais anteriores. Porém, diferentemente das outras publicações, Armando Marques reconheceu não só o bicampeonato de 1958 / 62, como momentos marcantes da tradição nacional no futebol, mas também fez referência à Copa de 1950, no Brasil.

Um onze uniforme como não tínhamos visto desde a classificação. Um leão (indígena) com 22 patas ou mil garras. Esfaimado. Sedento. Possesso. Impetuoso. Brilhante. Humilde. Avassalador. Obediente. Clássico. Brasileiro. Futebol. É impossível encontrar fórmulas de poder descrever ou narrar o que presenciamos domingo. Revive esta seleção as grandezas das grandes seleções de 50, 58 e 62. Impõe esta seleção ao mundial o ritmo da técnica soberba de um futebol rico em gênios criadores.⁴¹²[...]

Mais adiante, o árbitro continuou a celebração do futebol apresentado pelo escrete na competição. Entretanto, assinalou também a sinergia e a efusiva festa da

⁴¹² MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 51, p.2-5, jun. 1970. p. 5.

torcida em apoio à equipe e reforçou a identificação entre a seleção e população como legítima representante nacional, tal qual o trabalho realizado na preparação da equipe para o mundial.

[...] Palmas de respeito e agradecimento aos guerreiros da seleção. Ao seu comando pela unidade conseguida em todos os setores. Ao público de Guadalajara pelo calor de clima de Brasil que criaram em torno dela. Aos Brasileiros que até aqui se deslocaram, pelo entusiasmo com que gritam e vibram com ela. Antes, durante e depois. Bem muito depois. Ninguém dorme em dia de seleção. NINGUÉM. Pela confiança que demonstra do 1º ao derradeiro minuto da guerra. Pela apurada técnica com que se desenvolve dentro do jogo, pela forma físico-atlética que ostenta. Pela moral. Pelo comportamento. Por representar as melhores tradições de glória de um futebol glorioso. Isto não é um hino do “já ganhou”. É um tributo ao trabalho excepcional desenvolvido no preparo da mais preparada seleção que nos representa.⁴¹³

Antes de discorrer sobre o jogo, porém, o árbitro dividiu algumas de suas impressões sobre o mundial até o momento. Entre as diversas observações, destacou-se a sua crítica a respeito do processo de preparação atlética e condicionamento físico apresentado pelas equipes sul-americanas e europeias. Marques lembrou que esta discussão se destacou a partir do mundial de 1966, quando o aspecto físico e força tornaram primordiais na disputa esportiva.

Um ano. Um ano, não. Desde a Copa do Mundo de 1966, em Londres que não se fala noutra coisa no Brasil que não seja na força, na preparação física, nos métodos científicos, etc. e tal das equipes européias. O conselho menos otimista que ouvimos era o de que deveríamos copiar, imitar o diabo, o que os times da Europa estavam fazendo em matéria de preparação física. A próprio Admildo Chiról saiu por aí com uma maquina de filmar em punho guardando todos os macetes que eles sabiam fazer para que seu jogador corresse os 90 minutos sem pregar, aquele negócio todo que vocês manjam muito bem.⁴¹⁴

Contudo, apesar de ele retomar o discurso propagado pelos críticos que defendiam a aproximação dos métodos de treinos e concepções táticas utilizadas no velho continente, destacou que no mundial de 1970, não foram os selecionados europeus que se destacaram no preparo físico para suportar as partidas. Ao contrário, observou que as equipes mais aptas seriam justamente, as sul-americanas, às quais, mesmo sem dispor dos mesmos recursos e conhecimento

⁴¹³ MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 51, p.2-5, jun. 1970. p. 5.

⁴¹⁴ *Ibid.* p. 3.

científico, investiram na preparação sem descaracterizar, como havia sido premeditado, seu modo singular de praticar futebol.

Então veio a Copa de 70. Veio não. Estamos na dita. E os jogos realizados até agora já deram uma amostra do que está acontecendo. Salvo as chamadas surpresas próprias do futebol, o que estamos vendo é que as equipes Latino-americanas estão dando um **show** de preparação física. Quando eles (os europeus) se encontram, acontece aquilo o que aconteceu no jogo Inglaterra e Romênia: os times terminam as partidas com as mãos nas cadeiras, muito bonequinhas. [...] Já o nosso Brasilzinho, subdesenvolvido, tem terminado os jogos pronto para jogar outro, sem bronca. [...]

Eu, modéstia a parte sempre disse nas entrevistas que dei na televisão e nos jornais que esse negócio todo que estavam falando era conversa fiada. O que nós deveríamos fazer é nos preparar muito bem e deixar os gringos correrem. É aquela história do touro contra o toureiro. Eles são os touros e nós os toureiros.⁴¹⁵

De certa forma, as vitórias no mundial recuperaram os preceitos defendidos por João Saldanha a respeito da capacidade do futebol brasileiro e de seus jogadores. Novamente exaltava-se o brasileiro como grande expoente do chamado “futebol-arte” e reafirmava-se sua tradição no esporte e na memória dos mundiais anteriores. Contudo, o futebol apresentado pelo selecionado nacional não se resumiu a individualidade e inventividade dos jogadores, mas também à organização coletiva e condicionamento físico privilegiado. Sob a avaliação dos veículos de imprensa investigados, a seleção de 1970 conseguiu aliar a beleza, o espetáculo atribuído ao futebol-arte tradicionalmente brasileiro com a eficiência exigida pela “modernização” do jogo.

Na última partida das oitavas, o Brasil enfrentou o adversário supostamente mais fraco do grupo, a Romênia. Mais relaxado do que nos jogos anteriores, com a classificação praticamente assegurada, a equipe disputava sua permanência na cidade de Guadalajara, caso garantisse a primeira colocação do grupo. Surpreendentemente, devido aos êxitos nas partidas anteriores, o jogo foi bastante difícil. A Romênia soube explorar algumas das deficiências defensivas da seleção e marcou o gol no final de cada tempo. Ainda assim, o resultado final foi favorável aos brasileiros: 3 x 2, com dois gols Pelé e um de Jair.

A inesperada dificuldade contra os romenos também repercutiu nos artigos publicados pelas revistas observadas. *Placar* tratou do confronto na reportagem “As lições que a Romênia deu” e destacou as dificuldades apresentadas durante a

⁴¹⁵ MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 51, p.2-5, jun. 1970. p. 3.

partida, sobretudo na organização defensiva e nas intervenções do goleiro Félix. Também avaliou que a seleção não devia subestimar os adversários, como atestou a segunda “lição” extraída do jogo: “aqueles que já julgavam o Brasil campeão, viram que não está tão fácil assim”⁴¹⁶.

Já a *O Cruzeiro* enfocou o confronto na reportagem “A mais dura batalha da oitavas”. Geraldo Romualdo atribuiria a dificuldade da partida a violência dos adversários, a complacência da arbitragem e aos erros no setor defensivo. O autor assinala a importância de Gérson e Rivelino para a organização do escrete, além de evidenciar o ataque como principal arma da seleção ao longo do mundial.

Na sequência da competição, pelas quartas de final, ao iniciar a fase de partidas eliminatórias, o Brasil enfrentou seu primeiro adversário sul-americano: a seleção peruana. Sob comando do ex-jogador Didi, bicampeão pelo Brasil em 58 e 62, o Peru acabou derrotado pelo placar de 4 x 2, despedindo-se da competição.

O jogo foi considerado fácil por grande parte dos comentaristas. As reportagens observadas sobre a partida enfocavam o domínio por parte da seleção brasileira. Novamente o setor ofensivo foi ressaltado, com destaque para um jogador em especial: Tostão. A revista *Manchete*, por exemplo, em sua fotoreportagem sobre o jogo, apontou o cruzeirense como principal personagem, tanto nas grandes fotos coloridas quanto no texto e título do artigo: “A vez de Tostão”⁴¹⁷.

⁴¹⁶ As lições que a Romênia deu. **Placar**, São Paulo, n. 14, p. 28-29, jun. 1970. p.29.

⁴¹⁷ BIANCHI, N.; NEVES, J.; ABRUNHOSA, O. A vez de Tostão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 949, p. 4-15, jun. 1970.



FIGURA 42 – A vez de Tostão

FONTE: BIANCHI, N. A vez de Tostão. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 949, p.4-15, jun. 1970. p. 4-5

Desde o início da competição, Tostão havia se tornado uma das referências da equipe, porém, até o momento ainda não havia conseguido marcar gols. Contra o Peru, finalmente voltou às redes, duas vezes. O bom desempenho foi encarado como uma prova definitiva da capacidade do atacante, sobretudo depois do conturbado processo de preparação para o mundial, marcado pela grave lesão no globo ocular e a recorrente dúvida em torno de sua escalação, a partir da chegada de Zagalo. *Placar*, um dos defensores de sua presença no escrete, guardou um espaço específico para debater o desempenho de Tostão.

Tostão, a “Maravilha Branca”

E agora? Antes da Copa, havia quem dissesse que Tostão e Pelé não podiam jogar juntos. Não era uma tomada de posição contra Pelé, que a este poucos ousam atingir. Era contra o mais fraco: Tostão, o moço que então fazia um comovente esforço, com a compreensão de João Saldanha, para provar que, depois do deslocamento da retina, não estava acabado. Era uma atitude covarde, que foi encampada pelo próprio Zagalo. Ele não só barrou a Maravilha Branca porque a opinião pública impediu. E Tostão mostrou que tinha de entrar: abriu espaços para Pelé, Jair e Rivelino, deu passes geniais. Quando marcou os gols contra o Peru, o destino fez um desagravo ao grande injustiçado da Seleção.⁴¹⁸

Além de lembrar o “drama” vivido pelo atacante durante os meses anteriores ao mundial, é interessante observar a crítica tecida pela publicação. Paralelamente às qualidades do jogador, o discurso ressalta a pressão exercida pela opinião pública como um dos aspectos fundamentais para consolidar seu retorno à

⁴¹⁸ O jogo da emoção. **Placar**, São Paulo, n.14, p. 4-5, jun. 1970. p. 4.

equipe, contrariando, inclusive, os desejos do atual treinador. Mesmo em plena Copa do Mundo e contando com uma boa sequência da equipe, ainda permaneciam algumas dúvidas quanto à substituição de Saldanha e à competência de Zagalo no comando da equipe.

Após a vitória sobre o Peru, a seleção direcionou suas atenções para a semifinal. O adversário seria um dos grandes rivais regionais do Brasil no futebol: o Uruguai. Alimentada pela memória construída sobre o esporte nacional, a partida adquiriu uma carga simbólica ainda maior. O confronto não só colocou dois postulantes ao tricampeonato frente a frente na disputa por uma vaga na final, mas também citou-o como mais uma das inúmeras possibilidades de desforra contra os uruguaios após a decisão da Copa de 1950. Para incrementar o impacto emocional, foi a primeira vez, desde a fatídica final de 16 de julho, que os êmulos sul-americanos voltariam a se enfrentar em um mundial. Desta vez com o Brasil detendo também o título de (bi)campeão.

Perante o significativo encargo simbólico, o jogo angariou expressiva atenção da imprensa, tanto antes quanto depois de sua realização. O comentário final da revista *O Cruzeiro* sobre a partida contra o Peru, já evidenciava a ansiedade, bem como a grande carga emocional diante do próximo confronto.

Vencida a etapa das quartas de final, as atenções do torcedor brasileiro se voltaram para a semifinal contra o Uruguai, que, vinte anos depois, tem um sabor de vingança. Em disputa da taça Jules Rimet, o Brasil teve um único confronto com a seleção uruguaia, dia 16 de julho de 1950, que ficou na memória das 200 mil pessoas presentes no Maracanã e dos milhões que acompanharam o jogo de casa, pelo rádio, como a maior decepção do nosso futebol. [...]

[...] Nesse intervalo de vinte anos, o futebol brasileiro evoluiu e conquistou duas vezes o campeonato mundial, credenciando-se a disputar (com Uruguai e Itália), a posse definitiva da Taça, o que só não conseguiria segundo Didi, 'se do meio campo para frente a amnésia não deixar Gérson, Rivelino, Pelé, Tostão e Jairzinho fazerem o que todos outros ignoram'.⁴¹⁹

Como era de se esperar, a memória sobre a Copa de 1950 foi constantemente retomada nos artigos que abordaram o confronto. O reencontro com os uruguaios, em uma partida decisiva de mundial, mobilizou a atenção tanto da torcida quanto da imprensa sobre a expectativa de efetivar “uma vingança de

⁴¹⁹ ROMUALDO, G. Uma vitória fácil. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 26, p. 18- 25, jun. 1970. p. 22.

1950”⁴²⁰. No entanto, o bom desempenho da equipe, até então no mundial, contribuía para que o clima antes do confronto fosse de um relativo otimismo. Armando Marques, ao analisar as equipes classificadas para as semifinais em sua coluna n’*O Pasquim*, comentou o seguinte sobre o embate contra o selecionado uruguaio.

Dos quatro finalistas nenhum tem o meio-de-campo e o ataque do Brasil. Só perdemos esta Copa com muito azar – aqueles castigos muito comuns que acontecem no futebol brasileiro. Uma vitória do Uruguai sobre o Brasil equivale a uma vitória do Olaria – que me desculpem os olarienses – contra o Vasco – contra o Vasco não que o Vasco não anda bem – contra o Flamengo.⁴²¹

Apesar de ressaltar a superioridade da equipe brasileira, o autor não recorreu diretamente à memória de 1950 para tratar do confronto. Ainda assim, a menção ao “azar” brasileiro em mundiais pôde ser interpretada como uma sutil referência ao episódio icônico, bem como ao célebre “complexo de vira-latas” enunciado por Nelson Rodrigues – “aqueles castigos muito comuns que acontecem no futebol brasileiro”. De qualquer modo, *O Pasquim* diferiu das demais publicações investigadas, uma vez que não publicaria um artigo específico sobre o confronto ⁴²².

A partida começou mais complicada do que o previsto. Antes dos vinte minutos, a equipe uruguaia abriu o marcador. O Brasil ficou atrás durante quase todo o primeiro tempo e só conseguiu a igualdade aos 45 minutos, com Clodoaldo. Na segunda etapa, mais dois gols, ambos brasileiros, com Jairzinho e Rivelino. No final vitória por 3x1 e classificação assegurada para a decisão.

Entre os veículos de imprensa analisados, *Placar* repercutiu de forma mais contundente o resultado da partida. O jogo ocorrera dia 17 de junho, e dois dias depois, 19, a editora Abril lançou uma edição extra da publicação esportiva que abordava exclusivamente o confronto. A capa já ditava a tônica do exemplar (figura 43). Duas fotos em preto e branco estampavam os gols de Clodoaldo, do empate, e

⁴²⁰ Uruguai, a queda da celeste. **Manchete**, Rio de Janeiro, n. especial, p.14-20, jul. 1970. p.15.

⁴²¹ MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 52, p. 6-7, jun. 1970. p. 7.

⁴²² Durante o artigo da mesma edição, Armando Marques culpava a periodicidade da publicação por não poder comentar sobre o jogo: “É muito chato o PASQUIM sair na quinta-feira Eu queria mesmo era escrever sobre o jogo Brasil e Uruguai, mas não dá tempo, de maneira que eu fico com o jogo contra o Peru [...]”. *Ibid.* p. 6.

o de Rivelino, o último já nos minutos finais da partida. Acima das imagens, a seguinte chamada: “México, 17 de junho: Brasil liquida o Uruguai. VINGANÇA!”.



FIGURA 43 – Capa e contracapa da edição extra de Placar
 FONTE: **Placar**, São Paulo, n. 14-a, jun. 1970.

A própria estrutura do exemplar exemplificou a constante relação com a memória sobre a Copa de 1950. De forma geral, a revista poderia ser dividida em dois blocos de artigos. O primeiro, mais curto, intitulado “A Vitória” (figura 44), abordou o jogo válido pelas semifinais no México. O segundo, “A Derrota” (figura 45), relembrou a final disputada no Maracanã. Além das reportagens sobre as partidas, também foram destacados alguns personagens: Juan Lopez, treinador do Uruguai em 1950 e integrante da delegação em 1970; Flavio Costa, técnico do Brasil em 1950; Zizinho, meio campista da seleção brasileira; e Obdúlio Varela, capitão da celeste, considerado como um dos símbolos da conquista uruguaia.



FIGURA 44 – A vitória
FONTE: Placar, São Paulo, n. 14-a, p.3, jun. 1970.

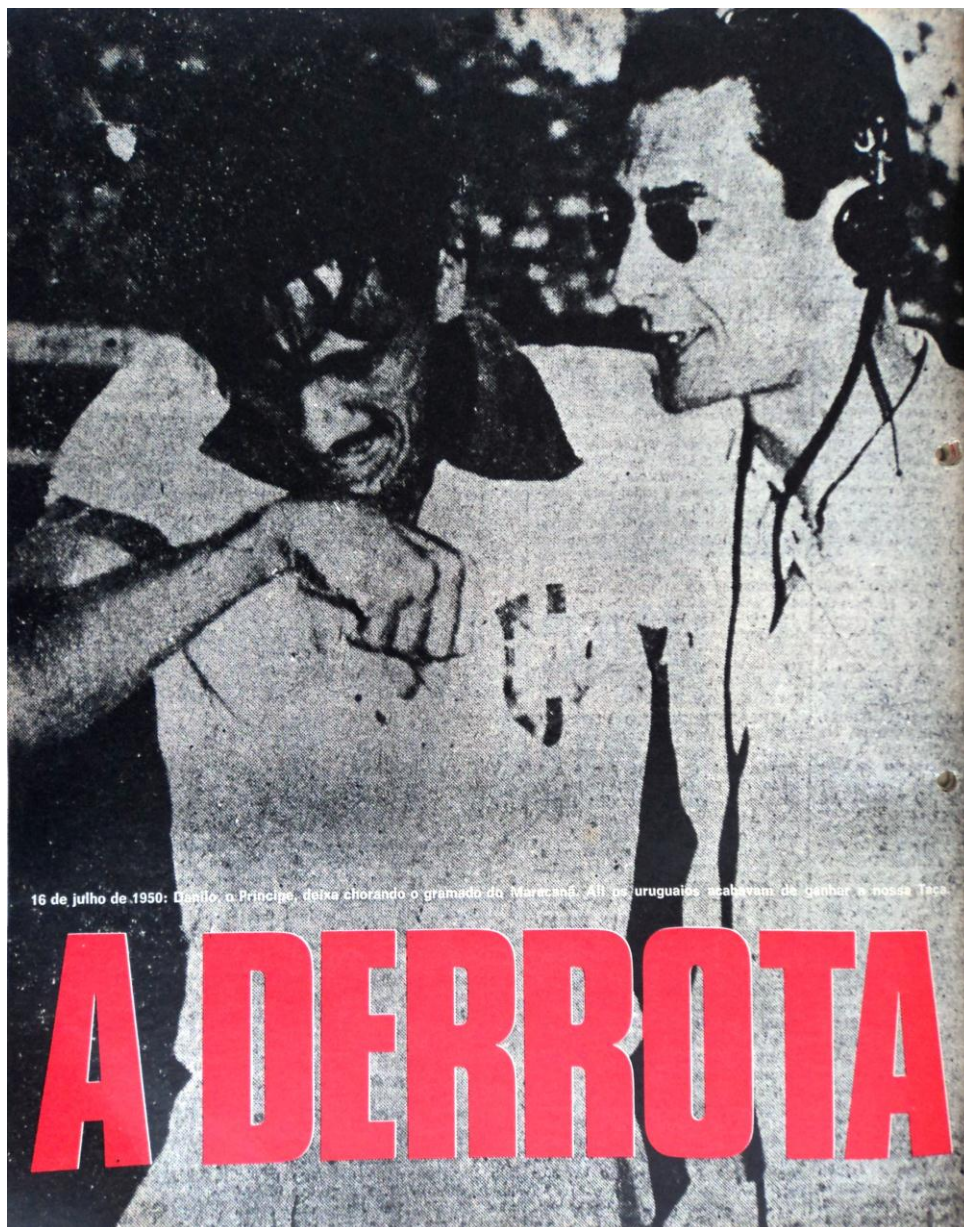


FIGURA 45 – A derrota

FONTE: **Placar**, São Paulo, n. 14-a, p.8, jun. 1970.

Durante a matéria sobre o confronto no México, a construção narrativa correlacionou constantemente os lances e o desenrolar da partida à memória construída sobre o jogo no Rio de Janeiro. O confronto entre brasileiros e uruguaios foi mediado pela tradição atribuída aos dois países no esporte, tanto com relação aos seus estilos característicos de jogo, quanto ao embate rememorado entre as duas equipes.

Eram vinte homens diferentes, vinte anos distantes de uma história que boa parte dos brasileiros só conhece pelo que contam velhos jornais. E tudo parecia tão recente. A história iria repetir-se? À mente de cada brasileiro –

percebia-se à distância – parecia estar ligada uma máquina do tempo, vivendo um acontecimento que não viram. [...]

A garra, a malícia, a catimba. A defesa trancada, dez homens sempre dispostos a jogar em seu campo. A paciência de se ver sempre atacando sem se desesperar. A violência quando necessária – e ela o foi muitas vezes.

A sensação de que a história de repetiria aumentou aos 18 minutos, quando Félix falhou e Cubilla fez o Estádio Jalisco parecer o Maracanã. Um chute fraco, sem muito ângulo: Uruguai 1 a 0. Mas o autor da história ainda não lhe colocara o ponto final. O livro ainda não fora levado de volta à estante.⁴²³

A virada do Brasil sobre o Uruguai foi retratada como um novo capítulo no confronto entre as duas seleções. O drama imposto à narrativa reafirmou o impacto simbólico que a derrota de 1950 ainda exercia sobre a memória do futebol nacional. Mais do que a conquista da vaga para a grande final da competição no México, exaltava a vitória sobre os uruguaios, como se os jogadores estivessem “reescrevendo a história”.

Os uruguaios não se conformam em que a história seja reescrita, tentam de tudo – até e principalmente a violência – para que o infinito seja sempre azul, sempre celeste. Mas no céu de Guadalajara brilha forte um sol amarelo. [...]

Faltam três minutos – e tudo é sofrimento nas arquibancadas de Jalisco. Pelé domina a bola, parte para a área, dança na frente de Ubiñas, dá para Rivelino: é gol, gol do Brasil.

O autor já não tem dúvidas de que deve respeitar a poeira que guarda uma história de vinte anos. Os homens são outros, a história não pode ser a mesma de vinte anos, são três gols contra apenas um, tostão afinal provou que o infinito tem fim.

O autor afinal encontra um título para o novo livro: Os Onze Heróis de Jalisco.⁴²⁴

Mais do que a atual campanha da seleção no mundial, a edição extra de *Placar* debruçou-se sobre a memória construída sobre o futebol brasileiro. Rememorar a derrota sofrida em 1950 não só enalteceu o atual confronto como redefiniu a tradição nacional no esporte. Ao relacionar ambos os jogos, desenvolveu-se um processo de enquadramento e atribuiu-se novo significado à vitória no México. Ao invés de derrotar um adversário considerado, naquele momento, inferior tecnicamente, a seleção superou um rival histórico enaltecido por seus êxitos procedentes.

A edição seguinte da revista esportiva, publicada depois da grande final, também publicou artigos sobre o jogo contra o Uruguai. O primeiro promoveu o

⁴²³ O jogo da emoção. *Placar*, São Paulo, n.14-A, p. 4-5, jun. 1970. p. 4.

⁴²⁴ *Ibid.* p. 5.

encontro de dois dos personagens da final em 1950, o goleiro Barbosa e atacante Ghiggia, por ocasião dos 20 anos do confronto. O artigo sobre o jogo, intitulado “O ódio, a raiva, os gols, o chôro”, foi antecedido por algumas fotos coloridas da partida. O texto, novamente, ligou a vitória brasileira a uma espécie de vingança, como se a semifinal em 1970 fosse o suficiente para retificar a desilusão na memória esportiva nacional.

Esta partida não foi uma semifinal de Copa do Mundo. Na tarde de sol de Guadalajara, dia 17 de junho brasileiros e uruguaios tinham um velho ajuste de contas a fazer, desde o “Maracanazo” de outra tarde de sol, o dia 16 de julho de 1950, quando a Celeste, sob o comando de um homem-mito, *El Negro* Obdúlio Varela, arrebatou a Taça Jules Rimet que os brasileiros tinham como sua. A sombra dos 2 a 1 da final da Copa de 50 se projetava sobre o Estádio Jalisco. Para os brasileiros, não importava que depois de 50 tivessem vencido os uruguaios sete vezes e perdido apenas três nas catorze partidas que disputaram (quatro terminaram empatadas). Nenhuma vitória nem mesmo a goleada de 4 a 0 no último jogo pela Copa Rio Branco, no Rio, em 1968, aplacara o velho desejo de vingança. Vinte anos depois, cicatrizava a ferida de nossa derrota mais amarga. Foi o dia do “Guadalajarazo”.⁴²⁵

Vingança, ninguém negava a vontade de se vingar. A vitória não seria a lavagem da alma. Seria como riscar do livro do futebol brasileiro uma página negra.⁴²⁶

A tirinha de Henfil também reproduziu o embate entre a memória e a tradição dos dois países no futebol.

⁴²⁵ O ódio, a raiva, os gols, o chôro. **Placar**, São Paulo, n.15, p. 36-39, jun. 1970. p. 36.

⁴²⁶ *Ibid.* p. 38.



FIGURA 46 – Brasil 70 3 x 1 Uruguai 50

Fonte: HENFIL. Brasil 70 3 x 1 Uruguai 50. Placar, São Paulo, n. 15, p. 35, jun. 1970

Tão representativo quanto os desenhos, o título “Brasil 70 3 x 1 Uruguai 50” reproduziu a garra e a “raça” atribuída aos uruguaios e a habilidade creditada aos jogadores brasileiros. Na perspectiva apresentada pelo cartunista, em concordância com o enfoque proporcionado pela revista, a seleção não enfrentava, somente, mais um adversário no caminho para o tricampeonato, mas a própria memória articulada sobre o futebol brasileiro.

O *Cruzeiro* também adotou postura semelhante. A edição que tratou sobre o jogo foi a mesma que abordou a vitória na final. Embora o grande destaque, inclusive na Capa, fosse a conquista do tricampeonato, a partida contra o Uruguai recebeu um relevo especial. Logo no início, a revista veiculou uma foto (figura 47) de

Tostão e Jair comemorando o segundo gol brasileiro na partida, o qual assinalou a virada no marcador, acompanhada da seguinte legenda:

“Vinte anos depois, a vingança da torcida brasileira. A emoção de Jairzinho, chorando abraçado por Tostão, após conquistar o 2º gol brasileiro contra o Uruguai, foi a síntese do sentimento que, naquele instante, tomou o Brasil, afinal curado do 1950”.⁴²⁷



FIGURA 47 – Vinte anos depois, a vingança da torcida brasileira
 FONTE: **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 26, p. 3, jun. 1970.

Na sequência, ao iniciar os artigos da edição, foi veiculada uma fotoreportagem em cores, intitulada “A vez do Uruguai”. Mais sutil que as matérias publicadas pela *Placar*, a reportagem privilegiou os comentários sobre a semifinal sem recorrer diretamente à memória sobre 1950. É interessante constar que enquanto esta matéria mostrou imagens coloridas, os artigos que comentavam a final, possuíam somente fotos em preto e branco.

O título seria decidido contra a Itália. Assim como brasileiros e uruguaios, os italianos também eram bicampeões e recorriam à posse definitiva da taça Jules Rimet. O Brasil saiu na frente, com Pelé, logo aos 17 minutos. Ainda no primeiro tempo, Bonisegna empatou. Depois do intervalo, a seleção brasileira dominou o

⁴²⁷ **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 26, p. 3, jun. 1970.

jogo, fez mais três gols: Gérson aos 20, Jairzinho aos 26 e Carlos Alberto marcou o último aos 43 minutos, já nos últimos instantes da partida. Após o apito final do árbitro alemão Rudi Glockner, iniciou-se uma grande invasão no gramado. Começavam os festejos pela conquista do tricampeonato mundial.

As revistas averiguadas noticiaram o título como uma vitória veemente. Exaltaram os jogadores, a comissão técnica, o longo trabalho de preparação, treinos físicos e aclimatação, o êxtase popular nas ruas durante as comemorações. Mas, o tricampeonato, essencialmente, representou a afirmação da tradição do futebol brasileiro, motivo de orgulho e identificação nacionais.

5. Prorrogação: manifestações e representações políticas sobre a conquista nacional

“O caneco é nosso”. Com esta chamada estampando a capa, a revista *O Cruzeiro* n. 27, de 30 de junho de 1970, anunciava a última vitória do principal esporte nacional (figura 48). Para a publicação, “o caneco”, homônimo popularesco para o troféu das competições de Copa do Mundo, até então a taça Jules Rimet, simbolizava mais do que a simples vitória esportiva, mas um verdadeiro triunfo nacional.

Durante o ano de 1970 o mundial do México tornou-se um dos assuntos mais debatidos no país, e a seleção eleita como legítima representante brasileira nesta empreitada esportiva. Sob as leituras que relacionavam esporte e nação, vencer a Copa não significava somente a conquista de mais um torneio, mas simbolizava o sucesso nacional diante de adversários estrangeiros, ao menos no futebol.

Terminada a competição, os veículos de comunicação formularam análises variadas sobre o desempenho brasileiro no campeonato. Simultaneamente eram enaltecidas as qualidades dos jogadores e o planejamento da Comissão Técnica. Contudo, o que prevalecia era a comoção popular, acompanhada de perto pela imprensa. Passados os fogos da vitória, o cenário político social do país retornava à pauta principal. Os artigos imediatamente subsequentes ao mundial (anteriormente preocupados com aspectos de ordem física, técnica e tática) passaram a discutir a repercussão do tricampeonato no contexto sócio-político nacionais.

Neste processo, foram retomadas memórias do esporte que operaram na construção de uma espécie de tradição brasileira no futebol, a qual se aproximou ou se distanciou da campanha do tricampeonato de acordo com cada construção narrativa. Essa tradição, elenca elementos simbólicos que vinculam o futebol à constituição de uma identidade nacional, gradativamente incorporada como uma das principais possibilidades de representação cultural do país⁴²⁸. Como destaca Gastaldo: “O futebol no Brasil pode ser considerado uma das manifestações

⁴²⁸ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

culturais mais importantes na constituição da cultura brasileira contemporânea, juntamente com o carnaval e as chamadas religiões afro-brasileiras⁴²⁹.

A aproximação entre o campo político e o esportivo se desenvolve justamente a partir das representações culturais articuladas sobre o futebol no país. Transforma-se em objeto de interesse político ao mobilizar a atenção popular e contribuir para a articulação de identidades, além de desencadear manifestações passionais que valorizam o sentimento de pertença e orgulho nacionais.

5.1. Paixão e tradição: a exaltação imediata do tricampeonato

Dezoito minutos: Pelé salta com Rosato e cabeceia para as redes de Albertosi. Euforia no Estádio Asteca e em todo o Brasil. Mas a nossa seleção não se firmou ainda. O toque de bola é nervoso e há insegurança na defesa, gerando angústias. Os italianos acabam empatando, por excesso de classe de Clodoaldo, que tentou entregar uma bola de calcanhar. No segundo tempo, o quadro corre mais em campo e coordena melhor as jogadas. Aos 22 minutos, a canhota de Gérson devolve ao Brasil a liderança no placar. Cinco minutos depois, um passe genial de Pelé para Jairzinho e o Brasil dispara: 3 x 1. O delírio é total e a desforra de 1938 completa a de 1950 contra o Uruguai. Aos 42 minutos, Pelé, extremamente calmo, genial, deu um toque para o lado. O chute de Carlos Alberto foi eletrônico. A Jules Rimet era nossa. Nas TVs do mundo inteiro apareceu uma legenda: **Champion of the World: Brazil.**⁴³⁰

Com essa chamada, a revista *Manchete* destacava a vitória do escrete nacional em uma das infindáveis edições especiais subsequentes ao título. Os 4 x 1 da final consolidaram o momento excepcional do futebol brasileiro. Momento esse, acompanhado de perto por um vasto aparelho midiático (com transmissões via rádio e pela televisão, além da ampla cobertura realizada por diversos jornais e revistas de diferentes partes do globo). Como não poderia deixar de ser, a partida contra a Itália e o sucesso da seleção no mundial do México ocuparam espaço significativo nas páginas dos veículos de imprensa nacionais. A repercussão da vitória estampou as capas de revistas, manchetes de jornais, e um grande número de artigos. Foram, justamente, os veículos de comunicação os responsáveis por transpor os acontecimentos em campo à população. Do mesmo modo, redigiram narrativas

⁴²⁹ GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002. p. 23.

⁴³⁰ O caneco é nosso. **Manchete**: edição sonora, Rio de Janeiro, s/n, p. 6-7, jul. 1970. p. 7.

próprias sobre o evento, articulando discursos singulares passíveis de serem interiorizados, reproduzidos ou reelaborados socialmente.

O *Cruzeiro*, *Placar*, *Manchete* e *O Pasquim* também dedicaram significativo espaço à conquista do mundial. As capas de *Manchete*, *Placar* e *O Cruzeiro* (figura 48) trataram a conquista do título como motivo principal das edições referentes à final. O jogo decisivo ficou até mesmo em segundo plano em algumas ocasiões. O destaque principal era o tricampeonato mundial e simbolizava o êxito da seleção e do futebol brasileiro.



FIGURA 48 – Capas de *Placar* e *O Cruzeiro* sobre o tricampeonato
 FONTE: ZIRALDO. Ziraldo e o tri Fradinho. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 53, p. 6-7, jun. 1970. p. 6.

Entre as publicações observadas, a primeira a abordar a decisão foi o periódico semanal alternativo *O Pasquim*, no dia 25 de junho. O primeiro artigo da edição foi assinado pelo jornalista Fausto Wolff, um dos colaboradores recorrentes do hebdomadário⁴³¹. O autor abordou a decisão sob um ângulo diferente. Ao invés de simplesmente relatar os principais lances, optou por criar uma narrativa retratando o próprio comportamento durante a partida na, suposta, companhia de Millôr Fernandes. Um dos aspectos interessantes, contudo, é que Wolf residia em

⁴³¹ Jornalista retirado na Europa, particularmente na Dinamarca e na Itália, após o recrudescimento da ditadura em 1968. Foi um dos colaboradores recorrentes d'*O Pasquim* em seus primeiros anos, mais tarde, ainda no exílio, integrou a equipe editorial do semanário.

Roma, mantendo uma preocupação constante com a reação dos italianos diante de uma vitória do Brasil. Apesar da perspectiva inusitada, em alguns momentos o jornalista deixou transparecer a significância atribuída ao mundial, bem como a relação passional dos torcedores com o esporte, quando assume o contorno de representante da própria nacionalidade.

Estamos em meu apartamento. Uísques nervosos. Minha mulher, cenógrafa que de Eurípedes entende muito, mas de Pelépidas não manja nada, me disse:

- Meu bem não saia de casa hoje ganhando ou perdendo. Por que esse jogo é um momento histórico. Não tem viagem a Lua que chegue aos pés dessa partida. Não tem terceira guerra mundial que a supere.

Roma, que depois do Rio era a cidade mais barulhenta do mundo, silencia. Pela TV, ouço nosso Hino Nacional. E, surpreendido, me descubro cheio de arrepios. Brasil um a zero. Minha mulher berra em grego. E o meu berro em português para ela também é grego.⁴³²

Alguns elementos, nessa passagem, chamam a atenção para a importância atribuída à decisão. Embora ressalte que sua esposa era presumidamente leiga no tocante ao futebol, Wolff evidencia seu comentário quanto ao significado atribuído à decisão, caracterizando-a como “um momento histórico”. Mesmo alguém não comumente interessado em esporte, reconheceria o impacto simbólico em torno da definição do mundial. Do mesmo modo, as reações emocionadas diante do hino nacional, apesar da situação de exílio do jornalista, e do primeiro gol, reiteram a percepção do futebol, particularmente sob a figura da seleção, como espaço de identificação popular e manifestação da nacionalidade.

O êxito no mundial também fez com que o semanário revisasse alguns posicionamentos adotados com relação à preparação e organização do selecionado, especialmente no tocante às frequentes críticas à capacidade de Zagalo para conduzir a equipe. Ao término do artigo assinado por Fausto Wolff, Millôr Fernandes escreveu a seguinte nota.

P.S. do Millôr Fernandes (O Millôr acha importante e desafia vocês a publicarem) – O mínimo que d'O PASQUIM pode fazer a partir deste momento é meter o galho dentro, numa autocrítica feroz, se não este jornal está ferrado. Batam no peito e digam mea culpa e comecem a fazer revisão de todas as besteiras que vocês todos, ou quase vocês todos, disseram sobre a organização do time brasileiro e, principalmente, sobre o técnico Zagalo. Eu não quis dizer nada porque não sou entendido, mas o que li de besteiras foi uma grandeza. (Millôr Fernandes)⁴³³

⁴³² WOLFF, F. Forza Itália. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 2, jun. 1970.

⁴³³ *Id.*

A retratação proposta por Millôr evidenciou o impacto do tricampeonato na análise sobre o período de concentração da seleção. Se antes da competição o conturbado processo de preparação era motivo de assíduas críticas nos veículos de imprensa, entre os quais *O Pasquim*, após o título as dificuldades foram, parcialmente, relevadas. A organização da equipe e o trabalho da Comissão Técnica deixaram de ser motivo de questionamentos para serem exaltados como aspectos importantes ao êxito obtido no México. No próximo número do semanário, as ponderações de Millôr foram respondidas na seção de “Dicas” por Sérgio Cabral, um dos críticos de Zagalo no comando do escrete.

Millôr Fernandes obrigou O PASQUIM a fazer uma autocrítica em relação ao nosso comportamento antes da Copa do Mundo. Segundo ele, nós fomos injustos com a Comissão Técnica e, particularmente com Zagalo. Por causa disso, dei uma olhada na coleção do jornal e o que eu vi foram alguns paus no Zagalo, meus e do Hélio Fernandes, porque ele não queria escalar Tostão ao lado de Pelé. Depois Zagalo escalou Tostão, fazendo, ele mesmo, a tal autocrítica. Portanto, Millôr, você perdeu.⁴³⁴

Embora a revisão proposta por Millôr evidenciasse a atenuação das críticas anteriores ao mundial por parte da imprensa, *O Pasquim* não pôde ser enquadrado precisamente neste cenário. A sua estrutura relativamente libertária, cedendo o espaço para a expressão das opiniões pessoais de cada autor, possibilitou que alguns membros da patota sustentassem o posicionamento adotado antes do início da Copa. Deste modo, Cabral manteve a crítica a Zagalo. Porém, o acerto do técnico em escalar Tostão e fazer uma “autocrítica”, demonstrou uma forma de reconhecimento ao trabalho do treinador (considerado muitas vezes incapaz de dirigir a seleção em alguns dos questionamentos dos membros da revista).

Outro colaborador do alternativo carioca a repercutir a decisão foi o árbitro Armando Marques, enviado especial da publicação ao México. Abrindo seus comentários sobre a conquista do mundial diante dos italianos, o autor iniciou seu artigo com um texto que celebrava o tricampeonato.

Uma chuva injusta castiga a cidade do México neste domingo maravilhoso. Mas as comemorações ignoram a água que cai. A palavra grande será suficiente para traduzir o alcance deste título? Duvido. Soberba, engrandecedora, enaltecadora, sei lá.

⁴³⁴ CABRAL, S. Millôr perdeu. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 39, jul. 1970.

Eu vi gerações de grandes craques. Leônidas da Silva, Domingos da Guia, Ademir, Zizinho, Garrincha e Pelé. O Brasil merece a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. Pela arte do seu futebol, pelos gênios que produz, por jogar e deixar jogar. Porque nós amamos futebol. Que vivam ainda mais, que amem mais ainda. Façam festas, brinquem o carnaval. Aqui no México, o carnaval está comendo nesta madrugada de domingo para segunda.⁴³⁵

Ao destacar elementos como o “futebol-arte” e a qualidade singular dos jogadores, ele retomou elementos devidamente incorporados ao arcabouço simbólico do futebol nacional. Simultaneamente, estabeleceu o vínculo cultural do esporte com os brasileiros, caracterizados como amantes do futebol. Mais do que somente festejar a posse da taça ou destacar as comemorações subsequentes ao título, Marques reiterou a tradição atribuída ao futebol brasileiro e sua identificação passional com a população.

Ao invés de se debruçar sobre os principais momentos ou gols do jogo, o autor preferiu discorrer sobre as qualidades da seleção ao longo do mundial. Exaltou a postura tática de Zagalo à frente do escrete, a progressiva organização defensiva no decorrer da competição e o grande poder ofensivo no ataque. Em sua síntese não deixou de correlacionar a seleção enviada ao México com outras equipes sedimentadas na memória nacional, mais especificamente, comparou o escrete de 1970 com os de 1950, 1958 e 1962.

Do meio para frente a seleção manteve-se em nível ultra-elevado. Em potencia este ataque foi superior aos de 1958 e 1962. O de 1958 fez 15 gols, o de 62 assinalou 14 e o de 70 fez 19 gols em seis partidas. Três picos de média por jogo. Uma seleção que tem um ataque com essa potência não teme sua defesa. Assim mesmo, a defesa não andou muito longe da de 58 e 62. A de 50 deixou passar quatro gols, a de 62 engoliu cinco e esta sete.⁴³⁶

Após estabelecer estes comparativos, Marques dialogou com os leitores sobre o jogo contra a Itália, e se “defendeu” por não apresentar um comentário detalhado da partida.

Eu sei que vocês estão esperando uma análise sobre o jogo Brasil e Itália. Mas não tenho saco. Nem eu nem vocês, que já devem estar cheios de comentários. Como criticar ou analisar um time que esmaga uma seleção poderosa como a italiana no final da Copa? Vocês querem que eu aponte as nossas falhas? Nem sei se houve. Ou não deu pra perceber. Nem mesmo quando eles fizeram um a um gente se assustou. Nem mesmo quando o juiz encerrou o primeiro tempo no instante em que Pelé já se tinha

⁴³⁵ MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 3-6, jun. 1970. p. 3.

⁴³⁶ *Id.*

livrado do meia zaga italiana, dentro da pequena área. Nunca. Nem quando começou a apelação. Começada mas não continuada.⁴³⁷

Novamente o discurso emocionado a propósito do desempenho do selecionado tomaria os comentários do autor. A vitória sobre os adversários europeus por um placar tão dilatado atestou a superioridade da equipe brasileira. Assim como seus méritos, previamente enunciados, na campanha do tricampeonato mundial, em sintonia com os momentos anteriores devidamente rememorados ao longo da redação.

Ziraldo também veiculou algumas charges acerca do título ao longo de duas páginas do semanário (figuras 49 e 50). De maneira geral, as produções enfocaram o tricampeonato e a reação passional dos torcedores. Entre as charges publicadas, duas merecem destaque especial: a primeira, retratava um torcedor descamisado e descalço, ajoelhado no chão árido, fazendo uma menção clara ao problema da seca e da miséria no nordeste (figura 49). Além do contraste entre a alegria do personagem em face de sua precária situação social, a atitude de prece em agradecimento pelo título, quase como uma conquista pessoal (“eu não mereço tanta felicidade”) completam a ironia do quadro; a segunda ressaltou a efusiva comemoração popular, em uma explosão coletiva de emoção pela conquista do título. Ao observar a produção do cartunista, percebe-se que ao mesmo tempo em que Ziraldo tece uma crítica social quanto à importância atribuída ao tricampeonato, ele igualmente corrobora a identificação e mobilização popular, passional e espontânea, em torno da conquista do futebol nacional.

⁴³⁷ MARQUES, A. México urgente. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 3-6, jun. 1970. p. 3.



FIGURA 49 – Ziraldo e o tri

FONTE: ZIRALDO. Ziraldo e o tri Fradinho. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 6-7, jun. 1970. p. 6.



FIGURA 50 – Ziraldo e o tri (Jeremias, o bom)

FONTE: ZIRALDO. Ziraldo e o tri Fradinho. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 53, p. 6-7, jun. 1970. p. 7.

Dia 26 de junho chegou às bancas a edição do semanário esportivo *Placar*, que celebrava o tricampeonato. Antes do artigo sobre a partida contra a Itália, uma imagem em preto e branco ilustrou duas páginas do exemplar. Ao lado direito, a revista imprimiu a ficha com os dados do jogo, sob a legenda “QUE VENHA OUTRO CANECO!”. A fotografia mostrava o momento em que o capitão da equipe brasileira, o lateral direito Carlos Alberto Torres, erguia a taça Jules Rimet diante da torcida presente nas arquibancadas do Estádio Asteca (figura 51).

Em seguida, a revista trazia a reportagem que comentava o jogo. O título novamente ressaltava a conquista definitiva da Jules Rimet pelos brasileiros: “A taça é nossa para sempre”. O início da narrativa destacou a final como um capítulo épico na trajetória do futebol: “Estamos a um passo da eternidade. Dos pés, da inteligência, da garra de onze homens de camisa amarela dependerá chegarmos à glória ou ficarmos um pouco distantes dela”⁴³⁸. O texto segue com o relato emocionado da partida e destacava tanto os eventos em campo quanto a apreensão dos torcedores. Os gols do Brasil eram particularmente evidenciados no decorrer da redação, com a descrição das jogadas em negrito. A conclusão do artigo reafirmava a perspectiva de um momento de glória do futebol nacional, devidamente sedimentado na memória articulada sobre o esporte.

⁴³⁸ A taça é nossa para sempre. **Placar**, São Paulo, n. 15, p. 4-5, jun. 1970. p. 4.

Agora faltam três minutos para colocarmos a mão no caneco. **Rivelino faz um carnaval, driblando cinco Italianos, dá à Jair, Jair a Pelé, Pelé rola na continha para Carlos Alberto - sai uma cacetada na bola, rasteira. Brasil 4 a 1.**

Carlos Alberto acaba de lavar suas mãos para receber, para sempre, essa Taça que ninguém mais vai ter. E o jogo acaba com o campo invadido pela alegria de brasileiros e mexicanos, com Rivelino caído dentro da área, num pênalti que o juiz não deu. Ali estavam juiz e italianos derrotados, para toda a eternidade.⁴³⁹



FIGURA 51 – Que venha outro caneco

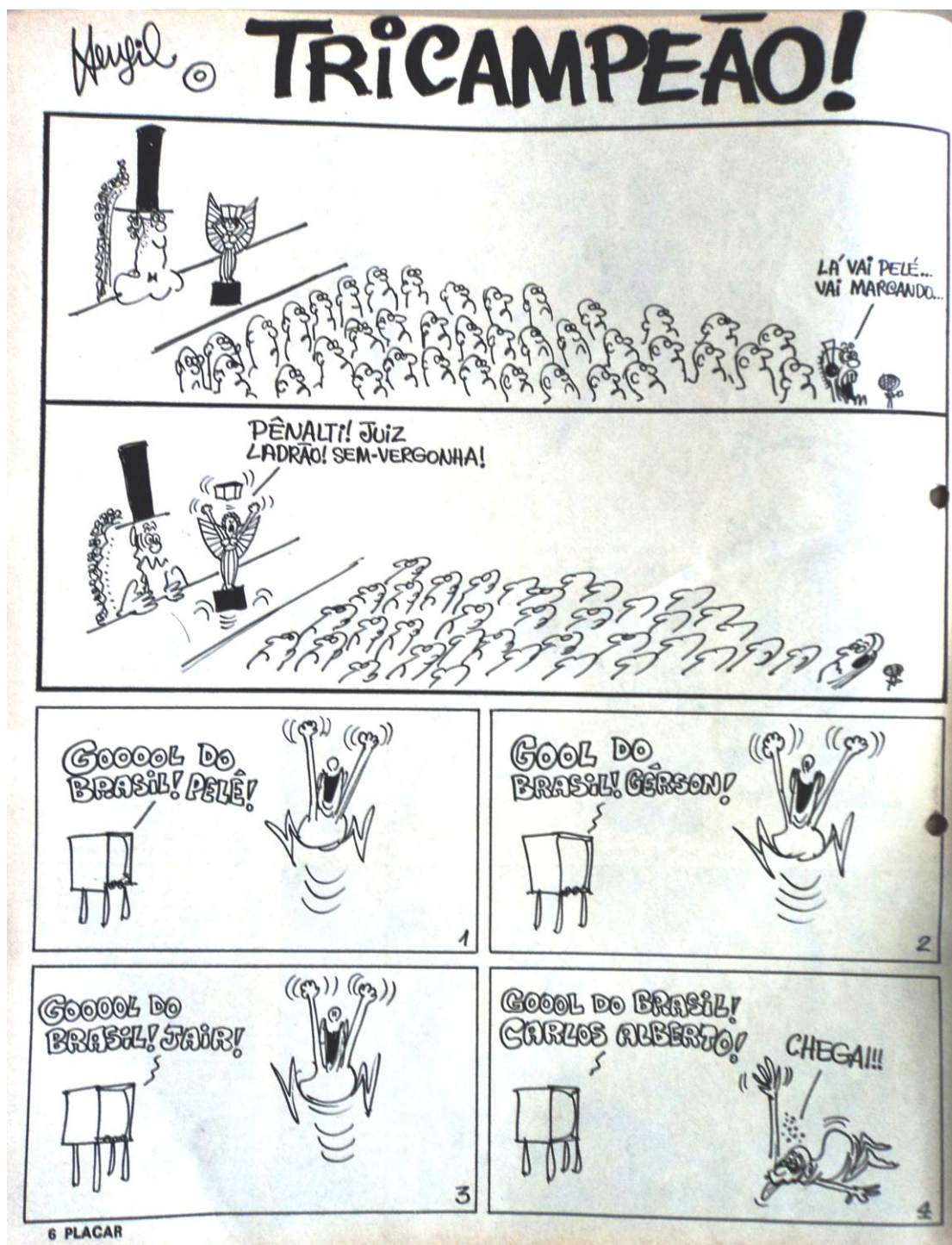
FONTE: Que venha outro caneco. **Placar**, São Paulo, n. 15, p.2-3, jun. 1970.

Após o artigo que relatava a decisão, a revista publicou as tirinhas de Henfil em comemoração ao Tricampeonato. O cartunista enfocava a mobilização da torcida a favor da seleção e a grande quantidade de gols na final (figura 52). É interessante notar como a própria taça Jules Rimet é incorporada como um dos personagens no trabalho do cartunista, algo que se tornaria constante em outras de suas produções que abordavam o esporte⁴⁴⁰. A última tirinha veiculada pelo autor também apontava uma abordagem curiosa a respeito da relação de parte dos torcedores com a seleção, representados a partir do personagem à frente da televisão, o qual cobra permanentemente os jogadores do escrete, mesmo depois destes já terem o título a

⁴³⁹ A taça é nossa para sempre. **Placar**, São Paulo, n. 15, p. 4-5, jun. 1970. p. 5.

⁴⁴⁰ COUTO, E. de F. **Jogo de extremos: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978)**. 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

assegurado. Além de a tira corroborar a seriedade e envolvimento da população diante do mundial de futebol, expressa através das exigências constantes do torcedor sobre seus representantes, também evidencia a importância dos veículos de comunicação para a propagação do Mundial de 1970.



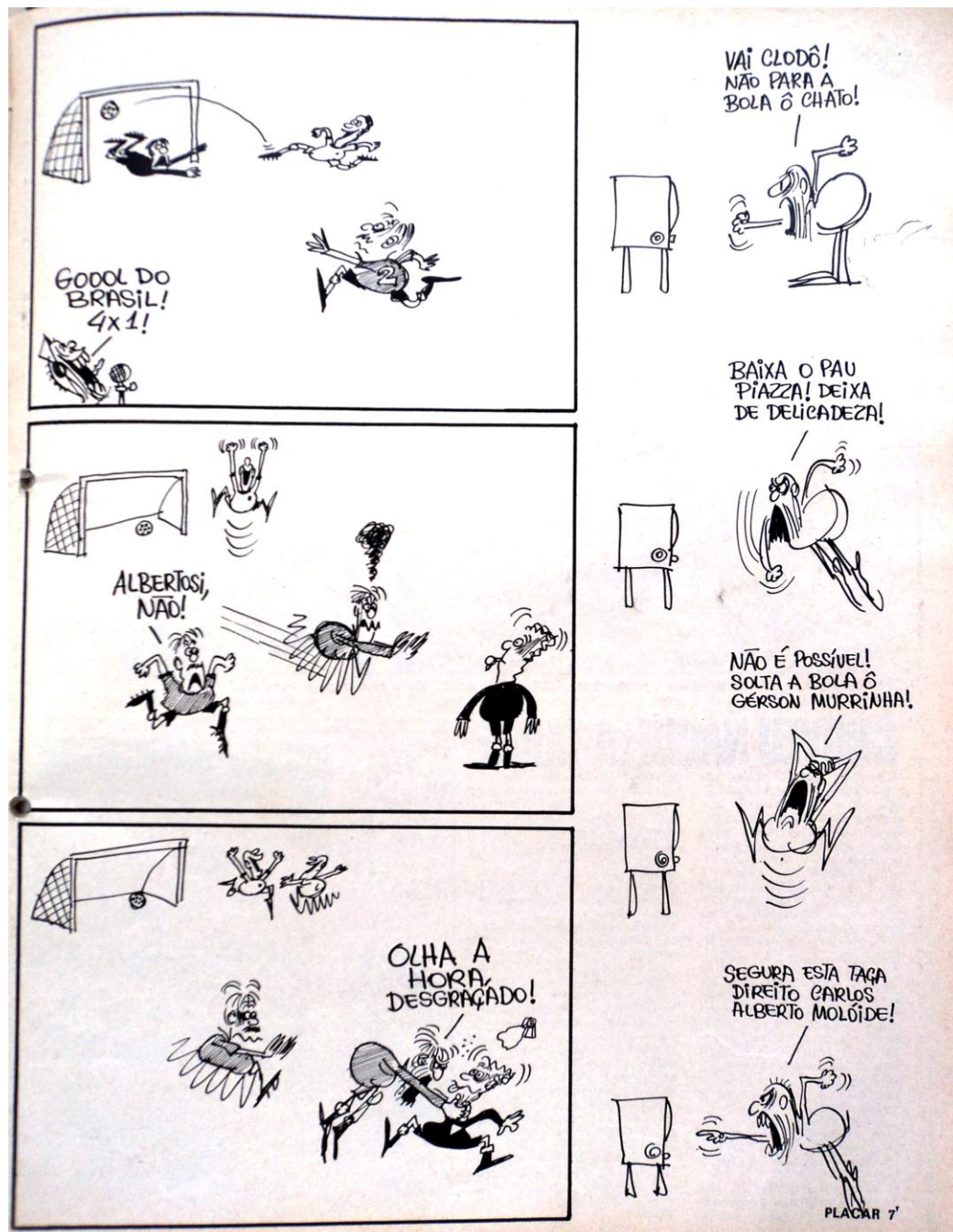


FIGURA 52 – Tricampeão!

FONTE: Henfil. Tricampeão!. **Placar**, São Paulo, n. 15, p. 6-7, jun. 1970.

No decorrer da revista, outras matérias abordaram o desempenho de brasileiros e italianos e completaram os comentários sobre a última partida do mundial. Os demais artigos sobre a Copa passaram a exaltar a campanha da seleção brasileira ao longo da competição. Entre estes, havia uma fotoreportagem de três páginas, sintomática intitulada “Os Heróis”⁴⁴¹, que trazia as fotos de todos os jogadores (titulares e reservas) com os comentários elogiosos à participação

⁴⁴¹ Os heróis. **Placar**, São Paulo, n. 15, p. 12-14, jun. 1970.

individual (com poucas exceções, sobretudo no caso do goleiro Félix) no decorrer do torneio.

OS HERÓIS

Todos esses homens ficaram bem conhecidos pelos mexicanos. Eles formavam a Seleção Brasileira, que a cada noventa minutos de apresentação emocionava o mais frio dos torcedores e surpreendia o mais profundo estudioso de futebol. Todos eles, de Félix a Rivellino, quando entravam em campo se transformavam completamente: eram um só Pelé.

1 — Félix, 32 anos. Foi eleito o jogador mais criticado do Brasil. Pelé que fez um campo e o lugar de duas grandes defesas cubanguês de inglês. Léo e do uruguaio Caballero, não pode ser elogiado, pois comprometeu-se em jogo como o primeiro da Perú e Uruguai. Fora do campo fez tudo para adaptar e confortar os companheiros e conseguiu um bom ambiente de amizade, apesar de alguns jogadores preferirem Aldo ou Léo como titulares.

3 — Piazza, 27 anos. Improvisado como zagueiro da área, mostrou insegurança no jogo contra a Tchecoslováquia. Mas a partir do jogo com a Inglaterra subiu de produção e já contra os uruguaios fez uma partida primorosa, consciente e muito responsável.

4 — Carlos Alberto, 25 anos. Tomou a Copa com uma seriedade impressionante. Cálido de seu preparo, foi um de nossos líderes e mostrou ótimo futebol. Sempre sempre com aplicação, participação de todos os lances. Grande capitão.

6 — Everaldo, 29 anos. Reserva de Dourado. Não a teve 20 minutos, mas no seu pouco antes do primeiro jogo, jogou com muita segurança que parecia continuar no jogo. Não ficou de fora para jogar antes de perder, e contra o Uruguai foi notável. De por essa partida, houve em muitas substituições de campo. Foi de campo, um substituto e sempre muito solicitado.

2 — Brito, 30 anos. Sua situação nesta Copa chegou a ser surpreendente. Quem o conheceu no Vasco ou no Flamengo não poderia imaginar que ele fosse capaz de jogar tão bem como na Seleção. Ao contrário de tudo o que se dizia, entregou-se inteiro ao treinamento. Teve algumas falhas, mas foi o melhor de nossa defesa.

5 — Clodoaldo, 20 anos. Foi um dos melhores jogadores. Cumpriu com integral humildade seu papel. Dar preferência aos zagueiros. Contra os uruguaios falhou no primeiro tempo, mas melhor assim mereceu uma nota, das mais altas.

7 — Jairzinho, 25 anos. Talvez quem mais tenha com a Copa do Mundo. Foi muito combatido, perdeu a lugar para Rogério, recuperou e apareceu como o grande artilheiro do Brasil. Procura inquietar com todo o mundo e acaba como um dos mais ferrenhos dos nossos jogadores. Mostra uma rara incansável.

8 — Gérson, 29 anos. Foi o verdadeiro cérebro do time. De seus gritos, gestos, orientação e, também, de seus passes, muito dependeu a sorte do Brasil. Mostrou que é um grande líder, pois sempre orientava os companheiros, mesmo quando fora do time. Demonstrou muita personalidade e disposição.

10 — Pelé, 29 anos. Foi o maior incentivador da Seleção. Impassível em qualquer situação e quando era substituído nos companheiros o quanto era insatisfeito e marca entre os jogadores. Foi o mais sério em tudo. Foi sempre teve momentos de genialidade que surpreendem o que acreditavam que ele não se importava mais com o futebol. Pelé segue todo isso no México.

12 PLACAR

FIGURA 53 – Heróis
FONTE: Heróis. Placar, São Paulo, n. 15, p. 12-14, jun. 1970. p. 12-13.

OS HERÓIS /continuação

OS RESERVAS, HERÓIS TAMBÉM

A maioria desses onze homens não jogou e passou despercebida dos mexicanos. Mas no banco ou nos treinos os reservas mostravam sua importância. A eles cabia a responsabilidade de substituir o Pelé ou um Tostão.

1 — Adão, 33 anos. Foi a reserva em todos os jogos do Brasil. Treinou com uma dedicação enorme, mostrou um excelente jogo e sempre a primeira linha. Foi sempre muito solicitado.

4 — Joel, 25 anos. Jogador de caráter, enfrentou muitas dificuldades para entrar no time. Mostrou certa diplomacia e não chegou a jogar todo que sabe.

6 — Roberto, 20 anos. Contra o Peru, entrou no lugar de Tostão e fez ótima base. Comportamento exemplar.

10 — Danilo, 24 anos. Brincalhão, desconhecido e pouco usado, sabe o que quer. Nunca se esqueceu de jogar e sempre muito solicitado.

2 — Léo, 30 anos. Cortado e depois reconhecido, era o primeiro para Zagallo: nunca foi repudiado. Um tanto temperamental, tecnicamente e considerado no mesmo plano de Adão e Félix.

5 — Paulo César, 21 anos. Foi um dos mais alegres, sempre cantando músicas. Por isso, ele foi um dos preferidos pelos torcedores mexicanos.

7 — Fátima, 20 anos. Foi uma partida heroica contra a Argentina e foi considerado no banco por Joel.

8 — Marco Antônio, 19 anos. A confiança que mostrou antes de fazer uma partida jogou mal no time e jogou mal.

9 — Edo, 20 anos. Foi dos poucos que não conseguiram se impor. Nunca teve a seriedade que se espera de um jogador de sua classe. Não com a altura da metade da Seleção entrou no time.

3 — Zé Maria, 30 anos. Melhor acreditam que o Brasil teria ganho em segurança definitiva se ele estivesse no time, pois era uma forma notável. Fora do campo, foi sempre um dos mais calados. Disciplina impressionável.

5 — Baldoíno, 24 anos. Artilheiro com Léo. Foi o único que não chegou a fazer um gol. Foi o melhor jogador do Brasil. Foi o primeiro a chegar a condição de titular no jogo contra a Argentina, em Porto Alegre, mas se machucou. Devido a impressão de que acabou, preferiram ter a condição de reserva.

11 — Paulo César, 21 anos. Foi um dos mais alegres, sempre cantando músicas. Por isso, ele foi um dos preferidos pelos torcedores mexicanos.

14 PLACAR

FIGURA 54 – Os reservas, heróis também
FONTE: Heróis. Placar, São Paulo, n. 15, p. 12-14, jun. 1970. p. 12-13.

O discurso propagado pela *Placar* contribuiu para a incorporação da Copa de 1970 como um momento histórico no futebol brasileiro. As narrativas exaltavam a vitória da seleção como a própria afirmação da tradição construída sobre o esporte no país. A conquista da Taça Jules Rimet e o tricampeonato, os adversários superados ao longo do torneio (Inglaterra, última campeã; Uruguai, bicampeão e antagonista histórico; Itália bicampeã e postulante a posse definitiva da taça), a campanha com vitórias em todos os jogos reforçaram os aspectos simbólicos articulados em torno da significância da Copa do México para o esporte brasileiro.

A edição de *O Cruzeiro* do dia 30 de junho, também destacou a celebração do tricampeonato. Conforme o observado anteriormente, a Taça Jules Rimet estampou a capa do exemplar (figura 48). Junto à imagem, a chamada “O caneco é nosso” denotava o discurso sobre o título esportivo como uma conquista coletiva nacional. Já no sumário, uma foto de Pelé denunciava o conteúdo privilegiado pela edição. A imagem em questão mostrava o atacante sem camisa, com um típico sombreiro sobre a cabeça e sendo carregado nos braços dos torcedores que invadiram o gramado (figura 55). Na base da imagem, a legenda enaltecia o camisa dez como um dos grandes personagens do mundial: “Pelé correu, atacou, defendeu, caiu e xingou como nunca. Os mexicanos consagraram o deus negro do futebol no Estádio Asteca em sua última Copa do Mundo”.



FIGURA 55 – Pelé no sumário de *O Cruzeiro*
FONTE: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 27, p. 19, jun. 1970.

Na fotoreportagem “A conquista definitiva”, Geraldo Romualdo retrataria o êxito na competição como símbolo da manifestação e comunhão patriótica em torno da seleção. Assim como destacou o título do artigo, a Taça constituiu o símbolo principal, não só da vitória do México, mas da auto proclamada superioridade do Brasil no futebol. As duas fotografias que abriam a reportagem mostravam, respectivamente, Pelé e Carlos Alberto portando a Jules Rimet. O atacante levantava o troféu em meio aos torcedores e jornalistas que invadiram o campo, enquanto o capitão elevava a Taça logo após a cerimônia de entrega, supostamente repetindo o gesto dos capitães Belini e Mauro, em 1958 e 1962 (figura 56):

Nas mãos do Capitão Carlos Alberto, que a ergueu no gesto clássico que antes consagrou Belini e Mauro, e de Pelé, que com ela desfilou no Estádio Azteca sobre os ombros de jornalistas e torcedores brasileiros, a Jules Rimet ficou melhor. Ficou com aqueles que foram os melhores nos quarenta anos de história da disputa da pequena taça de quatro quilos de ouro maciço, 1,800 kg de ouro fino, esculpida pelo francês Abel Lafleur, na qual três vezes inscrito fica o nome do Brasil, seu dono.⁴⁴²



FIGURA 56 – A conquista definitiva

FONTE: SILVA, G. R. da. A conquista definitiva, **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 20-21.

Segundo a leitura de Romualdo, a conquista da Jules Rimet representou um marco no futebol nacional. A Copa do México consolidou a posição do Brasil como

⁴⁴² SILVA, G. R da. A conquista definitiva. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 21.

principal expoente no esporte e a trajetória da seleção na competição, superando tabus e dúvidas enraizadas na memória do futebol nacional, reforçou essa percepção.

Só faltava dobrar o orgulho da Itália para que a Taça Jules Rimet passasse para as nossas mãos. Ela passou e forma cristalina, calçada por uma exibição inesquecível. O primeiro tabu a morrer no México foi a cisma de que a Taça seria eterna. Provamos que não. O segundo foi a pujança com que vencemos o Uruguai, cobrando uma dívida injusta que vinha rendendo pesados juros há vinte anos. O terceiro foi mostrar a própria Itália que seu 2 x 1 de Marselha, em 1938, deveria entrar na conta dos episódios acidentais, que se superam com o tempo, na medida em que a experiência se soma à organização. Antes da epopéia de 1958, o Brasil não chegava a ser um país amargurado pela frustração de duas finais de Copa do mundo. Tanto não era que o nosso maior estádio – o Maracanã – continuou sendo o mais empolgante centro de gravitação popular. [...].Torrente incontrolável de emoções, o futebol brasileiro se conservará intangível, assim como o melhor basquetebol americano tornou-se insuperável nos grandes torneios olímpicos.⁴⁴³

As vitórias do Brasil contra alguns adversários considerados de forma diferenciada adquiriram uma conotação peculiar por simbolizar o encerramento de alguns dos traumas produzidos ao longo da trajetória do futebol brasileiro em mundiais (na prática, algumas dessas feridas continuariam abertas, como a célebre final de 1950, no Maracanã). O marco do tricampeonato adquiriu relevância justamente por ser tributário da memória e da tradição construídas sobre o esporte no país. Um processo de enquadramento, no qual o desempenho nos mundiais ocupou função narrativa fundamental. Pelé, ícone presente nos últimos quatro torneios desse nível, foi descrito pelo autor como personagem ímpar e fundamental da seleção de 1970, edificada sobre bases diferentes do que suas antecessoras.

A seleção brasileira que triunfou em Guadalajara e na cidade do México a rigor não foi uma seleção de gênios indivisíveis, como a de 1958 e 1962. Naquela época, os gênios podiam se dar ao luxo de ser gênios. Desta vez não. Pelé, o gênio dos gênios, estava fechando a cortina de sua carreira luminosa. Os outros eram jovens principiantes, ainda indecisos principiantes que precisavam de sua ajuda, de seu conselho, de sua tarimba. Foi só o que o Rei de todos os reis do futebol procurou ser nessa tarde inesquecível para um repórter que cruzou o árduo e sombrio meridiano de cinco Copas – três ganhas e duas estultamente perdidas.⁴⁴⁴

⁴⁴³ SILVA, G. R da. A conquista definitiva. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 24.

⁴⁴⁴ *Ibid.* p. 28.

A redação continuou com a narração romanceada do jogo decisivo. Novamente o sentimento nacionalista esteve presente ao abordar o fim do confronto contra o selecionado italiano. A mobilização passional dos jogadores diante da conquista atestou o envolvimento da seleção como efetiva representante da nação na competição.

[...] Brasil 4 x Itália 1. No fundo de cada retina, de cada alma, de cada sentimento, uma imagem permanecia indestrutível: Gérson ajoelhado e chorando. O pranto de uma geração que havia assumido o compromisso de levar a Taça para o sacrário da Pátria que estava longe. E chorando com ele, Pelé.⁴⁴⁵

As fotos utilizadas na reportagem retrataram momentos diversos da final, mostravam os gols brasileiros e as efusivas comemorações dos jogadores depois de cada conclusão bem sucedida. A celebração no estádio, logo após o término da partida, também recebeu atenção especial. Foram focalizadas manifestações dos torcedores nas arquibancadas e a reação emocionada de alguns jogadores no gramado. Algumas dessas imagens, em especial, chamaram a atenção. Além das fotos de Pelé e Carlos Alberto com a Taça, nas duas primeiras páginas do artigo, outra fotografia de página inteira retratava a alegria de outros personagens pelo título. No caso, o abraço do preparador físico Parreira e do técnico Zagalo (figura 57), sob a seguinte legenda: “Zagalo e Parreira abraçados após a conquista que coroou meses e do bom trabalho técnico, tático e físico”⁴⁴⁶. As dúvidas anteriores sobre o desempenho e preparação do Brasil para o mundial haviam sido superadas e o trabalho da Comissão Técnica, enaltecido. Embora o programa de condicionamento e aclimação física já fosse elogiado, as proposições táticas de Zagalo e os desentendimentos de integrantes da delegação com João Saldanha (que provocaram a reconfiguração da Comissão Técnica) haviam sido motivo de recorrentes críticas antes do mundial. O tricampeonato aplacou as condenações anteriores e consagrou o planejamento para a Copa.

⁴⁴⁵ SILVA, G. R da. A conquista definitiva. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 28.

⁴⁴⁶ *Ibid.* p. 27.



FIGURA 57 – Zagalo e Parreira

FONTE: SILVA, G. R. da. A conquista definitiva, **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 27.

Outra matéria desta edição de *O Cruzeiro* enalteceu, justamente, o período de treinamentos e preparação organizados pela Comissão Técnica. Em “A força do nosso futebol”, foram debatidas as transformações na organização da seleção brasileira após a vitória da Inglaterra na Copa de 1966, fomentando a propagação de um novo estilo de jogo, baseado no desenvolvimento das capacidades atléticas dos jogadores, força física e velocidade, e na organização tática da equipe em campo. Como sugeria o trocadilho no título, o chamado “futebol-força”, em sua suposta contraposição ao “futebol-arte” sul-americano, incorporou uma das questões centrais do artigo, a avaliação sobre qual seria o ideal de futebol moderno apresentado no mundial de 1970.

A IX Copa do Mundo abalou mitos, destruiu fronteiras e redimensionou totalmente os conceitos existentes sobre o que seja futebol moderno. É difícil, agora, falar em futebol-força e futebol-arte. O que significam estas duas expressões? O Brasil derrotou o Uruguai disputando a bola em cada palmo de grama do campo e exibindo aqui e ali um futebol inventivo, desconcertante. Como classificaremos o futebol brasileiro depois da partida com o Uruguai? Arte ou força? Ciência ou improvisação?⁴⁴⁷

⁴⁴⁷ LYSIAS, C. A força do nosso futebol. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 42-45, jun. 1970. p. 43.

De acordo com o artigo, o dilema imposto pelo êxito da seleção brasileira no México seria, em parte, decorrência das modificações promovidas no esporte a partir da nova forma de jogo apresentada pelos europeus na Copa da Inglaterra, em 1966.

Quando a Inglaterra ganhou a Copa de 66 jogando um futebol solidário, viril e combativo, a expressão futebol-força começou a correr o mundo como o símbolo mais expressivo do novo futebol europeu. Os sul-americanos saíram derrotados da Inglaterra e com eles o seu futebol até então indicado como o melhor do mundo. Os novos donos do poder eram ingleses e alemães, os campeões e vice-campeões mundiais.⁴⁴⁸

Para combater os europeus, foi necessário adaptar-se às novas exigências de preparação atlética, de acordo com parâmetros daquilo que se convencionou chamar de futebol moderno. É justamente neste aspecto de inovação e adequação dos padrões de treinamentos, na busca de novas práticas cientificamente embasadas e consideradas “de ponta”, que se enquadraram os integrantes da Comissão Técnica da equipe nacional.

Dois anos depois ainda se pensava nisso, quando a Seleção brasileira ganhava um novo técnico e uma nova mentalidade. Uma visita do preparador físico Admildo Chirol à Iugoslávia reforçava a certeza de que seria necessária uma preparação sistemática para que nossa Seleção tivesse algum sucesso no México. A Chirol juntaram-se Cláudio Coutinho, que vinha de um estágio em Houston, e Carlos Alberto Parreiras, que vinha da Alemanha. Era preciso conjugar preparo físico e talento para entrar na guerra da Copa. Com estes três orientadores, novos sistemas de preparação começavam a ser usados em nosso futebol.⁴⁴⁹

É interessante observar a referência, mesmo indireta, à chegada de João Saldanha ao comando do escrete. Apesar de não ter integrado a delegação enviada ao México, o treinador seria lembrado como um dos responsáveis pela reestruturação do planejamento da seleção. Diante das inovações promovidas pelos integrantes da Comissão e pelo jogo inventivo, mas eficiente, apresentado durante a Copa, o autor observou que a seleção brasileira não optou por um estilo específico de jogo, ao contrário, manteve suas qualidades técnicas e incorporou os preceitos de preparação física considerados como primordiais à formação atlética. O sucesso do Brasil no mundial também teria redefinido os conceitos de “futebol-arte” e

⁴⁴⁸ LYSIAS, C. A força do nosso futebol. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 42-45, jun. 1970. p. 43.

⁴⁴⁹ *Ibid.* p. 44.

“futebol-força” e atestado que os dois “estilos” não poderiam mais ser considerados separadamente.

Pouco antes de começar a Copa, fisiologistas italianos examinaram todas as delegações e concluíram que o jogador Brito era o atleta mais bem preparado da Copa do Mundo. Talvez pela primeira vez o Brasil iria disputar a Copa com a equipe mais bem preparada. O teste de Brito em Guadalajara e jogos como Brasil e Uruguai deixam claro que estavam definitivamente sepultados conceitos como arte e força, se considerados separadamente.⁴⁵⁰

Logo após o mundial de 1970, os questionamentos fomentados pela Copa de 1966 foram, de certo modo, superados. A principal dúvida, conforme verificamos em capítulos anteriores, residiu na capacidade de o futebol brasileiro se adaptar às transformações no esporte, e se o “futebol-arte”, creditado às equipes sul-americanas, ainda seria capaz de competir com o “futebol-força” apresentado pelos europeus. Os bons desempenhos da seleção dentro de campo em paralelo à preocupação com a sistematização do processo de preparação consagraram a superioridade do Brasil diante de seus adversários. Contudo, isto não significava a sobreposição de um estilo sobre o outro. Os veículos de imprensa pesquisados observaram que, embora as características tradicionalmente apregoadas ao futebol nacional (criatividade, individualidade, improvisação) estivessem presentes durante as partidas, o planejamento desenvolvido pela Comissão Técnica e o trabalho de condicionamento físico promovido com os jogadores, concebidos também como atletas, constituiu em dos aspectos fundamentais para o êxito do esporte. Simultaneamente, a seleção de 1970 foi exaltada como exemplo de futebol moderno, cuja organização e planejamento embasavam-se sob preceitos científicos e como representante legítima da tradição e memória construídas sobre o futebol nacional.

De acordo com as narrativas que relacionavam a conquista da Copa do México com à memória do futebol nacional, *O Cruzeiro* publicou um artigo enfocando especificamente a trajetória da Jules Rimet em paralelo ao desenvolvimento do Brasil nos mundiais. Sintomaticamente, o título foi a “A Taça de mão em mão”, e acompanhou uma foto do capitão Belini (campeão em 1958) levantando o troféu (figura 58).

⁴⁵⁰ LYSIAS, C. A força do nosso futebol. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 42-45, jun. 1970. p. 45.

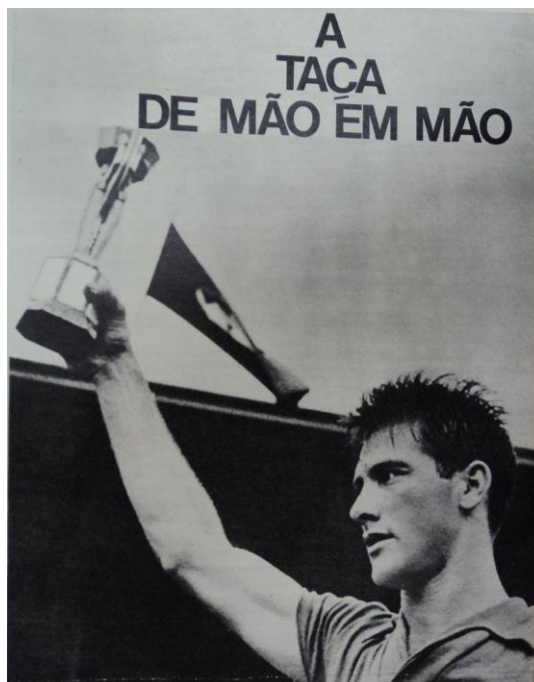


FIGURA 58 – A taça de mão em mão

FONTE: ANGELO, M. A taça de mão em mão. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 38-41, jun. 1970. p. 38.

Abaixo da imagem, um pequeno texto já correlacionava a memória do esporte à afirmação da superioridade do futebol brasileiro com a conquista definitiva da Taça.

A Taça Jules Rimet foi cobiçada durante quarenta anos pelos melhores times do mundo. Ao todo, realizaram-se nove disputas em vários países, e a América do Sul, representada pelo Uruguai e o Brasil, se destacou como detentor da melhor escola de futebol. Muitas mãos seguraram essa estatueta de 30 cm de altura que pesa quatro quilos, quase a metade de ouro, agora possuída definitivamente. Hoje, os quarenta países que já disputaram a Copa curvam-se diante do melhor futebol.⁴⁵¹

O grande valor simbólico atribuído à Jules Rimet foi o aspecto central da reportagem, principalmente quando considerada a importância atribuída no Brasil ao campeonato mundial. Em relação à significância que o esporte desfrutava no país, a posse definitiva da Taça pela seleção brasileira não representou somente a obtenção de um importante título esportivo, mas a afirmação do futebol brasileiro como o melhor do mundo. Embora esta conquista se restringisse ao campo esportivo, o valor simbólico da taça seria de uma conquista nacional, coletivamente compartilhada, motivo de orgulho e celebração popular.

⁴⁵¹ ANGELO, M. A taça de mão em mão. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 38-41, jun. 1970. p. 39.

A Taça Jules Rimet, com seu período de permanência aumentado, foi acariciada, beijada e exibida. Ela pode ser compreendida como o esforço, não só de onze jogadores em campo, mas de 90 milhões de almas que passaram a viver todos os dramas de um Campeonato Mundial. Para nós, ela é muito mais que uma estatueta de ouro maciço com 30 centímetros de altura, 1800 gramas de ouro fino e quase pesando 4 quilos. Ela, também não é um simples troféu criado pelo escultor francês Abel Lafreux. Ela, na verdade, é um símbolo. O símbolo de quem tem o melhor futebol do mundo. A nossa superioridade no futebol, por culpa da soma dos erros de uma Comissão Técnica e de “cartolas”, desapareceu com o insucesso da Copa de 66, em Londres. [...]

Agora, no México, a Taça Jules Rimet ganhou dono definitivo. Findo o reinado do cobiçado troféu, cabe agora à Fifa escolher um novo nome para a Copa Mundial de futebol.⁴⁵²

Concluindo a celebração do tricampeonato, *O Cruzeiro* veiculou uma fotoreportagem com a festa dos torcedores nas ruas, após a consolidação do título com a vitória obtida sobre os italianos (figuras 59 e 60). Mais uma vez a chamada da matéria, “A Taça é nossa!”⁴⁵³, reiterou o valor simbólico atribuído ao troféu. As imagens mostraram a euforia das pessoas, em um “carnaval” fora de época nas ruas do Rio de Janeiro, comemorando e agradecendo pela conquista esportiva como um verdadeiro triunfo coletivo nacional. Além da analogia ao carnaval nas legendas, as imagens retrataram torcedores em diversas formas de manifestação passional: pulando, dançando, ajoelhados em sinal de gratidão, ou simplesmente festejando em meio a multidão. Bandeiras, faixas e camisetas estavam entre os principais adereços destacados. Além de símbolos com motivos nacionalistas, outras imagens evocaram representações bastante significativas em alusão ao sentimento de orgulho e exaltação patriótica. Entre essas, é interessante observar a fotografia de uma menina trajando uma camiseta com em incentivo a seleção (figura 61). Mais do que a efusiva alegria da torcedora, o slogan “COPA 70. PRA FRENTE BRASIL” estampado na camiseta juntamente com uma gravura da bandeira nacional, chamava a atenção para apropriação do futebol como representação da capacidade de realização do país. A própria frase, “pra frente Brasil”, atribuída ao Presidente Médici, tornou-se um dos principais lemas publicitários do governo militar no período. O esporte não servia somente à manifestação passional e à exaltação

⁴⁵² ANGELO, M. A taça de mão em mão. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 38-41, jun. 1970. p. 41.

⁴⁵³ *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 42-45, jun. 1970. p. 43.

nacional de parte da população. Seria também o espaço de manifestações e leituras diversas sobre o cenário político e social brasileiro.



FIGURA 59 – A taça é nossa (1)

FONTE: A taça é nossa. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 30-34, jun. 1970. p. 30.



FIGURA 60 – A taça é nossa (2)

FONTE: A taça é nossa. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 30-34, jun. 1970. p. 31; 34.



FIGURA 61 – A taça é nossa (3)

FONTE: A taça é nossa. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 27, p. 30-34, jun. 1970. p. 32-33.

De modo geral, todos os veículos investigados, difundiram o tricampeonato como uma forma de triunfo nacional, legitimado pela maciça mobilização popular. Do

mesmo modo reforçariam em suas narrativas o valor simbólico da conquista. Esta foi empregada tanto como uma forma de consagrar a seleção de 1970, adaptada às exigências atléticas do futebol moderno, quanto como forma de reafirmação das narrativas que sedimentavam a tradição brasileira no futebol, seu estilo característico de jogo e o notável envolvimento popular, a partir do processo de enquadramento da memória enunciada sobre os mundiais anteriores. Embora esse processo possa ser considerado como um ponto comum entre os variados semanários observados, eles se diferenciaram quanto à repercussão do título no contexto sócio-político do país no período.

5.2. Intersecções entre futebol política e imprensa: representações sobre a vitória brasileira na Copa de 1970

Eles tornaram o Brasil ainda maior perante todas as nações, completando a conquista gloriosa dos campeões de 1958 e 1962 e trazendo para o nosso país um título inédito na história do futebol: o de tricampeão mundial. A maravilhosa campanha não refletiu apenas a técnica e a fibra dos que lutaram dentro do campo. Representou, também, o sentido de organização de um povo e a sua vitalidade. Quando Carlos Alberto levantou no Estádio Asteca a Taça Jules Rimet, telespectadores em todo o mundo sabiam que ele o fazia em nome de noventa milhões de brasileiros. A taça incorporou-se definitivamente à galeria dos maiores troféus nacionais. Ela simboliza as memoráveis vitórias alcançadas na Suécia, no Chile e no México, nas quais o povo brasileiro festejou a própria epopéia da grandeza e do progresso do País.⁴⁵⁴

A passagem acima abria uma das edições comemorativas publicadas pela *Manchete* em julho de 1970. Terminada a partida no célebre estádio Asteca, a seleção nacional conseguiu, em definitivo, a posse da taça Jules Rimet, credenciando-se como o único país tricampeão mundial de futebol. Do ponto de vista esportivo, o título reafirmou a suposta hegemonia no campo futebolístico, colocada em xeque na Copa de 1966, na Inglaterra. Os jogadores vitoriosos na campanha do México retornaram ao Brasil como heróis nacionais. Contudo, esta conquista extrapolou, e muito, as linhas que delimitavam o gramado, refletindo-se na própria realidade social brasileira. Apesar da dramaticidade imposta pelo texto, a mobilização popular em torno do tricampeonato parecia efetivamente conferir

⁴⁵⁴ A epopeia do tri. **Manchete**: edição sonora, Rio de Janeiro, s/n, p. 3, jul. 1970.

legitimidade à equipe como representante nacional. Sob a memória e tradição articuladas a respeito do futebol no país, a taça Jules Rimet não simbolizou somente o êxito esportivo de um time, mas representava a própria capacidade de realização da nação.

Enquanto o futebol estampava as manchetes e centralizava a atenção da população, o governo de Emílio Garrastazu Médici (1969-74) encabeçava o ápice do regime de exceção que marcou a história recente do Brasil. Sob os governos militares, o país experimentou o cerceamento dos direitos individuais de seus cidadãos e o entrave do aparelho político democrático⁴⁵⁵. A efervescência que tomara o início da década de 1960, logo fora substituída por um burocrático mecanismo político administrativo instituído pela autoproclamada revolução de 1964, a qual afirmava não só realinhar o país nos rumos da democracia, mas garantir a segurança e integridades nacionais diante da crescente corrupção e da iminência de um possível levante comunista⁴⁵⁶. O que se observou, entretanto, foi que a passageira revolução se manteve por mais de vinte anos no comando político-partidário da nação.

Embora o levante que iniciou o regime possa ser classificado como um golpe civil militar, uma vez que os militares tiveram apoio de parcela significativa da sociedade, fato é que no período que se seguiu o regime pouco (ou nada) conseguiu mobilizar a população em torno de seus projetos nacionalistas. Pelo contrário, nestes anos foi possível notar o aumento do descontentamento público e, da sumariamente reprimida, oposição.⁴⁵⁷

O advento do mundial do México, em junho de 1970, diante da grande mobilização popular, surgia como momento profícuo para aproximação entre o regime e as massas através do esporte. Entretanto, futebol e política constituíam campos diferentes, cada qual permeado por suas próprias estruturas internas de funcionamento, detentores de relativa autonomia social⁴⁵⁸. Isto significa considerar que o futebol detém uma lógica de organização própria que independe de

⁴⁵⁵ ALVES, M. H. M. **Estado e oposição no Brasil** (1964-84). Bauru: Edusc, 2005.

⁴⁵⁶ REIS, D. A. Ditadura e Sociedade: as reconstruções da memória. In: _____; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Org.). **O golpe e a ditadura militar 40 anos depois** (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004.

⁴⁵⁷ ALVES, M. H. M. *Op. cit.*

⁴⁵⁸ BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.119.

atribuições e determinações exclusivas dos espaços político e econômico. Como destaca Bourdieu.

[...] a história do desporto é uma história relativamente autônoma que, ainda quando é escandida pelos grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio ritmo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.⁴⁵⁹

Não só no Brasil, o futebol estabeleceu-se paralelamente às tensões políticas, constituindo um conjunto simbólico particular no meio social. Os elementos simbólicos ligados ao futebol receberam sucessivas significações, relacionando o jogo a valores culturais interpretados como nacionais. Sem dúvida, a progressiva instituição de competições disputadas entre países, cujo maior exemplo é a Copa do Mundo, contribuiu para a solidificação desta relação. Nos eventos esportivos internacionais as seleções se transformam em representante legítimas da nação⁴⁶⁰.

Na copa de 1970, o futebol já se configura como um fenômeno sociocultural sedimentado e relevante, capaz de aglutinar a atenção de parcelas expressivas da população. Embora o esporte ainda mantenha sua autonomia, os resultados obtidos se refletem no comportamento social e canalizam a manifestação de paixões. Sob a representação da seleção, a simbiose entre futebol e nação se transformou em objeto de interesse político. Embora não possua os mecanismos necessários para intervir efetivamente no campo esportivo, especialmente em uma competição de Copa do Mundo, o Estado Militar tentou se aproximar e, na medida do possível, apropriar-se dos valores simbólicos atribuídos ao futebol como forma de aproximação da população, conferindo a legitimidade necessária para efetivação de seus projetos.

A preocupação com a promoção de uma imagem positiva do regime pode ser observada nas diretrizes propostas pela AERP (Assessoria Especial de Relações Públicas) para o ano de 1970. Criado durante o governo Costa e Silva e vinculado diretamente à presidência, o órgão responsabilizava-se pela comunicação entre Estado e sociedade civil e encabeçava a estrutura publicitária do regime. Os objetivos traçados pela entidade para o ano do mundial atestam a preocupação do governo com a mobilização e apoio popular, construído de acordo com um

⁴⁵⁹ BOURDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p.119.

⁴⁶⁰ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

sentimento e valores patrióticos condizentes com os ideais propostos pelo Estado Militar para o desenvolvimento do país.

a) Fortalecimento do caráter nacional, estimulando principalmente o civismo, a coesão familiar, a fraternidade, o amor ao trabalho e a vocação democrática do povo brasileiro; b) Contribuir para o incremento de uma sadia mentalidade de segurança nacional, indispensável à defesa da democracia e à garantia do esforço coletivo rumo ao desenvolvimento; c) Revigorar a consciência nacional de que o desenvolvimento exige a participação de todos, baseado principalmente nas virtudes do homem brasileiro e nas potencialidades físicas do país; na constatação do progresso já alcançado e no imperativo de sua aceleração; em um espírito nacionalista altivo, realista, equilibrado e empreendedor; d) Obtenção da confiança popular na equipe do governo, salientando suas características de honestidade, austeridade, compreensão dos anseios do povo e espírito renovador.⁴⁶¹

Tais proposições retrataram o processo de articulação de valores morais “revolucionários” defendidos pelo regime junto à população brasileira. Ao elencar alguns dos aspectos considerados imprescindíveis para conferir a credibilidade considerada necessária ao governo para efetivação de seus projetos, o documento indica preocupação institucional com a mobilização da opinião pública. Embora o regime ditatorial prescindisse de apoio popular uma vez que se sustentaria pela força, a modelagem dos anseios populares evocando o coletivismo, sob a perspectiva do desenvolvimento do país e do fortalecimento do caráter nacional, atestava a preocupação em adquirir certa legitimidade e angariar aprovação. Assim, o sentimento de pertença nacional, aglutinado pelo futebol, poderia ser empregado como meio de aproximação entre Estado Militar e a sociedade civil. O evento da Copa do Mundo, sob as circunstâncias específicas nas quais ocorreu, representava uma oportunidade única de promoção do governo junto à população. A ampla mobilização passional observada em torno do mundial e da seleção surgia como espaço profícuo para disseminação das diretrizes expostas no planejamento da AERP, sobretudo daqueles vinculados à promoção do espírito nacionalista.

Pesquisando as revistas da época, foi possível notar como o advento do campeonato mundial de futebol realizado no México, sofreu, a partir de algumas perspectivas, um determinado processo de disputa tensiva de significações.

⁴⁶¹ Assessoria Especial de Relações Públicas. Presidência da República. Planejamento para o ano de 1970. Documento Interno. *ap.* MATOS, Heloisa. **Governo Médici**: discurso oculto na comunicação institucional. IIº Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, FENAJ/UFSC- Abril 2004-03-08. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero12/O%20discurso%20pol%EDtico%20oculto%2054-64.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2007.

Inclusive com a defesa de representações sobre o evento que serviam às pretensões do regime naquele momento. Mas este processo não remete somente a uma maneira linear e simples de apropriação política sobre os campos jornalísticos e esportivo. A imprensa, mesmo em sua porção alternativa, repercutiu o sentimento de euforia e realização não porque estava a serviço do regime, mas por que era autêntica ao expressar um sentimento da cultura nacional e popular. Assim como a seleção ganhou não para servir ao regime, mas pelo envolvimento afetivo introjetado em vencer, além, óbvio, das suas qualidades esportivas.

Paralelamente, também foram produzidas análises críticas que colocam em xeque a relação supostamente estabelecida entre o esporte e o cenário político nacional vigente. A repercussão da vitória foi tamanha que, ainda hoje, é comum ouvir sobre o sucesso do selecionado de 1970, tido por muitos como o melhor que o Brasil já teve, da mesma forma como encontrar aqueles que guardam na memória os primeiros anos da década de 1970 enquanto um período de desenvolvimento econômico e prosperidade social sob o comando militar.

Vincular estes dois fatores, o desempenho do selecionado e os projetos políticos desenvolvidos pelo governo sintetizados pelo instante de euforia econômica, o qual se convencionou chamar de “milagre”, compunha um fator importante ao discurso propagado pelo regime. A vitória no futebol veio ao encontro da construção de uma imagem de Brasil como potência em ascensão. O êxito nos campos de futebol estrangeiros representava a perspectiva de nação vitoriosa, sedimentada a partir dos pressupostos de organização, disciplina e desenvolvimento estruturado pelo regime iniciado em 1964. Se o bom desempenho no mundial servia ao processo de enquadramento da memória na formulação de uma tradição nacional no esporte, os significados culturais construídos sobre o futebol também poderiam ser empregados pelo regime como forma de propaganda política, relacionando as paixões e sentimentos nacionais aglutinados pela seleção em prol do governo instaurado.

Para visualizar o futebol no Brasil sob a perspectiva de uma tradição inventada, retoma-se a leitura efetuada por Eric Hobsbawm. Ao atentar para o conjunto de tradições inventadas nas sociedades pós Revolução Industrial, o autor define três categorias principais em que elas poderiam ser localizadas.

[...] a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamento.⁴⁶²

Hobsbawm destaca as categorias “b” e “c” como “certamente inventadas”⁴⁶³, relacionando-as ao processo de identificação específica com uma “comunidade” ou certas instituições que a representem ou simbolizem (a exemplo da nação). Contudo, ressalta que a categoria “a” é predominante. Atentando ao contexto histórico da ditadura e do momento estudado, observa-se o futebol, em seu processo de apropriação política pelo regime, como elemento incluso às categorias “b” e “c”. Por isso, o futebol poderia ser utilizado como um dos instrumentos de propaganda política e ideológica do regime representado pelo governo do general Garrastazu Médici, sobretudo a partir da utilização de seu conteúdo simbólico no discurso propagado nos variados veículos de comunicação.

Sob esse processo, o futebol brasileiro, ao ser articulado ao regime político e ao governo vigente, serviria como um aparato legitimador da autoridade militar instituída. Do mesmo modo, a conquista do tricampeonato e o carisma de seus principais jogadores, bem como de outros êxitos esportivos, contribuiriam para projeção de uma imagem positiva tanto dentro quanto fora do país. A partir do esquema de apropriação estruturado pelo regime, a manifestação passional popular do sentimento e orgulho nacionais por meio do esporte favoreceu a introjeção de sistema de valores e comportamentos condizentes com a organização desejada pelo regime.

Neste ponto, ocorreu a tentativa de intervenção e aparelhamento do regime sobre os campos futebolístico e da imprensa. Porém, ao mesmo tempo em que esses campos absorvem, dentro de suas especificidades, o discurso imposto, há um espaço de interlocução interna em que o controle não se estabelece. Por exemplo, ganhar os jogos da Copa do Mundo depende principalmente da competência esportiva e não da simples vontade política. Deste modo, em sintonia com as particularidades internas de cada campo, o esporte e a imprensa mantêm sua parcela de atuação e funcionamento autônomos.

⁴⁶² HOBBSAWM, E.; RENGER, T. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 17.

⁴⁶³ *Id.*

A revista *O Cruzeiro*, da primeira semana de julho de 1970, discorreu sobre a relação entre o tricampeonato nacional e o cenário político. O artigo, intitulado “A hora e a vez da comunicação”, registrou que diante de um movimento político incapaz de cativar plenamente a população, o tricampeonato poderia servir como solução alternativa à mobilização popular.

(...) Assim, de 64 até aqui, nenhum acontecimento se registrou capaz de motivar os brasileiros. A Jules Rimet teve essa virtude, ocasionando uma mobilização da opinião pública que o General Médici tem condições de canalizar em benefício da revolução que representa.⁴⁶⁴

No trecho citado, observa-se o reconhecimento da representatividade que a conquista do título mundial detinha como meio de aproximação entre Estado e população, como se lê na reportagem: “ocasionando uma mobilização da opinião pública que o General Médici tem condições de canalizar em benefício da revolução que representa”. Ou seja, a vitória nos gramados dava ao governo a possibilidade de aproveitar a efervescência e euforia em se que encontravam a população para vincular uma imagem positiva do regime de governo instaurado com o golpe de março de 1964. Esta constatação se verifica justamente por que parte da imprensa, como o caso de *O Cruzeiro* e *Manchete*, inseria-se no mesmo círculo ideológico da ditadura.

Porém, ao mesmo tempo em que esta passagem revela as possibilidades de apropriação política sobre o futebol, ela também evidencia a falta do interesse público pelo regime, bem como a incapacidade da “revolução” em mobilizar a população em prol de seus projetos idealizados de nação. O futebol, como fenômeno social, parecia atrair maior interesse popular do que os rumos tomados pelos militares na administração do país.

Na mesma edição, Austregésilo de Athayde, em sua coluna semanal, celebrou a conquista da seleção e exaltou comoção promovida em torno do futebol nacional. O autor tornara-se um dos responsáveis pelos Diários Associados após o falecimento de Assis Chateaubriand. Na *O Cruzeiro*, também ocupava a função de Diretor-Secretário. Na crônica “Fé e Esperança” discorreu sobre a vitória da seleção brasileira como exemplo de comunhão popular patriótica. O autor também observou a grande repercussão da conquista na mídia e evidenciou o grande destaque conferido à equipe Brasileira, cujo futebol teria sido capaz de cativar entusiastas em

⁴⁶⁴ A hora e a vez da comunicação. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.119, jul. 1970.

todo o mundo. Para estabelecer uma sutil relação com o cenário político, discorreu sobre Pelé como espécie de cidadão modelo, exemplo a ser guardado e seguido.

O nome Pelé significa em língua hebraica “milagre”. Terá havido apenas simples homofonia, mas que se trata de um milagre humano não pode haver dúvida. O milagre da eficiência física, da sutileza na arte, da correção moral, da pureza e simplicidade de sentimentos que o atraem para a infância, a bravura profissional, a limpeza do cidadão. Mais do que milagre é um exemplo que as gerações de hoje devem guardar, para ser apontado e seguido pelas de amanhã. É possível que não cheguemos mais a ter um gênio no futebol como Pelé. Tais fenômenos não costumam verificar-se duas vezes no mesmo século. Mas é possível que os meninos brasileiros, pretos ou brancos, recebem a lição da vida de Pelé como estímulo e queiram ser como ele foi e está sendo, um grande cidadão do Brasil, e não seria ousado dizê-lo um grande cidadão do mundo.⁴⁶⁵

A escolha por Pelé não se deve somente ao êxito obtido no mundial. Figura pública notável, foi reconhecido tanto como expoente esportivo quanto um dos representantes da capacidade de realização da nação. Já com a carreira consolidada, figurou como personagem em anúncios e peças publicitárias, inclusive em alusão ao mundial (figura 62). Reafirmou, também, a posição de destaque que ocupava no cenário social. Além do inegável talento esportivo, a postura disciplinada, o forte apelo midiático e a falta de um posicionamento político contundente, sempre disposto a servir o país, fizeram com que o atacante se tornasse um dos principais símbolos nacionais. Ao destacar Pelé como cidadão exemplar, o autor confirma a possibilidade de aproximação política do principal futebolista nacional do momento.

⁴⁶⁵ ATHAYDE, A. Fé e esperança. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.106, jul. 1970.



FIGURA 62 – Excede.

FONTE: Manchete, Rio de Janeiro, n. 27, p. 30-34, jun. 1970. p. 30.

Após as considerações sobre o camisa dez da equipe brasileira, o autor finalizou o texto com a seguinte observação: “quantas reflexões poderiam ser feitas à margem dessa vitória, no sentido da afirmação dos nossos sentimentos cívicos e da certeza de que, aplicada a mesma energia em outros planos da vida nacional, poderemos ser insuperáveis no futuro”⁴⁶⁶. Ao reparar na mobilização cívica proporcionada pelo tricampeonato novamente o futebol é tomado como espaço de manifestação popular que, representa a capacidade de realização nacional. Assim como Pelé foi tomado como arquétipo de cidadão, indiretamente a referência ao esporte serviu de exemplo ao cenário político social brasileiro.

No mesmo período, a revista *Manchete* publicou o artigo intitulado “Da unidade nacional em torno de um caneco”. Neste texto o jornalista Murilo Melo Filho discorre sobre a conquista do tricampeonato e, paralelamente, sobre a instabilidade política e social. Enquanto as representações políticas estão fragmentadas, o futebol surge como fenômeno capaz de unificar a população em prol de um sentimento de orgulho e apoio nacionais.

⁴⁶⁶ ATHAYDE, A. Fé e esperança. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.106, jul. 1970.

Era como se o Brasil inteiro estivesse á beira do Gramado íamos todos juntos, para frente. De repente, surgiu uma corrente. Todos estavam ligados na mesma emoção. Parecia que todo o Brasil tinha dado a mão e tudo era um só coração.

A turma do sereno não estava satisfeita com toda essa alegria, assaz desinteressante dos planos negativistas do quanto pior melhor, do povo triste, do país derrotado, da nação incapaz. Na fumaça das comemorações da vitória sobre o Peru, espocavam outros tiros menos festeiros e mais certos. Mas nem mesmo o seqüestro do embaixador de um país que poderíamos enfrentar nas semifinais conseguiu desviar o povo das celebrações que, num crescendo, desaguariam no maior carnaval de todos os tempos. O Brasil estava muito ocupado com seus triunfos para preocupar-se com seus terroristas.⁴⁶⁷

A referência ao sequestro do embaixador alemão Ehrenfried Von Holleben por militantes da luta armada, no dia 11 de junho, um dia após a partida entre o Brasil e a Romênia, contrasta com a mobilização popular em torno da competição. Embora destaque o momento de união e comoção nacionais, nem todos compartilharam do mesmo sentimento. A “turma do sereno” retrata uma espécie de inimigo interno que se interpõe à felicidade da população. Porém, na opinião do articulador nem mesmo a ação terrorista conseguiu abalar o momento de euforia diante dos bons resultados da seleção no mundial.

Enquanto por um ângulo são reforçados os laços identitários e patrióticos, por outro, a Copa representa um ponto de inflexão distante do conturbado cenário político-social. Serve a manifestação passional, sobrepondo conflitos e tensões do cotidiano, expressão popular que se sobrepõe, efemeramente, sobre a realidade social.

Na sequência do artigo, Melo sinaliza o clima de otimismo resgatado graças ao tricampeonato mundial. O futebol é visualizado como expoente da unidade nacional, impulsionando o desenvolvimento do país. O sucesso alcançado dos gramados é reiterado pelo instante de relativa estabilidade econômica e pelo aumento do poder de compra. O êxito esportivo desenvolve-se sob o signo do nacionalismo, contribuindo para a aproximação entre governo e população.

Reconstituía-se (por algum tempo?) a unidade nacional em torno de um caneco. Restabelecia-se o clima de euforia, animação, otimismo e confiança, dentro da tese segundo a qual povo motivado é povo feliz. E ao contrário do que sempre acontece, desta vez eram as massas, com o futebol que imprimiam às elites novas normas de procedimento. Aumentaram as vendas. Ressurgiu o dinheiro. Nunca se comprou tanto. [...]

⁴⁶⁷ MELO FILHO, M. Da unidade nacional em torno de um caneco. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 20-21, jul. 1970. p. 21.

Com a inflação ou sem ela, a verdade é que a nação se reencontrou consigo mesma. O governo passou a jogar e a deixar jogar, num esquema de sanfona: todos atacando e todos defendendo, dentro do mais moderno sistema de futebol solidário, unitário, coletivista, de competição, num time sem vedetes e sem estrelas.⁴⁶⁸

A analogia entre futebol e política, quase como símbolos complementares do avanço nacional, favorece a construção de uma imagem positiva do governo diante da população. Ao atuar como fenômeno unificador, embora originário de um espaço autônomo e a partir do esforço popular, o futebol fornece os aparatos simbólicos passíveis de serem instrumentalizados pelo Estado. Ainda assim, o próprio articulista reconhece que a unidade nacional não existia. Foi preciso a vitória no futebol para restituir a unidade “por algum tempo”.

A glorificação de alguns personagens após o mundial também ocasionou uma perspectiva de aproximação entre o cenário político estabelecido e o sucesso da equipe enviada ao México. A delegação brasileira também seria creditada pelo título. A edição sonora de *Manchete* exaltou a participação dos integrantes responsáveis pela organização e administração do escrete.

O tri não foi conquistado apenas no campo. No México, o Brasil tinha um outro escrete, que jogava nos bastidores. Nesse sentido, a administração do time foi perfeita. O comandante era um brigadeiro, Jerônimo Bastos. Um cearense atarracado, porte militar, olhar muito agudo e homem de fino trato. Ele não se intitulou Brigadeiro da Vitória⁴⁶⁹, como poderia, depois do triunfo. Na verdade, tornou o mais impessoal possível a sua missão. Cumpriu-a como brasileiro, pessoa de confiança do presidente da República. Como amigo íntimo de João Havelange, a quem atendeu, quando ele o chamou para chefiar a delegação. [...] Ao seu lado, Antônio do Passo, diretor de futebol da CBD, que jogava, no México a sua cartada decisiva. Fora quem manipulara a substituição de João Saldanha e a convocação de Zagalo. Era homem marcado. Mas Passo cumpriu a tarefa sem deixar qualquer margem para dúvidas.⁴⁷⁰

O destaque concedido ao chefe da delegação possibilita a aproximação entre o escrete e o Governo Militar. Para alguns pesquisadores⁴⁷¹ a militarização da

⁴⁶⁸ MELO FILHO, M. Da unidade nacional em torno de um caneco. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 20-21, jul. 1970. p. 21.

⁴⁶⁹ Esta passagem da publicação carioca também insinua uma possível crítica a Paulo Machado de Carvalho. O dirigente paulista havia dirigido as delegações vitoriosas de 1958, ocasião em que recebeu a alcunha de “Marechal da Vitória”, e 1962. Conforme observamos anteriormente (capítulo 3) Machado de Carvalho desempenhava esta mesma função antes da reformulação que resultou na sua saída e culminou na contratação de João Saldanha em fevereiro de 1969.

⁴⁷⁰ O estado-maior. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. especial, p. 44-45, jul. 1970. p. 45.

⁴⁷¹ FRANCO JR., H. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007; COUTO, E. F. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978).

comitiva que acompanhou a seleção seria um dos principais indícios de intervenção política na seleção. Ainda que a presença destes integrantes pareça muito mais uma iniciativa da CBD na tentativa de modificar no processo de preparação e organização, a presença de militares contribuiu para a aproximação da imagem da seleção ao regime. O Brigadeiro Jerônimo Bastos, retratado como personagem próximo ao Presidente Médici e João Havelange, reforçava esta perspectiva. De certo modo, ao elencar o espírito patriótico e ressaltar o trabalho na administração da delegação, enaltece a capacidade, o comando e o comprometimento militar com o país, elemento fundamental na promoção do regime instituído em 1964.

Exemplo notório da significativa mobilização popular, bem como do processo de apropriação e instrumentalização política sobre futebol, seria a recepção aos tricampeões em seu regresso ao país. O desembarque da seleção ocorreu primeiramente na capital, Brasília, onde a delegação recebeu os cumprimentos oficiais do principal personagem político nacional, o General Médici. Além de uma simples recepção aos jogadores, a cerimônia se transformou em verdadeira festa, incitando a congregação patriótica da população. O evento foi acompanhado de perto pelas revistas *Placar*, *O Cruzeiro* e *Manchete*, recebendo espaço, inclusive, em edições comemorativas lançadas especialmente por ocasião do título.

Mesmo com o foco voltado ao cenário esportivo, semanário de esportes da editora Abril não deixou de focar a chegada do escrete à sede do governo. Embora a reportagem focalizasse a calorosa recepção aos tricampeões por todo o país⁴⁷², não deixou de registrar a recepção organizada aos novos campeões, tanto através de imagens como na redação.

A partir das 11 horas de terça-feira, dia 23, Brasília e o governo pararam. Ali, os tricampeões do mundo iriam pisar pela primeira vez o solo do Brasil. E Brasília preparou para eles a maior festa de seus dez anos de existência. Todas as ruas e avenidas, do aeroporto até o Palácio do Planalto, estavam cheias de torcedores, com bandeiras do Brasil, do Atlético Mineiro, do Cruzeiro e do Flamengo. O Presidente Médici cumprimentou Zagalo, abraçou todos os jogadores e depois fez que cada um deles subisse ao parlatório e erguesse a Taça para o povo, que aplaudia sem parar. Depois, o presidente ofereceu um almoço à delegação (quase 4 horas da tarde); à sua mesa sentaram-se João Havelange, presidente da CBD, o Brigadeiro

317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

⁴⁷² Depois de Brasília, a seleção seguiria para o Rio de Janeiro. Na seqüência os jogadores retornariam aos seus respectivos estados, desembarcado em São Paulo, Porto Alegre e Belo Horizonte.

Jerônimo Bastos, chefe da delegação, e Carlos Alberto, nosso capitão. Após o Almoço, Zagalo e cada um dos jogadores receberam um cheque de Cr\$ 25 000,00, dado pela Caixa Econômica Federal, por ordem do Presidente Médici.⁴⁷³

O texto não focalizava demasiadamente o presidente ou a cerimônia oficial, embora comentasse sobre o almoço e a premiação concedida aos campeões pelo presidente, sinalizando a aproximação com o escrete, o artigo privilegiava principalmente a festa popular. Tanto que reservou um espaço maior para a chegada e celebração da equipe em outras partes do país. Ainda assim, duas das fotografias sobre a recepção oficial organizada em Brasília destacavam o Chefe de Estado. A primeira trouxe o Presidente ao lado de Pelé, enquanto este último levantava a taça para o alto. A segunda, ainda mais significativa, retratava o próprio General, sorridente, elevando a simbólica Jules Rimet. Abaixo da gravura, a legenda relacionava a figura política ao futebol: “Médici, o presidente do melhor e mais bonito futebol do mundo”⁴⁷⁴.



FIGURA 63 – Médici em *Placar*

FONTE: A volta dos deuses do futebol. **Placar**, São Paulo, n. 16, p. 2-11, jul. 1970. p. 6.

O *Cruzeiro* reservou algumas páginas para a passagem dos campeões pela jovem capital federal. As fotos da reportagem “Brasília a capital dos tricampeões” (figura 64) retratou a trajetória da equipe em sua passagem pela cidade. A recepção

⁴⁷³ A volta dos deuses do futebol. **Placar**, São Paulo, n. 16, p. 2-11, jul. 1970. p. 2.

⁴⁷⁴ *Ibid.* p. 3.

oferecida para a seleção também foi abordada pelo artigo. O almoço oferecido no Palácio da Alvorada e a confraternização do Presidente com os integrantes da delegação. As fotografias do encontro mostravam Médici conversando com os jogadores e posando com a taça Jules Rimet junto com toda a delegação para a fotografia oficial (figuras 65 e 66). Esta imagem, inclusive, foi bastante divulgada, mostrada em outros veículos da imprensa, como a revista *Manchete* por exemplo.



FIGURA 64 – Brasília, a capital dos tricampeões

FONTE: Brasília, a capital dos tricampeões. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, n. 28, p. 8-16, jul. 1970. p. 8.



FIGURA 65 – Médici e a delegação brasileira

FONTE: Brasília, a capital dos tricampeões. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, n. 28, p. 8-16, jul. 1970. p. 14-15.



FIGURA 66 – Antônio do Passo, Médici, Jerônimo Bastos e Cláudio Coutinho

FONTE: Brasília, a capital dos tricampeões. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p. 8-16, jul. 1970. p. 14.

Contudo, novamente a comoção popular foi o principal destaque da reportagem. A aproximação e promoção do Presidente junto à população, por meio da seleção, foi retratada pela publicação.

O Presidente Garrastazu Médici, que chegou ao Palácio do Planalto as 12h30 min, em companhia de d. Scyla, recebeu os craques no meio da

rampa de subida, abraçando longamente o capitão do time, Carlos Alberto. Visivelmente emocionado, o Presidente também deu um abraço prolongado em Pelé. Foguetes, música, delírio. Depois, no parlatório que existe à esquerda do Palácio, o Presidente permaneceu durante 15 minutos em frente ao povo, rodeado pelos campeões, que um a um se revezavam ao seu lado, e juntamente, com ele, exibiam a multidão o troféu de ouro, a Taça Jules Rimet, que agora está definitivamente no Brasil.⁴⁷⁵

A grande mobilização para recepcionar a seleção evidenciava tanto o envolvimento passional da população com o futebol quanto a possibilidade de canalização do título como forma de promoção política do governo, devidamente aproveitada pelo Presidente ao figurar junto com os atletas e posar com a Taça no parlatório. De acordo com o semanário, cerca de 70 mil pessoas se reuniram na Praça dos Três Poderes para festejar o escrete⁴⁷⁶. A ampla presença não passou despercebida, sendo exaltada como “a maior festa do povo da história de Brasília”.

Com a chegada da Seleção Brasileira, Brasília teve a maior festa popular de sua história. Maior do que a de sua inauguração, mais gente do que na posse do presidente Jânio Quadros, os imensos espaços da Capital ficaram repletos de gente gritando “Brasil! Brasil!” pessoas vestindo verde-amarelo, torcedores com bandeiras de seus clubes, 50 mil pessoas cantando e dançando na Estação Rodoviária, multidão de vários quilômetros ao longo do Eixo Rodoviário Sul. Carlos Alberto erguendo a Taça Jules Rimet no parlatório do palácio do Planalto e a onda de entusiasmo crescendo na Praça dos Três Poderes. Multidão na hora da chegada a Brasília, multidão novamente no aeroporto, às 17h, quando eles partiram para o Rio, para mais uma festa com o povo.⁴⁷⁷

Neste trecho é interessante notar a passagem inicial comparando a ampla presença popular para saudar a seleção a outros momentos marcantes na trajetória recente da capital. Os episódios lembrados retomam duas passagens importantes na história política do país. Respectivamente, a inauguração de Brasília e a cerimônia de posse de Jânio Quadros, candidato à presidência e eleito sob o maior percentual de votos na história do país até então.

A comparação com estes momentos não só reitera o grande significado atribuído ao futebol na sociedade nacional, mas evidencia também a grande

⁴⁷⁵ Brasília a capital dos tricampeões. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.8-16, jul. 1970. p.11.

⁴⁷⁶ Os números quanto a quantidade de pessoas presentes foram bastante variáveis, a revista *Manchete*, por exemplo, estimou em cerca de 200 mil, mais do que a que capital havia recebido por ocasião de sua inauguração no governo de Juscelino Kubistchek.

⁴⁷⁷ Brasília a capital dos tricampeões. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, p.8-16, jul. 1970. p.16.

capacidade de mobilização passional diante de aspectos da organização política e social do país, que deveriam ser capazes de cativar interesses semelhantes entre a população. Também reforça a de interlocução entre política e esporte como forma de promoção e aproximação da opinião pública.

Neste sentido, tanto quanto o evento em si, a cobertura da cerimônia em Brasília e a divulgação dos festejos no planalto contribuía para canalizar a mobilização passional em torno do triunfo esportivo ao regime político instaurado. Mesmo sem a interferência política do regime na conquista do mundial, a seleção enviada ao México era visualizada como espécie de representante da nação. A conquista do título veio ao encontro de um recalque das concepções de nação e povo inacabados. Deste modo, as comemorações pela vitória não estão restritas manipulação do regime, pois representavam também espaço de celebração popular e passional sobre a nacionalidade.

Assim como a rival, o periódico semanal dos irmãos Bloch também publicou uma fotoreportagem colorida sobre a chegada da seleção em Brasília e a homenagem oficial organizada pelo governo. O enfoque era bastante semelhante ao da concorrente, ressaltando a grande presença popular na passagem da equipe pela cidade. A paridade entre os artigos refletia-se tanto nas imagens publicadas quanto nos textos apresentados. Sob ângulos diferentes, foram retratadas as fotografias do Presidente Médici com a delegação e no parlatório. Do mesmo modo, o discurso destacava que “os tricampeões do mundo desfilaram na avenida de Brasília e receberam a mais apoteótica recepção já prestada nos 10 anos de existência da Capital da República”⁴⁷⁸ e “Brasília recebeu os tricampeões do mundo com a maior festa popular de sua história”⁴⁷⁹. Duas edições posteriores, na seção “Posto de Escuta”, a revista trouxe a seguinte informação como curiosidade sobre a presença dos veículos de imprensa na recepção sediada no Palácio do Planalto.

Somente a posse do Presidente **Médici** conseguiu superar o interesse da imprensa por homenagens a figuras do nosso futebol, no Palácio do Planalto. Para aquela solenidade, houve 189 credenciamentos especiais de jornalistas, que representavam 50 órgãos de imprensa; Para a visita de **Pelé**, foram 25 jornalistas de 15 empresas; e, finalmente, para a chegada da seleção tricampeã, os jornalistas foram 93 e os órgãos 29.⁴⁸⁰

⁴⁷⁸ A taça sem protocolo. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 4-17, jul. 1970. p. 7.

⁴⁷⁹ *Id.* p. 7.

⁴⁸⁰ Posto de Escuta. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 953, p. 118-119, jul. 1970. p. 118.

A observação proposta pela publicação possibilitava uma interessante comparação com as leituras previamente realizadas nos artigos. Principalmente na passagem da reportagem de *O Cruzeiro* comparando a calorosa homenagem à seleção com dois momentos políticos paradigmáticos na trajetória da Capital Federal. Uma primeira constatação passível de ser realizada, quanto à nota publicada na revista, subentende uma maior importância atribuída entre os veículos de imprensa como um todo para a posse do General Médici, evento político significativo, do que para as homenagens prestadas aos tricampeões. Do mesmo modo, a sutil diferença entre a cobertura da imprensa e a atestada presença popular, sinalizava certa disparidade entre os motivos de mobilização dos órgãos de imprensa e da população em geral. O próprio texto observa com surpresa a ampla presença dos repórteres na cobertura do futebol, atestando de certa forma o espaço destacado que ocupava no momento. Sob o interesse racional dos veículos de comunicação, a cerimônia política recebeu significativa consideração enquanto evento de maior importância para a organização política e social do país¹¹.

Um dos aspectos que contribuíram para o desenvolvimento deste processo de instrumentalização política do futebol é a grande atenção destinada ao mundial pelos veículos de comunicação. Como desenvolvimento dos aparelhos de mídia, sobretudo quanto às transmissões de rádio e televisão, milhares de pessoas acompanharam a Copa do México ao vivo, em todo o globo. A grande exposição midiática proporcionada pelo evento, não passou despercebida nas análises sobre o mundial. O enviado da *O Cruzeiro* no México, Geraldo Romualdo, finalizou o artigo sobre a final evidenciando a ampla transmissão da partida no Estádio Asteca.

[...] Estiveram presentes 110 mil das 112.500 pessoas esperadas. O tempo amanheceu ruim. Havia transmissão direta. Em toda parte há quem preferia o conforto.

A partida foi transmitida pelo rádio e pela televisão para toda a República Mexicana. Trinta e sete países receberam imagem desse acontecimento. Digo, de forma direta. O rádio penetrou em 127 estações internacionais. A televisão chegou a América, Europa e oriente Próximo. Além dos países que contrataram especialmente a imagem, outros treze a receberam na mesma hora, num total aproximado de 800 milhões de espectadores. Estimam-se em mais de 600 mil ouvintes de rádio.⁴⁸¹

⁴⁸¹ SILVA, G. R. da. A conquista definitiva. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 20-28, jun. 1970. p. 28.

Além da grande quantidade de espectadores que acompanharam o evento à distância, a vitória sobre os italianos e a conquista do tricampeonato mundial repercutiu em diversos veículos de imprensa ao redor do mundo. Sob a representação do selecionado e do futebol nacional, o Brasil estava em evidência no cenário mundial. A edição especial de *Manchete* sobre a Copa do Mundo trouxe um artigo específico sobre a repercussão da conquista do tricampeonato nos órgãos de comunicação internacionais. O título do artigo, “O dia em que o Brasil conquistou o mundo”, já denotava a perspectiva adotada pela publicação.

Em matéria de publicidade para o Brasil, no exterior, nunca houve nada como esta Copa. É possível que, no mundo, ainda exista alguém que desconheça Brasília como nossa capital. Mas já não ignora que há um país chamado Brasil que é tricampeão mundial de futebol e um jogador fabuloso chamado Pelé.[...]

Eram três mil jornalistas, no México. E todos falando do Brasil. Eram cerca de 700 milhões de espectadores vendo na televisão, no mundo inteiro. E todos viram o Brasil vencer. A Copa não foi apenas nossa maior vitória esportiva, o tri. Foi, também, a nossa maior promoção mundial.⁴⁸²

Diante da ampla mobilização para a cobertura e transmissão do mundial, o êxito da escrete brasileiro era transmitido ao redor do globo, estampando manchetes e artigos em diversos periódicos no exterior. A própria reportagem trouxe imagens de algumas das Capas destinadas à seleção em diferentes partes do mundo.



FIGURA 67 – O dia em que o Brasil conquistou o mundo

FONTE: O dia em que o Brasil conquistou o mundo. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. especial, p. 134–35, jul. 1970.

⁴⁸² O dia em que o Brasil conquistou o mundo. *Manchete*, Rio de Janeiro, n. especial, p. 134–35, jul. 1970. p. 135.

Sob a representação do futebol e da equipe tricampeã, o Brasil ganhava um destaque internacional que ainda não havia experimentado. Se internamente o futebol ocupava compreensível espaço nos meios de comunicação e angariava a atenção popular, externamente, em decorrência tanto do desenvolvimento dos aparelhos de mídia quanto do apelo global proporcionado pelo esporte, servia à projeção do país. De certo modo a exposição obtida na Copa do México também contribuía para a identificação cultural do futebol ao Brasil internacionalmente – justificando em certa medida a assertiva “país do futebol”. A correlação entre futebol e nação nos veículos de imprensa demonstrava o espaço propício para apropriação e promoção política a partir da bem sucedida campanha na Copa do México.

Outras perspectivas sobre a conquista nacional podem ser contempladas através dos artigos publicados no semanário alternativo *O Pasquim*. Diferentemente das revistas observadas, oriundas da grande imprensa, o discurso adotado assume um tom mais crítico em relação à repercussão política e social da conquista. Artigos, charges e entrevistas ao mesmo tempo em que buscavam valorizar o tricampeonato sob o plano esportivo, enaltecendo a tradição cultural atribuída ao jogo, questionavam a dimensão social adquirida pelo evento. O futebol é tão valorizado como fenômeno cultural significativo, quanto criticado por servir como forma de alienação política e ocultar desigualdades sociais.

Ainda durante o período de preparações para o torneio alguns dos colaboradores do semanário manifestavam uma postura crítica quanto à dimensão obtida pelo esporte no cenário social. O cartunista Ziraldo escrevia um pequeno texto na seção de Dicas n’ *O Pasquim* de 12 de março de 1970. Sob o título “Dá-me uma razão”, refletia sobre os fatores que permearam a conquista do campeonato mundial. Contudo, não se preocupava com aspectos técnicos e táticos, mas focalizava a relação emocional do futebol com a população e a identificação desta com a nação. O autor iniciava o texto destacando sua posição como torcedor diante da iminente disputa em 1970.

Se depender da minha garganta e rouquidão, do estraçalhamento dos meus nervos, do resto das minhas unhas e de toda a minha empolgação, podem mandar buscar o caneco que ele daqui não vai sair nunca mais. Acontece que minha voz, meu equilíbrio emocional e minha paz interior não são razão bastante para o Brasil ser campeão do mundo.⁴⁸³

⁴⁸³ ZIRALDO. Dá-me uma razão. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 38, p. 34–35, mar. 1970. p. 34.

A dúvida apresentada pelo autor seria a base da narrativa elaborada por Ziraldo. A resposta a esta questão estava enraizada na memória do bicampeonato obtido em 1958-62, na ocasião do primeiro título mundial. Nesse sentido, a qualidade dos jogadores é relembada, porém devidamente aliada à ocorrência de alguns fatores fortuitos que convergiam para o êxito brasileiro na competição.

Pode ser que esta seja a explicação pela qual o Brasil foi bicampeão do mundo. Um título desses se faz, inegavelmente, com o melhor time, mas também se faz com um desencadeamento de fatalidades históricas indiscutíveis. Em 1958, o futebol europeu estava de uma certa forma estacionado; nós éramos um time de gênios e além disso jogávamos o futebol mais moderno do mundo da época; havia uma forma de organização – ainda que por vezes discutível – por trás da seleção, médicos, dentistas, psicólogos, tudo novo, com indiscutíveis reflexos positivos para todos; havia a humildade ganha na humilhação de 1954 e, principalmente, havia na época aquela imensa alegria que a gente tinha de ser brasileiro, aquela imensa responsabilidade de ser brasileiro, vivia-se no Brasil um clima de verdadeiro orgulho nacional, nunca antes experimentado em nossa história. E como diz a minha avó: “Isso conta, isso conta!” Não se ganha nada no mundo sem uma forte razão para se ganhar...⁴⁸⁴

Além dos elementos correlatos ao campo esportivo (a Copa de 1958, o suporte profissional, as qualidades técnicas do selecionado) o autor evoca como aspecto principal o sentimento de pertença e orgulho nacionais apresentados pela população, independentemente do futebol. Neste sentido, a suposta “razão” para a conquista do mundial originar-se-ia, ao menos em parte, deste espírito patriótico compartilhado no plano social. A conclusão do texto, novamente retomando a memória sobre o primeiro título na Suécia, complementava a tênue crítica ao cenário político-social vivenciado em 1970.

Eu me lembro muito bem. Era um domingo de sol. Uma patota imensa dentro da minha sala ouvindo o jogo. Lá embaixo, na praça, a multidão começando a se formar, os foguetes. De repente, o quinto gol, o fim da partida, as buzinas dos carros, os abraços, as lágrimas e meu avô – hoje com oitenta e sete anos – pulando como um menino em cima do sofá, rouco, quase apoplético, aos prantos, berrando a sua visão da vitória: “É o Jorcelino! É o Jorcelino! Deus proteja este home, meu pai! Viva o Jorcelino! Viva o Jorcelino!”⁴⁸⁵

A referência à comemoração exaltando JK evidenciava o apregoado sentimento de orgulho nacional evocado anteriormente. Algo que se estendia do plano político-social para o esportivo, o que não foi observado em 1970, sob a

⁴⁸⁴ ZIRALDO. Dá-me uma razão. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 38, p. 34–35, mar. 1970. p. 34.

⁴⁸⁵ *Ibid.* p. 35.

ditadura militar. Mesmo com o entusiasmo sobre o futebol, antes da realização da competição, a “razão” para a vitória do escrete ainda não podia ser visualizada por Ziraldo.

Algumas edições depois, n. 42, já em abril, o jornalista Pedro Ferreti, também se manifestou na seção de “Dicas” do semanário. Em meio à turbulência que se abatia sobre o processo de preparação, Ferreti questionava a preocupação excessiva dispensada à seleção.

Olhem aqui, esse negócio de seleção já não está enchendo, não? Por mim, já não aguento mais a cara de general romano do João Havelange, que, quando abre a boca, parece que está fazendo planos de batalha para destruir Cartago. A miopia de Pelé, a retina de Tostão, os traumas de Clodô, etc, etc, etc. Todo mundo gosta de Futebol, ou quase. Eu também gosto de bebida, mas em certo excesso, dá coma. Parece que de repente este país é só futebol. E os cronistas, meu Deus, aquelas exegeses sobre 4-3-3, 4-2-4, as “complexas” giradas no meio de campo, a humildade do Zagalo, a arrogância do João, etc, etc, etc [...] ⁴⁸⁶

Apesar de reiterar sua torcida pelo êxito da equipe, o autor sinalizava a necessidade de conferir atenção semelhante a questões mais urgentes da vida nacional. Sob este aspecto o futebol era empregado como forma de alienação popular, desviando a preocupação de aspectos essenciais para a solução das dificuldades nacionais. Ainda assim, a crítica do autor parece se direcionar muito mais para a dimensão social conferida à modalidade, bem como ao proveito de sua popularidade, inclusive por parte da imprensa, do que colocar-se contra o futebol em si. O problema levantado pelo autor reside justamente na interjeição entre o campo político e esportivo com relação aos representantes dos anseios nacionais.

[...] Afinal, o jogo são 22 caras correndo atrás de uma bola. Conheço algumas coisas mais difíceis, mais importantes para o País e que, se vencidas, nos dariam algo mais do que uma taça e uma válvula de escape para uma massa popular mantida na mais absoluta ignorância das causas de sua miséria e atraso. ⁴⁸⁷

Na edição número 44 d’ *O Pasquim*, Ferreti se manifestava contrariamente à preocupação concedida ao futebol. Novamente a seção de Dicas seria o espaço utilizado para a manifestação da opinião do jornalista. Sob o título “Na onda certa”, o autor discorria sobre alguns debates recentes no Congresso quanto à possibilidade

⁴⁸⁶ FERRETI, P. Para a bola. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 42, p. 30–31, abr. 1970. p. 30.

⁴⁸⁷ *Id.*

de intervenção na CBD, assunto que ganhara força após as críticas proferidas por Saldanha depois de sua retirada do comando do escrete.

Nos últimos dias tem havido debates no Congresso brasileiro. O assunto: a seleção nacional. O deputado Floriano Rubin (ARENA – Espírito Santo) fez a defesa dos dirigentes da CBD. O deputado Veiga Brito (ARENA - GB) manifestou-se contrário ao envolvimento do seu nome no noticiário que menciona uma possível intervenção federal na CBD, a pedido do senador Vasconcelos Torres, do Estado do Rio. Como se vê, o Congresso está perfeitamente sintonizado com os anseios da nação, discutindo temas que decidirão o destino do país.⁴⁸⁸

Apesar de reiterar a perspectiva do futebol como uma temática menos relevante no cenário social nacional, o autor concentra sua crítica sobre os representantes políticos. De acordo com a leitura efetuada pelo jornalista ao discorrer sobre temas correlacionados a seleção nacional (no caso a possibilidade de intervenção na CBD) seriam deixados de lado aspectos fundamentais ao desenvolvimento do país. Deste modo, o discurso colocava em dúvida a efetiva representatividade dos agentes políticos quanto aos desejos e necessidades populares. Por mais que o futebol cativasse a população, os eventos próprios do campo esportivo não teriam interferência direta na realidade social.

As opiniões emitidas pelos integrantes do semanário alternativo evidenciam um dos dilemas construídos sobre o principal esporte nacional durante o período da Copa de 1970: a confusão entre a mobilização nacionalista construída em torno da seleção e as possibilidades de apropriação política por parte do regime militar de um evento externo que canalizava significativa atenção das massas. Se por um lado o futebol surgia como espaço de manifestação de orgulho nacional para a população, por outro contribuía para propagação de uma imagem positiva do regime, supostamente desviando a atenção dos reais problemas políticos e sociais da nação. Sob o olhar de muitos dos opositores do regime o futebol passava a ser encarado como forma de alienação política passível de ser instrumentalizada pelo governo ditatorial. Já com a competição em andamento, o cartunista Henfil produzia uma tirinha de uma página para *O Pasquim*, que sintetizaria esta contradição.

⁴⁸⁸ FERRETI, P. Na onda certa. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 44, p. 36, mai. 1970. p. 30.

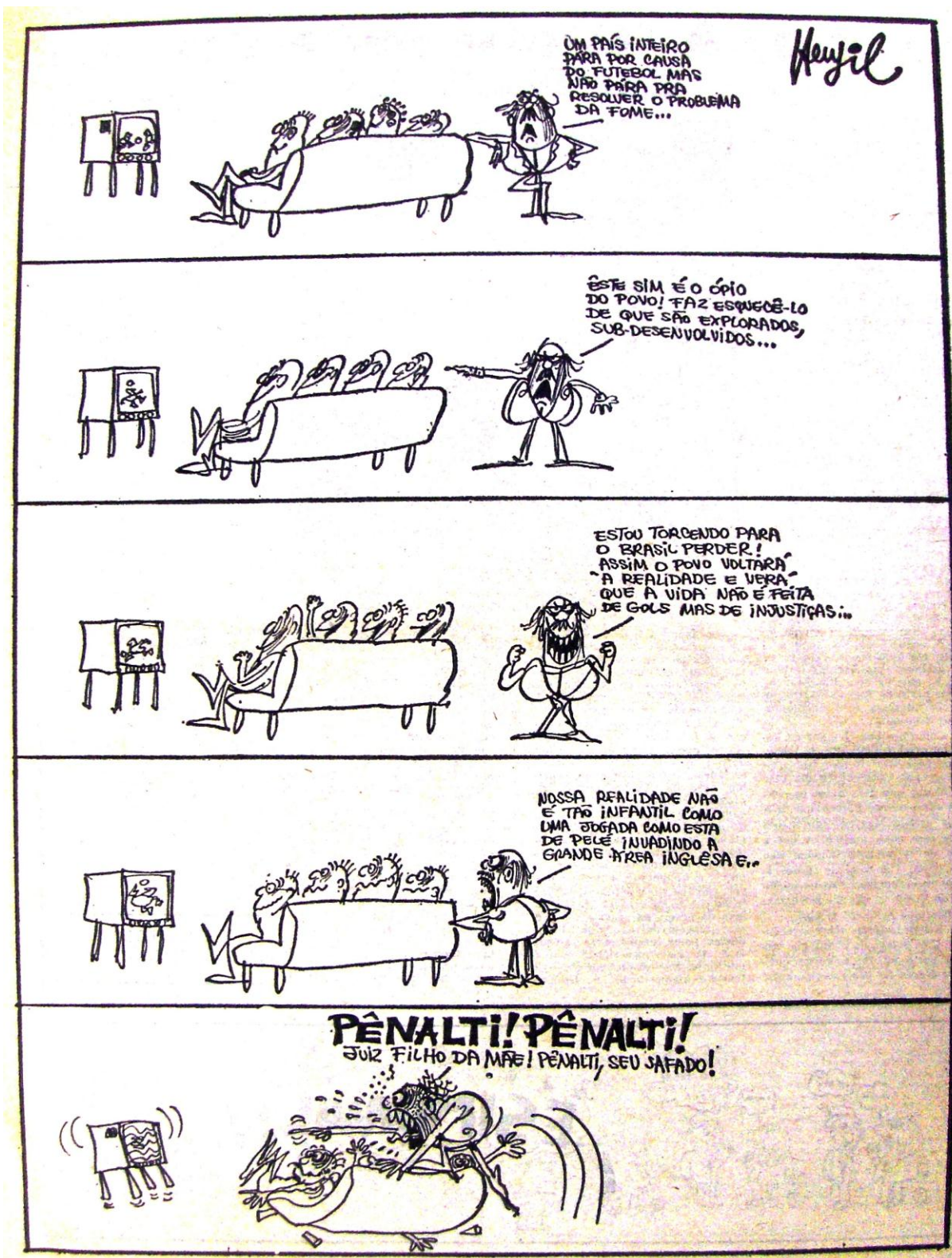


FIGURA 68 – Henfil

FONTE: *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 17, p. 7, out. 1969

O personagem principal da tira, faz referência aos intelectuais de esquerda e retrata justamente um crítico da mobilização nacional promovida pelo futebol durante o mundial. A reação demonstrada pelo personagem evidencia o embate entre a

postura política adotada sobre esporte, como forma de alienação, e a exaltação passional característica do futebol no país. Sob uma linguagem simples, Henfil evidencia a dicotomia presente na correlação entre os dois campos, embora distintos, inter-relacionados pelas possibilidades de representação da nacionalidade no espaço social.

Além da produção da sua equipe e colaboradores, o hebdomadário também veiculava, na seção “O que há para ler”, materiais originalmente divulgados em outros periódicos. Terminada a competição, dois artigos analisando a repercussão do mundial foram publicados nesta seção d’*O Pasquim* nº 54, de julho de 1970. Antecipando os textos, uma nota explicativa referenciava os veículos de origem desses textos, além de destacar sutilmente que o hebdomadário compactuava com as visões apresentadas nos artigos selecionados.

Em pleno frenesi provocado pela copa na imprensa, teve gente que conseguiu fotografar o que estava acontecendo. Entre os que acertarão estão Rubem Braga (*Última Hora*, 25 de junho) e Fernando Pedreira (*Estado de São Paulo*, 22 de junho).⁴⁸⁹

O primeiro texto, intitulado como “Reza e Berra”, trata sobre a manifestação passional da população diante do tricampeonato. Em um primeiro momento, o autor se indaga sobre o significado do tricampeonato mundial com relação ao dilema de afirmação nacional

Na hora a gente não pensa nada, apenas salta e berra: Brasil, Brasil, Brasil! Passado esse momento de gostoso furor irracional, é inevitável que a gente se ponha a pensar na importância e no sentido de tudo isso. Falando sério: o que vale e o que quer dizer esse tricampeonato mundial de futebol? Será uma afirmação do homem brasileiro, uma prova de capacidade do próprio Brasil?
Somos tentados a pensar que sim. A tentação é tão forte que não vou resistir; mas como essa afirmação e essa capacidade se limitam quase apenas ao futebol é o caso de perguntar se não se trata de uma habilidade específica de lidar com a pelota. [...] ⁴⁹⁰

Este diálogo evidencia o papel do futebol como representante do brasileiro e de sua capacidade de realização. Porém, Braga duvida de que estas representações sobre o brasileiro, seu esforço conjunto e mobilização passional fossem capazes de transcender os limites do campo esportivo. Durante mundial, teríamos mostrado,

⁴⁸⁹ O que há para ler. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 10.

⁴⁹⁰ BRAGA, R. Reza e Berra. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

para além do “talento especial” com a bola, capacidade de organização, planejamento e raciocínio rápido para obter a vitória “de ponta a ponta”.

O fato é esse: demonstramos, pelo menos no terreno do futebol, a capacidade de nos organizarmos da maneira mais feroz e mais sábia para obtermos uma vitória indiscutível em uma campanha longa e dura que dominamos de ponta a ponta; uma campanha que empolgou no mundo inteiro centenas de milhares de pessoas e explodiu na manchete de todos os grandes jornais.⁴⁹¹

Contudo, o autor não compartilha da mesma convicção quanto a possibilidade de uma mobilização coletiva, organizada e passional semelhante no universo político e social.

Mas o que explodiu mesmo foi a alma a paixão do povo; uma explosão incomparável de alegria, de entusiasmo, de orgulho. Será que esse povo que rezou e esta berrando junto, não será capaz de trabalhar junto, de viver em paz junto; Isto perguntava debruçado de minha varanda em Ipanema, um velho amigo meu; e perguntava mais: “Será que algum terrorista se aproveitou do delírio coletivo para adiantar um plano seu qualquer, agindo com frieza e precisão? Será que, de outro lado algum carrasco policial teve ânimo para voltar a torturar sua vítima logo que o alemão apitou o fim do jogo?”

Não respondo; não sei; receio que toda essa paixão generosa que nos empolgou a todos se consuma em fogo vão; e continuamos a viver esta nossa melancólica e vergonhosa vida nacional tal como ela era antes: medíocre, parda, vil,...

Não respondo; não sei. A hora não é de pensar é de berrar, berrar: Brasil, Brasil, Brasil!⁴⁹²

No texto de Braga, futebol, na figura do tricampeonato, e o contexto político cotidiano se opõem como formas de representação social do brasileiro. Enquanto o primeiro, fundamentado sobre uma tradição vitoriosa, desperta a paixão, união e a exaltação orgulhosa da nação, o segundo representa motivo de vergonha, desunião e melancolia. O futebol se manifestava com espaço para a realização plena do ser brasileiro, aglutinando manifestações passionais sobre a nacionalidade que não encontravam ressonância no espaço político e social do regime.

Ao passo que as narrativas verificadas anteriormente observam a interação entre o sucesso esportivo e sua apropriação política sob uma visão otimista, Braga refuta a sustentação dos sentimentos exaltados pelo futebol diante do conflituoso espaço social: o sucesso do futebol serve como espaço de representação de

⁴⁹¹ BRAGA, R. Reza e Berra. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

⁴⁹² *Id.*

desejos e anseios projetados sobre o Brasil enquanto nação, espécie de “despolitização” voluntária de uma realidade nacional incapaz de cativar, majoritariamente, as atenções populares. Sob esta perspectiva a efetivação de uma apropriação política por parte do governo teria duração efêmera e ineficiente, uma vez transcorridos os festejos populares.

O outro artigo selecionado pela equipe d’*O Pasquim*, “Duas lições do México”, foi originalmente publicado antes da partida final. A narrativa destaca o futebol praticado pela seleção como exemplo da capacidade de desenvolvimento da nação. Contrariando a perspectiva cultural tradicional, na Copa do México teriam sido superados alguns dos atributos negativos da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina e o individualismo, características muitas vezes enaltecidas como constituintes de um estilo propriamente brasileiro, corroboradas pelo bicampeonato de 1958 e 1962. De acordo com a leitura de Pedreira, sem perder suas qualidades técnicas e o talento com a bola, a seleção de 1970 romperia com momentos anteriores, representando a maturidade nacional, sintetizada a partir da capacidade de organização, do treinamento realizado, da disciplina e da consciência de seus jogadores.

Mas, desta vez, sem perder nada disso, a seleção brasileira de futebol mostrou ser a mais bem treinada e amparada, a que dispunha de melhor preparo físico e tão disciplinada e consciente dos seus deveres quanto as que mais o fossem. Portamo-nos seriamente. Preservamos as qualidades brasileiras, mas livramo-nos de alguns defeitos que pareciam características inalienáveis da alma nacional: a improvisação, a irresponsabilidade, a indisciplina, o individualismo.

País do Carnaval? Nem tanto. Com um pouco de sorte, uma Copa do Mundo pode ser ganha na base da improvisação e do virtuosismo. Mas para jogá-la como jogamos, desta vez, é preciso que a Nação tenha chegado a um grau de maturidade e seriedade - e até de riqueza material - que o Brasil tenha alcançado sem que nos déssemos claramente conta disso.⁴⁹³

O desenvolvimento da nação, a manifestação passional e maturidade demonstradas a partir do futebol, são consagradas como manifestação dos anseios populares, independentemente da intervenção política ou de verbas destinadas pelo Estado. A autonomia do campo esportivo aparece de forma velada, negando a possibilidade de que o desempenho brasileiro nos gramados seja fruto da ação e

⁴⁹³ PEDREIRA, F. Duas Lições do México. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

ingerência do Estado. Sob este aspecto, o futebol seria uma das poucas expressões despolitizadas e efetivamente democráticas da sociedade brasileira.

Quem é o responsável por este surpreendente comportamento, tão pouco “brasileiro”? A intervenção do Estado e o governo revolucionário? Não. O futebol, felizmente, é uma das poucas coisas neste País, que não foram estatizadas e nem sequer dependem do capital estrangeiro, a não ser no capítulo das verbas de publicidade. Pertence todo à iniciativa popular e particular: é o que pode haver de democrático.

Quem fez a atual seleção foi a nação propriamente dita. Foram os clubes e entidades esportivas, com todos os seus defeitos; foi a crítica vigilante da imprensa; foi a pressão das opiniões da opinião pública; foram os próprios jogadores. Com esses elementos, através de um debate mais livre, mais amplo e talvez tão apaixonado quanto o da política, chegamos ao México. Pode ter sido uma lição.⁴⁹⁴

Em uma sociedade burocratizada e excludente, sedimentada sob um regime de exceção, o futebol, sob a campanha realizada no mundial, é visualizado como exemplo de esforço plural de múltiplos atores sociais. Representa uma experiência efetiva de liberdade, fundamentado no debate coletivo em prol do desenvolvimento nacional em contraste com as limitações impostas pela rigidez política do momento. A Copa do Mundo serve como ensaio, ainda distante, de uma organização político-social mais igualitária, imaginada como ideal para resolução dos problemas da nação.

Mas a Copa do Mundo deixou-nos com água na boca. À espera do tempo em que os problemas reais da Nação brasileira, como a sêca do Nordeste, por exemplo, ou as grandes questões políticas, possam ser submetidas ao livre debate, à pressão das paixões populares, ao alto grau de participação coletiva que é hoje, entre nós, um privilégio do futebol. Estou certo de que, então, não nos faltara talento e ânimo para chegar onde queremos.⁴⁹⁵

Uma das características de *O Pasquim* é a personalidade da escrita. Enquanto a imprensa busca a padronização do texto, com a intenção de mostrar uma aparente neutralidade, objetividade e sintetizar uma pretensa uniformidade de pensamento, o hebdomadário privilegia a individualidade de cada autor. Deste modo, cada artigo, comentário ou coluna se enquadra no perfil do artigo de

⁴⁹⁴ PEDREIRA, F. Duas Lições do México. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 10-11, jul. 1970. p. 11.

⁴⁹⁵ *Id.*

opinião⁴⁹⁶. Tal postura permite que diferentes pontos de vista sobre a mesma temática possam ser observados em um mesmo exemplar do periódico.

Também no nº 54, Paulo Francis, discute brevemente a ampla comoção popular na comemoração do tricampeonato mundial. Novamente a exaltação passional proporcionada pelo futebol contrasta com a apatia popular diante do cenário político instalado com o golpe de 1964. Sob o formato de uma crítica velada ao regime, também permanece implícita a percepção do futebol como fenômeno capaz de cativar as massas. A euforia desencadeada pelo título constituiria um espaço paralelo de realização, crítica e contestação, servindo como uma fuga a triste realidade cotidiana. Diante da opressão política, que limita a possibilidade de expressão no espaço público, o futebol surgiria como caminho viável para plena manifestação popular:

A multidão nas ruas, depois das vitórias brasileiras na Copa do Mundo, estariam somente celebrando o futebol? Nada de comparável aconteceu em 1958 e 1962. Nem o fato do Tri ou da posse definitiva da taça explicam de todo a arruaça, pois arruaça foi. Havia algo mais, óbvio e inconsciente. Desde 1964, esta foi a primeira vez que o povo se sentiu unido em torno de um objetivo nacional. A inexistência de veículos de extravasão política, o tédio, o medo, e a miséria da vida do Brasil de hoje encontraram um antídoto nos nossos 11 jogadores em campo. Eles saíram daqui desmoralizados como nós. Lá fora, se reencontraram, talvez porque livres da nossa opressiva atmosfera doméstica, e a gente, por procuração, partilhou esse estado de espírito. Agora acabou, mas ficaram alguns sinais na parede para quem sabe lê-los.⁴⁹⁷

Ferreira Gullar⁴⁹⁸, em “Curtição Geral” também reflete sobre o momento vivenciado com o tricampeonato a fim de estabelecer sua crítica social. Segundo o autor, a relação popular com a seleção campeã no México representa “uma das raras expressões coletivas em uma sociedade como a nossa”. Para Gullar, o futebol representa simultaneamente “nossa glória e a expressão de nosso subdesenvolvimento”⁴⁹⁹.

Diante de uma sociedade desigual, subdividida em distantes grupos socioeconômicos, na qual os benefícios e riquezas são concentradas apenas por

⁴⁹⁶ Conforme o debatido no segundo capítulo.

⁴⁹⁷ FRANCIS, P. Opinião pessoal de Paulo Francis. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 25, jul. 1970.

⁴⁹⁸ Escritor e artista de destaque no período, foi um dos colaboradores recorrentes do semanário.

⁴⁹⁹ GULLAR, F. Curtição geral. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

uma pequena parcela, o futebol permanece como um dos poucos elementos eminentemente democráticos, acessível a todos.

Futebol não. É coisa de todo mundo. Ao alcance de todos. Uma chupa de laranja. Uma bola de meia. Uma bola de borracha. E afinal uma bola de couro. São estágios da vida de qualquer menino brasileiro, principalmente se ele é pobre, suburbano ou favelado. [...]

É assim o futebol: um troço aberto, democrático. A mais democrática seleção do mais apto de que se tem conhecimento neste país: todo mundo pode concorrer. Todo mundo aprende a jogar, pois não há necessidade de professor nem escola nem material escolar⁵⁰⁰

O sucesso do país neste esporte se dá justamente pela ampla participação das massas. Sem grandes possibilidades de ascensão social, a vida como jogador se transformava em um dos poucos caminhos viáveis, em que reinava uma espécie de igualdade de condições na disputa.

Acredito que o Brasil é tão bom em futebol por varias razões, mas uma delas, certamente, é essa amplíssima possibilidade de participação da massa do povo, sem as barreiras de classe. Como qualquer um pode tentar e conseguir, quase todos tentam ou pelo menos experimentam. Não é como fazer o ginásio, que o cara não consegue porque tem de trabalhar com doze, treze anos de idade. Além do mais, o pessoal da grana não ambiciona ser jogador de futebol. Alguns, até quando garotos, são bons de bola. Na adolescência, melhores ainda. Mas aí o pai entrega a eles um cargo na empresa e pronto [...]. Futebol é profissão de pobre.⁵⁰¹

Para Gullar, é justamente por configurar como um meio aberto a participação popular, livre à todos, que o futebol pode ser reinterpretado como autêntica expressão nacional. Ao romper com divisão da sociedade em extratos e permitir a ascensão social configura um espaço democrático de manifestação de uma carga cultural popular “semiclandestina”. A interação sociocultural entre o futebol e o povo brasileiro lhe confere legitimidade como fenômeno identitário nacional.

Por isso é que tão pouca coisa neste país tem a autenticidade nacional como a desta Copa. Como foi a da Copa de 58 e 62. É nacional não porque se intitule nacional, mas porque tem profundas raízes no povo do país. Não é uma coisa inventada pela propaganda nem imposta de cima pra baixo. É nacional como o trabalho duro de todo dia, como o salário pouco de cada mês, como o sonho de uma vida melhor. Nacional como o samba e o Carnaval.⁵⁰²

⁵⁰⁰ GULLAR, F. Curtição geral. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 54, p. 29, jul. 1970.

⁵⁰¹ *Id.*

⁵⁰² *Id.*

Para o autor, o futebol configura uma manifestação cultural popular espontânea, oriunda de expressões de paixão originárias do povo e não impostas arbitrariamente sobre ele. Gullar utiliza-se das construções discursivas articuladas sobre o esporte, e constituintes de sua perspectiva tradicional, para firmar sua crítica política, sem desconsiderar o papel destacado do futebol no espaço brasileiro.

Culminando a releitura política e social sobre o tricampeonato desenvolvida ao longo da edição, *O Pasquim* trouxe a seguinte charge em sua última página, sob autoria do cartunista Jaguar.

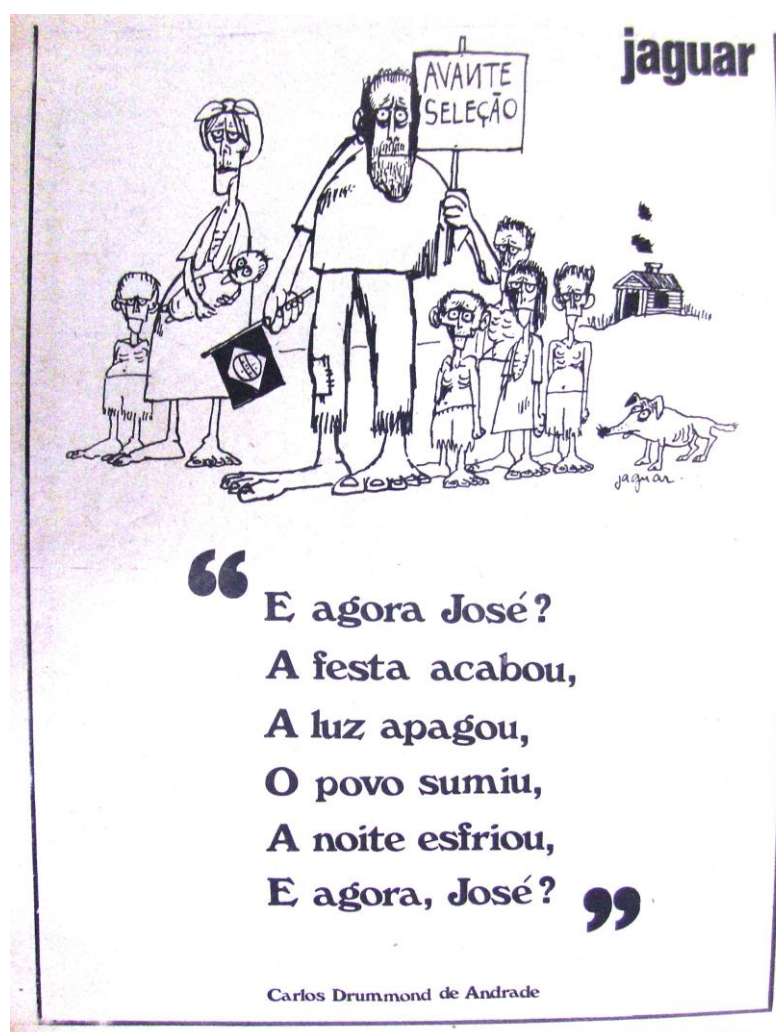


FIGURA 69 – Avante seleção

FONTE: Jaguar. *O Pasquim*, Rio de Janeiro, n. 54, p. 40, jul. 1970

Sentenciando o fim da euforia coletiva em prol da conquista do título, a charge de Jaguar, utilizava-se do poema de Drummond⁵⁰³, para reafirmar os

⁵⁰³ O poema “José” de Carlos Drummond de Andrade foi originalmente produzido em 1942, sob o Estado Novo Vargasista.

problemas e iniquidades sociais. Apesar do sucesso do tricampeonato, do fugaz momento de felicidade e o distanciamento do universo político-social, permanecem inalterados os dilemas da realidade nacional. Sem o entusiasmo da Copa (“e agora, José?”) fica a dúvida sobre qual será o alento da população. Terminado o mundial, o brasileiro se desvincula da tradição de nação vitoriosa construída com base no imaginário esportivo, para retornar para os desequilíbrios, ainda insolúveis, da sociedade.

Ainda na esteira do mundial, o próximo número do hebdomadário trouxe como principal destaque, inclusive na capa, a entrevista com o meio-campista Gérson, um dos principais jogadores do Brasil no torneio. A entrevista abordava assuntos diversos, tanto relacionados ao esporte quanto a vida particular do jogador. Sobre a campanha que resultou no tri, abordava desde o processo de preparação para o mundial, perpassando pelas polêmicas em torno da demissão de Saldanha e a contratação de Zagalo até a celebração do título, após a partida decisiva contra a Itália. Entre os temas levantados, o embate do tricampeonato no meio social desencadeou um diálogo interessante entre Marta Alencar e o jogador.

Marta- Você, como jogador, que que você acha desse clima que se criou em torno da Copa, do tri-campeonato? Porque virou um caso de orgulho nacional?

GERSON – Isso é normal. Sempre quando toca no nome do Brasil, a coisa muda de figura. Não é Flamengo ou o Corinthians, é coisa nacional que toca o coração. Graças a Deus nós ganhamos essa Copa porque se não ganhássemos haveria problema aqui no Brasil. Você sabe que o futebol é ...

Marta – É uma válvula de escape?

GERSON – É a válvula de escape. O povo podia passar fome nessas seis partidas da Copa do Mundo. Eles passariam fome, rindo

Marta – Você acha isso bom?

GERSON – Eu não tenho nada que achar. O problema é que isso toca o povo, o povo quer isso. Não interessa o que ele vai passar desde que o Brasil ganhe a Copa. É como o Flamengo, o cara traz isso no sangue, morre mas é Flamengo. É isso, o que que vai fazer?⁵⁰⁴

A posição adotada pelo jogador reiterou o aspecto emocional do futebol e, mesmo indiretamente, a sua construção enquanto elemento tradicional ao país. O discurso do jogador renova a dicotomia entre a paixão despertada pelo esporte e os problemas sociais apresentados pelo país. De certo modo, o discurso converge com a perspectiva do futebol como forma de alienação dos problemas nacionais, porém destaca que esta era uma vontade da própria população, algo que não dispunha de

⁵⁰⁴ Gérson. **O Pasquim**, Rio de Janeiro, n. 55, p. 12-15, jul. 1970. p. 15.

uma explicação lógica ou uma compreensão racional. Curiosamente, a perspectiva apresentada pelo atleta coincidiu parcialmente com outras visões apresentadas anteriormente que evocaram a comoção emocional promovida pelo título. As próprias charges apresentada por Ziraldo (figura 68) e Jaguar (figura 69), assemelham-se a alegoria apresentada pelo jogador.

De modo geral, os artigos analisados conferem lugar significativo ao futebol como forma de manifestação cultural popular. Este é representado como fenômeno singular, dotado de funcionamento autônomo à realidade política e social. Nas narrativas observadas, a tradição brasileira no esporte e os valores culturais a ele atribuídos são evocados como forma de justificar seu grande apelo junto à população, conferindo legitimidade a manifestação de sentimentos passionais sobre a nacionalidade. Nesse processo, também foram rememoradas características consagradas ao futebol brasileiro como forma de assegurar à campanha realizada no México um lugar singular na trajetória esportiva nacional.

Uma suposta interferência, isto é, uma determinação do campo político sobre o esportivo é negada por estas narrações. Embora as possibilidades de apropriação política em favor do Estado sejam destacadas, sendo até mesmo parcialmente incentivadas em *O Cruzeiro* e *Manchete*, o esforço que leva a conquista ao tricampeonato é localizado fora das possibilidades de intervenção do governo. A propaganda política tratou de canalizar os louros da vitória no México em proveito de seus projetos políticos, na tentativa de aproximar a imagem do regime à população. Estas estratégias são devidamente reconhecidas pela imprensa, mesmo pelos veículos que mantêm uma postura complacente com o autoritarismo militar, atestando o momento do tricampeonato como uma oportunidade única de cativar a população, algo que desde a eclosão do golpe em 1964 a ditadura fora incapaz de realizar.

Embora a leitura do futebol como objeto de alienação política esteja bastante presente, as narrativas não parecem compartilhar somente de sua interpretação como “ópio do povo”. Apesar de, algumas vezes, ser retratada como uma forma de desviar as atenções populares dos verdadeiros problemas da sociedade brasileira, este desvio é muitas vezes voluntário. Uma maneira de celebração popular na qual a representação do Brasil-nação obtém sucesso, com ampla mobilização das massas. A politização proporcionada pelo esporte surge a partir da manifestação popular espontânea e legítima em contraponto a um cenário político que limita a participação

e o debate públicos. Neste sentido, mesmo quando retratado como forma de alienação, o futebol configurava uma experiência “democrática”, enquanto o mesmo não podia ser visualizado no campo político brasileiro sob o signo da ditadura militar.

5.3. Médici: na esfera do (torcedor) comum

Durante o mês de agosto de 1969 o então presidente, Arthur da Costa e Silva, foi acometido por uma trombose, sendo hospitalizado em estado de coma. Diante da gravidade do problema de saúde apresentado pelo Marechal os militares se depararam com a possibilidade efetiva do principal cargo do governo retornar as mãos de um civil. No caso, o vice-presidente Pedro Aleixo, que não dispunha da confiança da cúpula militar para assumir a função⁵⁰⁵. Diante do impasse, o comando político do país ficou provisoriamente sob os cuidados de uma Junta Militar, reunindo representantes das três armas.⁵⁰⁶

Além de assumir temporariamente as funções cabíveis ao presidente, a Junta organizou o processo sucessório emergencial, após constatar a impossibilidade de Costa e Silva em retomar a presidência. O escolhido para assumir o cargo seria o General do III exército, Emílio Garrastazu Médici. Além da longa carreira militar, o novo presidente havia ocupado cargos chave na estrutura político administrativa do regime. Entre 1967 e 1969, Médici chefiou o Sistema Nacional de Informação (SNI), elemento central no aparato de espionagem e vigilância da ditadura.

O General foi empossado em 27 de outubro, um dia após a confirmação da escolha pelo recém convocado congresso. Entre os veículos de imprensa investigados, *O Cruzeiro* e *Manchete* concederam amplo destaque para a cerimônia de posse, em especial para o discurso do novo Chefe de Estado. Além do espaço cedido pelas publicações, o apoio ao novo presidente ficaria explicitado em diversos artigos. Neste sentido, ambas as revistas integraram a base de sustentação do governo entre os veículos de mídia impressa, servindo a construção de uma imagem

⁵⁰⁵ Mesmo integrando o partido governista, a ARENA, Aleixo havia se oposto publicamente ao AI-5. No mesmo sentido, em 1969, coordenava uma comissão de juristas que revisava a constituição de 1967 e preparava uma nova carta revogando o Ato Institucional lançado em dezembro de 1968. ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil** (1964-84). Bauru: Edusc, 2005.

⁵⁰⁶ *Id.*

positiva do regime, em particular de seus principais representantes, junto ao público leitor.

Presidente da república durante a Copa de 1970, o general Emílio Garrastazu Médici era um inegável fã de futebol. Talvez justamente por isso sua relação com o jogo da bola foi um dos pontos evidenciados no processo de associação do regime ao esporte⁵⁰⁷. Modelar a imagem do presidente consistia em um dos principais focos da propaganda governamental. A associação de sua figura com o futebol, sobretudo em momentos vitoriosos, possibilitava a aproximação do regime com as massas, bem como a criação de um vínculo afetivo com sua principal liderança. Atestar a apropriação política efetuada a partir do apreço de Médici pelo futebol não significa desqualificar seu envolvimento com o esporte, mas reconhecer a capitalização desta relação em proveito da efígie pública que ditadura buscava construir.

Exemplo deste processo consiste na constatação de que a relação entre o futebol e o Chefe de Estado não se resumia, como em diversos momentos anteriores (a exemplo das Copas de 1950, 1958 e 1962), somente no proveito da imagem positiva da Seleção durante a competição mundial. Mesmo antes do evento, a figura do presidente esteve constantemente associada ao futebol. Neste sentido, não raramente, em artigos ou comentários publicados em *O Cruzeiro* e *Manchete*, o apreço de Médici pelo futebol seria devidamente retratado.

Desde seu anúncio como futuro chefe do poder executivo, a imagem do general esteve articulada ao futebol. Ainda que a princípio tal correlação não parecesse supor um processo proposital, ou vislumbresse a instrumentalização do futebol como objeto de propaganda na promoção do general em seu novo cargo, já sugeria uma ligação particular do Chefe de Estado com o esporte.

O Cruzeiro n. 43, de 23 de outubro de 1969, anterior à confirmação da candidatura de Médici pelo congresso, veicularia o artigo “O começo de um futuro presidente”⁵⁰⁸. O texto, como já denotava o título, abordaria as primeiras medidas do general em vias de assumir a presidência. Além de tratar sobre os meandros do processo sucessório, também comentaria sobre as primeiras declarações a

⁵⁰⁷ GUTERMAN, M. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. Dissertação em História. São Paulo: PUC-SP, 2006

⁵⁰⁸ GONZALEZ, E. O começo de um novo presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 43, p. 20-24, out. 1969.

população e a imprensa. No meio do artigo seriam publicadas duas fotos de Médici assistindo ao jogo entre Grêmio e Corinthians, junto ao seu neto, em Porto Alegre. Ainda que timidamente, o interesse pelo futebol já seria registrado publicação.

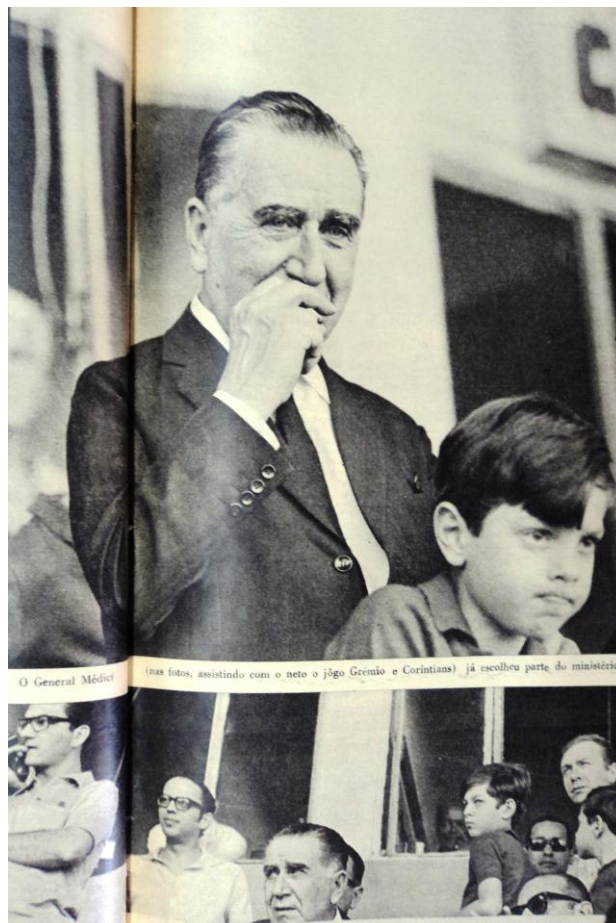


FIGURA 70 – Médici e seu neto acompanham Grêmio x Corinthians
 FONTE: GONZALEZ, E. O começo de um novo presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 43, p. 20-24, out. 1969.

Neste ponto é interessante observar a reportagem “Quem é o novo presidente”, da *Manchete* n. 914, de 25 de outubro de 1969. O repórter político Murilo Melo filho, lembrando o passado do novo governante, comentaria que “o general Médici era atacante do Grêmio de Bagé. Tinha bom chute e acertava sempre o gol”⁵⁰⁹. Da mesma maneira, destacaria que frente as preocupações e deveres que deveriam ser “bastante absorventes” ao futuro presidente, “talvez não

⁵⁰⁹ MELO FILHO, M. Quem é o novo presidente?, *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 17, n. 914, p.4-11, out. 1969. p. 6.

lhe sobre mais nenhum tempo para um passeio a cavalo, uma partida de biriba ou um jogo de futebol”⁵¹⁰.

Na edição seguinte de *Manchete*, na seção “Posto de Escuta”⁵¹¹, também de responsabilidade de Melo Filho, seria veiculada uma nota bastante interessante assinalando a recepção do público ao anúncio da presença do novo presidente em uma partida da Taça de Prata em Porto Alegre:

Quando o **General Médici** entrou no estádio Beira-Rio, para assistir ao jogo do Internacional com o Atlético Mineiro, seu nome foi anunciado no alto-falante e 70 mil pessoas o aplaudiram. Foi o primeiro homem de governo ali aclamado. Pois geralmente o que acontece é vaia grande.⁵¹¹

Além de registrar a presença no Estádio, o texto assinala o apoio ao futuro presidente. Sob a representação dos aplausos nas arquibancadas, majoritariamente ocupadas por gaúchos, conterrâneos do general, a revista também demonstrava seu otimismo com o novo governante.

A edição n. 916 de *Manchete* trouxe a cobertura da cerimônia de posse. Além da reportagem específica sobre o evento, a revista também publicou uma fotoreportagem (novamente sob a escrita de Murilo Melo Filho) abordando, sucintamente, as condições socioeconômicas do país no momento de transição política⁵¹². Entre os aspectos levantados pelo jornalista, o futebol nacional recebeu destaque significativo. O texto, que acompanhava uma foto colorida de página dupla dos torcedores, (figura 70) assinalava a mobilização passional da população em torno do esporte:

O futebol ainda é a grande motivação para entusiasmo e as emoções da massa brasileira
Disse o General Médici, falando pela televisão: “Precisamos reproduzir, na vida político-administrativa, aquilo que conseguimos até hoje, nas atividades esportivas ou artísticas. É significativo que tenhamos obtido expressivos triunfos exatamente naqueles triunfos exatamente naqueles setores em que ocorre a entusiástica e comovida participação do povo”. Mesmo no impasse que antecedeu a posse do novo presidente da República, os jogos da Taça de Prata reuniram multidões no Maracanã. Prosseguiram o entusiasmo e otimismo os preparativos para a ida da seleção brasileira que irá a Copa do

⁵¹⁰ MELO FILHO, M. Quem é o novo presidente?. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 914, p.4-11, out. 1969. p. 11.

⁵¹¹ Posto de escuta. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 915, p. 140-141, nov. 1969.

⁵¹² MELO FILHO, M. O Brasil para o presidente Médici ver. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 916, p. 92-105, nov. 1969. p. 98.

Mundo, no México. O torcedor – o povo – não se deixou contagiar nunca pelos rumores do pânico.⁵¹³



FIGURA 71 – O Brasil para Médici ver

FONTE: MELO FILHO, M. O Brasil para o presidente Médici ver. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 43, p. 92-105, out. 1969. p. 98.

A alegoria extraída da fala do presidente assinala a percepção do esporte, sobretudo do futebol, enquanto paradigma de realização da nacionalidade. O envolvimento emocional proporcionado por manifestações localizadas fora do cenário político convencional, a exemplo do torneio Roberto Gomes Pedrosa e a classificação da seleção para a Copa do México, são elencados como exemplos de mobilização popular. De certa forma, representam tanto o descaso popular com o cenário institucional, quanto servem de referência as pretensões políticas, parcialmente contempladas na fala creditada ao presidente, de cativar a população.

De acordo com os relatos encontrados em variados artigos nas publicações investigadas Médici era torcedor do Grêmio Porto-Alegrense e simpatizante do carioca Flamengo. Não raramente, seria capaz de interromper reuniões ministeriais para acompanhar os resultados dos jogos. Na companhia de seu inseparável radinho de pilha, não teriam sido raras às ocasiões nas quais o líder do governo “arriscara-se” a frequentar estádios lotados para assistir os jogos ao vivo.

⁵¹³ MELO FILHO, M. O Brasil para o presidente Médici ver. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 17, n. 916, p. 92-105, nov. 1969. p. 98.

Reforçando o caráter propagandístico circunscrito a sua imagem também não foram poucas as ocasiões nas quais a presença do general fôra anunciada ao público por intermédio dos alto-falantes. De fato, o presidente era um entusiasta do jogo da bola. Entretanto esta não era uma faceta resguardada somente à vida privada do chefe da nação. Ao contrário, no momento de proximidade da Copa, e com seus resultados positivos ao esporte nacional, figurava como importante aparato de propaganda estatal.

A ainda recente Assessoria Especial de Relações Públicas, (AERP, fundada em 1968) assumiria parcela significativa desta tarefa⁵¹⁴. Além de vincular os anúncios publicitários pertinentes ao regime, aproveitando-se também das possibilidades viabilizadas pelo esporte, caberia a ela articular os êxitos futebolísticos à imagem do próprio presidente, legítimo apreciador do jogo e ávido torcedor. Sob a luz do discurso publicitário estatal o general assumira novo aspecto, mais próximo da população, no qual figurava simplesmente como um “homem comum”⁵¹⁵.

Ao final de 1969, ainda nos primeiros meses da nova gestão, a ocasião do milésimo gol de Pelé conferiu ao governo e, particularmente, ao presidente a oportunidade de relacionar-se ao esporte de modo oficial. As celebrações promovidas em razão do feito permitiram ao general figurar ao lado de um dos maiores ídolos nacionais do momento. Através do esporte, Pelé tornara-se um dos símbolos de um sentimento patriótico e motivo de orgulho nacionalista. Diante de seu comportamento disciplinado e postura considerada exemplar, seria tomado como espécie de cidadão modelo, no qual a população deveria se espelhar⁵¹⁶. Após a consagração do gol, efusivamente festejado por diversos veículos de imprensa, o “Rei” viajou a capital do país para receber as homenagens institucionais das mãos do novo presidente. Juntamente com outras figuras políticas, sob os flashes das câmeras e o clamor popular, Médici ofereceu-lhe seus cumprimentos, concedendo-

⁵¹⁴ FICO, C. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

⁵¹⁵ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 158.

⁵¹⁶ Embora a aproximação do regime à figura de Pelé tenha ocorrido no período, sua apreciação enquanto cidadão modelo também não era algo recente. Desde 1958, momento em que despontou esportivamente, o jogador já desfrutava de uma percepção social semelhante, devidamente capitalizada no cenário político vigente.

lhe a honraria de “Comendador da Ordem de Rio Branco”. O *Cruzeiro*, em fotoreportagem colorida, retrataria a passagem do celebre camisa dez por Brasília:

Pelé voltou de Brasília como Comendador da Ordem do Rio Branco. Ele, que já era Cavaleiro da Ordem – segundo um decreto presidencial – foi elevado de categoria e recebeu uma das maiores ovações públicas já vistas na Capital, quando desfilou de Carro aberto pelas avenidas embandeiradas. Brasília estava tôda na rua, festejando sua chegada, quando ele formulou dois pedidos: incentivo à sua campanha pela criança pobre e uma mudança nos critérios de recolhimento do imposto de renda dos jogadores de futebol.
517

Embora o evento representasse um momento singular de aproximação entre o principal futebolista brasileiro da época e o Estado, o artigo focalizou sobretudo o “Rei do Futebol”, relegando um plano secundário as personalidades políticas. Em uma das fotografias, retratando o cerco ao jogador no Senado nacional (figura 72), a legenda assinalaria o assedio de alguns dos representantes do legislativo: “deputados e senadores, todos disputaram o autografo de Pelé no hall do Senado”⁵¹⁸. A festa da população, a condecoração concedida e o apreço demonstrado tanto por Médici quanto por outros integrantes políticos, evidenciavam a significância alcançada pelo jogo da bola no país, ao ponto de tratarem um de seus principais ídolos como um dos grandes heróis nacionais.



FIGURA 72 – Pelé cercado no senado

FONTE: SILVA, G. R. Pelé, o rei e o presidente . *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 41, n. 43, p. 14-16, dez. 1969. p. 15.

⁵¹⁷ SILVA, G. R. da. Pelé, o rei e o presidente. *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 41, n. 50, p. 14-16, dez. 1969. p. 15

⁵¹⁸ *Ibid.* p. 14

Diante da significativa conotação social, aproximar-se do esporte, bem como de suas principais personalidades, consistia em uma importante estratégia para angariar o prestígio popular. Reconhecer o feito e figurar ao lado de Pelé, diante de seu inegável carisma, configurava uma oportunidade importante à publicidade estatal, particularmente na construção imagética do recém empossado Chefe de Estado. Uma das imagens veiculadas na fotoreportagem de Geraldo Romualdo, enfocaria justamente o aperto de mãos entre Médici e Pelé, ao qual o general teria “feito grandes elogios e também confessado sua admiração”⁵¹⁹.



O Presidente Médici fêz grandes elogios a Pelé e confessou também a sua admiração.

FIGURA 73 – O encontro de Pelé e Médici

FONTE: SILVA, G. R. da. Pelé, o rei e o presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 50, dez. 1969, p. 15.

Já no ano de 1970, outras oportunidades também deram destaque ao envolvimento e interesse do general pelo esporte. Logo no início do ano, ainda em janeiro, o presidente visitou a cidade de São Paulo e participou das comemorações

⁵¹⁹ SILVA, G. R. da. Pelé, o rei e o presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 41, n. 50, p. 14-16, dez. 1969. p. 15

do aniversário da cidade. Tanto *Manchete* quanto *O Cruzeiro* abordaram a passagem do presidente pela capital paulista

“Aqui estou com o povo na praça e, na tarde que nos espera a todos, faço questão de unir a minha voz à voz da multidão no Morumbi. Permitam-me todos ali que o presidente também tenha um momento de si mesmo.” As palavras com que o presidente Médici encerrou a sua alocução ao povo de São Paulo acentuam a tônica de sua visita àquela capital: confraternização política e futebol. Informal e ativo, o presidente da República, num só dia, conferenciou com líderes políticos, inaugurou uma praça e assistiu, até o fim, ao jogo São Paulo x Futebol C. do Pôrto.⁵²⁰

A presença do general na partida comemorativa entre as equipes do São Paulo e do Porto, de Portugal, seria particularmente enfocada na reportagem de sucursal de *O Cruzeiro* em São Paulo. Além de focalizar o interesse do general pelo jogo, tal qual o artigo de *Manchete*, a passagem atesta a interação com do presidente com a população durante a visita.

Depois do almoço na casa do prefeito Paulo Maluf, seguiu de automóvel para o Morumbi (seria de helicóptero, mas ele preferiu contrariar o protocolo). Em todo o trajeto, milhares de faixas faziam alusão à sua presença, demonstrando o contentamento do povo paulista pela visita presidencial na comemoração do aniversário da cidade.

Entrando em campo sob estrondosa salva de palmas, o Presidente Médici fez questão de cumprimentar um a um os jogadores do São Paulo Futebol Clube e do Futebol Clube do Porto, de Portugal, na partida amistosa que realizaram na tarde de domingo, no estádio do Morumbi, inaugurado com o jogo. Ao som do Hino Nacional, foram hasteados os pavilhões do Brasil (pelo Presidente), de São Paulo (pelo governador Abreu Sodré) e do São Paulo F C (pelo seu presidente, Laudo Natel), sendo em seguida iniciado o jogo que acabou empatado em 1 a 1. Gols de Vieira Nunes e Miruca.⁵²¹

As fotorreportagens das publicações também veicularam imagens sobre a participação do presidente na cerimônia realizada no novo estádio.

⁵²⁰ O domingo do Presidente. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 929, p. 12-15, fev. 1970. p. 12.

⁵²¹ São Paulo recebe o Presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 6, p. 114-118, jan. 1970. p. 116.



FIGURA 74 – Médici no Morumbi

FONTE: O domingo do Presidente. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 43, p. 12-15, out. 1970. p. 14



FIGURA 75 – Médici hasteia a bandeira nacional

FONTE: O domingo do Presidente. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 43, p. 12-15, out. 1970. p. 14

Culminando com a relação entre o general o esporte, *O Cruzeiro* veicularia uma nota bastante interessante, em tamanho de letra maior e em caixa alta, demonstrando o interesse do general pela seleção nacional. O meio-campista Gérson, um dos destaques da equipe nacional, ainda sob o comando de João Saldanha, defendia a equipe do São Paulo e atuou durante a partida. De acordo com a revista, no momento em que cumprimentou o jogador “Médici chegou perto de

Gérson e falou em tom de confiança: ‘quero te ver no México com a Copa na Mão’”

⁵²²

Neste sentido é interessante lembrar que o presidente acompanhava o processo de preparação da equipe nacional. Conforme observamos anteriormente, Médici esteve presente em alguns dos amistosos preparatórios da seleção, sendo inclusive, personagem de uma das mais famosas polêmicas rememoradas quanto a passagem de João Saldanha no comando do escrete. Em sua paixão pelo futebol, teria até revelado sua admiração ao esquema de jogo que o treinador implantou na seleção, elogiando os bons resultados das eliminatórias⁵²³.

Na mesma edição em que a *Manchete* trouxe a fotoreportagem sobre a passagem de Médici por São Paulo, a revista publicou uma nota interessante sobre o general na seção “Posto de escuta”.

Entre os 80 milhões de técnicos brasileiros, inclui-se o Presidente **Médici**. Ao ouvir a transmissão do jogo do Flamengo, em Minas, reclamou da Falta de gols: “O **grandão**⁵²⁴ tem que botar o **Fio** nesse time.” Logo depois, a substituição era feita e o jogador marcava o tento do Flamengo. “Não disse”, comentou sorridente para os amigos, na varanda do Palácio da Alvorada.⁵²⁵

Esta nota reitera a perspectiva de Médici como real entusiasta do jogo. Mesmo despropositadamente, é interessante notar como a redação proposta pela revista articula o gosto do general pelo esporte como característica comum aos brasileiros.

Mesmo sem a capitalização política do governo, o futebol seria retratado como uma dos traços de ligação entre o general e a população. Sob os holofotes dos estádios, frente à tevê ou simplesmente com o ouvido colado ao rádio, constituía-se como inegável fã e ardoroso torcedor como qualquer outro brasileiro, sempre atento aos lances que se desenrolavam no gramado.

A poucos dias do mundial de 1970 a reportagem de Murilo Melo Filho à *Manchete*, intitulada “O estilo Médici”, da revista *Manchete*, procurava traçar um

⁵²² São Paulo recebe o Presidente. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 6, p. 114-118, dez. 1969. p. 116.

⁵²³ AGOSTINO, G. **Vencer ou Morrer**: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002. p. 160; SIQUEIRA, André Ike. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007. p. 355.

⁵²⁴ Grandão era o apelido do então técnico do Flamengo, Yustrich.

⁵²⁵ Pôsto de escuta. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 929, p. 60-61, fev. 1970. p. 60.

perfil do presidente e retratar seu cotidiano. O papel destacado do futebol entre as preferências do atual Chefe de Estado transparece logo no início do artigo.

Aos Domingos, assiste à missa na própria capela do palácio, com todos os seus parentes. Depois passeia de lancha pela manhã. E à tarde, assiste ao futebol pela tevê: a imagem é da televisão mas o som é de um pequeno rádio que fica o tempo todo colado ao ouvido e onde ele escuta a narração de um dos seus locutores preferidos: Jorge Curi ou Valdir Amaral. Nos intervalos do jogo, discute sobre os lances, opina e critica. Despersonaliza-se e investe-se na pessoa de um torcedor comum. Costuma dizer:
-Futebol é o único assunto sobre o qual posso opinar sem compromisso. Como é bom falar sobre Pelé...⁵²⁶

Neste trecho observa-se certa inversão de papéis propiciada pelo esporte. De acordo com o articulista, a silhueta austera e diferenciada própria da figura pública desaparece quando o presidente envolve-se com o futebol (“despersonaliza-se e investe-se na pessoa de um torcedor comum”). O jogo da bola parece encurtar a distância entre o general militar, o presidente, o líder da revolução e as massas, uma vez que, assim como qualquer pessoa, ao acompanhar o esporte, atua como um “simples” torcedor.

Ao longo da matéria, Murilo Melo Filho acompanha a rotina do presidente, deixando transparecer, em algumas passagens, certa “simpatia” à figura do General, destacando a preocupação do Chefe de Estado em atender a opinião pública.

[...] Seu filho Sérgio, que cuida de toda a correspondência, faz-lhe um resumo das opiniões que chegam na avalanche cada vez maior de cartas e telegramas. A Assessoria de Relações Públicas vale-se muito deles como canais de comunicação com a opinião brasileira
O presidente Médici preocupa-se com a opinião pública e quer comunicar-se sempre com ela. Mas também se acautela contra os excessos da comunicação. Acha que suas mensagens devem atingir a todos. Por isto recusou uma entrevista exclusiva que lhe foi a pouco pedida. Achou que não devia distinguir aquele jornalista, porque estaria discriminado contra todos os outros.⁵²⁷

A colocação desta preocupação em estabelecer uma comunicação com a sociedade civil por parte do Presidente, e, conseqüentemente, do governo, estabelece um contraste interessante. No momento peculiar então vivenciado pelo regime militar, no qual reforçava seu caráter ditatorial, percebe-se justamente o

⁵²⁶ MELO FILHO, M. O estilo Médici. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, p. 14-18, jun. 1970. p. 16.

⁵²⁷ *Id.*

aperfeiçoamento dos aparatos repressivo e coercitivo, particularmente no que concerne a liberdade de expressão, tanto dos meios de comunicação quanto individual. Embora o autor destaque a intensão do presidente em se comunicar, cresciam os mecanismos que coíbiam a manifestação da própria “opinião pública” com a qual se preocupava tanto em dialogar. De certo modo, esta perspectiva estaria contemplada no texto, implicitamente, quando o autor comenta que o presidente “se acautela com os excessos da comunicação”.

A postura militar também pode ser notada em uma das falas de Médici retratadas no artigo, assim como a manipulação do aparato de sucessão e escolha democrática do representante máximo da nação em contraponto aos preceitos do governo republicano e democrático.

À noite, no Alvorada, o general jamais fica sem ambiente. Abandona por completo o clima funcional e entrega-se à família. Mostra-se muito cioso dessa intimidade e do direito que tem de resguardá-la. Não permite que seja invadida ou devassada. Explica:

– Todos sabem que não pedi nem pleiteei a Presidência. Recebi-a como mais uma missão a cumprir, exatamente quando, após quase 50 anos de serviços prestados, merecia um justo repouso. Quero então que ao menos a família seja preservada e respeitada.⁵²⁸

Como um bom soldado, o General Médici encarava a presidência intitulada “mais uma missão a cumprir”, quase como uma ordem recebida e que deve, portanto, ser colocada em prática. Retomando os fatores que precederam à escolha do novo Chefe de Estado, é plausível redimensionar o início da fala: “todos sabem que não pedi nem pleiteei a Presidência”, afinal sua escolha não foi de fato um processo de “eleição” de acordo com a vontade popular ou mesmo pela votação indireta do congresso, o qual só teve a tarefa de confirmar algo já determinado, mas uma indicação segundo as necessidades e exigências do regime tal como se configurava no momento. Sendo assim, o escolhido faria frente aos desafios e enfrentamentos para os quais se supunha a necessidade de um pulso firme e afinado com as tendências revolucionárias. “Missão” que cabia muito bem ao, agora, novo Presidente Médici.

O advento da Copa do Mundo de 1970 proporcionou o ambiente necessário à associação entre o regime e o principal esporte do país. A interação futebol-poder

⁵²⁸ MELO FILHO, M. O estilo Médici. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, p. 14-18, jun. 1970. p. 18.

pretendida pelo regime se consumava a cada placar da vitoriosa campanha. A sequência de resultados positivos aumentava a expectativa da população que exaltava o futebol como uma manifestação legitimamente nacional. Neste cenário favorável, a cada vitória, o próprio Presidente saudava a seleção como representante da nação nos gramados mexicanos.

A conquista do título levou a euforia da torcida à enormes proporções. Se no estádio Asteca o gramado foi invadido por centenas de torcedores, no Brasil milhares saíram às ruas para comemorar. Neste contexto o jogo da bola tornava-se, mais do que nunca, a expressão vitoriosa do Brasil, afinal, pelo menos no esporte, os brasileiros eram os melhores do mundo, únicos tricampeões e de posse definitiva da almejada Jules Rimet. O alcance do feito era mundial.

Levando em consideração que a Copa desempenha uma admirável atração ao redor do mundo, os veículos de imprensa empreenderam uma cobertura maciça antes, durante e depois do evento. Sob a lente das câmeras, a luz dos flashes, as apaixonadas locuções e a tinta dos correspondentes, o triunfo esportivo tornava-se uma ocasião única de manifestação da capacidade e união nacionais, sob a renovação patriótica da revolução e batuta do mais novo Presidente. O proveito da imagem vencedora, e extremamente popular da seleção consistia em uma profícua possibilidade de articulação publicitária do regime e de seu principal representante (figuras 76 e 77).



FIGURA 76 – Homenagem Petrobrás

FONTE: **Aconteceu**, Rio de Janeiro, Ed. Especial, jul. 1970.

**TRES
OU QUATRO
COISAS
QUE O ALBERTOZZI
NÃO SABIA
A RESPEITO
DÊSSE MOÇO:**

Primeira: que ele é um industrial da borracha.
Segunda: que é diretor da Fiolax Indústria da Borracha S.A., sediada em Santo André, São Paulo.
Terceira: que é, portanto, um cidadão familiarizado com todos os problemas de elasticidade e flexibilidade.
Quarta: que, em vista de tudo isso, era tranquilo que aquela bola cruzada sobre a área tinha de encontrar a cabeça do Sr. Edson Arantes do Nascimento e daí seguir, implacável, para o fundo do gol.

Enfim: ninguém, prezado AlbertoZZi, segura um país onde esportistas e industriais se confundem, vestindo a mesma camisa e lutando pela mesma vitória!

**SUPERINTENDÊNCIA
DA BORRACHA**
MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E DO COMÉRCIO



FIGURA 77 – Superintendência da Borracha

FONTE: *O Cruzeiro*, Rio de Janeiro, ano 42, n. 29, p. 27, jul. 1970.

O próprio resultado da partida final, 4 x 1, em uma obra do acaso, concretizou um palpite de torcedor do presidente, devidamente lembrado nas páginas de alguns dos veículos de imprensa investigados: “O Presidente **Médici**, ao ver o gol da Itália contra o Brasil, limitou-se a comentar: ‘Isso foi só para confirmar o meu palpite de quatro a um.’”⁵²⁹. Já *O Cruzeiro* destacou o placar apontado por Médici nas comemorações de um torcedor carioca, que logo após a conquista do título “creditava” a vitória da seleção à aposta do presidente:

⁵²⁹ Posto de escuta. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 130-13, jul. 1970. p. 130.

Na Barata Ribeiro um homem de 40 anos corria agarrando a todos que estivessem por perto.

– Foi decreto. Foi decreto.

– O quê?

– Foi decreto. O noticiário disse que quatro a um era o palpite do Presidente Médici. Pra mim isso foi decreto.⁵³⁰

No rastro imediato da conquista, surgiram inúmeras publicações, manchetes e artigos especiais elevando os campeões. A chegada do escrete ao território nacional também recebeu ampla cobertura, inclusive na recepção armada na capital federal.

A recepção dos campeões compunha excelente oportunidade à aproximação política do futebol, inclusive de seu principal líder. A revista *O Cruzeiro* da primeira semana de julho, por exemplo, ao abordar as festivas comemorações para os tricampeões, trazia em suas primeiras páginas uma imagem emblemática ao retratar o Presidente Médici ao lado de Pelé, um dos mais destacados jogadores da Copa (inclusive sendo eleito o melhor da competição) e símbolo do futebol nacional.



FIGURA 78 – O Presidente e o Rei

FONTE: O Presidente e o rei: o abraço do torcedor ao ídolo. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n.28, p. 3, jul. 1970.

⁵³⁰ A taça é nossa. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, p. 30-34, dez. 1969. p. 32.

Junto da imagem em questão, a revista vinculava uma legenda explicativa, intitulada “O Presidente e o Rei: o abraço do torcedor ao ídolo”, trazendo o seguinte comentário.

Naquele momento, era muito menos o Presidente apresentando os cumprimentos oficiais a um dos heróis do feito que elevou o nome do Brasil entre as nações. Era muito mais o torcedor Emilio Garrastazu Médici abraçando um ídolo dos campos esportivos. Quando saudava um a um, os tricampeões mundiais em seu glorioso retorno ao país, o Presidente Médici reservara um abraço demorado para Pelé – o Rei do futebol mundial.⁵³¹

O regresso do selecionado brasileiro não só era tratado de forma triunfal, ou nas palavras da própria revista, “um retorno glorioso”, mas também seus integrantes eram recebidos como verdadeiros heróis nacionais, ao ponto do próprio Presidente da República coadjuvar-se como torcedor e fã agradecido, orgulhoso pelo “serviço” que os jogadores haviam prestado ao país, elevando “o nome do Brasil entre as nações”.

Seguindo esta linha, modelar as pretensões do discurso estatal é extremamente significativo, bem como a própria representação que se procurava construir a respeito do general-presidente no imaginário popular. O discurso proferido por Médici após o título no México, publicado na edição especial de *O Cruzeiro* sobre a Copa, retrata bem o que foi dito.

Na hora em que a Seleção Nacional de Futebol conquistou definitivamente a Copa do Mundo, após memorável campanha, na qual só enfrentou e venceu adversários do mais alto valor, desejo que todos vejam, no Presidente da República, um brasileiro igual a todos os brasileiros. Como um homem comum, como um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade de nosso povo no sentimento da mais pura exaltação patriótica. E identifico, na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência dos princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional. Identifico no sucesso de nossa Seleção de Futebol a vitória da unidade e da convergência de esforços, a vitória da inteligência e da bravura, da confiança e da humildade, da constância e da serenidade, da capacitação técnica, da preparação física e da consistência moral. Mas é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram por que souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva. Neste momento de vitória, trago ao povo a minha homenagem, identificando-me todo com a alegria e emoção de todas as ruas, para

⁵³¹ O Presidente e o rei: o abraço do torcedor ao ídolo. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, n.28, p. 3, jul. 1970.

festejar, em nossa incomparável Seleção de Futebol, a própria afirmação do valor do homem brasileiro.

Emílio Garrastazu Médici,

Presidente da República.⁵³²

A fala do General Médici, de modo geral, aglutinava os aspectos patrióticos ufanistas possibilitados pelo esporte que eram almejados pela propaganda estatal. A construção de um “caráter nacional” condizente com os valores morais e ideológicos do regime destacava-se como um dos principais projetos revolucionários, embora desde o golpe de 1964, pouco (ou nada) avançasse em sua estruturação. As paixões despertadas pelo futebol e as manifestações nacionalistas populares no apoio ao escrete canarinho, catalisadas pela exuberante campanha nos gramados mexicanos, fizeram do tricampeonato palco privilegiado à articulação das pretensões políticas do regime sobre o sucesso futebolístico.

O texto proferido pelo presidente associa de forma natural à alegria motivada pela vitória esportiva como uma manifestação do sentimento patriótico. Deste modo, era possível identificar “na vitória conquistada na fraterna disputa esportiva, a prevalência dos princípios de que nos devemos armar para a própria luta em favor do desenvolvimento nacional”. O discurso também evidencia elementos como a “unidade e convergência de esforços”, tão caros ao ideário de nação cobiçado pelo regime, e que deveriam ser transpostos à realidade político-social do país, afinal “é preciso que se diga, sobretudo, que os nossos jogadores venceram por que souberam ser uma harmoniosa equipe, em que, mais alto que a genialidade individual, afirmou-se a vontade coletiva.”

Nesse sentido, contudo, não só o Estado procurava vincular-se ao futebol, mas também seu principal representante destacava-se de modo singular. O esporte possibilitava ao Presidente figurar apenas como um “homem comum”, o qual, sem esquecer o modelo de exemplo nacional proporcionado pela sua posição, enxergava-se como “um brasileiro que, acima de todas as coisas, tem um imenso amor ao Brasil e uma crença inabalável neste país e neste povo, sinto-me profundamente feliz, pois nenhuma alegria é maior no meu coração que a alegria de ver a felicidade de nosso povo no sentimento da mais pura exaltação patriótica”. Enquanto figurava como Chefe da Nação e torcedor destacado, o General também

⁵³² O presidente torcedor. **O Cruzeiro**, Rio de Janeiro, ano 42, ed. especial, p. 4, jul. 1970.

buscava aproximar-se das massas e colocar-se como um cidadão comum. Nesta contrariedade de posições, os relatos sobre a chegada e recepção dos campeões a Brasília, publicadas na revista *Manchete*, também enaltecem, em muito, a imagem do General.

Enquanto cerca de 200 mil pessoas concentravam-se na praça dos três poderes e nas avenidas de Brasília para festejar seus heróis, o técnico Zagalo e o capitão Carlos Alberto apresentavam a taça Jules Rimet ao torcedor número um do time do Brasil – o Presidente Emílio Garrastazu Médici. Ardoroso fã do futebol e velho freqüentador dos estádios, o presidente foi um grande incentivador da seleção: como 90 milhões de brasileiros, torceu durante os 90 minutos de cada jogo, sofrendo ante cada ataque adversário e explodindo de alegria a cada gol de Jairzinho, Pelé ou Rivelino. Nada mais justo, portanto, que a primeira recepção aos tricampeões em solo nacional ocorresse na jovem capital da República e que a primeira saudação a eles fosse feita pelo presidente torcedor Médici.

533

O texto acima compunha apenas uma legenda explicativa que acompanha uma foto colorida de grande representatividade, que mostrava, no espaço de duas páginas, um sorridente Zagalo à esquerda, e o capitão Carlos Alberto à direita, com o Presidente, imponente, ao centro, e a taça como símbolo máximo da conquista à sua frente com os três personagens a segurando. Sob o título de “A taça sem protocolo”, a imagem dá início à cobertura da chegada da seleção à capital, bem como do desfile da equipe, ou de apenas alguns de seus jogadores, em algumas das principais cidades do país. Na sequência, acompanhava o almoço ofertado pelo Presidente no Palácio da Alvorada. Durante a cobertura da revista que relatava a recepção aos tricampeões, Médici foi destacado como “um apaixonado pelo futebol”, ou como um dos “torcedores mais entusiasmados da seleção”.

⁵³³ A taça sem protocolo. *Manchete*, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 18-19, jul. 1970. p. 19.



FIGURA 79 – A taça sem protocolo

FONTE: A taça sem protocolo. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, p. 18-19, jul. 1970.

A associação com o futebol permitia ao “presidente-torcedor” firmar certa proximidade com o povo, descendo à esfera do *comum*, enquanto no plano político, social e cultural a ditadura empreendia um rígido controle e vigilância, agindo através da coerção exercida pela polícia e pela censura prévia, a qual se esforçava em filtrar toda e qualquer forma de expressão contrária ao regime ou a seus representantes.

Os discursos construídos nestes veículos de comunicação refletem a construção imagética elaborada sobre o Presidente no intuito de aproximar e popularizar o Chefe da Nação junto às massas. Este processo encontrou no campo esportivo (futebolístico) espaço possível (e necessário) ao seu desenvolvimento. Entretanto, ao passo que há uma justaposição do comum, na tentativa de colocar o General em um patamar semelhante aos demais brasileiros, ao afirmar, por exemplo, que “como 90 milhões de brasileiros, torceu durante os 90 minutos de cada jogo, sofrendo ante cada ataque adversário e explodindo de alegria a cada gol de Jairzinho, Pelé ou Rivelino”, empreende-se um contraditório distanciamento. Uma diferenciação que coloca o Presidente Médici em uma posição privilegiada exatamente pelo cargo de grande prestígio que ocupa. Sendo, por vezes, retratado o “torcedor número um do time do Brasil”, mais dedicado, portanto que os demais

torcedores brasileiros (em uma referência que não se restringe só ao futebol, mas a própria ideia de nação que tem o Estado como sujeito central), de modo “nada mais justo, portanto, que a primeira recepção aos tricampeões em solo nacional ocorresse na jovem capital da República e que a primeira saudação a eles fosse feita pelo presidente torcedor Médici”.

Embora a passagem da revista *Manchete* seja sintomática, não foi a única a explorar a recepção dos jogadores pelo Presidente. Ancorada no sucesso do selecionado, uma gama diversa de produtos e matérias foi lançado no mercado aproveitando no embalo do tri mundial. Somente a principal publicação das empresas Bloch colocou em circulação algumas edições especiais tratando sobre a campanha do time nacional nos campos mexicanos, com comentários dos jogadores, comissão técnica, retrospectiva dos jogos, entre outros. Nas duas publicações especiais sobre a Copa de 70 observadas neste artigo, ambas da *Manchete*, foram escritas reportagens abordando a recepção da seleção pelo Presidente, em uma volta triunfante e amplamente explorada ao território nacional.

A primeira delas, a “Edição Sonora”, já comentava em suas primeiras páginas a chegada do selecionado. Postava uma foto que englobava a metade superior de duas páginas. Na imagem foi retratado o Presidente, ao centro e com a cobiçada Jules Rimet em mãos, em meio a toda delegação enviada para o México.



FIGURA 80 – Médici posa ao lado da delegação

FONTE: A consagração popular aos tricampeões. **Manchete**: edição sonora, s/n, p. 4-5, jun. 1970.

A segunda publicação, em edição extra da revista, ou uma “edição histórica” como afirmava na capa, trazia uma fotoreportagem ao seu final, intitulada “A maior festa de Brasília”, na qual comentava sobre a recepção organizada na capital federal

para a chegada do escrete. O artigo relatava tanto o clamor popular, com a presença estimada de setenta mil pessoas, quanto a presença do Chefe de Estado e seu ministério, durante o almoço oferecido no Palácio da Alvorada. Ocupando quase a totalidade das páginas, as fotos mostravam a seleção desfilando em carro aberto, os jogadores posando ao lado do presidente e de sua esposa, junto com a taça, além de outras imagens (como as duas comentadas anteriormente). Além destas, outra imagem emblemática é a fotografia do Presidente Garrastazu Médici, mais longe da sua representação como torcedor para figurar como líder vitorioso, sobre um palanque em frente ao palácio do governo, levantando para o alto a tão desejada taça, sob o clamor e euforia do povo, que comemorava agitando bandeiras verde-amarelas.



FIGURA 81 – Médici ergue a taça no parlatório

FONTE: A maior festa de Brasília. **Manchete**, Rio de Janeiro, ano 18, ed. especial, jul. 1970. p. 154.

Cabe lembrar, entretanto, que esta relação entre o general e o futebol não foi somente retratada no período da Copa, bem como seu interesse pelo jogo, de fato, não estava voltado somente ao seu proveito político. Contudo, ou talvez precisamente devido à sua declarada “paixão” pelo futebol, a associação do Presidente e do “sucesso” econômico do país sob seu governo, o qual ficou convenientemente conhecido como “milagre econômico”, ao jogo da bola, consistiu em um dos principais instrumentos de propaganda do regime durante o período.

Embora a expectativa antes da realização do mundial já fosse grande, a conquista e os resultados obtidos ao longo da competição tiveram importância singular às pretensões estatais. Deste modo, foi possível estabelecer um processo de apropriação por parte da propaganda estatal, que depois da conquista e do estrondoso sucesso da seleção foi intensificado e consolidado. A conquista da Copa do Mundo de 70, da forma e no contexto como foi obtida, teve particular importância para a imagem e representação que o regime procurava construir e projetar junto à população. Muito provavelmente sem o êxito esportivo nos gramados mexicanos, levando em conta o caráter incerto e próprio das formas das categorias de jogo⁵³⁴, a publicidade articulada em torno do futebol não teria alcançado o mesmo êxito e intensidade, podendo mesmo ser descartada pelo regime, que teria de buscar novos caminhos para aproximar-se e fixar-se positivamente ante a população.

É importante destacar, contudo, que o processo de apropriação e de construção articulados na relação futebol-política pelo regime, não constituíram estratégias de controle efetivo sobre o esporte. Como campo autônomo e autossuficiente, o futebol, como qualquer modalidade esportiva, resguarda um equilíbrio próprio de suas especificidades, as quais independem de uma determinação política externa. Sendo assim, só é possível tratar de uma apropriação política por parte do regime militar ao passo que compreendermos que sua associação ao futebol não se configura enquanto controle de seus agentes e, tampouco, dos resultados obtidos no campo de jogo, ainda mais em uma competição de nível mundial, envolvendo representantes e interesses das mais variadas nações.

Assim sendo, a conjuntura específica que envolveu o desenvolvimento da competição em 1970, tanto no campo de jogo quanto no clima de euforia nacionalista fora dele, já visualizada em contextos anteriores, possibilitou a interação futebol-política, mas não a simples imposição das representações sobre a nação projetadas pelo regime. O discurso e propaganda articulados a partir do corpo ideológico da ditadura, no qual também se encontravam alguns integrantes da imprensa, estava inserido no espaço de disputas e tensões sobre os significados sociais atribuídos ao futebol e ao tricampeonato.

⁵³⁴ DA MATTA, R. *et al.* **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p.25

No período em que a ditadura militar atingiu alguns de seus instantes de maior repressão à liberdade de expressão; de opressão aos movimentos e ideias, fossem elas coletivas ou individuais; de duros interrogatórios aos suspeitos de subversão no interior dos órgãos governamentais e da tortura a presos políticos; da coerção de adversários políticos e da exaltação dos aparatos de censura aos meios de comunicação de massa, o jogo da bola, tal como era retratado atraía a atenção da população em geral, que embora não negasse por completo as irregularidades do regime, defrontava-se nos sucessos esportivos e econômicos alardeados pelo discurso governamental a visão de um país próspero e moderno, uma nação em desenvolvimento que já estava em vias de se tornar uma “potência”. No futebol, em 1970, estas ideias pareciam ter acabado de se consolidar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho buscamos analisar as inter-relações entre os campos político e esportivo entre os anos de 1969 e 1970 no Brasil, a partir das leituras apresentadas em quatro veículos de imprensa distintos: *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Placar* e *O Pasquim*.

Nesse exercício considerou-se o futebol enquanto um fenômeno de grande impacto político, social e cultural no Brasil. Tal perspectiva retoma um processo de permanente concessão e revisão de significados atribuídos ao esporte. Sob variadas construções discursivas, o futebol ganhou progressiva importância no cenário sócio-político nacional. As narrativas construídas pelos veículos de imprensa tiveram papel destacado nesse processo. Muitas das leituras produzidas nesses espaços contribuíram para a consolidação de uma tradição⁵³⁵ brasileira no futebol, estruturada a partir do enquadramento da memória⁵³⁶ articulada sobre a trajetória da modalidade no país. Este enquadramento consiste na recorrente seleção e / ou omissão, consciente ou inconsciente, de acontecimentos, personagens, lugares, datas e até mesmo sentimentos sobre determinado evento ou conjuntura histórica⁵³⁷. Tal procedimento contribui na organização ou reorganização das narrativas que compõe simultaneamente as memórias individuais e socialmente compartilhadas por um grupo. No caso das formulações efetuadas sobre o esporte, episódios como as competições mundiais ganharam destaque singular e contribuíram para a aproximação entre o futebol e a população.

Durante o recorte temporal privilegiado neste trabalho as publicações investigadas, ao tratarem sobre a seleção nacional e o mundial do México, dialogariam com a memória das competições anteriores. A Copa de 1966, na Inglaterra, e o bicampeonato de 1958 e 1962, conquistado respectivamente na Suécia e Chile, foram particularmente referenciados. Outro instante constantemente

⁵³⁵ HOBBSAWM, E.; RENGER, T. (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

⁵³⁶ POLLACK, M. Memória, esquecimentos, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. p.10.

⁵³⁷ *Id.*

revisitado foi a Copa de 1950, sediada pelo Brasil, em particular a partida decisiva realizada no estádio do Maracanã contra a seleção do Uruguai.

A percepção do futebol enquanto elemento de particular significação social e cultural no país, convergiu para o processo de articulação do esporte à constituição identitária nacional. A memória, ou memórias, construídas sobre o futebol serviriam como elementos agregadores do sentimento de identidade⁵³⁸ e pertencimento nacional, sobretudo durante as competições mundiais, nas quais a população se via representada esportivamente pela seleção brasileira.

Para além dos limites racionalmente definidos sobre o campo de jogo, o futebol serve como catalisador de paixões, reunindo, não só a afetividade popular, mas congregando, principalmente durante os eventos de Copa do Mundo, sentimentos de pertencimento e exaltação da nacionalidade. Em diferentes momentos, as emoções projetadas a partir do esporte foram alvo de pretensões políticas. Em variadas conjunturas, regimes e personagens políticos tentaram capitalizar o envolvimento passional da população. A ditadura vigente no período investigado por esta pesquisa também buscou se aproximar do futebol, apropriando e reformulando seus significados.

A interlocução entre os campos político e esportivo pôde ser observada a partir das páginas dos veículos de imprensa visitados. Mais do que meros espectadores, as revistas investigadas e os narradores presentes nestes espaços (jornalistas, colunistas, fotógrafos, cartunistas, etc.) configuram-se como agentes deste processo. Mais do que simplesmente relatar fatos, assumiam suas próprias posições políticas. Mesmo diante dos aparelhos de controle e coerção impostos pelos militares, e da autocensura nas redações, transpareceriam convergências e divergências ideológicas (posturas favoráveis ou contrárias) com o regime. Em diálogo permanente com a memória, intrínseco ao exercício de enquadramento, os periódicos retratados também produziram suas leituras particulares sobre o futebol brasileiro e sua significação político-social. Embora interligados, os campos político, esportivo e jornalístico mantiveram sua relativa autonomia por meio de uma disputa tensiva na veiculação de representações sobre o futebol.

Diante dessas considerações, atentou-se para alguns dos principais aspectos de inflexão entre estes campos durante o processo de preparação e

⁵³⁸ POLLACK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, fundação Getúlio Vargas, n. 5, n.10, p. 200-212, 1992. p. 15

organização da seleção em 1969, até o momento, imediatamente, subsequente à conclusão da competição em 1970. Ao longo deste período, focalizou-se as disputas e representações articuladas quanto à passagem de dois personagens paradigmáticos pelo comando da equipe: João Saldanha e Mario Jorge Lobo Zagalo. Ambos motivos de controvérsia quanto a interferência política do regime sobre o campo esportivo no momento.

A saída de Saldanha e a subsequente contratação de Zagalo para o cargo constitui um episódio cujas representações políticas foram articuladas a partir da memória construída sobre a seleção de 1970. As posturas políticas creditadas a esses personagens e o papel desempenhado na seleção diante da campanha que resultou no tricampeonato são tributárias mais aos discursos produzidos posteriormente do que às suas respectivas passagens e atitudes no comando técnico da equipe nacional.

Ao analisar os relatos produzidos pelos periódicos investigados, concluiu-se que um dos fatores chave para a substituição consistiu no comportamento e temperamento dos dois treinadores. Porém, estes fatores pouco estiveram relacionados às suas posições e convicções políticas quanto à ditadura militar ou seus representantes. As apreciações consagradas a Saldanha, presentes em algumas memórias, como franco opositor do regime não estão contempladas nas fontes averiguadas.

Embora desfrutasse de pensamentos e opiniões bastante contundentes, suas críticas direcionavam-se às estruturas deficitárias do futebol nacional. Os principais reclames do treinador se mantêm, praticamente, inalterados desde o instante em que assumiu a seleção até o momento em que foi retirado do cargo. Entre seus principais questionamentos destacam-se: a desorganização administrativa, o extenso calendário de jogos, o desgaste físico excessivo dos jogadores e a falta de consideração dos clubes com seus respectivos atletas. A seu favor, em 1969 pesaram, fundamentalmente, a ampla popularidade junto público, a solidariedade da imprensa e a boa campanha nas eliminatórias. No ano seguinte, o desgaste do personagem de Saldanha, juntamente com alguns resultados decepcionantes em partidas preparatórias, acarretou a perda de parcela substancial de suas bases de apoio.

Apesar do suposto desconforto político causado pelo treinador, a demissão de Saldanha não foi determinada por uma decisão do governo Médici, mas

resultante de uma iniciativa da própria CBD. Contudo, a entidade desportiva não tomou esta decisão despropositadamente. A retirada do cronista do comando técnico deve ser compreendida enquanto um desdobramento das pressões de diversos atores sociais, entre os quais integrantes do próprio regime militar, preocupados com os desentendimentos recentes na seleção.

As construções discursivas e a memória articulada sobre o conturbado processo de preparação da equipe nacional também repercutiriam sobre o papel consagrado a Zagalo na formação da seleção que conquistou o tricampeonato. Sua contratação, de fato, representa uma forma de reação aos desentendimentos protagonizados por Saldanha. O discurso produzido sobre o novo técnico revelava uma modificação sensível. No lugar da combatividade e coragem de Saldanha, tomou lugar o equilíbrio e a serenidade de Zagalo. Sob esta perspectiva, a contratação respondeu a uma necessidade da própria entidade desportiva, carente de um técnico que não expusesse de forma pública os problemas e as disputas internas da entidade.

A postura da CBD com relação à demissão de João Saldanha e a contratação de Zagalo pode ser compreendida a partir da própria estrutura administrativa do futebol brasileiro. De acordo com Ronaldo Helal, naquele momento o futebol no país sustentava um caráter dual, na oposição entre um quadro de jogadores profissionalizado e estruturas gerenciais amadoras⁵³⁹. Para o autor, esta ética dupla refletia os próprios dilemas constitutivos do caráter nacional, confrontando perspectivas de “modernização”, marcada pela racionalização política e social, e “tradição”, através da flexibilização social por meio da manutenção de relações interpessoais que sustentava laços afetivos e de interdependência (“troca de favores”). A presença desta dualidade no futebol nacional configurou um dos principais motivos das críticas proferidas por Saldanha. A manutenção desta estrutura deficitária não favorecia somente os dirigentes dos clubes, federações e da CBD como convergiu com os interesses políticos do regime.

De certo modo, as posições políticas adotadas pela CBD assinalam, paralelamente, a relativa autonomia do campo esportivo e a proximidade com a ideologia cultural e política vigente no país. Tal aproximação pode ser visualizada a partir do amplo debate fomentado pelo futebol, incluindo representantes do governo,

⁵³⁹ HELAL, R. **Passes e impasses**: futebol e cultura de Massas no Brasil. Petrópolis, R J: Vozes, 1997.

como o Ministro Jarbas Passarinho e o próprio General Médici, além dos agentes presentes nos órgãos de comunicação observados.

A grande presença de integrantes militares na delegação da equipe nacional também pode ser interpretada como exemplo da aproximação entre a CBD e o regime, mas não como a manifestação de uma imposição governamental sobre o escrete. Esse processo se relacionou com a própria reformulação da Comissão Técnica, duramente criticada após o fraco desempenho da seleção no mundial de 1966. Diante da evolução demonstrada por alguns dos adversários europeus em aspectos como a disposição tática e o condicionamento atlético, os questionamentos e as exigências sobre o trabalho de preparação da equipe brasileira.

A reestruturação do corpo técnico do escrete, inclusive com a inclusão de militares, integrou o processo de reestruturação e aprimoramento dos procedimentos de preparação e organização do escrete nacional. Neste sentido, o trabalho de desenvolvimento atlético consistiu em um dos principais pontos de revisão. No momento visitado as referências no espaço da preparação física ainda estavam correlacionadas, majoritariamente, a escolas e instituições militares (particularmente a ESEFEX). Para além de uma simples e explícita intervenção política, a introdução desses personagens na delegação nacional respondia à perspectiva de renovação objetivada pela CBD, tendo em vista a exigência de reformulação do planejamento, especialmente quanto à preparação e condicionamento físico dos jogadores, para o mundial de 1970.

Afirmar isso de modo algum significa dizer que havia um desinteresse da cúpula do regime aos destinos e as apropriações possíveis do sucesso da seleção nacional. De certo modo, as mudanças engendradas no escrete sinalizaram a convergência de interesses com o regime militar. Ou seja, não foi necessária uma intervenção explícita na seleção pelo fato dos dirigentes da CBD encontrarem-se no mesmo campo político e ideológico do regime vigente. A organização desportiva no momento, sob a ética dupla, assegurou a relativa autonomia do campo esportivo sobre o cenário político social, uma vez que não seria necessário ao regime acionar os instrumentos de intervenção política sobre as entidades organizativas do futebol nacional.

Decorrente à análise das possíveis inter-relações entre o cenário político e o esportivo, desenvolveu-se a proposta central deste estudo que consiste na

apreciação crítica das representações articuladas quanto à seleção nacional e seu desempenho no mundial do México nos quatro semanários.

Analisando o tratamento dispensado ao futebol foi possível constatar pontos de convergência e divergência nas narrativas e representações construídas. De maneira generalizada, todos os veículos reiteraram o significativo apelo exercido pelo esporte no espaço social nacional, sobretudo durante o evento de Copa do Mundo.

Os periódicos mostraram sintonia quanto à percepção do esporte enquanto lugar de manifestação popular. Além de evocarem características de jogo comumente atribuídas aos brasileiros, sintetizadas em sua maioria nos embates entre “força” e “arte”, a mobilização passional aglutinada em torno do futebol e do mundial são igualmente enfatizadas. Embora ocupassem diferentes espaços nas páginas dos semanários, todos reconheciam a significância singular do futebol na sociedade brasileira.

O advento da Copa do México e a subsequente conquista do tricampeonato receberam amplo destaque em todos os veículos investigados. Contudo, apesar de reconhecerem e repercutirem o êxito esportivo, as interpretações quanto às correlações políticas e sociais seriam bastante divergentes. *O Cruzeiro* e *Manchete* visualizariam a conquista como demonstração da capacidade de realização nacional, simbolizando o progresso e desenvolvimento do país. As duas publicações de diversidades, por se encontrarem no mesmo campo ideológico do regime político vigente, contribuíram no processo de apropriação e instrumentalização política do esporte em favor do regime militar. Ainda assim, reconheceram a lacuna na formulação de uma unidade nacional. Em variadas narrativas, a celebração popular promovida pelo evento desportivo foi retratada como elemento capaz de mobilizar a população em prol deste objetivo como nenhum outro acontecimento da vida pública nacional, inclusive o movimento levado a cabo pelos militares a partir do golpe de 1964.

O discurso, tanto textual quanto imagético, veiculado nas duas publicações colaborou no processo de aproximação do presidente Médici junto à população, retratando-o como um apaixonado pelo futebol, preocupado com a seleção como qualquer torcedor. Sob as páginas de *O Cruzeiro* e *Manchete* o tricampeonato mundial figurou como retrato positivo do país, motivo de orgulho e propaganda das capacidades nacionais, inclusive no exterior. Estas publicações contribuíram com

uma profícua apropriação da ditadura sobre os resultados obtidos no campo esportivo.

A revista *Placar*, como publicação especializada, manteve o foco no campo esportivo, estabelecendo poucas relações diretas ou explícitas, mas nem por isso menos conivente, com o regime político instituído. Contudo, a revista assumia uma postura crítica com relação a atual conjuntura administrativa do futebol, talvez por que representasse grupos econômicos mais interessados numa modernização do futebol brasileiro, em contraponto a tradição da CBD e dos dirigentes esportivos de clubes. Suas proposições aproximavam-se dos preceitos defendidos por João Saldanha, pleiteando a reestruturação e modernização do futebol brasileiro. Contudo, nos instantes em que se debruçou sobre o contexto político, apontou o interesse do regime sobre a Seleção e o futebol. A *Placar* insinuou as possibilidades de intervenção sobre a CBD, principalmente para depois do mundial. Em algumas ocasiões, mostrou a preocupação de alguns personagens do governo, como o ministro Jarbas Passarinho e o presidente Médici. Mesmo nestes instantes, a revista pouco comentou sobre o regime político ou seus representantes⁵⁴⁰.

O distanciamento de posicionamentos mais contundentes sinalizava uma tentativa de “despolitizar” o esporte, afastando-se de problemas e debates mais profundos. *Placar* focalizava o futebol e suas significações no espaço social sob o viés da cultura de massas, e talvez aí se encontrasse o seu discurso modernizante em relação ao futebol. Os discursos privilegiados tinham como objetivo exaltar memória e a ligação popular com o esporte, destinando-se principalmente a seus aficionados.

Entre os periódicos analisados, o hebdomadário alternativo *O Pasquim* estabeleceu o maior contraponto na correlação do futebol com o espaço político nacional. Como veículo de oposição ao regime, questionava a instrumentalização política do esporte, sobretudo como forma de alienação popular sobre os principais problemas do país. Neste bojo entraram temáticas como a fome, a miséria e a seca no nordeste. Em diversas ocasiões, o semanário criticou a importância creditada ao futebol no Brasil durante o evento de Copa do Mundo diante de problemas considerados mais urgentes para a resolução das dificuldades no país.

⁵⁴⁰ A recepção organizada aos tricampeões em Brasília tendo o presidente como anfitrião ocuparia somente algumas linhas do artigo juntamente com duas fotos do general ao lado dos jogadores e empunhando a taça Jules Rimet (figura 63).

Mesmo com estas ressalvas, o semanário não deixou de reconhecer a significância adquirida pelo futebol no Brasil. Ao mesmo tempo em que seus articulistas buscavam alertar seus leitores para os problemas supostamente omitidos pelo êxito no esporte, destacavam a mobilização proporcionada pela seleção no mundial como uma manifestação popular espontânea e legítima. Em alguns artigos divulgados após a conquista do tricampeonato, no rastro das comemorações, evocou o sentimento passional despertado pelo futebol como uma forma de manifestação plena do brasileiro. De acordo com essas narrativas, tal movimentação não era visualizada em outros aspectos da vida pública nacional. O futebol aglutinava sentimentos, esforços, manifestações populares como exemplo de comunhão democrática, demarcando um contraponto, uma crítica velada, aos cerceamentos e imposições experimentados no plano político social sob o regime militar. Nesse sentido, *O Pasquim*, apesar de não poder ser classificado como representante da esquerda tradicional, reproduzia em parte o dilema desta, pois ao mesmo tempo em que não podia negar o futebol como uma força autêntica da cultura popular, tinha consciência de seu uso político.

Observando as diferentes leituras articuladas sobre futebol, o tricampeonato mundial e suas possíveis correlações com o governo militar, reconhecem-se, nas narrativas construídas, os espaços de disputa tensiva de representações. Tais representações repercutiam os dilemas enfrentados na sociedade brasileira e aglutinaram sentimentos de nacionalidade ao esporte que não se efetivaram em outros segmentos da vida pública nacional, a exemplo do ambiente político. Embora o futebol mantivesse sua relativa autonomia, os significados construídos a seu respeito, tributários da memória e da tradição, evidenciaram os embates vigentes na sociedade. Neste momento, as comemorações e elucubrações sobre a vitória esportiva não eram lugar de alienação, mas de disputas políticas passionais sobre a nacionalidade.

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; FERREIRA, Marieta de Moraes; RAMOS, Plínio de Abreu. **A imprensa em transição: O Jornalismo Brasileiro nos Anos 50**. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

_____. **A modernização da imprensa (1970-2000)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

ACCIOLY NETTO, Antônio. **O império de papel – os bastidores de O Cruzeiro**. Porto Alegre: Sulina, 1998.

AGOSTINO, Gilberto. **Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ALMEIDA, Paulo de. Evolução do futebol. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.147-150

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-84)**. Bauru: Edusc, 2005.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro de; CARDOSO, José Leandro Rocha. Aconteceu, virou Manchete. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 21, n. 41, p.243-264. 2001.

ANSART, Pierre. **Ideologias, conflitos e poder**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, n. 22, jun./jul./ago. de 1994.

_____. **Com Brasileiro Não Há Quem Possa: futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues**. São Paulo: Unesp, 2004.

AQUINO, Maria Aparecida de. **Censura, imprensa e Estado autoritário (1968-1978): o exercício cotidiano da dominação e da resistência: O Estado de São Paulo e Movimento**. Bauru: EDUSC, 1999.

BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil,1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/Difel, 1993.

BLOCH, Arnaldo. **Os irmãos Karamabloch: ascensão e queda de um império familiar**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BÖHME, Maria Tereza Silveira. Relações entre aptidão física, esporte e treinamento esportivo. **Revista brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília v. 11, n. 3, p. 97-104, jul./set. 2003.

_____. A contribuição do curso de Pós-graduação em Educação Física da Escola de Educação Física e Esporte no desenvolvimento da linha de pesquisa em Esporte infanto-Juvenil, Treinamento a longo prazo e Talento esportivo. **Revista brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 21, p.115-30, dez. 2007.

BOTELHO, André Ricardo Maciel. **Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo**. A imprensa esportiva e a popularização do futebol no Rio de Janeiro (1894 – 1919). Rio de Janeiro: UFRJ/ Programa de pós-graduação em História Comparada, 2005.

_____. Da geral a tribuna, da redação ao espetáculo: a imprensa esportiva e a popularização do futebol. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional**. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.

BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983

_____. **O poder simbólico**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BRAGA, José Luiz. **O Pasquim e os anos 70: mais pra epa que pra oba**. Brasília: UNB, 1991.

BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Unicamp, 2001.

BURKE, Peter. Abertura: A nova história seu passado e seu futuro. In: _____(Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

_____(Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

CALDAS, Waldenyr. Aspectos sociopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP**, n. 22, jun./jul./ago. de 1994.

CAPRARO, André Mendes. **Identidades Imaginadas: futebol e nação na crônica esportiva brasileira do século XX**. 374 f. Tese (Doutorado em História) – Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

CARDOSO, Ciro Flamarion; MAUAD, Ana Maria. História e imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARDOSO, Ciro Flamarion; Vainfas, Ronaldo (Org.). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

CARNEIRO, Glauco. **Brasil, primeiro**: história dos Diários Associados. Brasília: Fundação Assis Chateaubriand, 1999.

CARVALHO, Maria Teresa Nasti de. **Olhares sobre o ano de 1968 nas lentes das revistas O Cruzeiro e Flama**: uma abordagem da análise do discurso. 256 f. Tese (Doutorado em linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. **História cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

_____. O mundo como representação. In: CHARTIER, Roger. **A beira da falésia, a história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CHAVEAU, Agnes (Org.). **Questões para história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

CHIARONI, Bruno; KROEHN, Márcio. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos de Placar. São Paulo: Primavera editorial, 2010.

CHINEM, Rivaldo. **Imprensa alternativa**: jornalismo de oposição e inovação. São Paulo: Ática, 1995.

CHIROL, Admildo. Preparação física e outros problemas. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.15-26

CORREA, Thomaz Souto. A era das revistas de consumo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 207-232.

COSTA, Maurício da Silva Drumond. **Nações em jogo**: esporte e propaganda política nos governos de Vargas (1930-1945) e Perón (1946-1955). Dissertação de Mestrado. UFRJ, 2007

_____. Futebol e política na era Vargas (1930-1945). In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006

COUTO, Euclides de Freitas. **Jogo de extremos**: futebol, cultura e política no Brasil (1930-1978). 317 f. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.

DA MATTA, Roberto; *et al.* **Universo do Futebol**. Rio de Janeiro: Pinakoteke, 1982.

ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Lisboa: DIFEL, 1992.

_____. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 2008.

FANTONI, Orlando. Futebol brasileiro e futebol europeu. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.140-142.

FERREIRA, David. Brasil dificilmente ganhará a Copa do Mundo nos próximos anos. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.56-61.

FICO, Carlos. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1997.

_____. **“Prezada Censura”**: cartas ao regime militar. **Topoi**, Rio de Janeiro, dezembro 2002.

_____. **Além do Golpe**: versões e controvérsias sobre 1964 e a ditadura. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

_____. A pluralidade das censuras e das propagandas das ditaduras. In: REIS FILHO, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Org.). **O golpe e a ditadura militar**: quarenta anos depois (1964-2004). Bauru: Edusc, 2004.

FLORENZANO, José Paulo. **Afonso e Edmundo**: a rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo: Musa, 1998

FRANCO JR., Hilário. **A dança dos deuses**: futebol, cultura, sociedade. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FREITAS JR., Miguel Arcanjo de. Razão e paixão no futebol: tentativas de implementação de um projeto modernizador. In: RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007.

GASKELL, Ivan. História das imagens. In: Burke, Peter (Org.). **A escrita da história**. São Paulo: Unesp, 1992.

GASTALDO, E. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade da Copa do Mundo. São Paulo: Annablume; São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002.

GIACOMELLO, Sérgio Luis. **Sintonizando emoções – o futebol e o rádio**: uma viagem nas ondas da mídia radiofônica. 88 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2008.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

_____. **Mitos emblemas sinais** – morfologia e história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GIULIANOTTI, Richard. **Football**: a sociology of the global game. Cambridge: Polity press, 1999.

GONÇALVES, José Esmeraldo; BARROS, J. A. (Org.). **Aconteceu na Manchete**: as histórias que ninguém contou. Rio de Janeiro: Desiderata, 2008.

GONÇALVES JR., René Duarte. **Friedenreich e a reinvenção de São Paulo**: o futebol e a vitória na fundação da metrópole. 145 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil**: o caso da Copa de 70. Dissertação em História. São Paulo: PUC-SP, 2006.

_____. **O futebol explica o Brasil**: uma história da maior expressão popular do país. São Paulo: Contexto, 2009.

HELAL, Ronaldo. **Passes e impasses**: futebol e cultura de Massas no Brasil. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antônio Jorge; LOVISOLO, Hugo. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HELAL, Ronaldo; GORDON JR., César. Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HEIZER, Teixeira. **O jogo bruto das copas do mundo**. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

História: questões e debates. ISSN: 0100-6932. v. 39, 2003

HOBBSAWN, Eric. **A era dos impérios**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

_____. **A era dos extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____; RENGER, Terence (Org.). **A Invenção das Tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

HUNT, Lynn. Apresentação: história, cultura e texto. In: _____(Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martim Fontes, 1995.

JESUS, Gilmar Mascarenhas de. O futebol do canela preta: o negro e a modernidade em Porto Alegre. **Anos 90**, Porto Alegre, n.11, p. 144-161, jul. 1999.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Página Aberta, 1991.

LOPES, Dirceu Fernandes; SOBRINHO, José Coelho; PROENÇA, José Luiz. **A evolução do jornalismo em São Paulo**. São Paulo: EDICON: ECA/USP, 1996.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

MACÊDO FILHO, Evaristo de. Preparação física: no Brasil e na Europa. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.79-82.

MAGALHAES, Marionilde Dias Brepohl de. A lógica da suspeição: sobre os aparelhos repressivos à época da ditadura militar no Brasil. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 17, n. 34, 1997.

MARTINS, Ricardo Constante. **Ditadura militar e propaganda política**: a revista Manchete durante o governo Médici. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, SP, 1999.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. (Org.). **História da imprensa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

MASON, Tony. **Passion of the people?** Football in South America. London: Verso, 1995.

MATOS, Heloisa. **Governo Médici**: discurso oculto na comunicação institucional. IIº Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, FENAJ/UFSC- Abril 2004-03-08. Disponível em: <http://www.facasper.com.br/pos/libero/libero12/O%20discurso%20pol%EDtico%20oculto%2054-64.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2007.

MAUAD, Ana Maria. Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, vol. 13, n. 1, p. 133-174, jan./jul. 2005.

MOREIRA JR, Alfredo. Futebol-fôrça e futebol-arte. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 174-177.

MOTTA, Aydano André. Histórias de derrota e triunfo. **Nossa História**, São Paulo, n. 32, p. 60, jun.2006.

MURRAY, Bill. **The world's game**: a history of soccer. Chicago: University of Illinois, 1996.

NAPOLEÃO, Antonio Carlos; ASSAF, Roberto. **Seleção Brasileira, 1914-2006**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2004.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. Futebol nos anos 1930 e 1940: construindo a identidade nacional. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 39, 2003. Editora UFPR.

NUNES, Nelson Ernesto Filpo. O técnico e a tática. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p. 83-86.

OLIVEIRA, Ronaldo César de. **Uma caixinha de surpresas**: apropriações do futebol pelas classes populares (1900-1930). Londrina: UEL, 1998.

PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

PEREIRA, Leonardo de Affonso de Miranda. Corações em ação. **Revista de História da biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, n. 7, p. 24-29, jan. 2006.

_____. **Footballmania**: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938). 380 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade estadual de Campinas, Campinas, SP, 1998.

POLLACK, Michael. Memória, esquecimentos, silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, fundação Getúlio Vargas, n. 5, n.10, p. 200-212, 1992.

QUEIROZ, Andréa Cristina de Barros. O Pasquim: um jornal que só diz a verdade quando esta sem imaginação (1969-1991). **História & Perspectivas**, Uberlândia, n. 31, p. 229-252, jul./dez. 2004.

_____. O Pasquim: embates entre a cultura política e a contracultura. **Revista Eletrônica Cadernos de História**, vol. VI, ano 3, n. 2, p. 218-235, dez. 2008. Disponível em: www.ichs.ufop.br/cadernosdehistoria. Acesso em: 5/8/2010.

RABELO, Genival. **O capital estrangeiro na imprensa brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

RÉMOND, René. Uma história presente. In: _____ (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro; Editora UFRJ, 1996. p. 13-36.

_____. O retorno do político. In: CHAVEAU, Agnes (Org.). **Questões para história do presente**. Bauru, SP: EDUSC, 1999. p. 51-60

RIBEIRO, Luiz (Org.). **Futebol e globalização**. Jundiaí, SP: Fontoura, 2007

_____. O futebol no campo afetivo da história. In: **Movimento**. Porto Alegre: UFRGS, vol. 10, n.3, set/out 2004, p. 99-111

_____. **Brasil**: futebol e identidade nacional. Revista Digital. Buenos Aires: Ano 8, n. 56, Janeiro de 2003. Disponível em www.efdeportes.com. Acessado em 10/05/2008.

_____. Futebol razão e sentimentos. In: **Sem Fronteiras**, primeiro semestre 2009. p. 80-86.

RIDENTI, Marcelo. 1968: rebeliões e utopia. In: REIS FILHO, Daniel Aarão; FERREIRA, Jorge; ZENHA, Celeste (Org.) **O Século XX. Vol. 3 - O Tempo das Dúvidas – Do declínio das utopias à globalização**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

RODRIGUES FILHO, Mário. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**: novas crônicas de futebol. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

ROLLEKBERG, Denise. Esquerdas revolucionárias e luta armada. In: FERREIRA, Jorge. (Org.). **O Brasil republicano**: o tempo da ditadura, regime militar e movimentos sociais em fins do século XX. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003.

RUBIO, Kátia. Jogos olímpicos da era moderna: uma proposta de periodização. **Rev. bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 24, n. 1, mar. 2010 . Disponível em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1807-55092010000100006&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 5 jun. 2011.

SALVADOR, Marco Antonio; SOARES, Antonio Jorge. **A memória da copa de 70**: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional. Campinas: Autores Associados, 2009.

SALDANHA, João. Apresentação. In: PEDROSA, Milton (Org.). **Na boca do túnel**. Rio de Janeiro: Gol, 1968. p.5-8.

SALDANHA, Renato Machado. **Placar e a produção de uma representação do futebol moderno**. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Escola de Educação Física, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

SCALZO, Marília. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2004.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. **Revista USP**, n. 22, jun./jul./ago. de 1994.

SILVA, Ronaldo Cesar de Oliveira. **Uma caixinha de surpresas**: apropriação do futebol pelas classes populares (1900-1930). Londrina: UEL, 1998.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SANTOS, Ricardo Pinto dos (Org.). **Memória social dos esportes**: futebol e política: a construção de uma identidade nacional. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2006.

SIQUEIRA, André Ike. **João Saldanha**: uma vida em jogo. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

SOARES, Antonio Jorge. Futebol brasileiro e sociedade: a interpretação culturalista de Gilberto Freyre. **Futbologías**: fútbol, identidad y violencia en América Latina, Buenos Aires, v.1, p.145-162, 2003.

_____. História e invenção de tradições no futebol brasileiro. In: HELAL, R; SOARES, A; LOVISOLO, H. **A invenção do país do futebol**: mídia, raça e idolatria. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da Imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

PERIÓDICOS CONSULTADOS

Aconteceu, Rio de Janeiro, ed. especial, jul. 1970.

Fatos e Fotos, Brasília, n. 445, ago. 1969.

Fatos e Fotos, Brasília, n. 446, ago. 1969.

Fatos e Fotos, Brasília, n. 447, ago. 1969.

Fatos e Fotos, Brasília, ed. especial, jul. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 14, n.740, jun. 1966.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 14, n. 741, jul. 1966.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 14, n. 742, jul. 1966.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 14, n. 745, jul. 1966.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 16, n. 885, set. 1968.

Manchete: O Progresso do Brasil, Rio de Janeiro, ano 17, ed. especial, 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 879, fev. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 907, set. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 908, set. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 909, set. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 911, out. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 912, out. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 913, out. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 914, out. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 915, nov. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 916, nov. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 917, nov. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 918, nov. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 919, nov. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 920, dez. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 921, dez. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 922, dez. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 17, n. 923, dez. 1969.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 924, jan. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 925, jan. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 926, jan. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 927, jan. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 928, jan. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 929, fev. 1970.

Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 930, fev. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 931, fev. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 932, fev. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 933, mar. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 934, mar. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 935, mar. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 936, mar. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 937, abr. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 938, abr. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 939, abr. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 940, abr. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 941, mai. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 942, mai. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 943, mai. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 944, mai. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 945, mai. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 946, jun. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 947, jun. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 948, jun. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 949, jun. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, ed. sonora, jul. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 951, jul. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 952, jul. 1970.
Manchete, Rio de Janeiro, ano 18, n. 953, jul. 1970.

O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 26, abr. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 36, jun. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 38, jun. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 41, jul. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 42, jul. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 45, ago. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 38, n. 47, agor. 1966.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 8, fev. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 32, ago. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 33, ago. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 35, ago. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 39, set. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 40, out. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 41, out. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 42, out. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 43, out. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 44, out. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 46, nov. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 47, nov. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 48, nov. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 50, dez. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 51, dez. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 41, n. 52, dez. 1969.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 1, jan. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 2, jan. 1970.

O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 3, jan. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 4, jan. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 5, jan. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 6, fev. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 7, fev. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 8, fev. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 9, fev. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 10, mar. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 11, mar. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 12, mar. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 13, mar. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 14, mar. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 16, abr. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 18, abr. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 21, mai. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 23, jun. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 24, jun. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 25, jun. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 26, jun. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 27, jun. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 28, jul. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 29, jul. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 30, jul. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, n. 31, jul. 1970.
O Cruzeiro, Rio de Janeiro, ano 42, ed, especial, jul. 1970.

O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 7, ago. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 8, ago. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 9, ago. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 12, set. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 14, set./out. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 17, out. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 18, out. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 19, out./nov. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 20, nov. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 21, nov. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 23, nov./dez. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 24, dez. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 25, dez. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 27, dez. 1969.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 30, jan. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 32, jan. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 33, fev. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 34, fev. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 35, fev. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 36, fev. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 37, mar. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 38, mar. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 39, mar. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 40, mar./abr. 1970.

O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 41, abr. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 42, abr. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 44, abr./mai. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 45, mai. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 46, mai. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 47, mai. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 48, mai. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 49, mai./jun. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 50, jun. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 51, jun. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 52, jun. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 53, jun./jul. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 54, jul. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 55, jul. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 56, jul. 1970.
O Pasquim, Rio de Janeiro, n. 73, nov. 1970.

Placar, São Paulo, n. 1, mar. 1970.
Placar, São Paulo, n. 2, mar. 1970.
Placar, São Paulo, n. 3, mar. 1970.
Placar, São Paulo, n. 4, abr. 1970.
Placar, São Paulo, n. 5, abr. 1970.
Placar, São Paulo, n. 6, abr. 1970.
Placar, São Paulo, n. 7, mai. 1970.
Placar, São Paulo, n. 8, mai. 1970.
Placar, São Paulo, n. 9, mai. 1970.
Placar, São Paulo, n. 10, mai. 1970.
Placar, São Paulo, n. 11, mai. 1970.
Placar, São Paulo, n. 12, jun. 1970.
Placar, São Paulo, n. 13, jun. 1970.
Placar, São Paulo, n. 12, jun. 1970.
Placar, São Paulo, n. 14, jun. 1970.
Placar: Extra, São Paulo, n. 14-A, jun. 1970.
Placar, São Paulo, n. 15, jun. 1970.
Placar, São Paulo, n. 16, jul. 1970.
Placar, São Paulo, n. 17, jul. 1970.
Placar, São Paulo, n. 18, jul. 1970.
Placar, São Paulo, n. 19, jul. 1970.
Placar, São Paulo, n. 20, jul. 1970.
Placar, São Paulo, n. 21, ago. 1970.
Placar, São Paulo, n. 22, ago. 1970.
Placar, São Paulo, n. 23, ago. 1970.